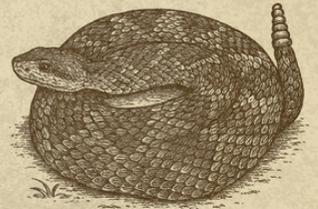




CATÁLOGO ETNOZOOLOGICO DO ESTADO DA PARAÍBA



Rômulo Romeu da Nóbrega Alves
Alexandre Vasconcellos
Anna Karolina Martins Borges





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz (*Reitora*)

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca (*Vice-Reitora*)



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (*UEPB*)

Alberto Soares de Melo (*UEPB*)

Antonio Roberto Faustino da Costa (*UEPB*)

José Etham de Lucena Barbosa (*UEPB*)

José Luciano Albino Barbosa (*UEPB*)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (*UEPB*)

Patrícia Cristina de Aragão (*UEPB*)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral (*Design Gráfico e Editoração*)

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes (*Design Gráfico e Editoração*)

Leonardo Ramos Araujo (*Design Gráfico e Editoração*)

Elizete Amaral de Medeiros (*Revisão Linguística*)

Antonio de Brito Freire (*Revisão Linguística*)

Danielle Correia Gomes (*Divulgação*)

Efigênio Moura (*Comunicação*)

Eli Brandão da Silva (*Assessoria Editorial*)

Thaise Cabral Arruda (*Assessoria Técnica*)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

CATÁLOGO ETNOZOOLOGICO DO ESTADO DA PARAÍBA

Editores

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

Alexandre Vasconcellos

Anna Karolina Martins Borges



Campina Grande | PB

2025

Revisão e edição *Rômulo Romeu da Nóbrega Alves
Alexandre Vasconcelos
Anna Karolina Martins Borges*

Diagramação *Anna Karolina Martins Borges*

Mapas *Luana Ramos de Oliveira*

Arte da Capa *Anna Karolina Martins Borges*

Projeto 01: “Padrões de uso, comércio e conflitos relativos à fauna silvestre no Brasil, com ênfase no estado Paraíba”, aprovado no Edital nº 09/2021, Demanda Universal da da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB)

Projeto 02: “Biodiversidade da Paraíba: status, ameaças e oportunidades”, aprovado no edital nº 18/2022 do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência do Estado da Paraíba (PRONEX) da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB)



PEIP - RIO PARAIBA INTEGRADO



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

C357 Catálogo Etnozoológico do Estado da Paraíba [recurso eletrônico] / editoração e apresentação de Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Alexandre Vasconcelos e Anna Karolina Martins Borges ; prefácio de Ulysses Paulino de Albuquerque. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.
363 p. : il. color. ; 18 x 24 cm.

ISBN: 978-65-5221-124-8 (185.096 KB - PDF)

ISBN: 978-65-5221-123-1 (150.048 KB - Epub)

1. Etnozoologia. 2. Fauna Paraibana. 3. Sociobiodiversidade Paraibana. I. Alves, Rômulo Romeu da Nóbrega. II. Vasconcelos, Alexandre. III. Borges, Anna Karolina Martins. IV. Título.

21. ed. CDD 597

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Dedicatória

Dedicamos este catálogo a todas as comunidades da Paraíba que, como guardiãs do conhecimento, compartilham seus saberes e práticas sobre a nossa biodiversidade. Que este trabalho contribua para a valorização desses saberes e para o reconhecimento da importância de conservar a rica fauna do nosso estado.

Apresentação

Este catálogo reúne informações sobre espécies da fauna associadas ao conhecimento, uso e manejo por populações humanas na Paraíba, compondo um retrato da fauna etnozoológica de vertebrados (anfíbios, répteis, aves e mamíferos) do estado. Ao documentar essas interações entre pessoas e animais, a obra insere-se no campo da Etnozoologia, disciplina que estuda as relações entre os seres humanos e a fauna, levando em conta os conhecimentos, as práticas culturais e os valores simbólicos associados aos animais.

A Paraíba, com seus biomas variados, da Caatinga à Mata Atlântica, abriga uma diversidade significativa de espécies, muitas delas com importância ecológica, econômica, medicinal, alimentar ou espiritual para as comunidades locais. Este catálogo é fruto do trabalho de especialistas em parceria com povos locais de diferentes regiões do estado, que compartilharam seus saberes sobre os vertebrados conhecidos, utilizados e percebidos em seus cotidianos.

Resultado de um esforço colaborativo, esta obra busca contribuir para ações de educação, pesquisa, gestão participativa dos recursos naturais e conservação da biodiversidade, ao integrar o conhecimento científico aos saberes locais. Espera-se que ele seja útil não apenas para estudantes, pesquisadores e gestores, mas também para educadores, formuladores de políticas públicas e para as próprias comunidades que colaboraram com este trabalho.

Mais do que uma compilação de dados, a obra representa uma ferramenta de sensibilização sobre a importância da fauna paraibana e dos conhecimentos tradicionais a ela associados. Ao destacar o valor biocultural das espécies frente aos desafios da conservação, o catálogo convida ao diálogo entre ciência e tradição, reforçando a necessidade de estratégias mais justas e sustentáveis de uso e proteção da biodiversidade no estado da Paraíba.

Os editores

Prefácio

O sucesso ecológico de nossa espécie no planeta está longe de ser um simples acaso. Muito dele se deve à complexidade e à intensidade com que nos vinculamos a outras formas de vida. Amamos algumas espécies com devoção quase religiosa, odiamos outras com visceralidade, domesticamos muitas, levamos incontáveis à extinção. Algumas servem de alimento cotidiano, outras habitam o imaginário como tabus sagrados. O que é comida em uma cultura pode ser afeto e cuidado em outra. A cultura, como moldura que orienta o olhar, reconfigura essas relações, modelando os sentidos e práticas que conectam humanos e animais.

Não é de hoje que essas relações despertam o interesse da ciência. Diferentes disciplinas científicas, em alguma medida, buscaram compreender a intrincada rede entre humanos e animais. Mas, no meu entender, é na etnozoologia que essa pluralidade de vínculos encontra sua morada natural. É nesse campo que cabem, sem hierarquias, o sagrado e o profano, o alimento e o mito, a medicina e a magia. A etnozoologia acolhe os saberes, os significados e os usos da fauna como partes de um mesmo corpus interpretativo, na qual o humano e o não-humano não se opõem, mas se enlaçam.

No Brasil, a etnozoologia tem crescido de forma notável nas últimas décadas, impulsionada por redes colaborativas e grupos de pesquisa que se dedicaram sistematicamente à documentação e análise dessas interações. Entre esses grupos, destaca-se o que podemos chamar de "Escola da Paraíba". Salvo engano de minha parte, trata-se de um dos coletivos mais influentes do mundo nesse campo. E não apenas pelo volume de publicações ou pela diversidade temática, mas também pela pluralidade das atuações acadêmicas de seus integrantes.

Este **Catálogo Etnozoológico do Estado da Paraíba** é, portanto, muito mais do que uma compilação de dados. Ele representa o amadurecimento de pelo menos duas décadas de investigação, realizada por dezenas de pesquisadores e pesquisadoras que encontraram, no diálogo entre saberes, um caminho fértil para pensar as relações entre humanos e fauna. É também o retrato de gerações de cientistas que se formaram reconhecendo o valor dos saberes locais e das práticas cotidianas que permeiam o uso da fauna. Cada página aqui é testemunha de um esforço para compreender as múltiplas dimensões do convívio entre pessoas e animais.

Tenho para mim que este catálogo ultrapassa o papel de registro ilustrado dos "usos" da fauna paraibana. Ele se oferece, também, como ferramenta poderosa para pensar políticas públicas que respeitem e incorporem o conceito de sociobiodiversidade. Em tempos em que a biodiversidade se tornou a palavra do dia, mas nem sempre envolvendo ação, obras como esta lembram que conservar é, antes de tudo, reconhecer a multiplicidade de vínculos que sustenta a vida; vínculos que passam, necessariamente, pelo modo como os seres humanos se relacionam com os outros seres vivos que compartilham seus territórios, suas vidas, sua existência.

Prof. Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque
Professor Titular, Centro de Biociências da UFPE

Editores



Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

Biólogo, doutor em Zoologia, professor do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), coordenador do Laboratório de Etnozoologia e Conservação da Natureza (LECON), bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq), editor-chefe da revista *Ethnobiology and Conservation*.



Alexandre Vasconcellos

Biólogo, doutor em Zoologia, professor titular do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), curador da Coleção de Térmitas, coordenador do Laboratório de Termitologia da UFPB (LabTermes) e bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq).



Anna Karolina Martins Borges

Bióloga, doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza, pesquisadora associada ao Laboratório de Etnozoologia e Conservação da Natureza (LECON) e ao Laboratório de Peixes e Conservação Marinha (LAPEC), ambos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), coordenadora do projeto Cavalos-marinhos da APA de Guadalupe.

Autores

Alexandre Vasconcelos

Laboratório de Termitologia
(LabTermes), Universidade Federal da
Paraíba (UFPB)
avasconcelos@dse.ufpb.br

André Barbosa Reis

Laboratório de Etnozoologia e Conservação
da Natureza (LECON), Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)
andre.reis@ufrpe.br

Anderson Feijó

Negaunee Integrative Research Center,
Field Museum of Natural History
afeijo@fieldmuseum.org

Anna Karolina Martins Borges

Laboratório de Etnozoologia e Conservação
da Natureza (LECON), Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)
karolm26@hotmail.com

Breno de Farias Nilo

fariasbreno16@gmail.com

Bruno Augusto Torres Parahyba Campos

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
atacampos@gmail.com

Dandara Monalisa Mariz da Silva Quirino Bezerra

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Paraíba (IFPB)
dandara.bezerra@ifpb.edu.br

Frederico Gustavo Rodrigues França

Laboratório de Ecologia Animal (LEA),
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
frederico.franca@academico.ufpb.br

Gentil Alves Pereira Filho

Laboratório de Etnozoologia e
Conservação da Natureza (LECON),
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
gentilbarrosfilho@yahoo.com

Gindomar Gomes Santana

Laboratório de Etnozoologia e
Conservação da Natureza (LECON),
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
gindomar@yahoo.com.br

Guilherme Oliveira Campos

Laboratório de Etnozoologia e
Conservação da Natureza (LECON),
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
guilhermeolicam@gmail.com

Helder Farias Pereira de Araujo

Departamento de Biociências,
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
helder.araujo.ufpb@gmail.com

Hugo Fernandes-Ferreira

Laboratório de Conservação de
Vertebrados Terrestres
Universidade Estadual do Ceará
fernandes.ferreira@uece.br

Kleber Silva Vieira

Laboratório de Ecofisiologia Animal,
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
ksvieira04@yahoo.com.br

Autores

Luana Ramos de Oliveira

Laboratório de Estudos Geológicos e Ambientais (LEGAM), Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
luanarosamos129@gmail.com

Magna Fabíola Araújo Marinho

Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
magnafabiola@hotmail.com

Natan Diego Alves de Freitas

Laboratório de Mamíferos, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
natan_diego@hotmail.com

Raynner Rilke Duarte Barboza

Centro de Aplicação e Biologia, Universidade Federal de Roraima (UFRR)
raynner.rr@gmail.com

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

Laboratório de Etnozoologia e Conservação da Natureza (LECON), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
romulo_nobrega@yahoo.com.br

Thiago Nascimento Zanetti

Laboratório de Biogeografia e Serviços Ecosistêmicos (LABIOGES), Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
thiagonzanetti@gmail.com

Washington Luiz Silva Vieira

Laboratório de Ecofisiologia Animal, Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
wlsvieira@yahoo.com.br

Wedson Medeiros Silva Souto

Departamento de Biologia, Universidade Federal do Piauí (UFPI)
wedson@live.com

Sumário

PARTE I: Contextualização	14
Capítulo 1. Introdução	15
Capítulo 2. Paisagens, história e diversidade: um panorama da sociobiodiversidade da Paraíba	17
Capítulo 3. Estratégias e técnicas de caça e captura de vertebrados silvestres na Paraíba	28
PARTE II: Catálogo etnozoológico do estado da Paraíba	47
Capítulo 4. Sobre o catálogo	48
Capítulo 5. Mamíferos da Paraíba	53
Capítulo 6. Répteis da Paraíba	99
Capítulo 7. Anfíbios da Paraíba	147
Capítulo 8. Aves da Paraíba	161
Lista de abreviações	345
Bibliografia consultada	346
Índice remissivo	357

PARTE I

A close-up photograph of a peba armadillo (Euphractus sexcinctus) in its natural habitat. The animal's head is the central focus, showing its distinctive armor of overlapping, yellowish-brown scales. It has a dark, pointed snout and a small, dark eye. The background is a blurred mix of dry leaves and soil. The lighting is bright, highlighting the texture of the scales.

TATU-PEBA

Euphractus sexcinctus

Foto: John Medcraft



Introdução

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Anna Karolina Martins Borges,
Alexandre Vasconcellos

Somos animais e, como tal, compartilhamos características biológicas fundamentais com uma imensa diversidade de outras espécies, conectadas a nós por uma complexa rede de relações ecológicas e evolutivas. Como parte natural da fauna que habita a Terra, temos interagido com os animais ao nosso redor ao longo de nossa coexistência compartilhada, estabelecendo múltiplas inter-relações desde as origens de nossa espécie. Atividades como a caça, a pesca e a domesticação têm sido fundamentais para a subsistência humana ao longo do tempo, desempenhando um papel central na evolução cultural e biológica da nossa espécie. A natureza dinâmica dessas práticas, das mais ancestrais às mais contemporâneas, contribuiu para a multiplicidade de formas de interação entre seres humanos e animais. Sem dúvida, nossa identidade enquanto espécie foi profundamente moldada pelas relações que estabelecemos com os demais animais ao longo de nossa história compartilhada.

Sob uma perspectiva utilitarista, os seres humanos, tanto no passado quanto no presente, exploram produtos de origem animal para suprir uma ampla gama de necessidades, incluindo alimentação, fabricação de ferramentas, produção de rações, ornamentos, medicamentos, fertilizantes e geração de renda. Além disso, muitos animais prestam serviços essenciais relacionados à agricultura, transporte, entretenimento, companhia e práticas religiosas. Para além de seu uso prático, os animais também ocupam um lugar simbólico e estético nas sociedades humanas: servem como fonte de inspiração e beleza, são representados como divindades ou atributos divinos e integram rituais e manifestações culturais. Em algumas culturas, certos animais são associados a qualidades humanas, como coragem, astúcia ou sabedoria. Por outro lado, muitas espécies são perseguidas ou “controladas” por serem consideradas pragas ou invasoras, seja por representarem riscos à segurança, por transmitirem doenças ou por predarem animais domésticos e de criação. Essa diversidade de relações, utilitárias, afetivas, simbólicas ou conflituosas, é uma constante nas diferentes culturas humanas, embora varie conforme o contexto sociocultural e as espécies envolvidas.

O Brasil, com sua notável biodiversidade e riqueza cultural, possui uma longa trajetória de uso de animais para as mais diversas finalidades. Essa relação, documentada desde o período colonial, envolve tanto as sociedades indígenas quanto os diferentes grupos que contribuíram para a formação do povo brasileiro, incluindo descendentes de colonizadores europeus e povos africanos. Cada um desses grupos trouxe consigo conhe-

cimentos e práticas singulares relacionados ao uso da fauna, moldando uma ampla diversidade de interações culturais e ambientais com os animais. Esse intercâmbio resultou em uma complexa rede de saberes, que ainda hoje influencia os modos de uso e manejo da fauna no país. Compreender essas interações históricas e culturais é essencial para promover práticas sustentáveis e estratégias de conservação que respeitem tanto os conhecimentos tradicionais quanto a biodiversidade brasileira.

Como ocorre em outras regiões do Brasil, na Paraíba as comunidades locais mantêm uma relação multifacetada com os animais, combinando saberes tradicionais com demandas contemporâneas, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Em alguns casos, essas relações geram uma demanda comercial, legal ou ilegal, que pode representar sérias ameaças para diversas espécies, intensificando os riscos de declínio populacional e extinções locais e regionais, especialmente entre aquelas com características biológicas que as tornam mais vulneráveis à superexploração.

Nesse contexto, o uso e o comércio da fauna silvestre no estado vêm sendo objeto de estudos etnozoológicos voltados à compreensão dos aspectos socioeconômicos e culturais relacionados à captura, ao uso e à comercialização desses animais. Tais estudos têm contribuído para identificar práticas que representam riscos à fauna, mas também aquelas que conciliam as necessidades humanas com a conservação das espécies, oferecendo subsídios para políticas públicas e estratégias de manejo sustentável.

Este catálogo reúne informações sobre as interações entre as populações humanas e a fauna de vertebrados do estado da Paraíba. Os dados apresentados foram coletados ao longo de mais de 20 anos pelo **Grupo de Pesquisa em Etnozoologia**, coordenado pelo professor Rômulo Alves, da Universidade Estadual da Paraíba, com a colaboração de diversos pesquisadores. Compilamos informações dispersas oriundas de diferentes publicações, complementando-as com outras fontes inéditas e relevantes sobre o assunto. Neste trabalho, destacamos as espécies de importância etnozoológica registradas no estado, seus usos e outras formas de interação, bem como as técnicas de caça praticadas na região, contribuindo para um entendimento mais amplo e integrado das relações entre as comunidades locais e a fauna paraibana.

Paisagens, história e diversidade: um panorama da sociobiodiversidade da Paraíba

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Anna Karolina Martins Borges,
Luana Ramos de Oliveira, Alexandre Vasconcellos

Aspectos históricos e geográficos

A formação territorial da Paraíba teve início em 1534, quando o Brasil Colônia foi dividido em Capitânicas Hereditárias, grandes lotes de terra doados pela Coroa Portuguesa a membros da nobreza e aliados políticos. Nesse período, o território atualmente correspondente ao estado da Paraíba integrava a Capitania de Itamaracá, cuja extensão territorial ia desde a foz do rio Santa Cruz (atualmente Igarassu, em Pernambuco) até a Baía da Traição. Essa capitania foi inicialmente governada por Pero Lopes de Souza, que permaneceu à frente da administração até sua morte, em 1539. A conquista da região, no entanto, enfrentou fortes resistências, sobretudo dos povos indígenas Potiguaras, que se opunham aos avanços coloniais em defesa de seus territórios ancestrais.

Diante das dificuldades em consolidar o domínio português, o rei D. Sebastião determinou, em 1574, a criação da Capitania Real da Paraíba, com o objetivo estratégico de afirmar a soberania da Coroa sobre a região. Após várias tentativas fracassadas de conquista, uma nova expedição foi organizada na Bahia e enviada em 1584, enfrentando os Potiguaras e seus aliados franceses. Em 5 de agosto de 1585, foi celebrado um acordo de paz entre Martim Leitão e Piragibe, líder dos Tabajaras, o que possibilitou a construção de um forte de madeira às margens do rio Sanhauá e a fundação oficial do Estado da Paraíba.

Posteriormente, em 1634, a região foi ocupada pelos holandeses, que permaneceram por duas décadas até serem expulsos pelas tropas luso-brasileiras comandadas por André Vidal de Negreiros. Em 1824, o Sertão paraibano teve participação significativa na Confederação do Equador, movimento de caráter separatista liderado por Manuel de Carvalho Paes de Andrade e Frei Caneca, que buscava instaurar um Estado Republicano no Nordeste. O movimento foi duramente reprimido pelas forças imperiais de D. Pedro I, comandadas pelo Almirante Thomas Cochrane, resultando na execução de diversos líderes do levante. Com a Proclamação da República, em 1889, a Paraíba passou a integrar a federação brasileira como um estado autônomo.

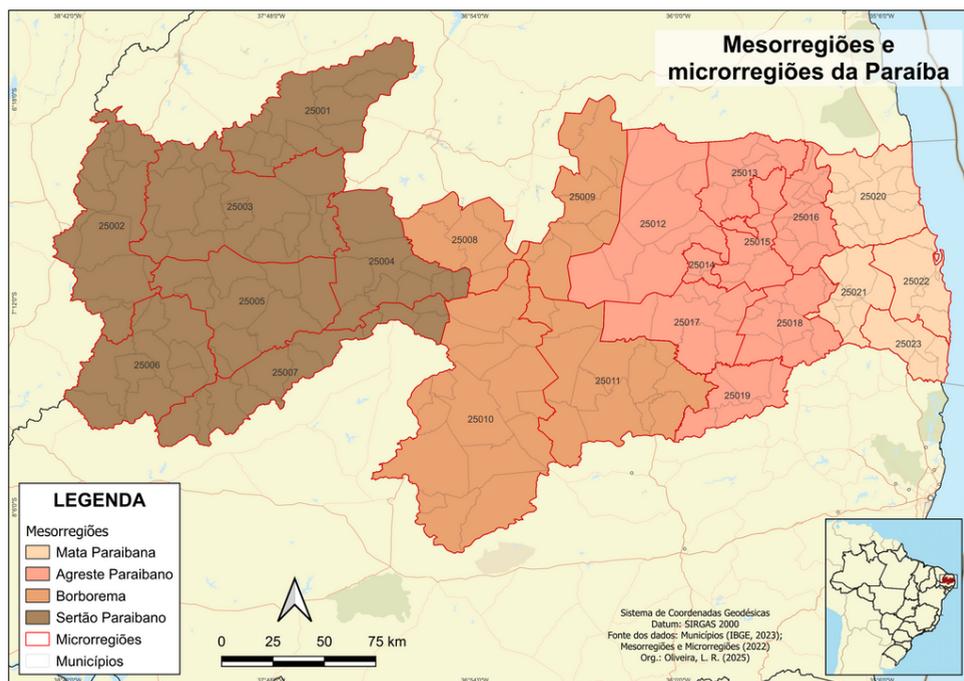


Figura 1. Localização das mesorregiões e microrregiões da Paraíba.

Legenda. Microrregiões: 25001 - Catolé do Rocha; 25013 – Esperança; 5002 – Cajazeiras; 25014 – Itabaiana; 25003 – Sousa; 25015 - Campina Grande; 25004 – Patos; 25016 – Sapé; 25005 – Piancó; 25017 - João Pessoa; 25006 – Itaporanga; 25018 - Litoral Norte; 25007 - Serra do Teixeira; 25019 - Litoral Sul; 25008 - Seridó Ocidental Paraibano; 25020 - Curimataú Ocidental; 25009 - Seridó Oriental Paraibano; 25021 - Curimataú Oriental; 25010 - Cariri Ocidental; 25022 - Agreste Paraibano; 25011 - Cariri Oriental; 25023 – Borborema; 25012 – Umbuzeiro.

O estado da Paraíba localiza-se na região Nordeste, ocupando uma área de 56.467,242 km². Está dividido em quatro mesorregiões (Zona da Mata, Agreste, Planalto da Borborema e Sertão), além de 23 microrregiões e 223 municípios (Figura 1). Faz fronteira ao norte com o Rio Grande do Norte, ao sul com Pernambuco e a oeste com o Ceará. A diversidade geográfica do território paraibano reflete uma trajetória histórica marcada pela convivência e interação entre diferentes grupos humanos, indígenas, africanos e europeus, e pelas constantes transformações socioeconômicas ocorridas ao longo dos séculos. Essa complexa teia de influências resultou em uma rica diversidade biocultural, expressa nos modos de vida, saberes tradicionais, práticas produtivas e nas múltiplas formas de relação com a natureza

A população do estado da Paraíba é estimada em 3.974.687 habitantes, com maior concentração populacional na Zona da Mata (Figura 2). O estado é composto por 223 municípios, sendo que os principais centros urbanos incluem João Pessoa (capital), Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras. Essas cidades se destacam não apenas pelo número de habitantes, mas também por seu papel relevante no desenvolvimento sociocultural, econômico e tecnológico da região (IBGE, 2022). A Paraíba ocupa a 13ª posição entre as unidades federativas mais populosas do Brasil, apresentando uma densi-

dade demográfica média de 70,39 habitantes por km² (IBGE, 2022). Essa distribuição populacional reflete tanto a configuração geográfica e climática do estado quanto os processos históricos de ocupação e urbanização, que moldaram os padrões atuais de concentração humana e uso do território.

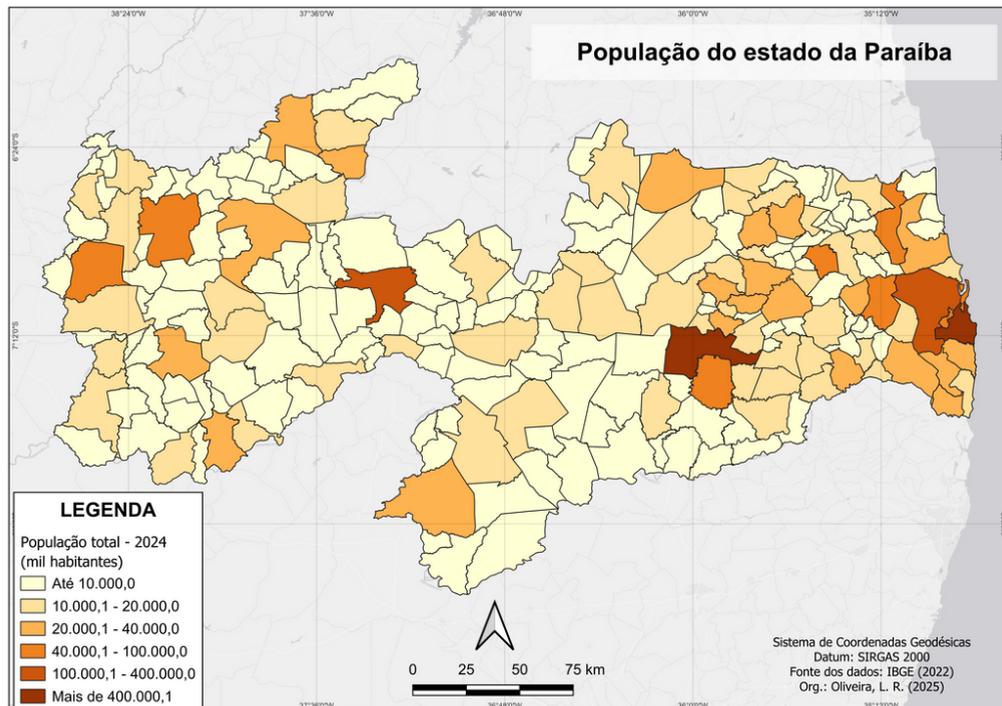


Figura 2. População por município (nº de habitantes) do estado da Paraíba.

O clima do estado da Paraíba apresenta duas zonas predominantes: o clima tropical úmido, característico da Zona da Mata, e o clima semiárido, que predomina no Sertão. Essa variação climática influencia diretamente a distribuição dos biomas e a biodiversidade ao longo do território. Os dois principais biomas que ocorrem na Paraíba são a Mata Atlântica e a Caatinga (Figura 3). A Mata Atlântica recobre integralmente a Zona da Mata e parte do Agreste, abrigando formações vegetais diversificadas, como Florestas Ombrófilas, Florestas Estacionais e Formações Pioneiras, estas últimas também conhecidas como restingas, influenciadas por ambientes marinhos, fluviais e lacustres. Além das áreas naturais, há também zonas antrópicas, voltadas principalmente para a agricultura e a agropecuária. Já o bioma Caatinga domina as regiões do Agreste, Planalto da Borborema e Sertão, e apresenta vegetações como Florestas Estacionais, Ombrófila Aberta Submontana, Savanas Estépicas e Savanas Arborizadas. Assim como na Mata Atlântica, há extensas áreas de influência antrópica, nas quais predominam práticas de agricultura, agropecuária e produção de pastagens.

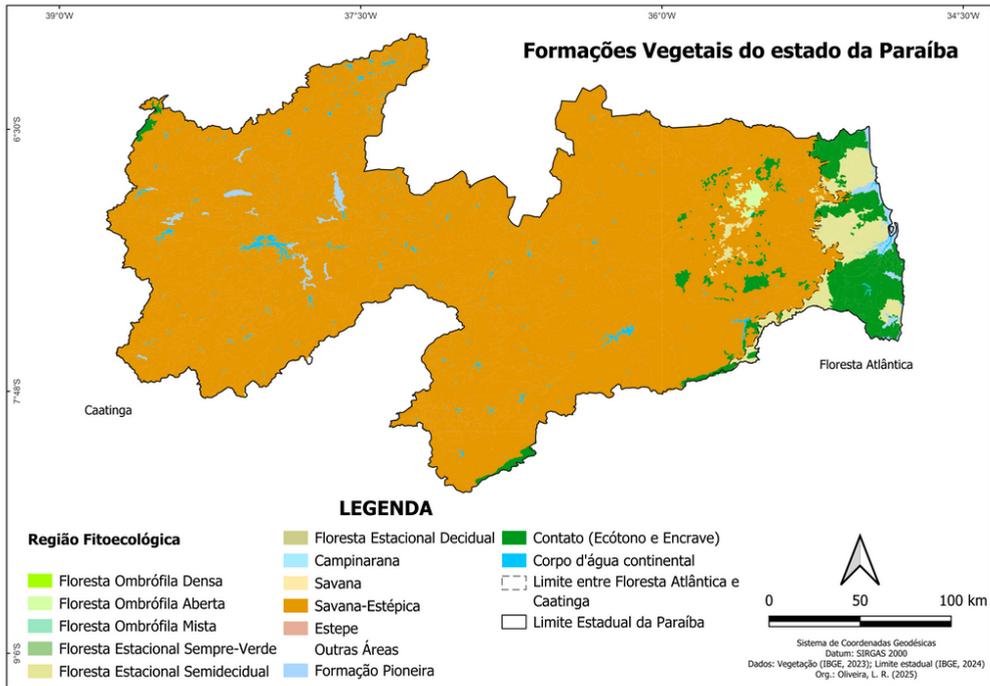


Figura 3. Mapa das formações vegetais da Paraíba.

O relevo da Paraíba é caracterizado por uma expressiva diversidade de formas, distribuídas entre três grandes compartimentos geomorfológicos: as planícies litorâneas, o Planalto da Borborema e as depressões sertanejas. Essa configuração está associada a uma considerável variação altimétrica ao longo do território (Figura 4). As áreas mais baixas do estado correspondem aos tabuleiros costeiros, terrenos de origem sedimentar, topografia plana e baixa altitude, localizados na faixa litorânea em contato com o Oceano Atlântico (Guerra e Guerra, 2011). Também se destacam as depressões sertanejas, situadas no interior do estado, sobretudo no Sertão, que constituem superfícies de erosão rebaixadas e relativamente planas, onde são comuns relevos residuais como os inselbergs, associados à presença de rochas cristalinas (Ross, 2011).

No centro do estado, destaca-se o Planalto da Borborema, uma unidade geomorfológica de origem antiga formada por segmentos de dobramentos soerguidos, com predominância de modelados convexos esculpidos em rochas intrusivas e metamórficas pré-cambrianas (Ross, 2011). Essa região apresenta as maiores altitudes do território paraibano, abrigando o ponto culminante do estado: o Pico do Jabre, situado no município de Maturéia, com 1.197 metros. Além disso, a Paraíba possui uma grande diversidade geológica, tendo cerca de 80% de sua área estabelecida sobre rochas pré-cambrianas, com exposições da Província Borborema, além de outras áreas inseridas sobre bacias sedimentares fanerozóicas, rochas vulcânicas cretáceas, coberturas plataformais paleógenas/neógenas e formações superficiais quaternárias (Santos et al., 2002).

A hidrografia da Paraíba é composta por uma rede de drenagem que compreende onze bacias hidrográficas (Figura 5). As principais bacias hidrográficas correspondem aos rios Abiaí, Camaratuba, Curimataú, Gramame, Guaju, Jacu, Mamanguape, Miriri, Paraíba, Piranhas e Trairi. Essas bacias desempenham um papel essencial no abastecimento hídrico, na irrigação agrícola, na geração de energia e na manutenção de ecossistemas aquáticos em diferentes regiões do estado.

Além dos cursos d'água, a Paraíba possui cerca de 40 açudes públicos de médio e grande porte, que desempenham função estratégica na gestão hídrica, especialmente nas regiões semiáridas. Entre os maiores reservatórios, destacam-se os açudes Coremas/Mãe d'Água, Epitácio Pessoa (Boqueirão), Engenheiros Ávidos e Acauã (Argemiro de Figueiredo), os quais são fundamentais para o abastecimento de populações urbanas e rurais, bem como para atividades agropecuárias e industriais.

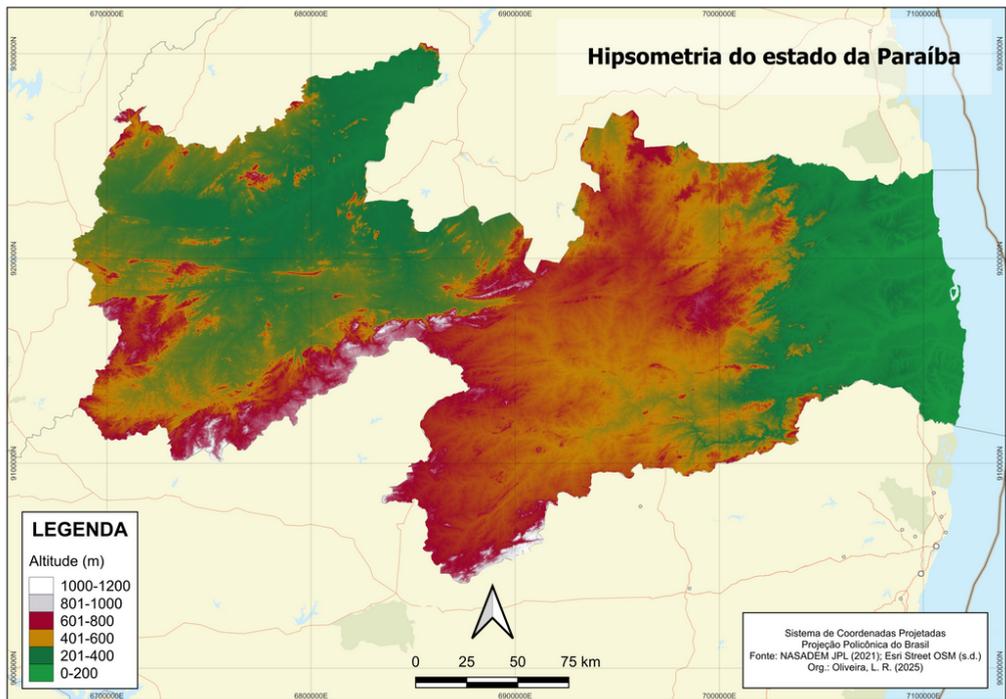


Figura 4. Mapa hipsométrico da Paraíba. Elaboração: Oliveira, L. R. (2025).

Os principais ecossistemas da Paraíba

O estado da Paraíba situa-se em uma zona de transição ecológica que abrange desde os ambientes úmidos e tropicais da Mata Atlântica, presentes principalmente na Zona da Mata e em setores do Agreste, até os ecossistemas semiáridos da Caatinga, predominantes no Sertão e na região da Borborema. Além disso, o litoral paraibano apre-

sentam uma notável diversidade de ecossistemas costeiro-marinhos. Esses sistemas são influenciados por variáveis ambientais como hidrodinâmica, temperatura e salinidade das águas, regime de ventos e descarga fluvial, fatores que condicionam a formação de habitats ecologicamente distintos e biologicamente ricos, com algumas espécies endêmicas e outras ameaçadas de extinção.

A Mata Atlântica constitui um dos ecossistemas mais biodiversos do planeta, reconhecido por sua elevada riqueza de espécies e altos índices de endemismo. Na Paraíba, esse bioma abriga uma ampla variedade de organismos, incluindo primatas, aves, répteis, anfíbios, invertebrados diversos e uma expressiva diversidade de espécies vegetais, incluindo várias utilizadas na medicina popular. No entanto, essa riqueza biológica vem sendo severamente impactada por processos de degradação ambiental, como a expansão urbana, o avanço da agricultura intensiva e a fragmentação florestal, fatores que colocam muitas espécies sob risco de extinção local (IBGE, 2012). A conservação desse bioma é essencial para proteger as espécies nativas e garantir os serviços ecológicos que ele proporciona, como a regulação do clima e a preservação dos recursos hídricos.

A Caatinga, bioma predominante nas regiões do Agreste e Sertão da Paraíba, é um ecossistema singular e essencial para a biodiversidade do estado. Apesar de estar inserida em uma área de clima semiárido, com chuvas irregulares e períodos de estiagem, a Caatinga abriga uma rica diversidade de espécies vegetais e animais que desenvolveram estratégias adaptativas notáveis para sobreviver à escassez hídrica. Este bioma também se destaca por seu elevado grau de endemismo, com diversas espécies que ocorrem exclusivamente em sua área de abrangência, incluindo plantas xerófitas, como cactáceas, bromélias e arbustos decíduos, e uma fauna composta por répteis, mamíferos, aves, insetos e anfíbios altamente especializados. Além disso, muitas das espécies vegetais da Caatinga possuem importância medicinal, alimentar e econômica, sendo amplamente utilizadas pelas comunidades locais em práticas tradicionais (MMA, 2008). A conservação da Caatinga é crucial, pois ela desempenha um papel relevante na manutenção dos recursos naturais e no sustento das comunidades locais.

O litoral da Paraíba, com aproximadamente 138 km de extensão, é caracterizado por uma rica diversidade de ecossistemas costeiros e marinhos, incluindo estuários, manguezais, recifes de corais, praias arenosas e dunas. Esses ambientes abrigam uma expressiva biodiversidade e desempenham papéis ecológicos relevantes para o equilíbrio ambiental e a manutenção dos serviços ecossistêmicos. Os estuários, como os dos rios Paraíba, Mamanguape e Gramame, representam zonas de transição entre os ambientes fluviais e marinhos, destacando-se por sua alta produtividade biológica e complexidade ecológica (Day et al., 1989). Nesses locais, os manguezais funcionam como berçários naturais para diversas espécies, e contribuem com a proteção costeira, a ciclagem de nutrientes e o sequestro de carbono (Maia et al., 2006).

Os recifes costeiros da Paraíba, a exemplo dos recifes de Picãozinho e da área do Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha, são formações rasas que sustentam comunidades complexas de corais, algas, peixes e invertebrados bentônicos, sendo considerados hotspots de biodiversidade marinha (Castro e Hatje, 2008). Esses sistemas

fornece abrigo e alimento a inúmeras espécies e protegem a linha de costa da ação direta das ondas. As praias e dunas, por sua vez, compõem ambientes dinâmicos e frágeis, sujeitos à ação constante dos ventos e das marés. As dunas vegetadas, presentes em áreas como Tambaba e Coqueirinho, são fundamentais para a estabilização dos sedimentos e abrigam fauna e flora adaptadas às condições semiáridas (Pereira et al., 2010). A região costeira enfrenta diversas ameaças, como a poluição por esgoto, a urbanização desordenada, o turismo predatório, o avanço da carcinicultura e a pesca excessiva (Barros et al., 2011). A degradação ambiental compromete não apenas a biodiversidade, mas também a sustentabilidade dos serviços ecossistêmicos essenciais à população local.

As principais bacias hidrográficas do estado da Paraíba incluem a Bacia do Rio Paraíba, Bacia do Rio Mamanguape, Bacia do Rio Curimataú, Bacia do Rio Piranhas-Açu, além de sistemas menores como os rios Gramame e Camaratuba. Apesar do volume hídrico relativamente baixo em comparação a outras regiões do país, esses rios sustentam uma ampla variedade de ecossistemas aquáticos e ripários, essenciais os serviços ecossistêmicos regionais. Além disso, essas formações abrigam uma rica avifauna, répteis, e mamíferos de pequeno porte que dependem diretamente da vegetação associada aos corpos hídricos (Moura et al., 2014).

A Bacia do Rio Paraíba é a maior do estado, abrangendo áreas desde o Agreste até o litoral, e apresenta cursos d'água com regimes temporários na parte superior e permanentes nos trechos mais próximos à costa. Essa bacia é vital para o abastecimento humano, a irrigação agrícola e a manutenção de áreas úmidas como brejos de altitude e veredas. Já o Rio Piranhas-Açu, compartilhado com o estado do Rio Grande do Norte, possui importância estratégica no contexto da transposição do Rio São Francisco e se destaca por conter corredores ecológicos que conectam a Caatinga a outras formações vegetais (ANA, 2017).

Sociodiversidade da Paraíba

A sociodiversidade da Paraíba é caracterizada pela presença de múltiplos grupos culturais, como povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos, agricultores familiares, pescadores artesanais, entre outros. Antes da colonização, o território paraibano era habitado exclusivamente por povos indígenas, como os Potiguara, Tabajara, Cariri e Tarairiús, que detinham línguas próprias, rituais distintos e formas singulares de organização social. A colonização, especialmente a partir do século XVIII, impôs profundas transformações e reduziu significativamente a diversidade desses povos. No entanto, a resistência indígena tem sido essencial para a preservação de suas identidades culturais, saberes e práticas tradicionais até os dias atuais.

Atualmente, estima-se que cerca de 25 mil indígenas vivam na Paraíba, distribuídos entre áreas aldeadas e não aldeadas (Nóbrega e Alves, 2023). Os Potiguara, por exemplo, preservam seu território tradicional no litoral norte do estado, enquanto os Tabajara e os Cariri mantêm suas práticas agrícolas, extrativistas e pesqueiras no Agreste e no Sertão. Essas comunidades desempenham um papel essencial na conservação dos

recursos naturais e na manutenção de seus modos de vida, contribuindo significativamente tanto para a sociodiversidade quanto para a biodiversidade da Paraíba.

O estado também abriga diversas comunidades quilombolas, distribuídas por todo o território paraibano, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Essas comunidades são reconhecidas por sua rica herança cultural, histórica e por suas formas tradicionais de organização social, que refletem a resistência e a valorização da ancestralidade afrodescendente. Segundo a Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba (AACADE), existem atualmente 49 comunidades remanescentes de quilombos no estado que já obtiveram a Certidão de Autodefinição, documento expedido pela Fundação Cultural Palmares. A maioria dessas comunidades está concentrada nas regiões do Sertão e do Cariri, onde mantêm práticas agrícolas, culinárias, religiosas e festivas profundamente enraizadas em seus territórios e modos de vida tradicionais.

A biodiversidade e os seus usos pelas comunidades tradicionais da Paraíba

Estima-se que a Paraíba abrigue pelo menos 10 mil espécies de seres vivos, distribuídas em ecossistemas terrestres, semiaquáticos e aquáticos. Para os vertebrados, há registros no estado de aproximadamente 550 espécies de peixes (Velásquez et al., 2025), 60 de anfíbios (Vieira et al., 2025), 130 de répteis (Costa et al., 2025; França et al., 2025; Reis et al., 2025), 410 de aves (Araujo et al., 2025) e 130 de mamíferos (Estrela et al., 2025).

Grande parte dessa biodiversidade integra o modo de vida das populações humanas locais, sendo utilizada com base em conhecimentos ecológicos tradicionais, em contextos alimentares, medicinais, culturais e econômicos. A caça de subsistência e a pesca artesanal seguem como importantes fontes de proteína animal, realizadas com técnicas adaptadas às condições ecológicas locais e, muitas vezes, com respeito aos ciclos reprodutivos das espécies (Santos e Almeida, 2011).

Diversas espécies, principalmente vertebrados, também são amplamente empregados na medicina tradicional, devido às propriedades terapêuticas reconhecidas pelas comunidades, compondo parte significativa da farmacopeia popular (Alves e Rosa, 2007; Alves et al., 2011). Além disso, muitos animais possuem valor simbólico e espiritual, sendo representados em rituais, mitologias e práticas religiosas que reforçam identidades culturais e vínculos com o território (Alves et al., 2012). Subprodutos como penas, peles, ossos e dentes são utilizados na confecção de artesanato, adornos e instrumentos, com relevância estética e sociocultural (Alves e Souto, 2011).

A **etnozoologia** é o campo do conhecimento dedicado ao estudo das interações entre os seres humanos e os animais, abrangendo os usos, saberes tradicionais, crenças, práticas culturais e significados simbólicos atribuídos às espécies (Alves, 2012; Alves & Souto, 2015; Alves et al., 2021). Na Paraíba, como em muitas outras regiões do Brasil, essas relações são marcadas por uma complexidade notável, refletindo uma convivência estreita e contínua ao longo de gerações, especialmente entre comunidades rurais, indígenas e tradicionais.

Ao longo do tempo, as estratégias de subsistência das comunidades locais se diversificaram e passaram a se integrar cada vez mais ao processo de urbanização. Atualmente, muitos produtos da biodiversidade são comercializados em cidades paraibanas, especialmente em mercados e feiras, onde itens de origem vegetal e animal são vendidos para diferentes finalidades. Essa dinâmica reflete, o deslocamento de povos indígenas, quilombolas e outros grupos tradicionais das áreas rurais para os centros urbanos, levando consigo seus saberes, práticas culturais e o uso tradicional de recursos naturais.

A migração de populações de regiões remotas ou rurais para as cidades tem desempenhado um papel importante na transmissão de conhecimentos sobre o uso da biodiversidade, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de uma demanda urbana por produtos específicos. Essa demanda tem impulsionado um comércio que, muitas vezes, ocorre de forma clandestina ou semiclandestina, devido às restrições legais aplicadas ao uso de determinadas espécies silvestres, especialmente animais, muitas das quais estão ameaçadas pela exploração comercial.

Etnozoologia e conservação

O conhecimento sobre os ciclos de vida, os hábitos e a ecologia das espécies é transmitido oralmente entre gerações, constituindo um sistema próprio de educação ambiental e conservação (Berkes et al., 2000). Esse saber é especialmente relevante no contexto da conservação da biodiversidade, que busca proteger espécies e ecossistemas frente às crescentes ameaças causadas por ações humanas, como o desmatamento, a caça excessiva, a poluição e as mudanças climáticas (Primack e Rodrigues, 2001). No entanto, muitas estratégias conservacionistas ainda desconsideram o conhecimento zoológico local, os valores culturais e as necessidades das comunidades envolvidas (Alves et al., 2018; Alves e Souto, 2015; Berkes, 2004), o que pode comprometer sua eficácia e aceitação social.

Para garantir a sustentabilidade do uso da fauna, é essencial que a exploração dos recursos faunísticos respeite os limites ecológicos e seja orientada por princípios de manejo adaptativo, que integrem os conhecimentos tradicionais e científicos (Berkes, 2017). Assim, a biodiversidade de vertebrados deixa de ser vista apenas como um recurso material e passa a ser reconhecida como um elemento central na manutenção da cultura, da espiritualidade e da economia dessas comunidades. O uso consciente e respeitoso dos animais silvestres por populações tradicionais demonstra que é possível conciliar conservação da natureza e bem-estar humano, especialmente em um cenário de crescente perda da biodiversidade. Um exemplo disso é a aplicação desses saberes em iniciativas de turismo de base comunitária, como a observação de aves, que geram renda complementar sem comprometer os ecossistemas (Diegues, 2000).

É justamente nessa interseção que a etnozoologia e a conservação se articulam e se complementam. Ao reconhecer que as espécies animais são diretamente afetadas pelas ações humanas, e que as comunidades locais detêm conhecimentos que são valiosos sobre os animais, incluindo a distribuição das espécies, seus comportamentos, formas de

uso e os impactos percebidos de seu desaparecimento, torna-se possível desenvolver estratégias de conservação mais justas, culturalmente sensíveis, eficazes e sustentáveis (Alves e Rosa, 2013; Alves et al., 2018).

Este catálogo é, portanto, mais do que um simples inventário de espécies de importância etnozoológica no estado da Paraíba: trata-se de um instrumento de valorização dos saberes locais e de apoio à conservação participativa. Ao registrar os nomes populares, os usos e os significados atribuídos aos animais, promove-se o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais. Essa integração permite identificar espécies em processo de declínio, compreender como as comunidades percebem essas mudanças e, sobretudo, fortalecer ações de proteção que respeitem, simultaneamente, a fauna e as culturas que historicamente convivem com ela.

CANÁRIO-DA-TERRA

Sicalis flaveola

Foto: André Reis



CAPÍTULO 3

Estratégias e técnicas de caça e captura de vertebrados silvestres na Paraíba

Rômulo Rômeu da Nóbrega Alves, Anna Karolina Martins Borges, Washington Luiz Silva Vieira, Wedson Medeiros Silva Souto, Raynner Rilke Duarte Barboza, Hugo Fernandes-Ferreira, Dandara Monalisa Mariz da Silva Quirino Bezerra

A captura ou o abate de animais exige o desenvolvimento de estratégias específicas, considerando as características das espécies-alvo, seus habitats e aspectos de sua biologia. O êxito na atividade depende do domínio de diferentes técnicas de caça e de um conhecimento aprofundado sobre os hábitos das espécies. Após a escolha da presa, é necessário identificar locais e horários de alimentação, busca por água ou repouso, aumentando as chances de sucesso. Nesse contexto, o domínio da ecologia das espécies-alvo constitui um saber construído pelas populações humanas em resposta às dinâmicas do ambiente, com o intuito de aumentar a eficácia da caça. Na Paraíba, especialmente no semiárido, a caça costuma começar ainda na infância, com crianças participando da captura de aves e répteis com “baladeiras” (estilingues), geralmente para consumo alimentar.

As pesquisas etnozoológicas na Paraíba revelaram o uso de uma diversidade de ferramentas para a captura de animais silvestres, incluindo arames, anzóis, cordas, lanternas, pedaços de madeira e redes. Armas de fogo e cães de caça também são comuns, especialmente na obtenção de animais para consumo de carne ou outras finalidades específicas. Os métodos de captura variam conforme o tipo de presa, seus hábitos, o ambiente e o objetivo da caça.

De modo geral, as estratégias podem ser classificadas em duas categorias: técnicas ativas e técnicas passivas. As técnicas ativas, como emboscadas, perseguições rápidas e caçadas em grupo, exigem a presença direta e constante do caçador durante a ação. Já as técnicas passivas envolvem o uso de armadilhas ou dispositivos autônomos, permitindo a captura sem vigilância contínua. A seguir, apresentam-se as principais técnicas e estratégias de caça registradas na Paraíba.

Técnicas ativas de caça

Espera

A caça de “espera”, realizada individualmente ou em dupla, também é conhecida entre os caçadores como “garapa”, “bebida” ou “pastora”. Inicialmente, o caçador constrói uma

estrutura de espera, feita com galhos e ramos, posicionando-a próximo a uma “bebida”, pequenos reservatórios de água, temporários ou permanentes, formados pelo represamento de águas pluviais (Figura 5). Esses locais atraem diversos animais em busca de água.

A espera também pode ser instalada em áreas com abundância de espécies vegetais como marmeleiro (*Croton sonderianus*), velame (*Croton* sp.), pinhão (*Jatropha mollissima*) e muçambê (*Cleome spinosa*), cujas sementes são consumidas por aves como a ribaçã (*Zenaida auriculata*) e rolinhas (*Claravis pretiosa*, *C. picui*, *C. minuta*, *C. squammata* e *C. talpacoti*).

Em regiões com vegetação mais conservada, o caçador pode construir a espera no alto das copas, usando-as como ponto estratégico de observação e disparo. Finalizada a estrutura, o caçador permanece camuflado e em silêncio, aguardando os animais. O abate é feito com armas de fogo, geralmente espingardas, de dois tipos: de cartucho ou chumbeira (também chamadas de “bate-bucha” ou “soca-soca”).

Os animais mais frequentemente caçados por essa técnica são aves de hábito diurno, como a rolinha-vermelha (*Columbina talpacoti*), a rolinha-cascavel (*C. squammata*), a ribaçã (*Z. auriculata*), a codorniz (*Nothura* sp.) e a juriti (*Leptotila* sp.). No entanto, caçadores relatam que, ocasionalmente, outras espécies que se aproximam da espera também são abatidas, incluindo aves menores e pequenos mamíferos, dependendo das circunstâncias e da disponibilidade de presas no momento da caçada.

Redes

As redes são usadas tanto na captura de aves para criação como pets, quanto na obtenção de exemplares para consumo de carne ou para o aproveitamento de subprodutos na medicina tradicional. Adaptadas de redes de pesca, geralmente possuem malhas de cerca de 10 mm (Figura 6). Sua instalação envolve a fixação de três ou quatro troncos de madeira, que sustentam a rede ao redor de poças d’água em leitos de rios ou açudes parcialmente secos, locais onde bandos de aves, em busca de água, acabam presas nas malhas. Entre as espécies capturadas, destacam-se aves do gênero *Sporophila*, canários (*Sicalis* sp.), o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*) e, sobretudo, diversas rolinhas (Columbidae), que formam bandos numerosos durante o forrageamento e a busca por água.

Figura 5. Espera, estratégia de caça utilizada por caçadores do semiárido paraibano direcionada a aves e mamíferos. Fotos: Wedson M. S. Souto.



Diferentemente de outras armadilhas, as redes estão associadas a uma tática de espera e exigem a presença constante do caçador durante grande parte do tempo em que permanecem montadas. Isso porque a demora na retirada das aves pode causar morte imediata, lesões graves (que inviabilizam a manutenção em cativeiro, especialmente quando destinadas ao mercado de aves de estimação) ou ainda resultar em predação por outros animais. Além disso, ferimentos podem favorecer infecções secundárias, comprometendo a sobrevivência das aves mesmo após o resgate.

Um tipo específico de armadilha em rede é a popular "rede-de-molde". Embora muitas sejam industrializadas, também é comum sua confecção artesanal. A estrutura é formada por duas armações retangulares, de madeira ou metal, cada uma sustentando uma rede. As partes são conectadas por um sistema de molas, que funciona como disparador por pressão. Quando acionado, o dispositivo se fecha rapidamente, capturando no interior da armadilha aves como marrecas, patos ou pássaros canoros.



Figura 6. Redes - estratégia de caça utilizada por caçadores do semiárido paraibano na captura de aves. À esquerda: rede montada em um ponto de "bebida"; à direita, no topo: caçador montando a armadilha; à direita, abaixo: exemplar capturado, a rolinha-branca (*Columbina picui*). Fotos: Wedson M. S. Souto.

Esse tipo de armadilha é comumente usado para capturar espécies como a marreca-toicinho (*Dendrocygna viduata*), o pato-de-bico-roxo (*Netta erythrophthalma*) e o paturi (*Amazonetta brasiliensis*). Para atrair as aves, utiliza-se arroz em palha como isca, posicionado próximo a açudes, lagoas ou outras áreas aquáticas frequentadas por essas espécies. Uma versão menor da armadilha, adaptada em escala reduzida, é frequentemente usada na captura de aves canoras.

Arremedo é o termo usado por comunidades locais para designar a técnica de imitação do canto das aves com o objetivo de atraí-las e abatê-las (Figura 7). É uma prática direcionada principalmente à captura de aves, que exige do caçador um profundo conhecimento da ecologia das espécies-alvo, especialmente sobre o período reprodutivo e os padrões de vocalização.

A técnica é geralmente realizada durante a época reprodutiva, quando as aves estão mais responsivas a estímulos sonoros relacionados à reprodução. O caçador reproduz os cantos (prática conhecida localmente como “arremedar”) utilizando um instrumento chamado arremedo, um tipo de apito capaz de emitir sons semelhantes aos vocalizados pelas aves. Esses apitos podem ser comprados em feiras livres ou confeccionados artesanalmente com materiais como embalagens plásticas, tubos metálicos ou frascos de vidro. Em alguns casos, o caçador utiliza apenas os próprios lábios e boca para imitar o canto, dispensando instrumentos.

A prática envolve adentrar a mata, localizar o canto de uma ave de interesse e, ao se aproximar, imitar seu canto. A resposta da ave, interpretando o som como um competidor (no caso de machos) ou um parceiro reprodutivo (no caso de fêmeas), faz com que ela se aproxime, facilitando a captura ou o abate. Além de reconhecer os cantos específicos de cada espécie, os caçadores desenvolvem uma notável percepção auditiva, sendo capazes de distinguir variações sutis entre o canto de machos e fêmeas, um conhecimento transmitido entre gerações pela prática contínua.

Os animais mais comumente caçados por meio da técnica de arremedo são aves, com destaque para lambus (*Crypturellus* sp.), juritis (*Leptotila* sp.), seriemas (*Cariama cristata*), codornas (*Nothura* sp.), ribaçãs (*Z. auriculata*) e diversas espécies de rolinhas (*Columbina* sp.). No entanto, muitas outras aves podem ser capturadas, dependendo da habilidade do caçador e da vocalização utilizada.

Além das aves, alguns caçadores relataram o uso de arremedos para atrair pequenos mamíferos, como o mocó (*Kerodon rupestris*), utilizado como fonte de alimento. Em certos casos, os caçadores imitam vocalizações de aves para atrair predadores, como a raposa (*Cerdocyon thous*), que se aproxima ao ouvir sons associados a presas. A raposa é frequentemente caçada por predação de animais domésticos, como galinhas (*Gallus domesticus*) e galinhas-d’angola (*Numida meleagris*).



Figura 7.

Arremedo. No topo: ilustração de caçador utilizando arremedo para atração de aves (Fonte: Alves et al., 2009); abaixo: exemplos de arremedos (apitos), da esquerda para a direita: para rolinhas (*Columbina* sp.), para lambus (*Nothura* sp. e *Crypturellus* sp.) e para juritis (*Leptotila* sp.).

Caça de perseguição com uso de cães

A caça com cães pode ser realizada individualmente ou em grupo, geralmente com um ou dois cachorros treinados especificamente para essa atividade (Figura 8). Essa modalidade ocorre principalmente à noite, tendo como alvos principais mamíferos de médio porte, como tacaca (*Conepatus semistriatus*), tatu-verdadeiro (*Dasyopus novemcinctus*), tatu-china (*Dasyopus septemcinctus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) e tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). Os cães são usados para farejar, perseguir e encurralar as presas, facilitando o abate.

Além disso, são empregados em caçadas diurnas de lambus (*Crypturellus* sp.), nas quais apenas cães perdigueiros são considerados bons farejadores. Esses animais são treinados para localizar e afugentar o lambu, permitindo ao caçador atirar no momento da decolagem. Após o disparo, o cão recupera a presa abatida. Para o treinamento dos chamados "lambuzeiros", utiliza-se uma bola de tecido recoberta por penas de lambu, estimulando o comportamento de caça. Durante a caça com cães, os caçadores adentram áreas de vegetação mais preservada, geralmente regiões montanhosas, onde há maior abundância de fauna silvestre. A movimentação segue trilhas previamente conhecidas, facilitando a orientação no terreno. A caçada é liderada pelos cães, que, com seu olfato aguçado, seguem os rastros da presa, acompanhados de perto pelos caçadores.

A atividade exige bom preparo físico, pois muitas vezes é necessário percorrer longas distâncias em terrenos irregulares. Alguns caçadores preferem uma abordagem mais estratégica, permanecendo em locais fixos, enquanto os cães localizam e acuam a presa em tocas ou abrigos naturais. Latidos intensos indicam a localização da presa, e os caçadores então iniciam a escavação com pás e enxadas, podendo utilizar também um gancho de ferro artesanal para remoção do animal. Em certas ocasiões, os cães chegam a matar a presa antes que ela se refugie. O treinamento dos cães geralmente é feito pelo próprio caçador, que os leva à mata ainda filhotes para que aprendam observando cães mais experientes, num processo de aprendizagem por imitação. Outras estratégias incluem o estímulo ao faro com o uso de animais silvestres mantidos em cativeiro, como



Figura 8. Caça com cães. À esquerda: caça diurna com cães para captura de tejus (*Salvator merianae*); ao centro: exemplar de teju capturado por cães durante a caça; à direita: caça noturna de tatus, com um tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) capturado por cão de caça treinado. Fotos: Wedson M. S. Souto.

tatus criados para engorda, usados como alvos de treino. Alternativamente, alguns caçadores optam por comprar cães já treinados, cujo alto valor comercial reflete sua eficácia.

Rastreamento

Praticada por um número mais restrito de caçadores, a técnica de rastreamento baseia-se na identificação e interpretação de rastros deixados pelos animais no solo, permitindo que o caçador siga os vestígios até localizar a presa, que é abatida assim que encontrada. Essa estratégia é especialmente utilizada para a captura de predadores que causam prejuízos a criações domésticas e lavouras, como os gatos-do-mato (*Leopardus tigrinus* e *Puma yagouaroundi*) e a raposa (*Cerdocyon thous*). Além desses, alguns répteis, como os tejus (*Salvator merianae*), e mamíferos, como o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) e o tacaca (*Conepatus semistriatus*), também têm seus rastros reconhecidos por caçadores experientes, que utilizam esse conhecimento como ferramenta fundamental na localização das presas (Figura 9).

Os caçadores rastreadores demonstram amplo conhecimento sobre os hábitos das espécies-alvo. Segundo relatos do semiárido paraibano, o gato-do-mato-pintado (*Leopardus tigrinus*) é noturno, repousando durante o dia à sombra de facheiros (*Cereus* sp.) e outras plantas típicas, saindo ao anoitecer para caçar. Já o gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), também chamado de "gato-do-mato-azul" ou "vermelho", é diurno e um dos principais predadores de criações domésticas.



Caçadores relatam que, após matar uma presa, o gato-do-mato costuma enterrar parte da carcaça para consumir depois. Esse comportamento é interpretado como evidência da presença do felino, e emboscadas são montadas próximas à carcaça, facilitando o abate no retorno do animal. Muitos dos animais rastreados são consumidos, como o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) e a tacaca (*Conepatus semistriatus*), incluindo pequenos felinos.

Algumas partes desses animais, como gordura e órgãos, são utilizadas na medicina

Figura 9. Rastreamento. No topo: caçador em busca de rastros de tatus; abaixo: rastro de tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*). O rastreamento é útil tanto para a caça ativa com armas de fogo quanto para a seleção de locais para instalação de armadilhas. Fotos: Wedson M. S. Souto.

tradicional local, com destaque para tacaca, raposa (*Cerdocyon thous*) e tatu-peba.

Facheado

O facheado é uma técnica tradicional usada na captura de aves canoras, posteriormente mantidas em cativeiro como animais de estimação. A prática ocorre à noite, quando caçadores percorrem a mata com lanternas, ofuscando a visão das aves enquanto repousam nos ninhos (Figura 10). Com a visão comprometida, as aves não conseguem voar, facilitando a captura manual.

Entre as espécies mais capturadas destacam-se o concriz (*Icterus jamacaii*), o azulão (*Cyanoloxia brissonii*), o pinta-silva (*Sporophila yarrellii*), o golado (*Sporophila albogularis*) e o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*). Também há relatos de captura de rolinhas (*Columbina* spp.), destinadas tanto ao consumo quanto à criação.

Além das aves, em algumas áreas do semiárido paraibano e de outras regiões do Nordeste, o facheamento é usado na caça de mocós (*Kerodon rupestris*), geralmente com espingardas do tipo chumbeira. Os caçadores iluminam colônias de mocós em rochedos ou cavernas; ao serem ofuscados, os animais ficam imóveis, tornando-se alvos fáceis.



Figura 10. Facheado: estratégia de caça utilizada por caçadores do semiárido paraibano, direcionada à captura de aves. À esquerda: caçador ofuscando uma rolinha (*Columbina talpacoti*); à direita: a ave ofuscada, momentos antes do abate. Fotos: Wedson M. S. Souto.

Caça de tatus com uso de água, gás ou fumaça

Essa técnica é direcionada à captura de tatus, especialmente durante a estação chuvosa, quando o solo úmido facilita a inundação das tocas. O processo geralmente começa com a localização da toca pelo cachorro de caça, que a indica por meio do faro. Uma vez identificada, o caçador despeja água no interior, provocando a saída do animal para evitar o afogamento (Figura 11). Além da água, alguns caçadores utilizam gás de cozinha: uma mangueira conectada ao botijão é inserida na toca, liberando o gás que força o tatu a emergir, onde é capturado manualmente ou por meio de armadilhas previamente posicionadas.



Figura 11.

Caça de tatus com gás de cozinha, à esquerda; e com técnica de afogamento, à direita. Fonte: adaptado de Alves et al. (2009).

Outra variação é o uso de fumaça, produzida pela queima de folhas secas ou outros materiais vegetais, direcionada para dentro da toca como estímulo aversivo. Em todas as modalidades, o conhecimento sobre o comportamento e os refúgios do tatu é essencial para o sucesso da captura.

Coleta no ninho

A coleta de aves diretamente dos ninhos é uma técnica voltada à captura de filhotes, principalmente para torná-los animais de estimação. Essa prática é comum em várias regiões da América do Sul, como relatado por Vanstreels et al. (2010), sendo frequente no comércio e criação doméstica de aves canoras e psitacídeos. Em geral, é uma técnica oportunista, usada quando o caçador encontra um ninho acessível.

Para certas espécies, é relatada pelos caçadores como a única forma viável de captura durante a reprodução, como o carcará (*Caracara plancus*), pega-pinto (*Ictinia plumbea*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), gavião-caboclo (*Heterospizias meridionalis*), periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*) e paxicu (*Forpus xanthopterygius*). Quando adultos, esses animais têm dificuldade de adaptação ao cativeiro e à alimentação. Psitacídeos adultos raramente imitam sons ou a voz humana, habilidade valorizada no ambiente doméstico, limitação também observada por Gobbi et al. (1996). As espécies *E. cactorum* e *F. xanthopterygius* que nidificam em ocos ou cupinzeiros, são capturadas ainda filhotes por duas estratégias principais: 1) derrubada da árvore com o ninho, quando há dificuldade de acesso; 2) alargamento da entrada do ninho com ferramentas, para retirada manual dos filhotes. Ambos os métodos são altamente destrutivos, pois inutilizam o ninho e comprometem o sucesso reprodutivo da população local.

Tingui

O tingui é uma solução tóxica feita com cascas da mandioca brava (*Manihot* sp.), rica em ácido cianídrico (HCN), composto altamente tóxico (Nassar e Suzette, 1978). Esta é uma técnica de caça popular em áreas do semiárido, usada principalmente para capturar

rolinhas (*Columbina* spp.) para consumo ou criação como pet. Também é aplicada na captura de outras aves silvestres de valor cinegético.

A preparação tradicional do tingui consiste em deixar cerca de 300g de cascas de mandioca brava em 1 litro de água por 48h. Para reduzir sua letalidade, a solução é diluída com 5 a 6 partes de água. Em seguida, é despejada em poças, cacimbas ou bebedouros usados por aves. A técnica é parcialmente ativa, exigindo que o caçador aguarde, oculto, a aproximação das aves. Após ingerirem o líquido, elas ficam fracas e desorientadas, facilitando a captura manual. Mesmo diluído, o tingui provoca alta mortalidade entre os passeriformes, segundo relatos de caçadores.

Caça com estilingues (baladeiras)

No semiárido paraibano, estilingues são chamados de baladeiras ou balinheiras. São instrumentos artesanais feitos com materiais reutilizados, como borracha de câmara de ar, ligas de soro hospitalar, couro e forquilhas de madeira de plantas nativas ou exóticas. As baladeiras são utilizadas principalmente para abater aves como rolinhas (*Columbina* spp.), avoantes (*Z. auriculata*), passeriformes e, ocasionalmente, jacus (*Penelope* spp.). Também podem atingir pequenos mamíferos (mocós e preás) e répteis como iguana-verde (*Iguana iguana*) e bico-doce (*Ameiva ameiva*).

Apesar de sua ampla difusão histórica, atualmente é considerada uma prática rara entre adultos, segundo relatos dos próprios caçadores locais. A técnica persiste entre jovens, funcionando como iniciação à caça, muitas vezes associada ao aprendizado e à familiarização com o ambiente natural e com as estratégias de captura de pequenos animais.

Coleta manual direta

A coleta manual direta é usada na captura de algumas espécies da herpetofauna, principalmente para fins alimentares ou medicinais. É uma técnica diurna, baseada na busca ativa de animais em locais onde são abundantes. Costuma ser aplicada a espécies de baixa locomoção que vivem em áreas abertas, facilitando sua captura sem armadilhas. São comumente coletados a iguana-verde (*Iguana iguana*), jibóia (*Boa constrictor*),



Figura 12. Uso de baladeiras na caça de aves, pequenos mamíferos e répteis. Foto: Wedson M. S. Souto.

(*Chelonoidis carbonaria*), além de quelônios aquáticos como *Mesoclemmys tuberculata* e *Phrynops tuberosus*. Também é usada para coletar a rã *Leptodactylus vastus* A. Lutz, 1930, consumida e usada na medicina tradicional por algumas comunidades.

Figura 12. Captura manual. No semiárido paraibano, espécies como a rã *Leptodactylus vastus* são capturadas diretamente, apenas sendo localizadas em seu habitat natural, sem uso de técnicas elaboradas. Foto: Wedson M. S. Souto.



Técnicas passivas de caça

Diversas espécies de animais silvestres são capturadas por meio de armadilhas, que constituem técnicas passivas de caça, isto é, dispositivos instalados no ambiente que operam de forma autônoma, sem a necessidade de vigilância constante por parte do caçador. As armadilhas registradas no estado da Paraíba incluem: anzóis, quixó, arapuça, arataca, gaiola, alçapão, "sangra" e fojo.

Anzóis

Nesta técnica, utiliza-se um anzol comum de pesca adaptado para capturar animais terrestres. O anzol é preso a uma linha e amarrado a um galho, ficando suspenso cerca de 20 cm do chão (Figura 13). Uma isca atrativa, geralmente carne, vísceras ou vegetais, é fixada ao gancho. É usada principalmente para capturar tatus (*Dasypus* spp., *Euphractus sexcinctus*) e grandes lagartos como o tejuçu (*Salvator merianae*). Ao tentar comer a isca, o animal se fere ou fica preso, aguardando a chegada do caçador. Apesar de eficaz, a técnica levanta questões sobre o bem-estar animal devido aos ferimentos e sofrimento prolongado, além de implicações legais quanto ao uso de métodos de captura em fauna silvestre.



Figura 13. Anzol, armadilha usada por caçadores do semiárido paraibano para capturar mamíferos e tejuacús (*Salvator merianae*). Fonte: Alves et al. (2009).

Quixó

O quixó é uma armadilha artesanal feita com uma pedra plana, de tamanho variável conforme o porte do animal a ser capturado. A pedra é sustentada por varetas de madeira articuladas que formam um gatilho em forma de "4" (Figura 13). De origem atribuída a povos indígenas, é uma das técnicas de caça passiva mais antigas das Américas. Por ser amplamente difundida, não se sabe se surgiu em um único grupo étnico ou foi desenvolvida de forma independente por diferentes povos.

Para atrair a presa, caçadores usam iscas naturais como sementes, frutas ou alimentos da dieta do animal-alvo. Ao tocar o suporte enquanto se alimenta, o animal aciona o gatilho, fazendo a pedra cair abruptamente, causando imobilização ou morte.

Os principais animais capturados com o quixó são preás (*Galea spixii*) e mocós (*Kerodon rupestris*). A armadilha também é eficaz para pequenos mamíferos, algumas aves e répteis maiores, como o tejuacu (*Salvator merianae*). Em casos específicos, caçadores relataram o uso de quixós mais robustos para capturar até felinos silvestres de pequeno porte, como os gatos-do-mato (*Leopardus spp.*), mostrando a versatilidade da técnica conforme seu tamanho e resistência.



Figura 13. Quixó, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano para captura de mamíferos. Foto: Wedson M. S. Souto.

Arataca

A arataca é uma armadilha metálica com uma base circular e duas alças articuladas que se fecham sob pressão (Figura 14). No centro do dispositivo é colocada uma isca (como fruta, ovo, cabeça de galinha, milho ou farelo) é colocada no centro. Ao pisar na base, o animal aciona o mecanismo, ficando preso pela pata.

É amplamente usada na zona rural para capturar carnívoros silvestres que ameaçam criações ou plantações, como o gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*, *Puma yagouaroundi*) e a raposa (*Cerdocyon thous*). Trata-se de uma armadilha não seletiva, podendo capturar acidentalmente outras espécies, como seriema (*Cariama cristata*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), teju (*Salvator merianae*), furão (*Galictis vittata*) e timbu (*Didelphis albiventris*), além de animais domésticos.



Figura 14. Arataka, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano para captura de mamíferos. À esquerda, arataka armada com *E. sexcinctus* capturado e, à direita, desarmada. Foto: Fabiano Nóbrega.

Gaiola para captura de tatus

A gaiola, também chamada de cachorro de arame, jejeré ou jequi, é amplamente usada para a captura de tatus-peba (*Euphractus sexcinctus*) e tatus-verdadeiros (*Dasyus novemcinctus*), podendo servir para outras espécies. É feita de ferro ou arame, com formato cilíndrico e uma única abertura com porta que se fecha automaticamente (Figura 15).

Esse tipo de armadilha é usada especialmente quando o animal está entocado, dificultando a captura manual. A gaiola é colocada na entrada da toca e deixada até que o animal, ao sair, seja capturado. O caçador costuma retornar no dia seguinte para verificar o resultado. A principal vantagem dessa técnica é poupar tempo e esforço, já que o caçador não precisa cavar para retirar o animal. A armadilha também permite manter o tatu vivo após a captura, prática comum em algumas regiões. Nesses casos, o animal é levado para casa e colocado para "cevar" (mantido em cativeiro e alimentado para engorda antes do abate). Esse hábito é especialmente comum com o peba (*Euphractus sexcinctus*), espécie apreciada por sua carne e mantida viva por dias ou semanas antes do consumo.



Figura 15. Gaiola, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano para captura de tatus. À esquerda, gaiola armada com tatu capturado; à direita, tatu capturado.

Arapuca

A arapuca é uma armadilha tradicional para captura de aves silvestres, geralmente em formato piramidal, embora existam versões cúbicas menos comuns. É feita com varetas de madeira unidas por barbante ou arame, formando uma estrutura leve. Um dos lados fica suspenso por um sistema de varetas articuladas, e grãos de milho ou outras iscas são colocados na base (Figura 16).

Essa armadilha é geralmente armada em locais de passagem ou alimentação de aves. Quando a ave se aproxima para consumir a isca e toca inadvertidamente a vareta de sustentação, o mecanismo é acionado, fazendo com que a estrutura caia e a mantenha presa até a chegada do caçador. O tamanho da arapuca pode variar, possibilitando a captura de um ou mais indivíduos simultaneamente. É usada para captura de aves como ribaçãs, rolinhas, galinhas-d'água, e também espécies maiores, como seriema (*Cariama cristata*) e jacu (*Penelope* spp.).

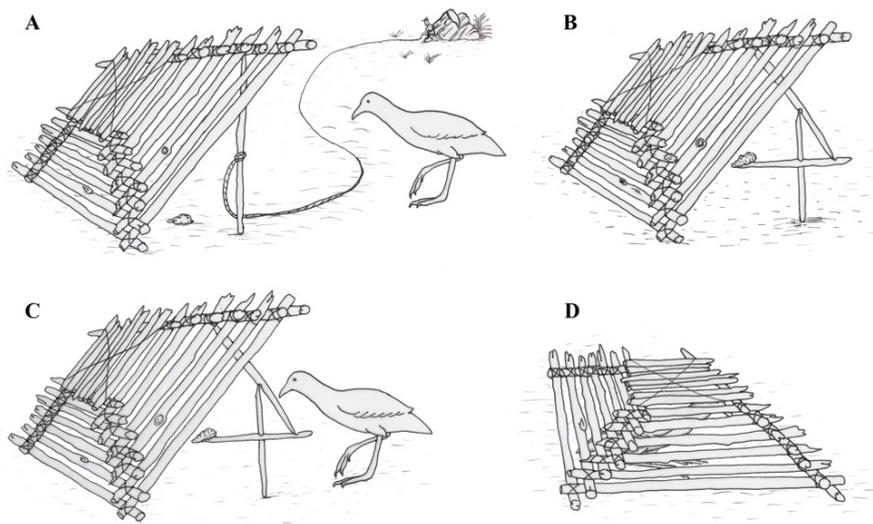


Figura 16. Arapuca, armadilha utilizada por caçadores para captura de aves cinegéticas. (A) e (B) Arapuca pronta para ser usada. (C) Presa atraída pela isca. (D) Presa aprisionada pela Arapuca. Ilustrações: Washington Vieira.

Alçapão

Também chamado de “assaprão” ou “gaiola pegadeira”, o alçapão é uma gaiola com até seis compartimentos. No centro, coloca-se um pássaro campeador (de canto forte) para atrair outros (Figura 17). Segundo caçadores, é uma das técnicas mais eficazes para capturar aves das famílias Thraupidae (canoras), Turdidae (sabiás), Icteridae (japus e concrizes) e Columbidae (rolinhas e avoantes). A gaiola é levada a campo aberto, onde o canto do campeador atrai os machos defensores de território, que acabam presos. Além

disso, também se usam fêmeas como isca. Assaprões e escoredeiras são consideradas as técnicas mais eficientes de captura de aves canoras, por combinarem duas formas principais de iscagem: (1) por alimento (milho, xerém, frutas) e (2) por atração de outra ave.



Figura 17. Alçapão, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano para captura de aves silvestres. Foto: Wedson M. S. Souto.

Sangra

Muito usada no Nordeste para capturar avoantes (*Zenaida auriculata*), a sangra é uma armadilha feita com varas, lembrando uma pirâmide sem ápice (Figura 18). A sangra possui uma ou mais portinholas em forma de pente, que permitem a entrada das aves atraídas por milho ou outra isca, mas impedem a saída. No semiárido paraibano, também é usada na captura de asa-branca (*Patagioenas picazuro*), rolinhas e marrecavermelha (*Dendrocygna viduata*). O número de aves capturadas varia conforme o tamanho da armadilha.



Figura 18. Sangra, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano direcionada a captura de aves. Fotos: Dandara M. M. S. Q. Bezerra.

Fojo

O fojo é uma armadilha artesanal construída com materiais simples, como madeira e latas reutilizadas, usada por caçadores do semiárido para a captura de animais silvestres de pequeno e médio porte (Figura 19). É comum na captura de tatu-peba (*Euphractus*

sexcinctus), tatu-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*) e preá (*Galea spixii*), e ocasionalmente aves como lambus e codornizes (*Crypturellus* spp., *Nothura* spp.).

A armadilha consiste em uma cova escavada no solo com uma lata vazia e uma tampa articulada. Ao pisar sobre a tampa, o animal aciona o mecanismo, caindo na armadilha que, em seguida, se fecha. São usadas iscas como frutas, folhas, sementes ou ovos, conforme a espécie-alvo. O fojo é versátil, mas pode capturar acidentalmente animais indesejados, como serpentes e timbus (*Didelphis albiventris*), exigindo cautela no momento da inspeção da armadilha.



Figura 19. Fojo, armadilha utilizada por caçadores do semiárido paraibano direcionada à captura de mamíferos e aves cinegéticas. À esquerda, fojo armado; à direita, detalhe da tampa do fojo e de presa capturada, neste caso um preá *Galea spixii*. Fotos: Wedson M. S. Souto.

Visgo

O visgo é uma técnica de captura de aves que usa uma substância adesiva aplicada em galhos ou varetas fixadas em locais estratégicos. Ao pousar, a ave fica presa pelas patas e penas, o que impede o voo e facilita a captura (Figura 20). É amplamente usada por passarineiros, indivíduos especializados na captura e comércio de aves, especialmente as canoras.

O visgo industrial é pouco usado devido ao custo (Gama e Sassi, 2008). É comum o preparo artesanal com seiva de jaqueira (*Artocarpus* sp.), mangabeira (*Hancornia speciosa*) e, às vezes, casca de cajueiro-vermelho (*Anacardium occidentale*), que escurece a mistura. Também se usa cola branca, mel e látex de faveleira (*Cnidioscolus phyllacanthus*), produzindo uma substância de alta aderência.

O visgo pode prender aves até de médio porte. Quanto mais a ave tenta escapar, mais presa fica, exigindo intervenção rápida para evitar morte por exaustão ou asfixia. A técnica é usada junto a armadilhas como a "gaiola casada" (ou alçapão), onde o visgo é aplicado em um galho posicionado ao lado da gaiola que contém um pássaro chamariz. É voltada à captura de aves canoras com valor comercial, como o galo-de-campina (*Paroaria dominicana*), azulão (*Cyanoloxia brissonii*) e canário-da-terra (*Sicalis flaveola*).

Figura 20. Visgo usado na captura de aves silvestres para estimação. Na imagem, visgo (seiva de jaqueira, círculo vermelho) em galho preso à gaiola com pássaro-chamariz. Foto: Wallisson Syllas Luna de Oliveira.



Gaiolas para carnívoros

Essas gaiolas são usadas para a captura de carnívoros silvestres como *Leopardus tigrinus*, *Puma yagouaroundi* e *Cerdocyon thous*. São estruturas retangulares feitas com madeira ou vergalhões de ferro (Figura 21), com porta tipo guilhotina acionada por gatilho. Na parte traseira, há um compartimento com isca viva (geralmente uma galinha) para atrair o animal. Esse tipo de armadilha é comum em áreas rurais, especialmente para capturar gatos-do-mato e raposas que atacam criações domésticas.



Figura 21. Gaiola para carnívoros usada por caçadores do semiárido paraibano. À esquerda, parte superior; à direita, porção anterior. Créditos: Wedson M. S. Souto.

Laço

Armadilha usada na captura de carnívoros silvestres como *Leopardus tigrinus*, *Puma yagouaroundi* e *Cerdocyon thous*. É feita com uma corda e um aro circular de galhos entrelaçados, com uma abertura na base. Nela, insere-se uma vareta com isca (cabeça de galinha ou carne), que se conecta a um mecanismo articulado. A vareta é conectada a um mecanismo articulado que aciona a armadilha. Uma corda, amarrada a esse sistema, é fixada em um galho resistente e mantida sob tensão. Em sua extremidade livre, é feito

um nó corredio (laço), posicionado sobre a estrutura de madeira da armadilha (Figura 22). A armadilha é ancorada ao solo por meio de uma estaca. Quando o animal coloca a cabeça no interior da estrutura para alcançar a isca, o sistema de varetas é acionado, liberando o laço, que se fecha ao redor do pescoço do animal.

A captura pode resultar na morte do animal por estrangulamento ou deslocamento cervical, mas alguns animais sobrevivem até a chegada do caçador. Para evitar que o animal consiga romper a corda com mordidas, usa-se um tubo fino de PVC no laço. A armadilha não é seletiva, podendo capturar também animais domésticos ou não cinegéticos.

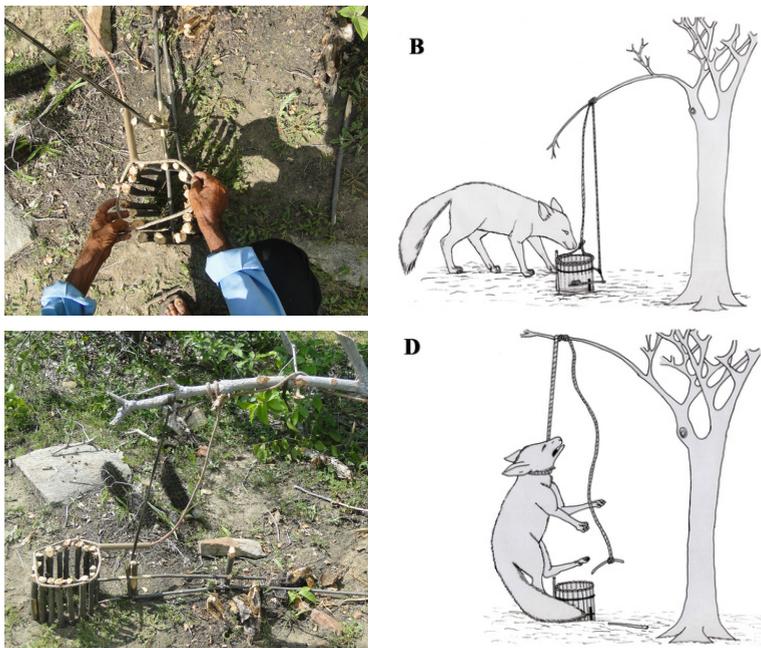


Figura 22. Laço, armadilha usada por caçadores do semiárido paraibano na captura de carnívoros. À esquerda, no topo, preparação da armadilha; à esquerda, abaixo: armadilha armada; à direita, no topo: *Cerdocyon thous* atraído pela isca ao centro do laço; à direita, abaixo: animal estrangulado pelo laço. Fotos: Wedson M. S. Souto; Ilustrações de Washington Vieira para Alves et al. (2009).

Armadilha "latinha"

Utilizada na captura do tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), especialmente em áreas agrícolas ou próximas a tocas ativas. É feita com latas metálicas (800g), um cabo de arame e uma isca. Uma ponta do arame é fixada no fundo da lata; a outra é presa a arbustos, troncos ou pedras, para evitar fuga e perda da armadilha (Figura 23).

A técnica é seletiva quanto ao estágio de vida. Tatus adultos entram para pegar a isca, mas não conseguem sair: as cintas móveis da carapaça batem nas bordas da lata ao tentarem recuar, impedindo a saída.

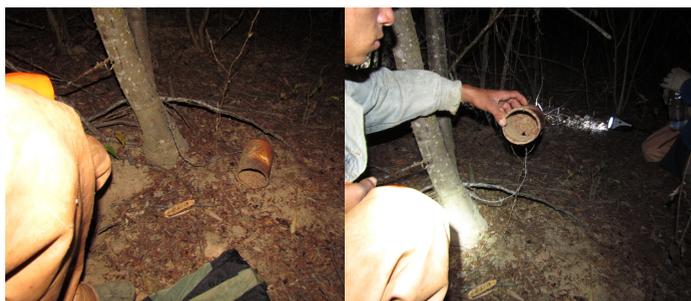


Figura 23. Armadilha “latinha”. À esquerda, latinha armada, mas sem isca, indicando uso anterior; à direita, vista frontal da armadilha presa por arame a uma árvore. Fotos: Wedson M. S. Souto.

Forquilha

A armadilha “forquilha” é usada para capturar aves de rapina como o gavião-peneira (*Elanus leucurus*) e a águia-torona (*Geranoaetus melanoleucus*). É composta por três varas pontiagudas inclinadas e parcialmente enterradas no solo, formando um triângulo irregular com abertura central. No centro, sob as varas, coloca-se uma galinha viva, presa por cordões a uma barra de ferro ou pedra, servindo como isca. As varas são camufladas com folhas da vegetação local para dificultar sua visualização.

Segundo caçadores, o objetivo é ferir, matar ou dificultar a fuga da ave ao tentar capturar a isca. As pontas das varas atuam como barreiras físicas que podem ferir ou dificultar o voo das aves ao tentarem se afastar da isca. Em algumas situações, o caçador também permanece em espera nas proximidades, munido de arma de fogo, para abater a ave assim que ela desce sobre a presa.

Considerações finais

A diversidade de técnicas de caça e captura de animais silvestres no semiárido paraibano reflete tanto heranças culturais profundas quanto adaptações locais aos desafios ambientais. Muitas dessas estratégias remontam a saberes tradicionais dos povos nativos, enquanto outras foram incorporadas após o processo de colonização europeia, como o uso de armas de fogo e cães de caça.

Apesar de apresentarem distintos graus de seletividade, essas técnicas mostraram-se eficazes na obtenção de animais e seus subprodutos para múltiplos fins, evidenciando o papel central que a fauna exerce nas práticas e modos de vida das populações locais. Em um cenário marcado por mudanças climáticas e acelerada perda de biodiversidade, compreender as formas pelas quais as comunidades interagem com a fauna silvestre é essencial para a formulação de políticas públicas mais justas, culturalmente sensíveis e ecologicamente sustentáveis.

Tradicionalmente associadas a áreas rurais e comunidades isoladas, tais práticas de caça têm se popularizado também entre residentes urbanos. Esse processo é impulsionado por transformações econômicas, demográficas e territoriais, além da adoção de novas tecnologias, como smartphones e motocicletas, que ampliam o alcance espacial e a frequência das atividades cinegéticas. Como resultado, os impactos sobre a fauna podem ser hoje mais intensos do que nas décadas anteriores.

A caça durante os períodos reprodutivos representa uma ameaça adicional à sustentabilidade das populações silvestres. A remoção de fêmeas ou de indivíduos responsáveis por cuidados parentais compromete diretamente o recrutamento de novas gerações, podendo levar à redução populacional acentuada, especialmente em espécies de baixa taxa reprodutiva. Além disso, o estresse causado pela presença de caçadores ou pelo uso de armadilhas pode interferir no comportamento reprodutivo de diversas espécies, levando ao abandono de ninhos, tocas ou filhotes. No semiárido, onde os ciclos reprodutivos de muitos vertebrados estão sincronizados com os períodos chuvosos, quando há maior disponibilidade de recursos, a intensificação da caça nesses momentos críticos acarreta efeitos severos sobre a fauna. A ausência de regulamentações específicas ou o descumprimento de defesos reprodutivos agrava ainda mais esse cenário, tornando urgente a implementação de medidas de proteção sazonal como instrumento essencial para a conservação da biodiversidade local.

Um dos grandes desafios para a gestão ambiental no semiárido consiste em mitigar os impactos negativos da caça, restringindo sua prática a contextos de subsistência real. Para isso, é necessário um esforço articulado entre fiscalização, e valorização dos saberes locais, reconhecendo que a conservação da fauna deve caminhar em diálogo com as dinâmicas socioculturais dos territórios onde ela ocorre.

PARTE II



CASCVEL

Crotalus durissus

Foto: Gentil A. Pereira-Filho

CAPÍTULO 4

Sobre o catálogo

O **Catálogo Etnozoológico do Estado da Paraíba** foi cuidadosamente elaborado para apresentar informações sobre espécies da fauna associadas ao conhecimento, uso e manejo por populações humanas no estado. Para tornar a leitura mais fácil e completa, a distribuição das informações segue um padrão geral. A parte II do catálogo encontra-se dividida em quatro capítulos, correspondendo aos quatro grupos de vertebrados terrestres, seguindo a sequência: mamíferos, répteis, anfíbios e aves.

Cada página do catálogo traz uma ficha individual da espécie. No topo da página, você encontrará a classificação taxonômica da espécie, da seguinte forma: Ordem - Família.

Ordem Crocodylia - Família Alligatoridae

Logo abaixo, apresenta-se o nome popular pelo qual a espécie é conhecida no estado, seguido de seu nome científico. Em seguida, há uma breve descrição de suas características morfológicas e ecológicas. Abaixo, uma fotografia da espécie é acompanhada de uma caixa com seu estado de conservação e um mapa destacando os municípios paraibanos onde sua ocorrência foi registrada. Por fim, a ficha traz uma nota etnozoológica, descrevendo os tipos de conhecimento, uso e manejo atribuídos pelas comunidades locais a essa espécie.

Nomenclatura zoológica

Os nomes científicos seguem o sistema binomial, com o gênero e o epíteto (nome específico) apresentados em latim, seguidos do nome do autor que descreveu a espécie e do ano da descrição. Esses dois níveis fazem parte da classificação taxonômica, que organiza os seres vivos em grupos hierárquicos maiores, como família e ordem, também indicados na ficha. Essa nomenclatura é padronizada internacionalmente e garante consistência e precisão na identificação das espécies.

Caiman latirostris (Daudin, 1802)

Gênero	Epíteto ou nome específico	Autor	Ano da descrição
--------	-------------------------------	-------	---------------------

Todas as páginas seguem esse mesmo padrão, conforme ilustrado a seguir:

Ordem Crocodylia - Família Alligatoridae

Nome popular: **JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO**
Caiman latirostris (Daudin, 1802)

Nome científico: *Caiman latirostris* (Daudin, 1802)

Classificação taxonômica: Ordem - Família

Características do animal: **Características:** Espécie de porte médio, atingindo até 3,5 m de comprimento, embora raramente ultrapasse 2,0 m. Coloração verde-escura ou acinzentada, com manchas mais escuras na cabeça e pescoço. À medida que envelhece, perde a coloração clara, tornando-se totalmente escuro. Os filhotes são amarelados com manchas pretas na lateral da cabeça. Dorso, cauda e iris esverdeadas. Seu focinho é quase tão largo quanto longo, possuindo crista infra-orbital, duas séries de pós-ocipitais e escudos nucais dispostos em três séries transversais, sendo uma delas formada por quatro escudos.

Estado de conservação:
Brasil: Menos preocupante (LC)
IUCN: Menos preocupante (LC)
CITES: Apêndice II (II)

Mapa de ocorrência da espécie no estado da Paraíba:

Foto do animal:

Informações etnozoológicas:
Nota etnozoológica
 São caçados como fonte de alimento, substituindo a carne de animais domésticos.
 O couro e a gordura são usados em tratamentos terapêuticos para doenças como asma, dor de garganta, reumatismo, problemas na próstata e como amuletos contra picadas de cobra. Dentes também são usados como amuletos, e o couro é usado para confecção de bolsas e cintos.

Mapa de ocorrência no Estado da Paraíba

O mapa apresentado em cada ficha foi elaborado com base em registros de ocorrência da espécie em diferentes municípios da Paraíba. Esses registros foram obtidos pelos autores do catálogo por meio de consultas ao banco de dados do PRONEX-Biodiversidade da Paraíba, um projeto de pesquisa dedicado ao levantamento e sistematização de informações sobre a biodiversidade do estado. Além disso, em alguns casos, foram incorporados registros complementares considerados confiáveis, como dados da literatura científica, fotos de armadilhas fotográficas (camera traps) ou imagens e informações fornecidas por especialistas.



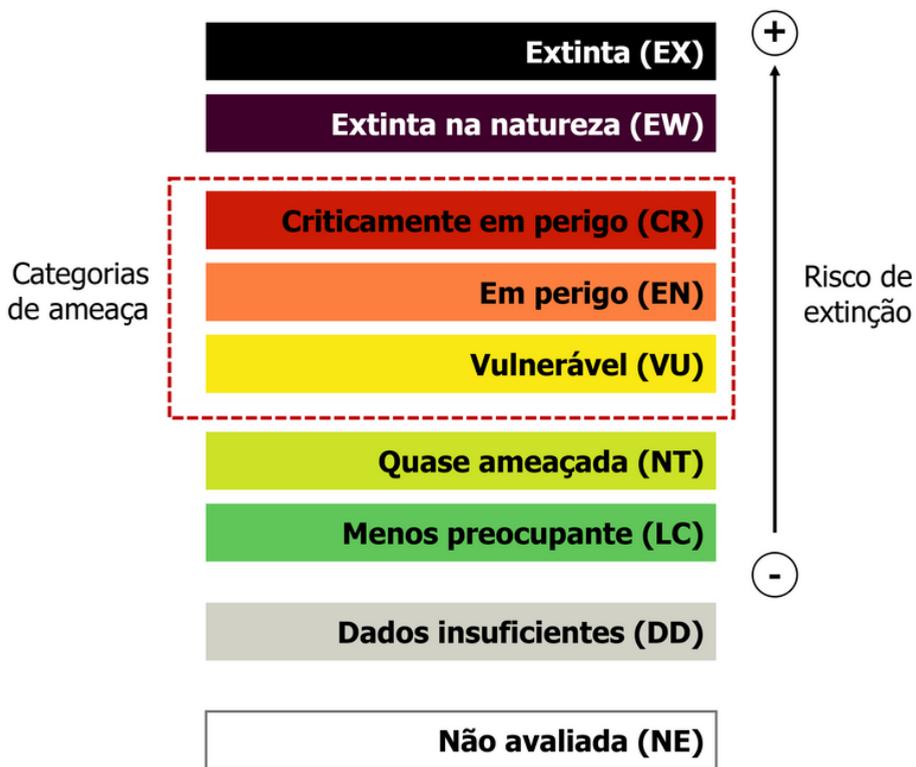
Site do **PRONEX - Biodiversidade da Paraíba:**
www.biodiversidadepb.com.br



Estado de conservação

O estado de conservação indica o nível de risco que uma espécie corre de desaparecer da natureza. Quando uma espécie deixa de existir em seu ambiente natural, dizemos que ela está extinta. Isso pode acontecer por diversos motivos, como a destruição do seu habitat, a caça, a pesca excessiva ou mudanças no ambiente. Neste catálogo, usamos três fontes principais para mostrar o estado de conservação das espécies:

- **IUCN - União Internacional para a Conservação da Natureza:** Organização internacional que classifica as espécies de acordo com o risco de extinção no mundo. Cada categoria é representada por uma sigla e cor, conforme o esquema a seguir:



Site para consultar a lista vermelha de espécies ameaçadas da **IUCN**:
<https://www.iucnredlist.org/>



- **Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção - ICMBio/MMA:** Lista oficial do Brasil de espécies ameaçadas no país. As categorias são semelhantes às da IUCN.



Site do Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade – **SALVE** (ICMBio, 2025):
<https://salve.icmbio.gov.br>



- **CITES - Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção:** Acordo internacional que controla o comércio de animais e plantas silvestres para evitar que fiquem ameaçados. As espécies são listadas em:

Apêndice I – Proibido o comércio internacional
Apêndice II – Comércio controlado
Apêndice III – Proteção solicitada por algum país



Site para consultar os apêndices da **CITES**:
<https://cites.org/eng/app/appendices.php>



Símbolos especiais

Em alguns grupos, utilizamos símbolos especiais para indicar características importantes. No caso das serpentes, um símbolo identifica as espécies de importância médica, envolvidas em acidentes ofídicos. Para as aves, incluímos símbolos que indicam se a foto corresponde a um macho ou a uma fêmea em espécies com dimorfismo sexual (diferenças visíveis entre os sexos, como cor ou tamanho) ou se machos e fêmeas possuem aparência semelhante.

Serpentes

Símbolo indicando que a espécie possui importância médica



Aves

Símbolo indicando se existe dimorfismo sexual para a espécie



Foto de indivíduo macho



Foto de indivíduo fêmea



Espécie sem dimorfismo sexual



MOCÓ

Kerodon rupestris

Foto: John Medcraft



CAPÍTULO 5

MAMÍFEROS DA PARAÍBA

Anderson Feijó, Natan Diego Alves de Freitas, Bruno Augusto Torres Parahyba Campos, Raynner Rilke Duarte Barboza, Wedson Medeiros Silva Souto, Guilherme Oliveira Campos, Hugo Fernandes-Ferreira, Anna Karolina Martins Borges, Rômulo Romeu Nóbrega Alves

A mastofauna da Paraíba é composta por cerca de 133 espécies, distribuídas por diversos ambientes naturais, incluindo as formações florestais da Mata Atlântica, as áreas abertas e semiáridas da Caatinga, além de zonas úmidas e litorâneas do estado. Esses mamíferos ocupam distintos nichos ecológicos e desempenham papéis fundamentais na dinâmica dos ecossistemas, mantendo, ainda, uma relação antiga e multifacetada com as populações humanas, resultado de uma longa história de coexistência.

Os mamíferos destacam-se como os principais alvos das práticas de caça, em razão de sua elevada massa corporal, da previsibilidade de seus hábitos e do reconhecido valor utilitário. Seus produtos são amplamente utilizados como fonte de alimento, geração de renda, remédios caseiros e insumos para rituais tradicionais. Carne, couro, gordura, pelos, dentes e ossos fornecem uma variedade de subprodutos, reforçando sua importância cultural e econômica.

Paralelamente, esses animais também podem ser foco de conflitos com os seres humanos. Espécies que invadem lavouras, atacam criações domésticas ou atuam como vetores e reservatórios de zoonoses são frequentemente percebidas como ameaças, sendo, por isso, perseguidas ou abatidas. Esses conflitos tendem a ser mais intensos em áreas rurais, onde o contato entre humanos e fauna silvestre é mais direto e recorrente.

Este capítulo apresenta um panorama atualizado da diversidade de mamíferos com importância etnozoológica na Paraíba, destacando seus usos, significados culturais e os conflitos decorrentes da convivência com as comunidades locais. Compreender essas relações é essencial para fundamentar estratégias de conservação que integrem as dimensões ecológicas, sociais e culturais do território paraibano.

VEADO-CATINGUEIRO

Subulo gouazoubira (G. Fischer, 1814)

Características: Animal de grande porte, com até 1,2 m de comprimento. Pelagem marrom acinzentada, mais escura no centro e clara nas laterais. Face escura ao centro, com áreas claras ao redor dos olhos formadas por pelos brancos ou amarelados. Orelhas com parte externa marrom escura e interna branca. Cauda curta, com a mesma coloração do dorso e extremidade esbranquiçada. Jovens apresentam 6 a 8 listras brancas e horizontais nas laterais. Machos possuem chifres simples e cônicos, cujo tamanho varia com a idade.



Foto: André Pessoa

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



O veado-catingueiro está entre as espécies mais intensamente caçadas no semiárido, principalmente para consumo alimentar. Atualmente, enfrenta declínio populacional em diversas áreas, causado principalmente pela caça e pela perda de habitat. Há também registros de seu uso em práticas medicinais.



Considerados difíceis de caçar, esses animais frequentemente tornam-se alvo de competições entre caçadores.



Há registros de filhotes sendo capturados para criação como animais de estimação, além do uso da espécie na medicina popular da região. Chifres e patas também são frequentemente utilizados na confecção de artesanato.

BOTO-CINZA*Sotalia guianensis* (Van Bénéden, 1864)

Características: O comprimento médio desses animais é de 1,7 m, podendo atingir até 2,2 m. Sua coloração varia entre diversos tons de cinza; a parte dorsal de seus corpos é mais escura, enquanto a região ventral é mais clara, variando entre cinza claro, branco ou rosa (sendo este último mais comum em indivíduos jovens). Geralmente forma pequenos grupos de 2 a 10 indivíduos, embora números maiores possam ser observados frequentemente durante atividades em grupo, como na busca por alimento. São completamente adaptados ao ambiente aquático, com corpo fusiforme, mãos transformadas em nadadeiras e ausência dos membros posteriores, além de caudas modificadas em nadadeiras, com a porção final alargada.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável



IUCN: Quase ameaçado



CITES: Apêndice I



Foto: Instituto Boto Cinza

Nota etnozoológica

Quando capturados acidentalmente em redes de pesca, os botos podem ter seus produtos utilizados de diversas formas. A carne é consumida como alimento ou empregada como isca para pesca de espécies pelágicas.



Partes do animal são utilizadas na confecção de artesanatos, como brincos, pulseiras e colares feitos de ossos e dentes. O esqueleto, total ou parcial, pode ser usado como souvenir, obtido após o enterro das carcaças para limpeza.



Na medicina popular, o óleo extraído da gordura da pele é usado no tratamento de asma, dores de cabeça, reumatismo, hérnia, distúrbios uterinos e dor de garganta.

CATETO, PORCO-DO-MATO

Dicotyles tajacu (Linnaeus, 1758)

Características: Animal de grande porte, com o corpo alcançando 90 cm e uma cauda curta, de cerca de 5 cm. Seu pelo é duro e áspero, com uma coloração geral marrom acinzentada. Uma das características distintivas da espécie é a presença de duas listras brancas que se estendem desde a região ventral do pescoço, seguindo de forma oblíqua ao longo dos ombros até a região dorsal, assemelhando-se a um colar. Na região média-dorsal do corpo, há uma crista curta, de coloração escura, que se estende sobre o dorso e é mais pronunciada na porção anterior. O cateto é raro na Paraíba, estando provavelmente extinto em grande parte do estado.



Foto: Rômulo R.N. Alves

* Os registros de ocorrência do cateto na Paraíba têm mais de duas décadas, e não há registros recentes da espécie no estado.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Os catetos são caçados principalmente para consumo da carne e utilização de seu couro. Embora resistentes a algumas alterações ambientais, a caça excessiva tem fragmentado populações e levado à extinção em diversas áreas de sua distribuição original, conforme registros antigos de caçadores.



A espécie também é usada na medicina popular para tratar doenças como trombose, bronquite e acidente vascular cerebral (AVC).



Além disso, conflitos com humanos ocorrem devido aos danos que causam em lavouras, gerando retaliações por parte de agricultores.

JAGUARUNDI, GATO-MOURISCO, GATO-VERMELHO*Herpailurus yagouaroundi* (É.Geoffroy Saint-Hilaire, 1803)

Características: O jaguarundi é um felino de tamanho médio, pesando até 6 quilos. Sua pelagem é de cor uniforme, variando entre cinza escuro e marrom amarelado. A cabeça é achatada dorsoventralmente na região dos olhos, o que o diferencia de outros felinos neotropicais, cujas cabeças são arqueadas nessa área. O queixo e a região intermandibular são brancos nos indivíduos de coloração amarelada. Na Paraíba, a maioria dos registros da espécie ocorre na Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

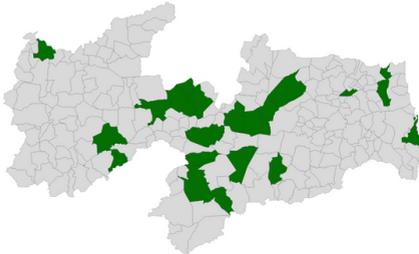


Foto: John Medcraft



Foto: Gabriel Arroyo (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

As interações do jaguarundi com moradores da Caatinga são marcadas por conflitos, devido à predação de animais domésticos. Estudos etnozoológicos mostram que esses felinos são caçados após ataques aos animais domésticos, com agropecuaristas contratando "rastreadores", especialistas em localizar e abater os animais.



Embora a caça seja motivada principalmente por conflitos, a carne do jaguarundi pode ser consumida, e sua pele utilizada como ornamento ou troféu de caça.

JAGUATIRICA

Leopardus pardalis (Linnaeus, 1758)

Características: A jaguatirica pode pesar até 16 quilos e medir até 1,2 metros. Seu corpo é coberto por manchas amarelas, margeadas por faixas pretas estreitas. Nas laterais, essas manchas formam bandas diagonais de tamanho irregular. O ventre é esbranquiçado com manchas menores. Na região dorsal do pescoço, os pelos são curtos e orientados para a frente. A cauda é amarelada e curta (cerca de 35 cm), com manchas negras distribuídas de maneira irregular.



Foto: Marcos Halem Felix (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice I **I**



Nota etnozoológica



A caça à jaguatirica está principalmente relacionada a conflitos com comunidades locais, que a consideram predadora de suas criações domésticas. A espécie sofre com a redução de presas naturais devido à perda de habitat e à caça, o que a faz se aproximar de áreas humanas, atacando animais domésticos, especialmente aves.



A jaguatirica também é alvo do tráfico ilegal de animais silvestres, com filhotes frequentemente capturados para serem mantidos como pets. Quando adultos são mortos, seus filhotes costumam ser comercializados para esse propósito.



A pele da jaguatirica é utilizada como ornamento por caçadores ou comercializada, e sua carne é consumida por algumas pessoas.

GATO-DO-MATO-PEQUENO

Leopardus emiliae (Thomas, 1914)

Características: Felino de pequeno porte, com cerca de 75 cm de comprimento total. Sua coloração é semelhante à da jaguatirica, mas com manchas menores, sem margens pretas contínuas e raramente formando bandas diagonais. O corpo apresenta coloração amarelo-clara, ventre esbranquiçado e pelagem dorsal do pescoço orientada para trás. É o felino mais comum na Paraíba, com registros em várias áreas de Caatinga e Mata Atlântica.

Estado de conservação*

Brasil: Não avaliada

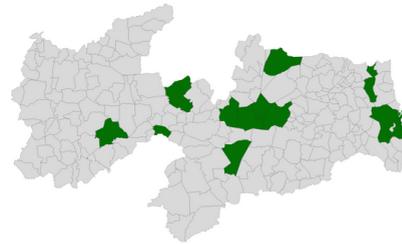
NA

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Apêndice I

I



* *L. emiliae* é uma espécie descrita recentemente e ainda não foi avaliada quanto ao seu estado de conservação. Foi reconhecida como distinta de *L. tigrinus*, espécie considerada Em Perigo (EN) no Brasil e Quase Ameaçada (NT) pela IUCN.



Foto: Guilherme de Lima

Nota etnozoológica



As interações do gato-do-mato-pequeno com pessoas são similares às da jaguatirica. No semiárido nordestino, ataques a criações domésticas motivam a caça desses felinos.



Suas peles são usadas como ornamentos, e a carne como fonte de proteína. Há também registros de indivíduos mantidos como pets.

GATO-MARACAJÁ

Leopardus wiedii (Schinz, 1821)

Características: Felino de pequeno porte, com até 90 cm de comprimento total. Sua pelagem é semelhante à da jaguatirica e do gato-do-mato-pequeno, mas com diferenças. Em relação à jaguatirica, o gato-maracajá é menor, com cauda mais longa e grossa. Comparado ao gato-do-mato-pequeno, apresenta pelagem no pescoço orientada para frente. As manchas laterais são bem definidas, formando bandas oblíquas separadas por faixas pretas delimitadas. É raro na Paraíba, com único registro conhecido em Alhandra.



Foto: Brady Reed (via iNaturalist, CC0 1.0)

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Quase ameaçado

NT

CITES: Apêndice I

I



Nota etnozoológica



De forma similar ao relatado para o gato-do-mato-pequeno e para a jaguatirica, as interações do gato-maracajá com seres humanos frequentemente resultam em conflitos, culminando em seu abate.



Suas peles são utilizadas como adornos, e sua carne pode ser consumida como fonte de proteína. Também há registros de indivíduos mantidos como animais de estimação.

SUÇUARANA, ONÇA-PARDA, ONÇA-BODEIRA

Puma concolor (Linnaeus, 1771)

Características: É o segundo maior felino do Brasil, atingindo até 65 quilos. Sua pelagem é uniforme, variando do marrom claro acinzentado ao marrom avermelhado. O queixo, a parte anterior do focinho e a região ventral são brancos ou creme. As orelhas são pequenas, arredondadas, curtas e pretas na parte externa, podendo apresentar uma mancha clara no centro. A cauda é longa, com a ponta preta. Os únicos registros confirmados da espécie na Paraíba ocorreram na região da Serra de Santa Catarina e no município de Teixeira.

Estado de conservação

Brasil: Quase ameaçado



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

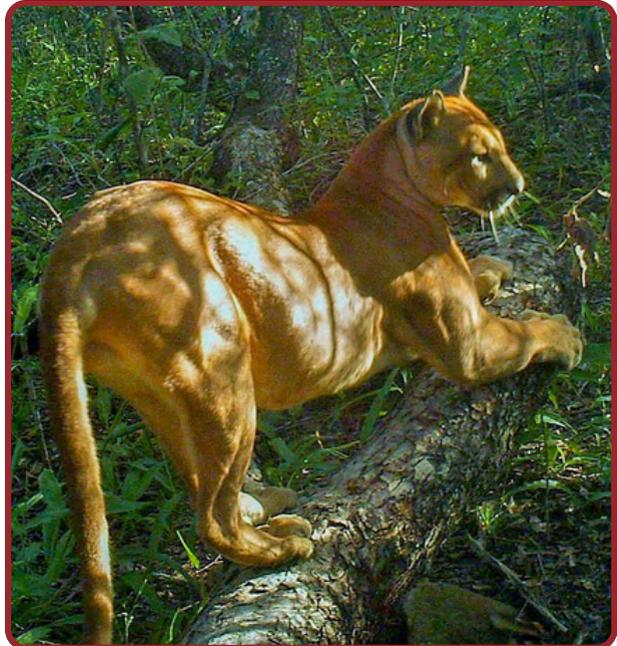


Foto: Campos et al. (2018, via livro "Biodiversidade na Serra de Santa Catarina - PB")

Nota etnozoológica



Historicamente, a suçuarana é perseguida por ataques a rebanhos e temores de ameaça à vida humana. Maior que outros felídeos, pode preda ovelhas, cabras, porcos, cavalos e burros. A caça e a perda de habitat são as principais causas da redução populacional no semiárido, onde é rara.



Antigos caçadores relatam capturas de filhotes de onça-pintada e suçuarana para circos ou criadores. Considerada perigosa, partes da onça são mantidas como troféus. Produtos como pele e carne também são ilegalmente comercializados.

RAPOSA, CACHORRO-DO-MATO

Cerdocyon thous (Linnaeus, 1766)

Características: Canídeo de médio porte, com até 1 m de comprimento total. Possui pelagem acinzentada na cabeça e dorso, com uma faixa escura que se estende do pescoço à base da cauda. As orelhas têm base avermelhada e ponta castanha. Os lados do corpo são amarelados acinzentados, clareando para amarelado ou esbranquiçado no ventre. A cauda, com pelos longos, segue a cor do corpo, podendo ter uma faixa preta dorsal e ponta sempre preta. É o canídeo médio mais comum na Paraíba, com registros frequentes na Mata Atlântica e Caatinga.



Foto: John Medcraft

Estado de conservação

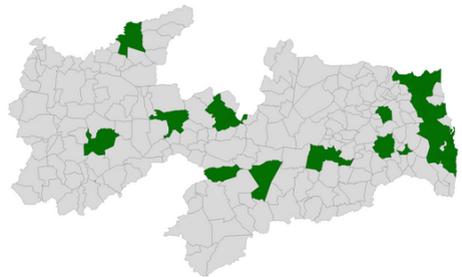
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Nota etnozoológica



A raposa é alvo de conflitos, sendo perseguida por predação de animais domésticos e invasão de lavouras, principalmente de milho. No semiárido paraibano, foi registrado que elas consomem espigas de milho, causando prejuízos aos agricultores. Além disso, alimentam-se de frutos como melancia e pepino-do-mato.



Apesar de ser caçada principalmente devido a conflitos agrícolas, seus subprodutos (banha, couro e rabo) são usados na medicina tradicional no Nordeste do Brasil.

GAMBÁ, TICACA, CANGAMBÁ, JERITATACA*Conepatus amazonicus* (Lichtenstein, 1838)

Características: Mamífero de médio porte, medindo até 60 cm de comprimento. Sua coloração é bastante característica, predominando o preto com duas faixas largas e brancas que se encontram no topo da cabeça e se estendem separadamente ao longo do dorso. A cauda, peluda e predominantemente branca, possui pelos mais longos que os do corpo. Suas patas são curtas, e as mãos possuem garras bem desenvolvidas. Típico da Caatinga, existem diversos registros confirmados na Paraíba.

Estado de conservação*

Brasil: Não avaliada

NA

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

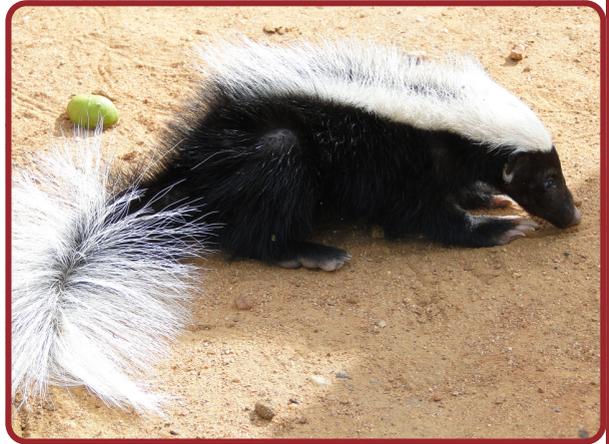
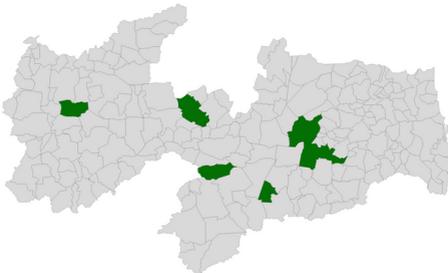


Foto: Wedson Medeiros

**C. amazonicus* ainda não foi avaliada quanto ao seu estado de conservação. Foi apontada como distinta de *C. semistriatus*, porém sua taxonomia permanece incerta.

Nota etnozoológica

A espécie possui má reputação em algumas localidades devido às glândulas anais que produzem uma substância de odor pungente. Quando ameaçado, o animal levanta as patas traseiras e a cauda, lançando o líquido amarelado sobre o predador, com alcance de até 2 m. O líquido pode causar ardência nas mucosas, tontura e náusea. Apesar disso, estudos recentes apontam a tacaca como um dos principais mamíferos de relevância alimentar na Caatinga. Os caçadores removem as glândulas anais antes do consumo, e sua carne é amplamente utilizada como alimento.



Na medicina popular, produtos derivados como carne, urina, ossos e banha são usados no tratamento de anemia, dores, reumatismo, asma e problemas de visão.



PAPA-MEL, IRARA

Eira barbara (Linnaeus, 1758)

Características: O papa-mel pode atingir até um metro de comprimento. Uma de suas características mais marcantes é a diferença de cor entre a cabeça e o pescoço, que são amarelados ou acinzentados, e o corpo, que varia de marrom escuro a preto, com pelos mais longos. Suas orelhas são curtas, arredondadas e da mesma cor da cabeça. Outra característica típica é uma mancha transversal irregular, de cor amarela ou alaranjada, na região da garganta. Esta espécie é rara na Paraíba, sendo restrita à Mata Atlântica.



Foto: Wedson Medeiros

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Os registros etnozoológicos de *Eira barbara* na Caatinga são escassos, possivelmente devido à sua raridade na região. No entanto, caçadores relataram que a pele da espécie possuía alto valor comercial. Há também relatos de seu uso para consumo alimentar por populações humanas na Paraíba, embora com baixa frequência.

FURÃO

Galictis cuja (Molina, 1782)

Características: O furão é um mamífero de até 60 cm e cerca de 1 kg, com coloração distinta: dorso grisalho com pelos amarelos, esbranquiçados e pretos, e ventre e membros uniformemente pretos. As orelhas são pequenas, arredondadas e cobertas por uma pelagem amarelada. A cauda, mais curta que o corpo, possui pelos longos e coloração semelhante à do dorso. Na Paraíba, a espécie tem registros confirmados na Caatinga e Mata Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**

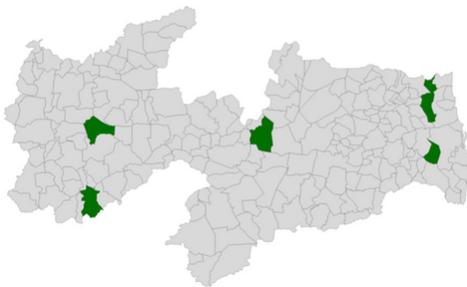


Foto: Christoph Moning (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica



Os furões não possuem grande importância cinegética no semiárido, mas sua pele pode ser usada como ornamento.



Quando capturados jovens, podem ser criados como pets devido à facilidade de manejo. Há também registros de uso na medicina popular.

LONTRA

Lontra longicaudis (Olfers, 1818)

Características: Carnívoro semi-aquático de grande porte, com até 1,3 m e 10 kg. Apresenta pelagem curta, muito densa e lustrosa, com dorso, membros e cauda castanho-claros a escuros, e ventre ligeiramente mais claro. Possui orelhas pequenas, membros curtos, cauda longa e patas com cinco dedos unidos por membranas interdigitais. Na Paraíba, os registros da espécie estão restritos a Mata Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Quase ameaçado



CITES: Apêndice I



Foto: Anthony Batista (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



Existem registros de uso da espécie como recurso alimentar em localidades da Paraíba.

QUATI

Nasua nasua (Linnaeus, 1766)

Características: Carnívoro de pequeno porte, podendo atingir quase um metro de comprimento, incluindo a cauda, que é do tamanho do corpo. Sua pelagem varia de marrom a amarelada ou acinzentada. Possui focinho cônico e longo, orelhas pequenas e arredondadas, e cauda caracterizada por anéis alternados em tons escuros e amarelos ou avermelhados. Na Paraíba, os registros da espécie são raros e restritos à Mata Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Foto: Rufus46 (via Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0)

Nota etnozoológica



O quati tem relativamente pouca importância cinegética. No entanto, a captura de quatis para serem mantidos como animais de estimação é registrada em algumas localidades.



Produtos derivados da espécie são usados na medicina popular no tratamento de diversas doenças, como impotência sexual, feridas, queimaduras na pele, picadas de cobra e dores nas costas.

GUAXINIM, MÃO-PELADA

Procyon cancrivorus (G. Cuvier, 1798)

Características: Carnívoro de porte médio, com até 1 m de comprimento, sendo a cauda cerca de metade desse total. Destaca-se pela faixa preta ao redor dos olhos, formando uma máscara característica. O corpo é acinzentado, com ventre mais claro, orelhas largas com coloração semelhante ao corpo e uma faixa branca ao redor. Os membros têm pelagem curta e mais escura, enquanto mãos e pés possuem dedos longos e finos com garras. A cauda apresenta anéis alternados de marrom-escuro ou preto e cinza. Na Paraíba, a espécie é frequentemente registrada.



Foto: John Medcraft

Estado de conservação

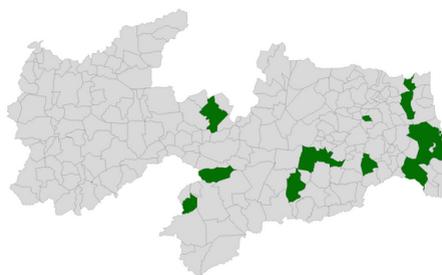
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



O guaxinim geralmente é caçado por ser considerado uma praga de culturas agrícolas, especialmente de vegetais como melancia e melão.



Produtos derivados da espécie são usados na medicina popular para o tratamento de doenças como reumatismo, epilepsia, trombose e picadas de cobra.

TATU-DE-RABO-MOLE, TATU-RABO-DE-COURO

Cabassous tatouay (Desmarest, 1804)

Características: Tatu de porte médio, medindo cerca de 60 cm de comprimento total. Focinho arredondado e robusto, e orelhas grandes, arredondadas, cônicas e bem separadas, localizadas na parte lateral superior da cabeça. Carapaça com coloração uniforme, marrom-amarelada, e as faixas móveis na porção média da carapaça (bandas móveis) variam de 10 a 13, sendo mais numerosas do que em outras espécies de tatu, com exceção do tatu-canastra (*Priodontes maximus*). Ausência de placas ósseas que recobrem completamente a cauda. Patas dianteiras com cinco dedos e garras desenvolvidas, especialmente no terceiro, que é maior. Patas traseiras também com cinco dedos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Museo Nacional de Historia Natural de Uruguay

Nota etnozoológica



Embora existam registros de uso para as mesmas finalidades das outras espécies de tatus mencionadas adiante (alimento, uso medicinal e confecção de objetos ornamentais), atualmente não é tão frequentemente caçado. Isso pode ser atribuído à sua distribuição geográfica mais restrita em comparação com outras espécies de tatus da região.

TATU-PEBA, PEBA

Euphractus sexcinctus (Linnaeus, 1758)

Características: Tatu de tamanho médio, com cerca de 60 cm de comprimento. Sua cabeça é larga e triangular, e as orelhas são pequenas e bem separadas, localizadas na parte lateral superior da cabeça. Carapaça de coloração uniforme, variando entre amarelada e marrom-amarelada, com seis a sete bandas móveis transversais. Mãos com cinco dedos com grandes garras, e pés com cinco dedos, sendo o primeiro e o quinto mais curtos. É uma espécie comum na Paraíba, sendo encontrada tanto na Caatinga quanto na Mata Atlântica.

Estado de conservação

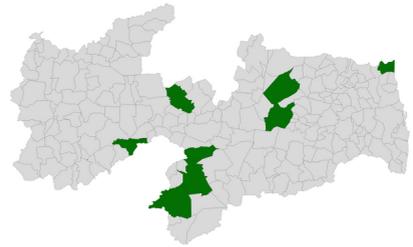
Brasil: Menos preocupante 

IUCN: Menos preocupante 

CITES: Não consta 



Foto: John Medcraft



Nota etnozoológica



Estudos etnozoológicos indicam o tatu-peba como o tatu mais caçado no semiárido nordestino, embora não seja o preferido. Sua abundância e tolerância a distúrbios ambientais o tornam comum em áreas degradadas da Caatinga. Sua carne, considerada "carregada" ou "reimosa" pela dieta onívora e consumo de restos, gera tabus alimentares, reduzindo a caça em algumas regiões. Porém, a pressão no semiárido é alta, e caçadores mantêm animais em criadouros para "limpar" o trato digestivo antes do consumo.



Subprodutos como cauda, pele e gordura têm uso medicinal no tratamento de feridas, dor de ouvido, doenças respiratórias e surdez. A gordura é usada na etnoveterinária para tratar furunculose em animais domésticos. A carapaça pode servir como ornamento, e exemplares vivos são mantidos como pets.

TATU-GALINHA, TATU-VERDADEIRO*Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758

Características: Tatu de médio porte, com cerca de 70 cm de comprimento total. Distingue-se por cabeça estreita, longa e cônica, orelhas próximas e no topo da cabeça. A carapaça óssea cobre dorso, laterais, cabeça e cauda, com 8 a 10 bandas móveis entre os escudos escapular e pélvico. A coloração da carapaça é geralmente marrom-escura na região dorsal e amarelada nas laterais. As mãos têm quatro dedos, com o segundo e terceiro mais desenvolvidos, enquanto os pés possuem cinco dedos. Espécie comum na Paraíba, registrada na Caatinga e Mata Atlântica.

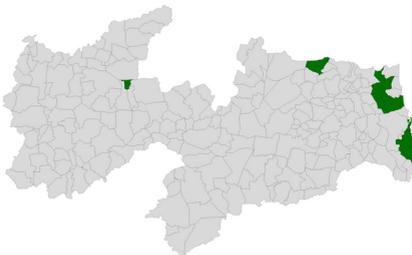
Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Foto: Matt DeLozie (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica

O tatu-galinha é amplamente caçado no semiárido brasileiro, especialmente na Caatinga, como fonte proteica, com carne comparada à de galinha. Capturado com cães ou armadilhas cilíndricas, pode ser engordado em casa para consumo, mas sua criação em cativeiro é rara devido à difícil adaptação. Apesar da abundância de *E. sexcinctus* (tatu-peba), *D. novemcinctus* (tatu-galinha) é preferido por muitos caçadores, levando à possível depleção populacional deste último em algumas áreas.



Subprodutos como carapaça, gordura, cauda e pele são usados na medicina popular para tratar queimaduras, picadas de cobra, reumatismo, inflamações e doenças respiratórias, além de servirem como ornamentos. Em algumas regiões, é considerado praga agrícola de baixa relevância.

MORCEGO

Carollia perspicillata (Linnaeus, 1758)

Características: Morcego de tamanho médio, atingindo até 10 cm de comprimento, com a cauda situada dentro da membrana interfemural (membrana entre as patas traseiras). A coloração da espécie varia do marrom acinzentado ao marrom escuro. Apresenta uma folha nasal (projeção da região do nariz) curta e triangular, e o lábio inferior em forma de "V", com uma verruga central cercada por numerosas papilas pequenas.



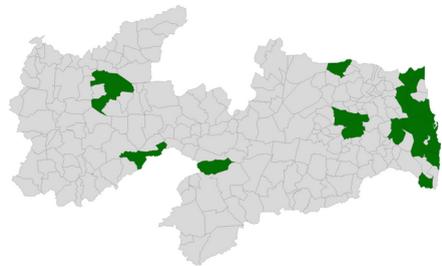
Foto: Patrício A. Rocha

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Há registros de abate da espécie tanto para uso medicinal quanto em decorrência de conflitos com populações humanas. É provável que esse tipo de interação também ocorra com outras espécies, embora não existam registros na literatura consultada.

CUÍCA-LANOSA

Caluromys philander (Linnaeus, 1758)

Características: Didelfídeo de tamanho médio, com cerca de 50 cm. Pelagem macia e densa (lanosa), variando do creme ao vermelho-ruivo nas costas; cabeça e ventre com tonalidade semelhante. Entre os olhos, há uma faixa escura. Cauda peluda na base, nua no restante, maior que o corpo, de cor marrom-avermelhada a acinzentada, podendo apresentar manchas mais claras. Fêmeas sem bolsa marsupial e com virilha amarelo-ferrugem. Orelhas grandes e de cor semelhante às costas. Olhos grandes, íris castanho-claras, e pés bem desenvolvidos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Foto: oliprioli (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



Na Paraíba, há relatos do uso da cuíca-lanosa na alimentação humana.

TIMBÚ-DE-ORELHA-BRANCA, GAMBÁ, CASSACO

Didelphis albiventris Lund, 1840

Características: Marsupial de grande porte, com cerca de 30 cm de comprimento. Corpo com coloração predominantemente escura, pelos longos e brancos esparsos, conferindo uma aparência grisalha. Região ventral do corpo de cor branca ou creme. Cabeça predominantemente branca, com uma faixa preta na parte de cima que se estende até a região entre os olhos. Ao redor dos olhos, observa-se uma mancha de cor preta que pode se estender em direção ao focinho. Orelhas bem desenvolvidas e bicolors, com a metade basal de cor escura e a distal esbranquiçada. A cauda é geralmente mais longa do que o comprimento do corpo e bicolor, sendo a porção proximal escura e a distal branca. Esta espécie é comum na Paraíba, ocorrendo tanto na Caatinga quanto na Mata Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



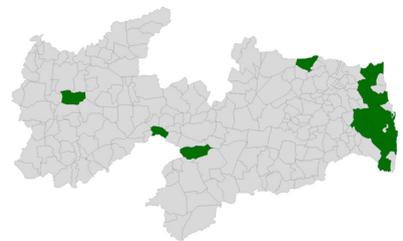
IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Alex Popovkin (via Flickr, CC BY 2.0)



Nota etnozoológica



A caça do timbú foi registrada na região semiárida da Paraíba. Apesar do forte odor liberado pelas glândulas perianais e da rejeição da carne em outras regiões, o consumo é alto na Caatinga, com registros de comércio em mercados abertos. Para neutralizar o odor, é comum a queima dos pelos, que elimina a substância impregnada e evita contato direto com as glândulas. A espécie é caçada com armas de fogo, cães e armadilhas letais ou não letais.

CUÍÇA, CUÍÇA-CINZENTA

Marmosa demerarae (Thomas, 1905)

Características: Pequeno marsupial, com cerca de 40 cm. Pelagem macia, densa e longa, costas creme amarronzadas com salpicos de cinza, ventre creme amarelado, variando para amarelo acinzentado na barriga e mais intenso na virilha. Cabeça cinza com tons alaranjados no nariz e entre os olhos. Faixa preta ao redor dos olhos, estendendo-se ao focinho. Fêmeas sem marsúpio; região das mamas alaranjada ou ferrugem. Cauda mais longa que o corpo, parcialmente peluda, com ponta variegada alternando castanho e áreas não pigmentadas.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

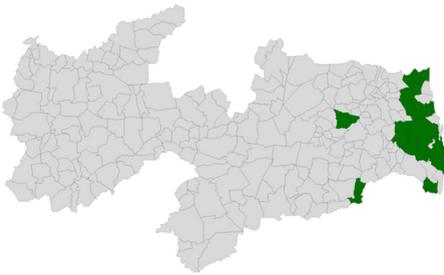


Foto: Sébastien SANT (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica



Os registros indicam que a cuíça-cinzenta é consumida como alimento no estado da Paraíba.

CUÍÇA

Marmosa murina (Linnaeus, 1758)

Características: Marsupial de pequeno porte, com cerca de 30 cm de comprimento, sendo a cauda maior que a cabeça e o corpo juntos. Orelhas longas e pés pequenos. Pelagem macia, curta e com coloração castanho-claro nas costas, finamente salpicada de castanho-escuro. O ventre varia de creme amarelado a róseo, estendendo-se do queixo até a virilha, com as laterais da região abdominal recobertas por pelos amarelo-acinzentados. Apresentam uma máscara periocular bem pronunciada, que se estende da área ao redor dos olhos até próximo das orelhas e à ponta do focinho. Fêmeas sem marsúpio e com a região das mamas com uma coloração levemente arruivada. Machos possuem escroto de coloração escura, recoberto por pelos curtos e esparsos de cor amarelada.



Foto: Bruno A.T.P. Campos

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Na Paraíba, há relatos do uso da cuiça na alimentação humana.

TAPETI, COELHO*Sylvilagus brasiliensis* (Linnaeus, 1758)

Características: Coelho de tamanho médio, com comprimento total em torno de 40 cm. Sua pelagem é macia e densa, apresentando coloração amarelada mesclada com marrom escuro. A região ao redor dos olhos é esbranquiçada e com pelos curtos. As orelhas são longas, uniformemente marrons externamente e esbranquiçadas internamente. A região lateral do corpo é mais clara que o dorso, e a pelagem do ventre é branca. Essa espécie é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo nos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Estado de conservação

Brasil: Dados insuficientes

DD

IUCN: Em perigo

EN

CITES: Não consta

NC



Foto: Leonardo Prest Mercon Ro

Nota etnozoológica

A espécie é utilizada como fonte de alimento em algumas localidades.



Produtos derivados dessa espécie são utilizados na medicina popular, sendo empregados no tratamento de várias condições de saúde, como trombose, conjuntivite, furúnculos e queimaduras.

PREGUIÇA-DE-TRÊS-DEDOS

Bradypus variegatus Schinz, 1825

Características: Preguiça de médio porte, com cerca de 60 cm. Os machos apresentam uma região diferenciada na porção média do dorso, de formato circular, com pelos curtos de cor amarela nas laterais e preto no centro, chamada opérculo. As fêmeas não possuem essa característica. A face é esbranquiçada, com pelos curtos e uma faixa preta que contorna os olhos e se estende pela lateral da face. O pelo do corpo e das patas é longo, denso e áspero, com a coloração do corpo variando entre marrom acinzentado, com manchas brancas e cinza. As mãos e os pés têm três dedos, com garras curvas e fortes. As orelhas são pequenas e escondidas sob o pelo, e a cauda é curta, com coloração semelhante à do corpo. Na Paraíba, é encontrada exclusivamente na Mata Atlântica.



Foto: Rômulo R. N. Alves

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

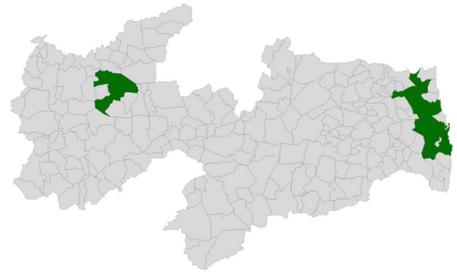
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



Além da carne, valorizada como fonte de proteína, partes como garras, unhas e couro, são amplamente empregados na medicina popular para o tratamento de diferentes enfermidades.



Há registros da espécie sendo mantida como animal de estimação.

TAMANDUAÍ, TAMANDUÁ-SEDA*Cyclopes didactylus* (Linnaeus, 1758)

Características: É a menor espécie de tamanduá, medindo cerca de 40 cm da ponta do focinho até a ponta da cauda. A cabeça é pequena e cônica, com focinho curto. As patas dianteiras são um pouco menores que as traseiras, possuindo dois dedos, sendo um maior e mais desenvolvido que o outro. A pelagem das costas é macia e lanosa, de cor amarela dourada, com uma estreita faixa preta ao longo da linha central. Na barriga, a coloração é amarelada, com uma listra central de cor castanha escura. A cauda é longa e preênsil, com coloração dourada e tons acinzentados.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Quinten Questel (via Wikipedia, CC BY-SA 3.0)

Nota etnozoológica

Há registro de uso alimentar da espécie no estado da Paraíba.

TAMANDUÁ-DE-COLETE, TAMANDUÁ-MIRIM

Tamandua tetradactyla (Linnaeus, 1758)

Características: Tamanduá de médio porte, com cerca de 90 cm. Cabeça cônica e longa. Pelo curto na cabeça, pescoço e membros, e mais longo no corpo e na cauda. Apresenta coloração amarelo dourada que se estende pela cabeça, pescoço e membros. A lateral e ventre do corpo têm coloração preta, que se estende pela região distal do dorso, formando algo similar a um colete. No entanto, alguns animais podem apresentar esse colete reduzido ou totalmente ausente, resultando em corpo de cor uniforme amarelado. A mão possui quatro dedos, sendo o terceiro mais desenvolvido, com uma garra robusta. A cauda é amarelo dourado, preênsil e nua na porção distal. Espécie registrada em várias localidades na Paraíba, tanto na Mata Atlântica quanto na Caatinga.

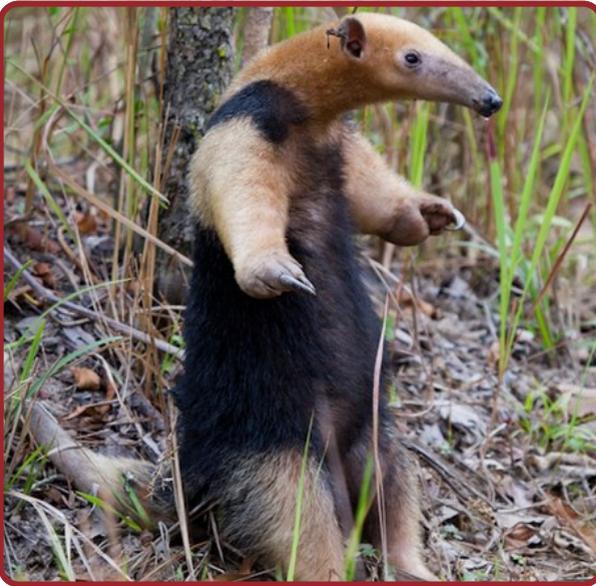


Foto: Sinara Conessa (Via Flickr, CC BY 2.0)

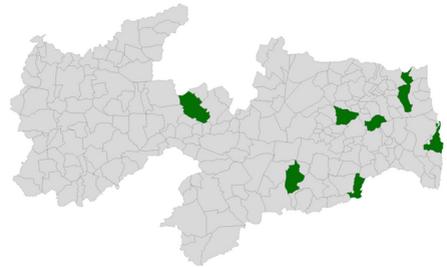
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



O tamanduá-mirim está entre os mamíferos mais caçados na Caatinga, principalmente devido ao uso da carne como alimento e de partes do animal na medicina popular, no tratamento de edema e trombose. Esse uso ocorre também em outros biomas brasileiros e na América do Sul.



Sua movimentação lenta facilita a captura, mas aumenta o risco para cães de caça, que podem ser atacados pelas garras e mortos. Nesses casos, caçadores cortam os punhos do tamanduá para salvar os cães. Além disso, o tamanduá nem sempre é o alvo da caça, mas muitas vezes é capturado quando outras presas não são encontradas. Embora não seja comum, a espécie também é comercializada como animal de estimação.

GUARIBA-DE-MÃOS-RUIVAS

Alouatta belzebul (Linnaeus, 1766)

Características: É o maior primata da Paraíba, podendo atingir até 1 m de comprimento. É facilmente reconhecido pela pelagem preta que cobre o corpo, cabeça, membros e cauda, com as mãos, pés e a parte distal da cauda apresentando uma coloração avermelhada. Em alguns indivíduos, é possível observar tufos vermelhos nas costas. Uma característica marcante dos machos dessa espécie é a presença de uma barba longa e preta. Na Paraíba, o guariba está restrito a Mata Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Apêndice II

II

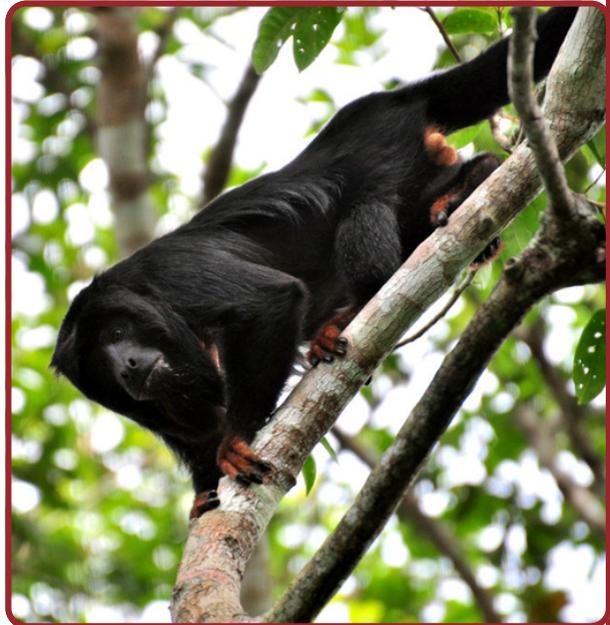


Foto: Frederico Acaz Sonntag (via Flickr, CC BY 2.0)

Nota etnozoológica



Além da caça para uso na alimentação, o guariba-de-mãos-ruivas também é alvo para uso na medicina popular, fornecendo produtos utilizados no tratamento de doenças como coqueluche, dor de garganta e asma.



Um exemplo é o osso hioide ("gogó") do guariba, empregado em uma simpatia para curar a coqueluche. Nessa prática, o enfermo deve ingerir água utilizando o osso como recipiente. Essa simpatia é registrada para outras subespécies de *A. belzebul* em diferentes regiões do Brasil.

SAGUI-DE-TUFO-BRANCO, SAUIM

Callithrix jacchus (Linnaeus, 1758)

Características: O sagui-de-tufo-branco é um primata de pequeno porte, com comprimento total de cerca de 50 cm, sendo a cauda, que mede em média 30 cm, maior que o corpo. Essa espécie se distingue pelos tufos laterais brancos nas laterais das orelhas. A cabeça apresenta uma coloração geral cinza escura, com a região central da face coberta por pelos curtos e brancos. O corpo tem uma coloração grisalha, composta por pelos com bandas de diferentes tonalidades, como branco, preto, laranja e amarelo. A pelagem da cauda é anelada, com faixas largas de coloração cinza escuro intercaladas com faixas mais finas de coloração clara. O sagui-de-tufo-branco é uma espécie comum no Estado da Paraíba.



Foto: John Medcraft

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



É uma das espécies de mamíferos mais populares no comércio ilegal de animais, frequentemente mantidos como pets. Eles podem ser confinados em gaiolas ou acorrentados, ou ainda, em alguns casos, criados soltos nas proximidades das residências de seus criadores, dependendo da alimentação que recebem.



Além disso, produtos derivados da espécie são utilizados na medicina popular, sendo empregados no tratamento de condições como asma e hérnia umbilical.

MACACO-GALEGO*Sapajus flavius* (Schreber, 1799)

Características: Espécie de tamanho semelhante ao do macaco-prego-da-Caatinga, mas facilmente diferenciada pela coloração geral da pelagem, que é de cor amarelo-dourado. Além disso, a pelagem no topo da cabeça, o capuz, apresenta os pelos orientados para trás, ao contrário do que ocorre no *Sapajus libidinosus*, que forma um tufo ereto. O macaco-galego é endêmico da Mata Atlântica, presente nos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Estado de conservação

Brasil: Em perigo

EN

IUCN: Em perigo

EN

CITES: Apêndice II

II



Foto: Thomaz de Carvalho Callado (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Esses primatas frequentemente invadem plantações agrícolas em busca de alimento, o que pode gerar conflitos significativos com agricultores, especialmente em regiões onde a interação entre fauna e atividades humanas é mais intensa.

MACACO-PREGO-DA-CAATINGA

Sapajus libidinosus (Spix, 1823)

Características: Primata de tamanho médio, com comprimento total de cerca de 80 cm. Sua pelagem é longa no topo da cabeça, onde os pelos marrom-escuro podem formar dois tufos separados. A região central da face é nua, enquanto a periférica é coberta por pelos curtos de cor amarelada. No queixo, há uma barba curta. A garganta e a região ventral do corpo têm coloração amarelo-alaranjada, enquanto o dorso é marrom-amarelado. Os braços são amarelados, e os antebraços, de tom marrom claro, apresentam delimitações difusas. As coxas são amareladas, com alguns pelos avermelhados, principalmente na lateral interna. Cauda escura na parte dorsal, com a metade distal preta.

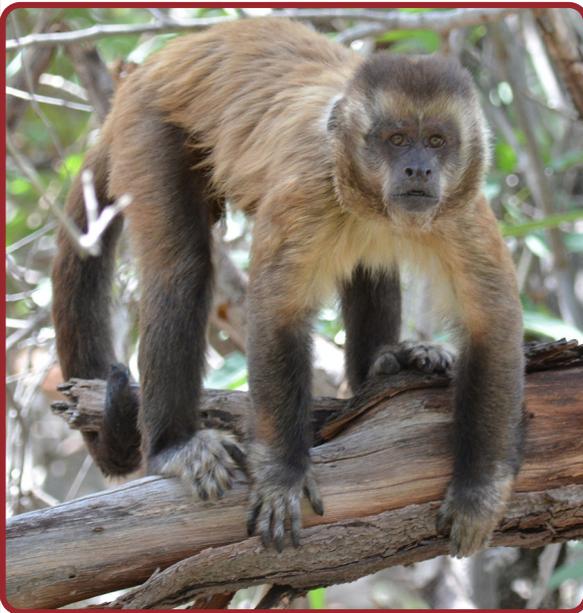


Foto: John Medcraft

Estado de conservação

Brasil: Quase ameaçado

NT

IUCN: Quase ameaçado

NT

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



Embora haja poucas informações etnozoológicas sobre a espécie, sabe-se que a carne do macaco-prego é utilizada como fonte de proteína.



Além disso, alguns moradores locais mantêm os animais vivos como animais de estimação.

PREÁ

Galea spixii (Wagler, 1831)

Características: Roedor de médio porte, com aproximadamente 25 cm. Pelagem dorsal variando de cinza a marrom, mesclada com tons de laranja ou amarelado. Região lateral do corpo mais clara que o dorso e parte ventral esbranquiçada. Ao redor dos olhos, há uma área coberta por pelos curtos e brancos, formando um anel bem definido. Geralmente, um tufo de pelos claros está presente na base da orelha. É uma espécie comum na Paraíba.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

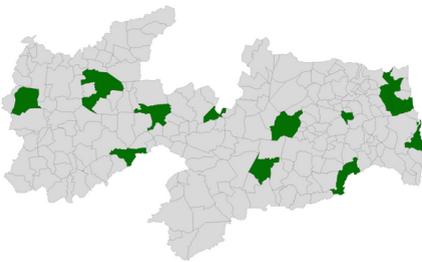


Foto: John Medcraft

Nota etnozoológica



O preá é uma das espécies mais caçadas no semiárido para uso alimentar. Apesar de ser um animal de pequeno porte, é comumente caçado em grande número, com o uso de armas de fogo e armadilhas nos locais onde se esconde.



Na medicina popular, é utilizado para o tratamento de inflamações.

CAPIVARA

Hydrochoerus hydrochaeris (Linnaeus, 1766)

Características: A capivara é o maior roedor do mundo, podendo pesar até 90 quilos. Seu dorso apresenta uma cor uniformemente amarelada. O perfil da cabeça é retangular, e o focinho é achatado frontalmente. A cor da cabeça é semelhante à do dorso, porém o focinho é preto, com pelos curtos. As orelhas são proeminentes e de coloração escura. Na Paraíba, os registros são limitados à Mata Atlântica.



Foto: Bernard Dupont (via Flickr, CC BY SA 2.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



A capivara é utilizada como fonte de alimento em algumas localidades da Paraíba.



Para fins medicinais, é utilizada no tratamento de trombose, conjuntivite, doenças venéreas, reumatismo, dor de ouvido, fragilidade óssea, dor no fígado, bronquite, asma, feridas, erisipela e tosse.



A capivara é alvo de conflitos com os habitantes da região, por se alimentar de cultivos agrícolas, o que motiva sua perseguição e abate.

MOCÓ*Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied, 1820)

Características: O mocó é um roedor de porte maior do que o preá, com comprimento corporal chegando a 35 cm. Sua coloração geral é acinzentada, sendo que alguns indivíduos podem apresentar tons mais amarelados ou amarronzados. A região ao redor dos olhos apresenta uma faixa de coloração esbranquiçada. O ventre é esbranquiçado. Os membros têm uma coloração ferruginosa. O mocó é comum na Paraíba, especialmente em áreas com lajedos.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

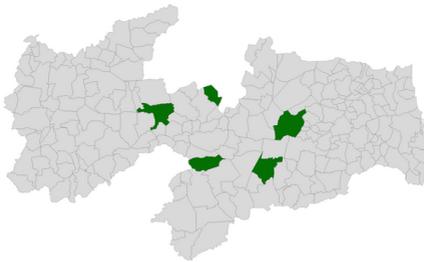


Foto: John Medcraft

Nota etnozoológica

A carne do mocó é amplamente consumida no semiárido nordestino, sendo salgada e seca ao sol. Ela é vendida em feiras em pequenas porções, contendo de cinco a dez indivíduos.



Além disso, a pele do mocó, após ser devidamente curtida, é empregada na produção de artesanato local. Uma parte específica de seu estômago, conhecida como "coalho do mocó", é utilizada na fabricação artesanal de queijo, o tradicional "queijo de coalho", comum na região.

RATO-DO-MATO, RATO-DA-ÁRVORE-VERMELHO

Decomys catherinae Thomas, 1909

Características: Roedor de pequeno porte, com cerca de 27 cm. Cauda igual ou maior do que o comprimento da cabeça e do corpo, uniformemente marrom. Orelhas pequenas, cobertas por pelos curtos, da cor das costas, que possuem pelagem longa, macia e marrom avermelhada. Laterais com tom mais claro e alaranjado e ventre variando de creme alaranjado a acinzentado. Pés pequenos e largos, adaptados ao hábito arborícola e com tufos de pelos recobrendo parcialmente as unhas.



Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Há registros de uso alimentar dessa espécie na Paraíba.



Conflitos com populações humanas envolvendo esta espécie de roedor frequentemente resultam em seu abate.

RATO-DO-MATO, RATO-DA-CAATINGA*Wiedomys cerradensis* Gonçalves, Almeida & Bonvicino, 2005

Características: Roedor de pequeno porte, com cerca de 27 cm, e cauda bem maior que o corpo. Orelhas grandes. Pelagem das costas cinza amarelada. Focinho, área ao redor dos olhos, orelhas e região posterior do corpo e das patas traseiras com coloração alaranjada. Vibrissas (bigodes) longas, não ultrapassando a ponta das orelhas. Ventre branco, com separação bem definida em relação às costas. Cauda marrom e pés pequenos, com tufo de pelos cobrindo as garras.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

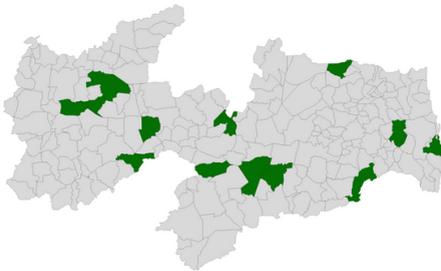


Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Há registros de uso alimentar dessa espécie na Paraíba.



Além disso, essa espécie entra em conflito com populações humanas, sendo comumente morta como consequência.

PACA

Cuniculus paca (Linnaeus, 1766)

Características: Roedor de grande porte, podendo pesar até 12 quilos. Sua pelagem, curta e lustrosa, é geralmente marrom escura ou avermelhada na região dorsal, com pequenas manchas brancas dispostas ao longo da lateral do corpo, que podem formar linhas contínuas. O ventre e a cabeça apresentam uma coloração uniforme branca ou creme, com uma separação bem definida em relação à pelagem escura do dorso. Sua cauda é pequena. A paca é rara na Paraíba, com um único registro histórico na região de João Pessoa. Atualmente, sua presença no estado é incerta.



Foto: Wanieulli Pascoal Lopes Nascimento

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



A paca é um animal muito visado por sua carne. Sua caça intensiva, somada ao desmatamento e à degradação de seu habitat, tem causado um declínio populacional significativo da espécie em diversas áreas.



Além de ser uma fonte importante de proteína, a paca também é utilizada na medicina popular, onde diferentes partes de seu corpo são empregadas para tratar diversas condições.

CUTIA-DA-GARUPA-VERMELHA

Dasyprocta iacki Feijó e Langguth, 2013

Características: A cutia-da-garupa-vermelha tem um aspecto corporal similar à espécie anterior, mas com uma pelagem de coloração geral amarelo-alaranjada. A região lombar, conhecida como garupa, é coberta por pelos longos de cor laranja, com a porção central dessa área sendo mais escura do que as laterais. Ao contrário de outras espécies de cutia, essa não apresenta pelos longos e pretos na região do pescoço, o que a torna facilmente distinguível dessa outra espécie. Essa espécie ocorre apenas na Mata Atlântica dos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Thomaz de Carvalho Callado (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



A espécie é utilizada para alimentação e comércio no estado da Paraíba, com sua carne sendo considerada potencialmente prejudicial para pessoas com imunidade reduzida.

PUNARÉ, RABUDO

Thrichomys laurentius Thomas, 1904

Características: Roedor de médio porte, com comprimento corporal de aproximadamente 30 cm, e sua cauda é um pouco menor que o corpo. Suas orelhas são arredondadas e bem desenvolvidas, com uma reentrância na borda extrema. A coloração geral de seu dorso é marrom-acinzentada, enquanto o abdômen é totalmente branco ou creme, com uma clara separação entre as regiões. Apresenta duas manchas semilunares brancas bem distintas, uma na região superior e outra na inferior dos olhos. Sua cauda é peluda, robusta e de cor cinza, enquanto suas patas possuem coloração cinza-esbranquiçada. Essa espécie pode ser encontrada nas regiões da Caatinga e da Mata Atlântica da Paraíba.



Foto: John Medcraft

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

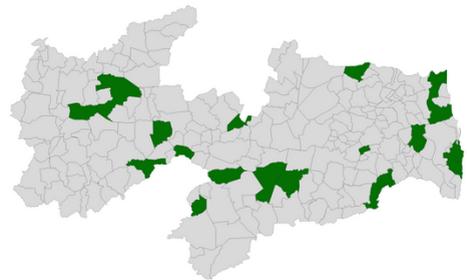
LC

IUCN: Dados insuficientes

DD

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



O punaré é amplamente utilizado pelos habitantes de diversas regiões da Caatinga como fonte de proteína para complementação alimentar. A caça dessa espécie faz parte das práticas tradicionais locais e é realizada, predominantemente, com o uso de espingardas ou por meio de armadilhas rústicas, confeccionadas de forma artesanal e amplamente utilizadas pela população rural.

PORCO-ESPINHO, OURIÇO-CACHEIRO

Coendou prehensilis (Linnaeus, 1758)

Características: O porco-espinho tem tamanho médio, com o comprimento do corpo variando em torno de 40 cm, o que é semelhante ao tamanho da cauda. Essa espécie é facilmente reconhecida pelo seu corpo coberto por espinhos, os quais são distribuídos principalmente na região dorsal. Os espinhos têm uma base amarela, seguidos por uma faixa estreita marrom escura ou preta e uma faixa terminal esbranquiçada. Sua cauda é preênsil e coberta por espinhos longos apenas na região dorsal. Assim como a cutia-dagarupa-laranja, essa espécie é restrita à Mata Atlântica dos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Estado de conservação

Brasil: Quase ameaçado



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Purdue9394 (via Getty Images)

Nota etnozoológica



O porco-espinho é frequentemente caçado como fonte de proteína, sendo também alvo de abate em situações de conflito, especialmente por causar danos físicos a cães de caça durante confrontos.



Além de sua importância alimentar, os espinhos do porco-espinho são valorizados na medicina popular por suas supostas propriedades terapêuticas, o que impulsiona sua comercialização em mercados públicos de diversas regiões do Brasil.

ESQUILO, CAXINGUELÊ

Guerlinguetus aestuans (Linnaeus, 1766)

Características: Roedor de pequeno porte facilmente identificável pela sua pelagem densa, de cor marrom-esverdeada. Sua cauda é mais longa que o corpo e coberta por pelos muito longos, sendo normalmente mantida erguida, apoiada nas costas. Suas mãos e pés são relativamente grandes em comparação com o tamanho do corpo, e apresentam garras fortes e compridas. As orelhas são pequenas e cobertas por pelos de coloração marrom avermelhada. A parte inferior do corpo é esbranquiçada, com uma tonalidade mais clara na garganta e na área da virilha, e mais amarelada na região abdominal. A parte superior dos pés apresenta uma coloração laranja. Quando adultos, pesam cerca de 174g e atingem um comprimento de 33 cm.



Foto: Max G. W. Verheij (via iNaturalist)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



A espécie é utilizada em diferentes contextos, incluindo seu consumo como fonte de alimento e sua criação como animal de estimação, com registros específicos em localidades do estado da Paraíba.

PEIXE-BOI-MARINHO*Trichechus manatus* Linnaeus, 1758

Características: São mamíferos totalmente adaptados à vida aquática, com corpo alongado e arredondado (fusiforme). Os pelos se concentram na região do focinho, enquanto no restante do corpo são esparsos. A espécie não possui orelhas externas e suas narinas, adaptadas à vida aquática, funcionam como válvulas para entrada de ar. Os lábios são grandes e muito flexíveis. As mãos são pequenas, arredondadas e achatadas, formando nadadeiras com três unhas visíveis. As patas posteriores estão ausentes, restando apenas ossos vestigiais internos. A cauda está transformada em uma forte nadadeira caudal de ponta alargada. De coloração acinzentada, o animal pode atingir até 4,5 m de comprimento.

Estado de conservação

Brasil: Em perigo

EN

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Apêndice I

I



Foto: Fundação Mamíferos Aquáticos

Nota etnozoológica

Há registros de uso alimentar e medicinal da espécie, com a gordura e o leite sendo empregados no tratamento de diversas condições, como reumatismo, dores de garganta e feridas. Embora tais usos não sejam mais amplamente registrados e a espécie esteja atualmente protegida por lei e incluída em campanhas de conservação, é possível que essas práticas ainda persistam de forma pontual e clandestina.

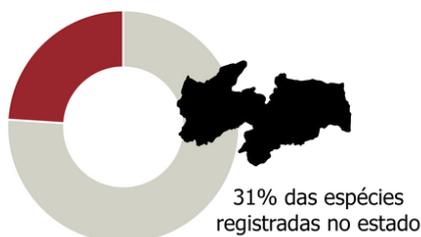


Relatos históricos apontam o uso da gordura como fonte de combustível em práticas tradicionais.

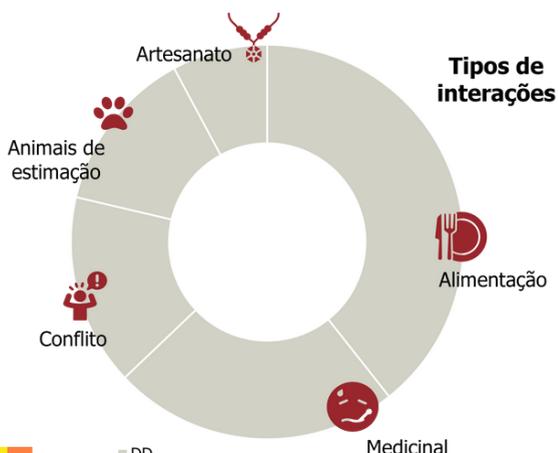
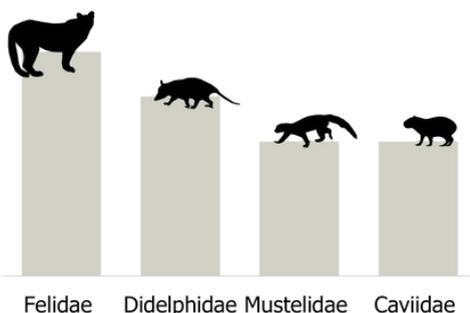
Mamíferos de importância etnozoológica da Paraíba

Ao todo, registramos interações etnozoológicas com 42 espécies de mamíferos, das 133 conhecidas para o estado, abrangendo 11 ordens e 26 famílias. As famílias mais representativas foram Felidae, Didelphidae, Caviidae e Mustelidae. Dentre essas espécies, quatro são consideradas ameaçadas internacionalmente (IUCN) e oito nacionalmente (MMA), classificadas como Vulnerável ou Em Perigo. Em relação as interações, as espécies de mamíferos foram associadas a finalidades alimentares, medicinais (na medicina tradicional), confecção de artesanato, comércio, situações de conflito e uso como animais de estimação (pet), sendo o uso alimentar o mais frequente.

42 espécies
de mamíferos estão envolvidas em interações etnozoológicas na Paraíba



Famílias mais representativas



Estado de conservação



Exemplos de interações com mamíferos



Exemplos: (A) Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*) e (B) sagui (*Callithrix jacchus*) mantidos como animais de estimação; (C) tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*) capturado para fins alimentares e (D) medicinais; (E) raposa (*Cerdocyon thous*) abatida em situação de conflito e (F) sua pele utilizada para fins ornamentais; (G) jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*) abatido durante conflito; (H) macaco-prego (*Sapajus libidinosus*) mantido como animal de estimação. Fotos: (A) Janylle Barcellos. de Souza; (B), (E), (F), (H) e (G) Raynner R. D. Barboza; (C) e (D) Guilherme O. Campos.



TEIÚ

Salvator merianae

Foto: John Medcraft



CAPÍTULO 6

RÉPTEIS DA PARAÍBA

Gentil Alves Pereira Filho, Washington Luiz Silva Vieira, Guilherme Oliveira Campos, Anna Karolina Martins Borges, Frederico Gustavo Rodrigues França, Rômulo Romeu da Nóbrega Alves

A Paraíba abriga uma fauna expressiva de répteis, com registros que incluem 72 espécies de serpentes, 40 de lagartos, 6 de anfisbenas, 9 de quelônios (tartarugas, jabutis e cágados) e 2 espécies de jacarés, distribuídas entre os biomas da Caatinga, da Mata Atlântica e os ecossistemas costeiros. Muitas dessas espécies são amplamente conhecidas pelas comunidades locais, que desenvolveram ao longo do tempo formas diversas de interação com esses animais. Serpentes e lagartos, por exemplo, são frequentemente utilizados com fins medicinais, simbólicos e ritualísticos; quelônios e jacarés são consumidos como alimento e comercializados; enquanto espécies como jabutis, cágados, lagartos e até algumas serpentes são mantidas como animais de estimação.

Entre esses grupos, as serpentes se destacam por sua relevância médica, devido ao risco de acidentes ofídicos, muitas vezes graves e potencialmente fatais. Essa condição as torna temidas por grande parte da população. No entanto, o medo associado às serpentes é frequentemente exacerbado por mitos, crenças religiosas e representações culturais negativas, que contribuem para sua perseguição sistemática e o abate indiscriminado, inclusive de espécies inofensivas ou com papel ecológico relevante. A aversão também se estende às anfisbenas, répteis fossoriais que, por sua semelhança morfológica com as serpentes, costumam ser igualmente temidas e mortas ao serem encontradas. Tais interações revelam importantes desafios para a conservação desses animais, uma vez que estratégias eficazes devem considerar não apenas os aspectos ecológicos, mas também as dimensões sociais e culturais que permeiam essas relações.

Este capítulo apresenta um panorama atualizado da diversidade de répteis com relevância etnozoológica na Paraíba, destacando seus significados culturais, formas de uso e os conflitos decorrentes da convivência com as comunidades locais. Compreender esse cenário é essencial para subsidiar políticas públicas e ações de conservação que sejam sensíveis às realidades socioculturais, promovendo abordagens mais integradas e sustentáveis para a gestão da biodiversidade no estado.

JACARÉ-DE-PAPO-AMARELO

Caiman latirostris (Daudin, 1802)

Características: Espécie de porte médio, atingindo até 3,5 m de comprimento, embora raramente ultrapasse 2,0 m. Coloração verde-escura ou acinzentada, com manchas mais escuras na cabeça e pescoço. À medida que envelhece, perde a coloração clara, tornando-se totalmente escuro. Os filhotes são amarelados com manchas pretas na lateral da cabeça. Dorso, cauda e íris esverdeadas. Seu focinho é quase tão longo quanto longo, possuindo crista infra-orbital, duas séries de pós-occipitais e escudos nucais dispostos em três séries transversais, sendo uma delas formada por quatro escudos. Alimenta-se de uma ampla variedade de presas, desde vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) até invertebrados, estes constituindo o principal item alimentar dos filhotes. Estão distribuídos amplamente no nordeste, sudeste e sul do Brasil.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



São caçados como fonte de alimento, substituindo a carne de animais domésticos.



O couro e a gordura são usados em tratamentos terapêuticos para doenças como asma, dor de garganta, reumatismo, problemas na próstata e como amuletos contra picadas de cobra. Dentes também são usados como amuletos, e o couro é usado para confecção de bolsas e cintos.

JACARÉ-COROA, JACARÉ-PRETO, JACARÉ-ANÃO

Paleosuchus palpebrosus (Cuvier, 1807)

Características: Machos atingem até 1,5 m e as fêmeas até 1,2 m de comprimento. A coloração dos adultos é marrom-escuro com listras negras no dorso e cauda, enquanto os jovens são amarelados com listras escuras nas costas. Cauda e ventre esbranquiçados, e íris marrom-escura. Não possui crista infra-orbital e tem duas séries de escudos pós-occipitais, sendo que a primeira tem três grandes escudos. As escamas nucais geralmente se tocam e são dispostas em quatro ou cinco séries transversais. A característica marcante é a presença de uma coroa de crista na parte posterior da cabeça, alta, curta e côncava, com mandíbula sobreposta. Esta espécie apresenta tamanho menor que o Jacaré do Papo Amarelo e pode ser diferenciada, de forma mais rápida, pela cor da íris, que no Jacaré de Papo Amarelo é verde e marrom no Jacaré Coroa. Possui ampla distribuição ao centro-norte da América do Sul.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Foto: Javier Caicedo Moncada (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



A carne é consumida como alimento, e o couro utilizado na fabricação de bolsas e cintos.



Na medicina popular, seus produtos são usados para tratar diversas doenças e condições, como asma, derrame, reumatismo, trombose, dor nas costas, impotência sexual, edema, micoses, "olho gordo", infecção durante a erupção dos dentes de leite, picada de cobra (como antídoto), dor de garganta, além de ser utilizado como amuleto contra picadas de cobra, hérnia e problemas de próstata.

COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS

Amphisbaena alba (Linnaeus, 1758)

Características: Tamanho médio, atingindo até 70 - 75 cm de comprimento rostro-cloacal. A coloração do dorso varia de amarelada a marrom claro e o ventre esbranquiçado. Corpo alongado e cilíndrico, desprovido de patas, com escamas pequenas dispostas em de anéis ou segmentos e com 4 a 10 poros antes da abertura da cloaca (poros pré-cloacais). Cabeça com olhos bastante pequenos, cobertos por uma escama, focinho arredondado com as narinas posicionadas lateralmente. Cauda curta com extremidade arredondada. Alimenta-se principalmente de invertebrados, como formigas e aranhas. Espécie de hábito fossorial encontrada na Caatinga, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Amazônia.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

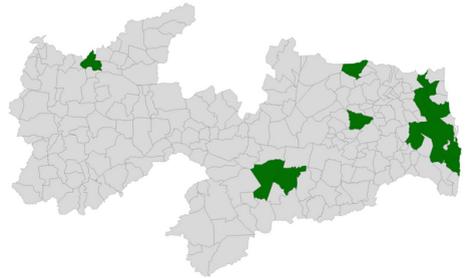
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Devido à semelhança morfológica com serpentes peçonhentas, esta espécie de cobra-de-duas-cabeças costuma ser morta por moradores locais, que a consideram perigosa.

COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS

Amphisbaena vermicularis (Wagler, 1824)

Características: Tamanho pequeno, atingindo até 32 – 35 cm de comprimento rostro-cloacal. Coloração varia de cinza a marrom claro e ventre esbranquiçado. Corpo alongado e cilíndrico, desprovido de patas, com escamas pequenas dispostas em anéis com quatro poros pré-cloacais. Cabeça com olhos bastante pequenos, cobertos por uma escama, focinho arredondado com as narinas posicionadas lateralmente. Cauda curta com extremidade arredondada com nível de autotomia (perda de parte da cauda) no quinto e sétimo segmento. Alimenta-se principalmente de invertebrados. Espécie de hábito fossorial com ampla distribuição na Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Amazônia.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica



A aparência desta espécie leva frequentemente à sua identificação equivocada como serpente venenosa, o que resulta em sua perseguição e abate por parte das comunidades locais.

COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS

Leposternon polystegum (Duméril, 1851)

Características: Espécie de tamanho médio, atingindo até 30 – 35 cm de comprimento rostro-cloacal. Coloração do dorso varia de amarelo a marrom claro e ventre esbranquiçado. Corpo alongado e cilíndrico, desprovido de patas, com escamas peitorais em formato de losango e as demais dispostas em anéis, presença de dois poros pré-cloacais. Cabeça com olhos pequenos cobertos por uma escama, focinho largo, achatado, levemente direcionado para cima, com abertura das narinas posicionadas ventralmente. As escamas rostral e nasais estão unidas formando um único escudo. Cauda curta com extremidade arredondada. Alimenta-se principalmente de invertebrados, como formigas e cupins. Espécie de hábito fossorial, sendo endêmica do nordeste brasileiro, com distribuição na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.



Foto: Henrique Nogueira (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Por ser confundida com serpentes peçonhentas, esta espécie é alvo de perseguição por moradores da região, que a veem como uma ameaça.

JIBOIA, COBRA-DE-VEADO*Boa constrictor* (Linnaeus, 1758)

Características: Serpente de grande porte, podendo atingir até 2,5 m de comprimento rostro-cloacal. Coloração do dorso varia do cinza ao creme, com desenhos dorsais formando linhas transversais bastante espaçadas. Sua dieta é composta principalmente por pequenos mamíferos (roedores, marsupiais), mas também pode incluir aves e lagartos. É uma espécie tanto terrestre quanto arbórea, com hábitos noturnos, embora também possa ser observada durante o dia. A espécie apresenta ampla distribuição tanto na América Central e ilhas do Caribe, quanto na América do Sul, da Colômbia à Argentina. No Brasil, a espécie ocorre em todos os biomas.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II

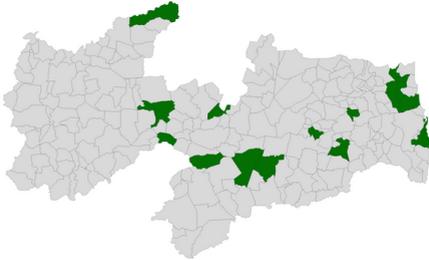


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

A jiboia é caçada e utilizada de várias formas, inclusive para alimentação. Sua gordura é amplamente usada na medicina popular para tratar reumatismo, asma, tumores e infecções. A pele é utilizada na confecção de adornos e cintos.



Além disso, seus derivados são empregados em rituais afro-brasileiros e na confecção de amuletos para atrair amor, dinheiro ou sucesso. Também é caçada por ser vista como ameaça a aves e pequenos mamíferos domésticos.

SALAMANTA, JIBOIA-ARCO-ÍRIS

Epicrates assisi Machado, 1945

Características: Serpente de tamanho médio, atingindo no máximo 1,5 metros de comprimento rostro-cloacal. Coloração dorsal marrom clara, com pigmentos iridescentes, ocelos pretos com bordas brancas nas laterais do corpo e presença de três listras longitudinais na cabeça. Semelhante à *Boa constrictor* em vários aspectos ecológicos, sua alimentação é baseada principalmente em mamíferos pequenos. Trata-se de uma espécie noturna, com habitat predominantemente terrestre. Espécie com ampla distribuição no bioma Caatinga, mas também apresenta distribuição na Floresta Atlântica da região mais ao norte do bioma.



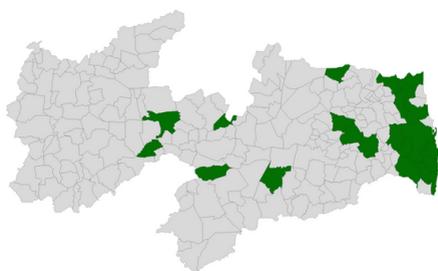
Foto: Cláudio Sampaio

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Essa espécie é frequentemente morta por ser confundida com serpentes peçonhentas.



Sua carne é consumida como alimento, e sua gordura é amplamente utilizada na medicina popular para tratar reumatismo, dores nas articulações, lesões e inflamações na garganta. Além disso, seu couro é usado como ornamento ou na confecção de cintos.

SUAÇUBÓIA, COBRA-DE-VEADO

Corallus hortulana (Linnaeus, 1758)

Características: Serpente de médio porte, podendo atingir 1,3 m de comprimento rostro-cloacal. Apresenta grande variação de coloração, incluindo vermelho, verde, laranja e cinza. Devido a essa variação, a identificação é mais confiável pela presença de fossetas labiais e corpo lateralmente comprimido, uma adaptação à vida arbórea. É uma espécie arbórea e noturna, que se alimenta de pequenos mamíferos e aves, mortos por constrição. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo no Brasil, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Equador, Peru e Bolívia. No Brasil, há registros no Pantanal, Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

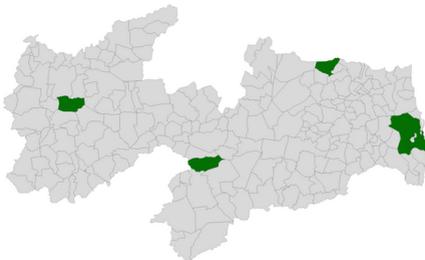


Foto: Frederico G. R. França

Nota etnozoológica



A suaçubóia é frequentemente morta por ser confundida com serpentes peçonhentas.



É utilizada na medicina popular para tratar reumatismo e auxiliar na remoção de espinhos ou outras estruturas pontiagudas da pele.

COBRA-PAPA-PINTO, COBRA-PAPA-OVO

Drymarchon corais (Boie, 1827)

Características: Serpente de médio a grande porte, podendo ultrapassar 2 m de comprimento rostro-cloacal, com exemplares comuns de 1,5 m. Possui o terço anterior do corpo, na região dorsal de cor amarela, ficando enegrecido à medida que se aproxima da cauda. A região ventral é de cor amarelada. Diurna e terrestre, tem dieta generalista, incluindo serpentes, mamíferos, aves, ovos e anfíbios. Amplamente distribuída na América do Sul, ocorre em áreas abertas (Caatinga e Cerrado) e florestas (Mata Atlântica e Amazônia).



Foto: Sanjay Veiga

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Na maioria das vezes, a espécie é morta por ser confundida com uma serpente peçonhenta, reflexo de uma reação comum a todas as cobras encontradas na Caatinga e Mata Atlântica.

COBRA-CIPÓ, AZULÃO-BOIA

Leptophis dibernardoii Albuquerque, Santos, Borges-Nojosa & Avilla, 2022

Características: Serpente de pequeno a médio porte, atingindo até 1 m de comprimento rostro-cloacal. Diurna e arbórea, alimenta-se principalmente de anfíbios, além de lagartos e pequenas aves. Exibe um comportamento defensivo marcante, com ataques falsos e boca aberta para mostrar a mucosa interna preta. Apresenta coloração esverdeada predominante na região dorsal. Porém, tons de amarelo e cinza também estão presentes. O ventre é branco imaculado. Apresenta uma distribuição restrita a algumas áreas da Caatinga do Nordeste, porém também é encontrada na Mata Atlântica do Nordeste setentrional.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

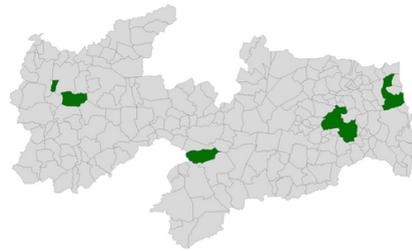


Foto: Gentil A. Pereira-Filho

Nota etnozoológica

Na maioria das vezes, a espécie é morta por ser confundida com uma serpente peçonhenta, reflexo de uma reação comum a todas as cobras encontradas na Caatinga.

COBRA-CIPÓ, COBRA-BICUDA

Oxybelis aeneus (Wagler, 1824)

Características: Serpente de pequeno a médio porte, podendo atingir até 1,40 m de comprimento rostro-cloacal. Apresenta coloração dorsal cinza amarronzada, com a região da garganta de cor amarela. O restante do ventre segue a mesma cor da região dorsal. Arbórea e diurna, alimenta-se principalmente de lagartos, mas também consome sapos e pequenas aves, matando suas presas por envenenamento. Possui ampla distribuição no norte da América do Sul. No Brasil, ocorre em todos os biomas, exceto nos pampas, habitando ambientes abertos e florestais, incluindo todos os tipos de ambiente na Caatinga.



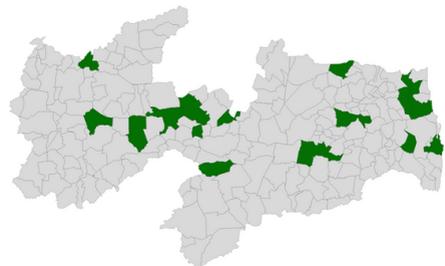
Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Frequentemente, a espécie é abatida por ser erroneamente identificada como uma serpente peçonhenta, resultado de uma reação generalizada diante de qualquer cobra encontrada na Caatinga e na Mata Atlântica do estado.

CANINANA*Spilotes pullatus* (Linnaeus, 1758)

Características: Serpente de porte médio a grande, com alguns indivíduos ultrapassando 2 m de comprimento rostro-cloacal. Apresenta coloração dorsal em tons mesclados de amarelo e preto. Esta espécie possui hábitos diurnos e é tanto terrestre quanto arbórea, adaptando-se a uma variedade de ambientes. Sua dieta é altamente generalista, alimentando-se de uma ampla gama de presas, incluindo mamíferos, aves, lagartos e anfíbios. Quando ameaçada, adota comportamentos defensivos característicos, como mordidas, ataques simulados, vibração da cauda e inflar a região do pescoço para intimidar predadores. Amplamente distribuída pela América do Sul e ocorrendo em todos os biomas brasileiros.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

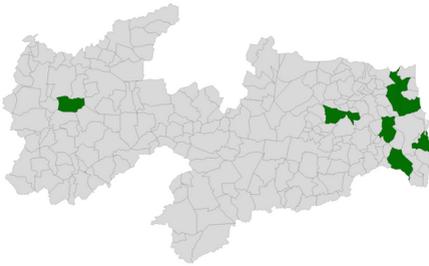


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

Assim como outras serpentes, essa espécie é frequentemente morta por ser considerada perigosa. Esta espécie é envolvida por certo misticismo, como crenças de que a espécie é capaz de voar, de perseguir pessoas e que apresenta uma peçonha extremamente forte.



Seus produtos são utilizados na medicina popular para aliviar dores causadas por picadas de insetos e mordidas de serpentes.

COBRA-RAINHA, COBRA-DO-FOLHIÇO

Tantilla melanocephala (Linnaeus, 1758)

Características: Serpente pequena, atingindo até 50 cm de comprimento rostro-cloacal. Sua taxonomia é confusa, sugerindo um complexo de espécies. A coloração pode variar de marrom até marrom avermelhado na região dorsal, o ventre é branco amarelado, a cabeça apresenta um capuz negro. É diurna e noturna, essencialmente terrestre e fossorial, com dieta exclusiva de centopeias (lacrarias), mortas por envenenamento. Na Caatinga, ocorre apenas em áreas de floresta. Amplamente distribuída na América do Sul, encontrada em formações abertas e florestais no Brasil, com registros em todos os biomas.



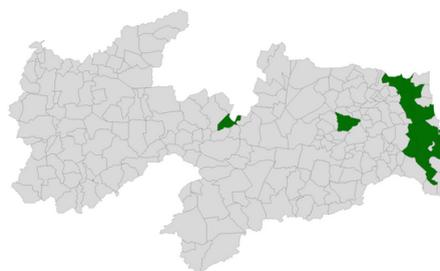
Foto: Gentil A. Pereira-Filho

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



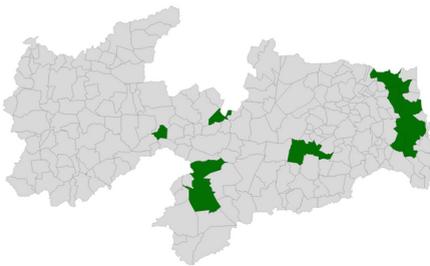
Frequentemente, a espécie é abatida por ser erroneamente identificada como uma serpente peçonhenta, resultado de uma reação generalizada diante de qualquer cobra encontrada na Caatinga e na Mata Atlântica do estado.

COBRA-PRETA, MUÇURANA*Boiruna sertaneja* Zaher, 1996

Características: Serpente de médio a grande porte, podendo atingir até 2 metros de comprimento rostro-cloacal. A coloração é uniformemente preta na região dorsal, com o ventre mais claro e algumas manchas mais escuras. O filhote apresenta coloração avermelhada com a cabeça preta. Embora não haja informações detalhadas sobre sua história natural, com base nos hábitos de outras espécies do gênero, supõe-se que seja terrestre, noturna e que sua dieta inclua serpentes e lagartos. Apresenta mudança ontogenética de coloração: os juvenis têm o dorso coral, enquanto os adultos são completamente negros. Endêmica do Brasil, sua distribuição abrange a região Nordeste e o norte de Minas Gerais, ocorrendo na Caatinga e se estendendo até algumas áreas da porção setentrional da Floresta Atlântica.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Foto: Gentil A. Pereira-Filho

**Nota etnozoológica**

Espécie com importância médica



Esta espécie é frequentemente morta por ser confundida com serpentes peçonhentas. No entanto, em algumas localidades, caçadores a poupam ao perceberem que não é peçonhenta e que se alimenta de outras serpentes, incluindo espécies peçonhentas. Uma das crenças atribuídas a esta espécie é de que ela se alimenta de leite materno, onde colocam a ponta da cauda na boca da criança e a boca no seio da mãe.

DORMIDEIRA, JARARAQUINHA

Dipsas mikanii Schlegel, 1837

Características: Serpente de pequeno porte, podendo atingir até 70 centímetros de comprimento rostro-cloacal. Possui coloração variegada, geralmente apresentando tons marrom, creme e cinza, com padrões claros e escuros que auxiliam na camuflagem. Essa espécie é conhecida por seus hábitos alimentares especializados, alimentando-se principalmente de lesmas. É encontrada em florestas tropicais e subtropicais da América do Sul, incluindo Brasil, Paraguai e Argentina.



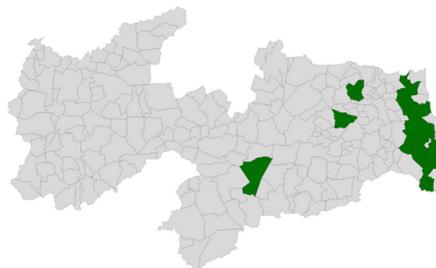
Foto: Frederico G. R. França

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Por se alimentarem de lesmas, essas serpentes são comuns em jardins e hortas. No entanto, muitas são mortas por serem confundidas com serpentes peçonhentas, devido à coloração e ao comportamento defensivo, como triangular a cabeça e achatam o corpo.



Devido à sua lentidão, são facilmente capturadas e frequentemente usadas em "garrafadas" (cobras no álcool), acreditando-se que o líquido tenha propriedades terapêuticas para dores articulares e problemas respiratórios. Também lhe são atribuídos efeitos afrodisíacos e fortalecedores, embora sem comprovação científica.

COBRA-CASCO-DE-BURRO, COBRA-DE-CAPIM*Erythrolamprus poecilogyrus* (Wied, 1825)

Características: Serpente de pequeno porte, atingindo até 80 cm de comprimento rostro-cloacal. O padrão de coloração varia ao longo do desenvolvimento: os jovens apresentam o dorso da cabeça marrom-claro, bandas pretas transversais ao longo da região dorsal e ventre branco com manchas pretas distribuídas de forma irregular. Os adultos apresentam o dorso de cor uniforme, variando do marrom-claro ao verde-claro. É uma espécie diurna e terrestre, com alimentação baseada em anfíbios. Sua taxonomia é confusa, com possíveis espécies ainda não descritas. Distribui-se pela Amazônia, Caatinga, Cerrado e norte da Mata Atlântica. Na Caatinga, habitam diversos ambientes, sendo considerada comum no bioma.

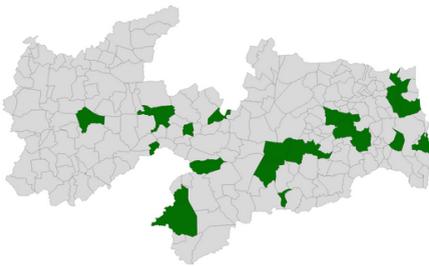
Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Foto: Washington L. S. Vieira

Indivíduo adulto (acima) e indivíduo jovem (abaixo).

Nota etnozoológica

Na Caatinga, os jovens são considerados peçonhentos e conhecidos como "casco-de-burro", devido à crença de que suas mordidas em cavalos e burros seriam fatais. Essa superstição, aliada à aversão comum a serpentes na região, faz com que sejam frequentemente abatidas.

COBRA-VERDE, COBRA-D'ÁGUA

Erythrolamprus viridis (Gunther, 1862)



Foto: Washington L. S. Vieira

Indivíduo adulto (acima) e indivíduo jovem (abaixo).

Características: Serpente pequena, com cerca de 40 cm de comprimento rostro-cloacal. Juvenis possuem dorso verde com listras laterais pretas, enquanto adultos apresentam dorso verde uniforme e ventre branco. Embora frequentemente confundida com *Philodryas olfersii* (única serpente totalmente verde da Caatinga), pode ser diferenciada pelo número de fileiras de escamas dorsais: *E. viridis* apresenta 19-19-17 fileiras, enquanto *P. olfersii* apresenta 19-19-15. Outra forma de diferenciar as duas espécies é através da coloração ventral. *E. viridis* apresenta o ventre branco e *P. olfersii* apresenta o ventre verde uniforme. Diurna e terrestre, alimenta-se de pequenos anfíbios e girinos. Endêmica do Brasil, é amplamente encontrada na Caatinga. Também ocorre em áreas de transição com o Cerrado e em regiões abertas da Mata Atlântica nordestina.

Estado de conservação

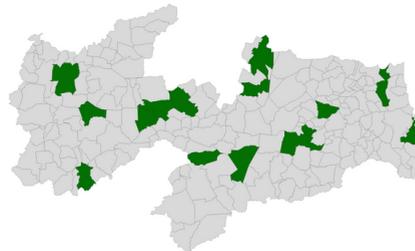
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, um equívoco comum que contribui para a perseguição e mortalidade de diversas serpentes em sua área de ocorrência.

JARARACA-DE-OCO, COBRA-OLHO-DE-GATO*Leptodeira tarairiu* Costa, Graboski, Grazziotin, Zaher, Rodrigues & Prudente, 2022

Características: Serpente de pequeno porte, atingindo até 80 cm de comprimento rostro-cloacal. Apresenta coloração dorsal marrom-clara, com manchas marrons escuras ao longo do dorso. Possui hábitos noturnos e semi-arborícolas, alimentando-se principalmente de anfíbios, que são subjugados por envenenamento. Amplamente distribuída na Caatinga, ocorrendo em diversos habitats.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

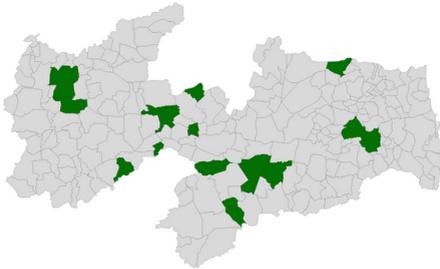


Foto: Gentil A. Pereira-Filho

Nota etnozoológica

É considerada muito perigosa, também recebendo o nome de jararaca, provavelmente devido à sua coloração e seu comportamento defensivo de achatar e triangular a cabeça, que se assemelha a *Bothrops erythromelas*, dessa forma sendo abatida frequentemente.

FALSA-CORAL, COBRA-CORAL-FALSA

Oxyrhopus trigeminus Dumeril, Bibron & Dumeril, 1854

Características: Serpente de pequeno porte, atingindo até 80 cm de comprimento rostro-cloacal. É facilmente identificada pelos anéis tricolores (vermelho, preto e branco) e pelo ventre branco, que pode ocasionalmente apresentar pequenos pontos pretos, especialmente na escama cloacal. Possui hábitos noturnos e terrestres, alimentando-se principalmente de lagartos, que são subjugados por envenenamento e constrição. Ocorre no Brasil e na Bolívia, sendo comumente encontrada no Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal.



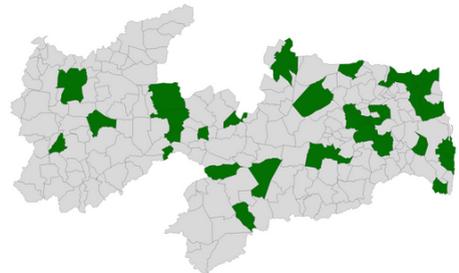
Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, sendo comumente confundida com corais-verdadeiras (*Micrurus* sp.), um equívoco recorrente que impacta diversas serpentes em sua área de ocorrência.

CORRE-CAMPO*Philodryas nattereri* Steindachner, 1870

Características: Serpente de médio porte, podendo atingir até 1,3 m de comprimento rostro-cloacal. É facilmente distinguida das demais pela contagem de escamas dorsais em 21-21-17. Apresenta coloração dorsal marrom uniforme e o ventre branco. É diurna, terrestre e alimenta-se principalmente de sapos, embora lagartos e pequenos mamíferos também possam ser consumidos ocasionalmente. Trata-se de uma espécie muito comum na região semiárida. Amplamente distribuída na diagonal seca da América do Sul, ocorre no Brasil e Paraguai. No Brasil, ocorre com frequência no Cerrado, Pantanal, Caatinga, podendo ser encontrada também em áreas ao norte da Floresta Atlântica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

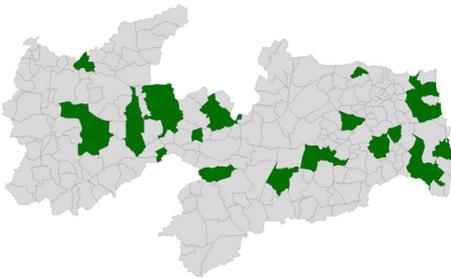


Foto: Washington L. S. Vieira

Espécie com importância médica

**Nota etnozoológica**

Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, um equívoco comum que contribui para a perseguição e mortalidade de diversas serpentes em sua área de ocorrência.

COBRA-VERDE

Philodryas olfersii (Linchtstein, 1823)

Características: Serpente de porte médio, chegando até 1,20 m de comprimento rostro-cloacal. *Philodryas olfersii* apresenta coloração dorsal e ventral verde uniforme, sendo diferenciável de *Erythrolamprus viridis* pelo número de fileiras de escamas dorsais: *E. viridis* apresenta 19-19-17 fileiras, enquanto *P. olfersii* possui 19-19-15 fileiras. É uma espécie diurna e terrestre, com dieta generalista que inclui pequenos mamíferos, sapos, lagartos e aves. As presas são abatidas por envenenamento e constrição. É uma espécie amplamente distribuída na América do Sul, com registros em formações florestais e abertas de todos os biomas brasileiros.



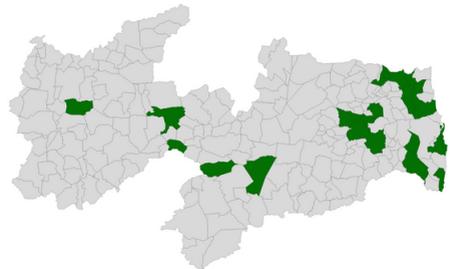
Foto: Gentil A. Pereira-Filho

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Espécie com
importância médica



Nota etnozoológica



Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, um equívoco comum que contribui para a perseguição e mortalidade de diversas serpentes em sua área de ocorrência.

COBRA-PRETA, MUÇURANA, COBRA DE LEITE*Pseudoboa nigra* (Dumeril, Bibron & Dumeril, 1854)

Características: Serpente de porte médio, chegando até 1,40 m de comprimento rostro-cloacal. Apresenta hábito noturno e terrestre, com uma dieta baseada principalmente em lagartos, mas também consome pequenos mamíferos. As presas são abatidas por envenenamento e constrição. É encontrada no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. No Brasil, ocorre em formações vegetais abertas do Cerrado, Caatinga e Floresta Atlântica, como as restingas. Na Caatinga, essa espécie é encontrada em todos os habitats.

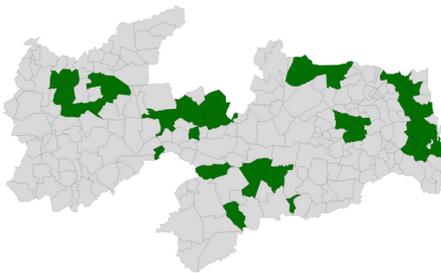
Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Foto: Washington L. S. Vieira

Indivíduo adulto (acima) e indivíduo jovem (abaixo).

Nota etnozoológica

Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, um equívoco comum que contribui para a perseguição e mortalidade de diversas serpentes em sua área de ocorrência.

FOCINHO-DE-CACHORRO, BOIPEVA, ACHATADEIRA

Xenodon merremii (Wagler, 1824)

Características: Serpente de porte médio, com indivíduos chegando até 90 cm de comprimento rostro-cloacal. O padrão de coloração mais comum na Paraíba é o que mimetiza as jararacas (*Bothrops* spp.). Apresenta um comportamento defensivo característico, consistindo em achatá-lo a região do pescoço e abrir a boca, exibindo a mucosa interna preta. É diurna e terrestre, com uma dieta baseada principalmente em sapos. Amplamente distribuída na América do Sul, ocorre no Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina. É comum em formações vegetais abertas em todos os biomas brasileiros, exceto na Amazônia, onde se restringe a poucas áreas de savana.



Foto: Gentil A. Pereira-Filho

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

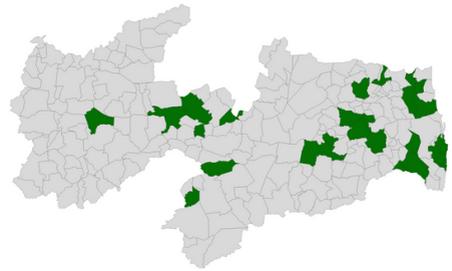
LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Essa espécie é frequentemente abatida por ser erroneamente considerada venenosa, e confundida com jararacas (*Bothrops* spp.). Um equívoco comum que contribui para a perseguição e mortalidade de diversas serpentes em sua área de ocorrência.

COBRA-CORAL*Micrurus bonita* Nascimento, Graboski, Silva Jr & Prudente, 2024

Características: Serpente de pequeno porte, atingindo até 70 cm de comprimento rostro-cloacal nos maiores indivíduos. Uma das principais características dessa espécie é a coloração em tríades de vermelho, preto e branco, que se estendem do dorso ao ventre. Apresenta comportamento defensivo único, elevando a cauda e realizando movimentos erráticos para confundir predadores. Na região nordeste, há a presença de *Micrurus ibiboca*; entretanto, a diferenciação entre as duas espécies requer observação mais detalhada de suas características. Esta serpente é terrestre e noturna, raramente ativa durante o dia. Sua dieta consiste em presas cilíndricas, como serpentes e anfisbênas, que são mortas por envenenamento. Com ampla distribuição na Caatinga e Mata Atlântica do nordeste do Brasil.

Estado de conservação

Brasil: Não avaliada

NA

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

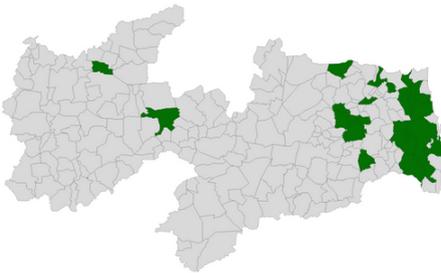


Foto: Marco Freitas

Espécie com importância médica

**Nota etnozoológica**

Essa espécie é frequentemente abatida por ser considerada perigosa para pessoas e animais domésticos.



Derivados medicinais são tradicionalmente utilizados no tratamento de reumatismo e picadas de serpentes.

JARARACA, JARARACA-DO-SERTÃO

Bothrops erythromelas Amaral, 1923

Características: Serpente de pequeno porte, com os maiores exemplares atingindo 60 cm de comprimento rostro-cloacal. Apresenta uma ampla variação de cor, sendo o padrão mais comum o dorso com cor ocre. A coloração dorsal ocre, juntamente com as escamas quilhadas e as fossetas loreais, possibilita a identificação desta espécie. Trata-se de uma serpente noturna e terrestre, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos, mas também consome lacraias e lagartos. Considerada endêmica do bioma Caatinga, possui ampla distribuição nesse bioma, habitando áreas de mata seca espinhosa, florestas decíduas secas e regiões rochosas abertas.



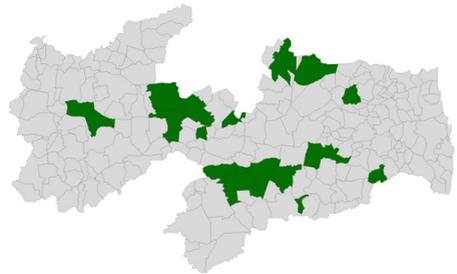
Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Espécie com
importância médica



Nota etnozoológica



A jararaca é temida por sua alta letalidade e frequentemente abatida ao ser encontrada. Não há registros de uso de seus derivados pela população.

CASCADEL, COBRA-DE-CHOCALHO*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758

Características: Serpente de porte médio a grande, com exemplares podendo atingir 1,8 m de comprimento rostro-cloacal. A principal característica que identifica esta espécie é a presença de um guizo (chocalho ou maracá) na ponta da cauda, usado como defesa contra predadores. Apresenta escamas quilhadas e coloração cinza com losangos dorsais. Trata-se de uma espécie terrestre, podendo estar ativa tanto de dia quanto à noite. Alimenta-se principalmente de pequenos roedores, que são mortos por envenenamento. A subespécie *Crotalus durissus cascavella* apresenta distribuição para o Nordeste brasileiro, ocorrendo na Caatinga e, com menor frequência, nas áreas abertas da Mata Atlântica nordestina.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

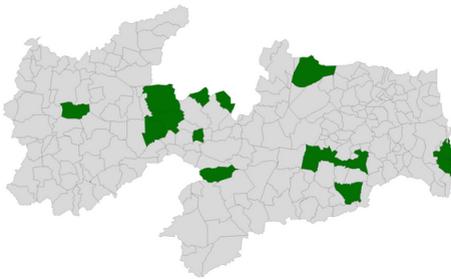


Foto: Washington L. S. Vieira

Espécie com importância médica

**Nota etnozoológica**

Essa espécie é temida na região semiárida devido à sua letalidade, representando riscos para humanos e animais domésticos, o que frequentemente resulta em sua morte ao ser encontrada.



A gordura é amplamente usada na medicina popular para tratar asma, picadas de cobra, reumatismo e doenças de pele e ouvido. Além disso, o chocalho e a pele da espécie são utilizados em práticas religiosas ou mágicas.

LAGARTIXA, LAGARTIXA-DE-PAREDE, BRIBA

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)

Características: Lagarto de pequeno porte, podendo atingir 6 a 10 cm de comprimento rostro-cloacal, com coloração variável entre cinza e marrom claro ou escuro, às vezes esbranquiçado. Possui cabeça grande e achatada, olhos grandes com pupilas elípticas e pele dorsal com escamas pequenas e tubérculos cônicos. As patas têm uma linha dupla de lamelas pequenas na porção inferior dos dedos. Altamente adaptável a ambientes tropicais, tem grande potencial de colonização. Espécie de hábito noturno que se alimenta principalmente de insetos. Nativa das porções central e leste da África, foi introduzida em diversas partes do mundo, incluindo o oeste da África, o sul dos Estados Unidos, todo o Caribe e América do Sul. Comum em ambientes urbanos, é frequentemente encontrada em habitações rurais e urbanas.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Não avaliada

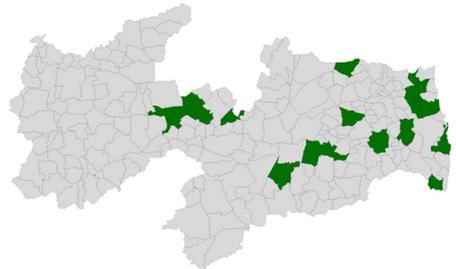
NA

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Essa espécie tem sido utilizada na medicina popular para tratar dor de garganta.

CAMALEÃO, IGUANA-VERDE*Iguana iguana* (Linnaeus, 1758)

Características: Lagarto de grande porte, podendo atingir 32 a 80 cm de comprimento rostro-cloacal. Os jovens têm cor verde com listras escuras no corpo e cauda, além de um ventre branco. Os adultos são mais escuros e podem ficar totalmente cinzentos. Possui uma crista que vai da nuca até a cauda, cabeça curta, focinho arredondado, um grande tímpano oval e uma escama redonda próxima ao ouvido, além de uma crista na região gular composta por escamas triangulares. Espécie de hábito diurno, principalmente herbívora e que apresenta ampla distribuição na região neotropical, ocorrendo do México até a Argentina. Apesar de ser mais comum em ambientes florestais, a espécie pode ser registrada em ambientes antrópicos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II

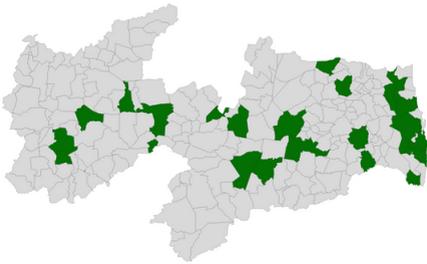


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

Essa espécie é a segunda mais visada entre os lagartos. Sua carne é consumida como fonte de proteína, enquanto gordura e ossos são utilizados na medicina popular.



Além disso, é frequentemente criada como animal de estimação.

BRIBA, BRIBA-GIGANTE

Phyllopezus periosus (Rodrigues, 1986)

Características: Uma das maiores bribas do Brasil, podendo atingir 9 a 13 cm de comprimento rostro-cloacal. Dorso cinza ou marrom, com 6 a 7 manchas escuras, separadas por halos claros. Cauda seguindo o mesmo padrão. Ventre amarelado nos adultos e branco nos jovens. Cabeça grande e achatada, olhos grandes e pupilas elípticas. Corpo coberto por pequenas escamas lisas, intercaladas com tubérculos. Dedos com uma linha de lamelas lisas e inteiras na porção inferior. Espécie noturna que se alimenta principalmente de insetos. Endêmica da porção oriental da Caatinga, do Ceará até Sergipe, habita afloramentos rochosos e habitações humanas em áreas rurais.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

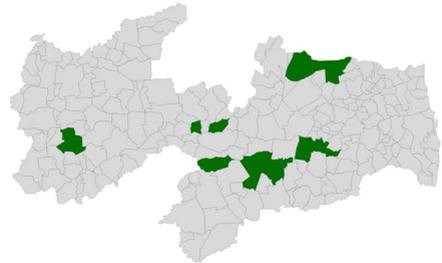
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Esta espécie de lagarto é valorizada na medicina popular por suas supostas propriedades curativas.

BRIBA, LAGARTIXA-DE-PEDRA*Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825)

Características: Porte pequeno, podendo atingir 6 a 9 cm de comprimento rostro-cloacal, com coloração variando de cinza claro a escuro, com pontos pretos espalhados. Pode apresentar listras escuras no dorso, interrompidas por uma linha clara, menos visíveis em alguns adultos. Possui uma faixa escura dos olhos até os ombros, passando pelo ouvido, e ventre branco. Cabeça grande e achatada, olhos grandes, sem pálpebras e pupilas elípticas. Pele com pequenas escamas lisas e tubérculos cônicos. Dedos com uma linha de lamelas lisas e inteiras, com lamelas distais sobrepostas. Espécie noturna que se alimenta principalmente de insetos. Possui distribuição nas regiões Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, na Caatinga e Cerrado, com registros em áreas de transição. Comum em habitações humanas em áreas rurais.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

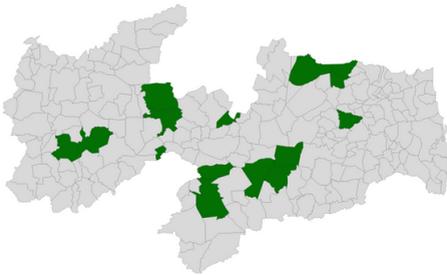


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

Esta espécie de lagarto é valorizada na medicina popular por suas supostas propriedades curativas.

PAPA-VENTO, CALANGO-CEGO, CAMALEÃO-PREGUIÇA

Polychrus acutirostris (Spix, 1825)

Características: Lagarto de pequeno porte, podendo atingir 14 a 25 cm de comprimento rostro-cloacal. Seu corpo tem cores que variam de cinza claro a escuro, marrom ou até cinza-oliva, alguns indivíduos possuem manchas mais escuras. Possui olhos cônicos com pálpebras parcialmente fundidas, duas linhas escuras que começam atrás dos olhos e se estendem até os ombros, uma delas passa pelo ouvido. O corpo é afilado e comprimido lateralmente, com patas longas e finas. Sua cauda é longa e semi-preênsil. Espécie de hábito diurno que se alimenta principalmente de insetos. Apresenta ampla distribuição em áreas abertas da América do Sul, no Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina. No Brasil, há registros na Caatinga, Cerrado, Pantanal e em áreas abertas da Mata Atlântica e Amazônia.



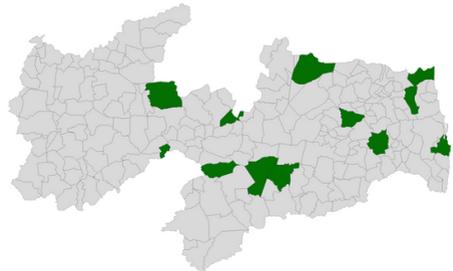
Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Esta espécie de lagarto é valorizada na medicina popular por suas supostas propriedades curativas, além de ser associada a melhoria do desempenho sexual.

BICO-DOCE, SARDÃO-GRANDE, CALANGO-VERDE*Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758)

Características: Lagarto de porte médio, podendo atingir 16 a 20 cm de comprimento rostro-cloacal, com coloração variável conforme a idade. Adultos podem ter dorso verde ou marrom com manchas pretas e flancos com manchas brancas cercadas de preto. Nos machos, a barriga e os membros posteriores são azuis. Os jovens podem ser coloridos ou marrons, com faixa preta nos flancos. Espécie de hábito diurno, alimenta-se principalmente de insetos. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, sendo encontrada da Colômbia até a Argentina. No Brasil, a espécie possui registros na Caatinga, Cerrado, Pantanal e em áreas abertas da Mata Atlântica e Amazônia. É uma espécie frequentemente encontrada utilizando ambientes antrópicos e alterados.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

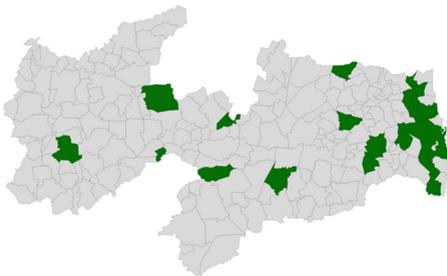


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

A espécie é caçada para consumo, embora seu uso seja menos frequente que o de outros lagartos, como *Salvator merianae*.



É empregada na medicina popular para tratar infecções, dermatites, doenças venéreas e picadas de cobra.

CALANGO, CALANGUINHO, SARDÃO-PEQUENO

Ameivula ocellifera (Spix, 1825)

Características: Lagarto de pequeno porte, podendo atingir 9 a 12 cm de comprimento rostro-cloacal, cuja coloração muda com a idade. Machos adultos têm dorso que varia entre verde e marrom-avermelhado, flancos com linhas escuras e manchas azuladas ou brancas, e ventre que pode ser avermelhado ou branco. Fêmeas e jovens apresentam linhas claras no dorso e ventre branco. O corpo é cilíndrico, com dorso granular e escamas ventrais organizadas em 8 fileiras transversais. Espécie de hábito diurno, alimenta-se principalmente de insetos. Apresenta ampla distribuição na diagonal seca de áreas abertas da América do Sul. No Brasil, a espécie é frequente no Cerrado, Caatinga e em áreas abertas da Mata Atlântica, como as restingas litorâneas.



Foto: Chaline Olivier (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

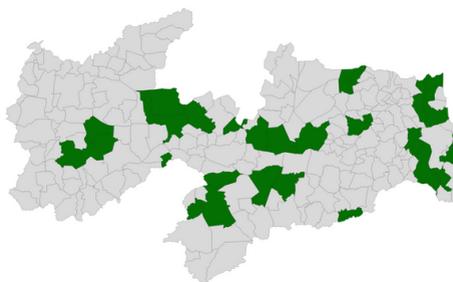
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



É frequentemente caçado por crianças, que os abatem com "baladeiras" (estilingues) por diversão.



Os animais capturados às vezes são consumidos, e seus produtos são usados na medicina popular para tratar infecções, dermatites, doenças venéreas e picadas de cobra.

TÉJO, TEJUAÇÚ, TEIÚ*Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839)

Características: Lagarto de grande porte, podendo atingir 30 a 50 cm de comprimento rostro-cloacal. Dorso com coloração marmorizada em preto e cinza ou preto e marrom-escuro, frequentemente exibindo listras transversais e manchas brancas ou amareladas. A cabeça é marrom-escura, e os flancos podem ser mais claros com manchas pretas e listras transversais, além de uma faixa preta larga que começa atrás do ouvido e segue pelo corpo intercalada com manchas esbranquiçadas. O ventre é branco ou creme, com manchas pretas de tamanhos variados. Nos jovens, a parte frontal do corpo é esverdeada, com listras pretas e cinzas. Espécie diurna e onívora, com ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo no Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia. No Brasil, habita ambientes abertos e florestais, podendo ser encontrada também em ambientes antrópicos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

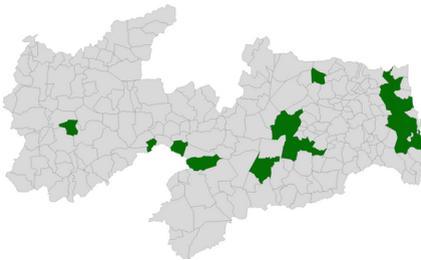


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

É o lagarto mais caçado na região semiárida, com carne consumida como fonte de proteína por populações locais e comercializada em áreas urbanas. Contudo, é tabu alimentar em algumas comunidades.



Na medicina popular, sua gordura é usada como zoterápico na Caatinga para tratar dores de ouvido, surdez, reumatismo, problemas de pele, doenças respiratórias, picadas de cobra, asma, tumores, inchaços, infecções e bronquite. Outros derivados, como a língua e pele, também são usados, inclusive em práticas etnoveterinárias.



A espécie também é caçada por ser vista como predadora de aves domésticas e seus ovos.

LAGARTIXA, LAGARTIXA-PRETA, CATENGA, CALANGO

Tropidurus hispidus (Spix, 1825)

Características: Lagarto pequeno, podendo atingir 6 a 14 cm de comprimento rostro-cloacal. Dorso de coloração cinza a marrom e listras escuras irregulares, que podem ser ausentes ou mais claras em alguns indivíduos. O ventre varia de cinza claro a escuro, e machos adultos apresentam membros posteriores e região cloacal pretos. Pode haver uma faixa escura no pescoço, contornada por uma linha clara. Espécie diurna, alimenta-se principalmente de insetos, podendo consumir folhas, pequenos frutos e pétalas de flores. Distribui-se pelo Norte e Nordeste do Brasil, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, ocorrendo na Caatinga, Cerrado e em áreas abertas da Mata Atlântica e Amazônia. Frequente em ambientes antrópicos, incluindo habitações rurais e urbanas.



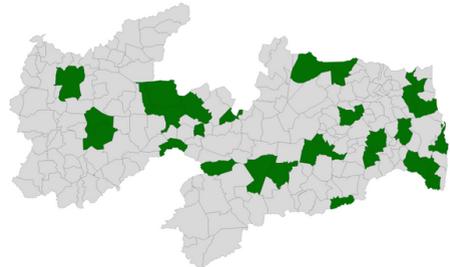
Foto: Frederico G. R. França

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



A lagartixa é utilizada na medicina popular para tratar alcoolismo, dermatomicoses, verrugas, abscessos, furúnculos, dor de garganta, erisipela, sarampo, asma e para secar o coto umbilical de recém-nascidos.

LAGARTIXA, LAGARTIXA-DE-LAJEDO*Tropidurus semitaeniatus* (Spix, 1825)

Características: Lagarto pequeno, podendo atingir 5 a 10 cm de comprimento rostro-cloacal, com corpo achatado dorso-ventralmente. Coloração cinza ou marrom, com manchas escuras, pontos esbranquiçados e uma faixa clara do focinho à base da cauda. Filhotes apresentam padrão semelhante, mas com fundo mais escuro e manchas brancas em linhas transversais. Ventre de cinza claro a escuro, com patas e região cloacal dos machos adultos mais escuras. Espécie diurna, alimenta-se principalmente de insetos, podendo consumir folhas e pequenos frutos. Ocorre em áreas da Caatinga e Mata Atlântica, comum em afloramentos rochosos e habitações rurais, principalmente no semiárido.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

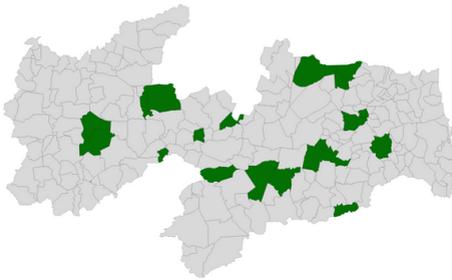


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica

A lagartixa é empregada na medicina tradicional como recurso terapêutico no tratamento do alcoolismo, infecções fúngicas da pele, verrugas, abscessos, furúnculos, dores de garganta, erisipela, sarampo, asma e também para ajudar na cicatrização do coto umbilical de recém-nascidos.

CÁGADO, CÁGADO-D'ÁGUA

Mesoclemmys tuberculata (Lüderwaldt, 1926)

Características: Tamanho médio, podendo atingir 25 a 40 cm de comprimento da carapaça. A carapaça varia de marrom claro a escuro, podendo ser completamente preta. A superfície de cada escudo da carapaça pode ser áspera, com algumas linhas elevadas, e o plastrão (parte inferior da carapaça) é amarelado, podendo apresentar manchas escuras que se intensificam com o tempo. A cabeça e o pescoço são cinza-escuros na parte superior e amarelados ou acinzentados na inferior. A parte posterior da cabeça pode apresentar pontos claros, enquanto as mandíbulas são amarelas, com uma faixa mais clara na parte superior. O pescoço é coberto por pequenos tubérculos cônicos, característica que dá nome à espécie. Espécie diurna e onívora, se alimenta principalmente de peixes, girinos, insetos e material vegetal. Ocorre em todo o nordeste do Brasil, em áreas de Caatinga e Mata Atlântica.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

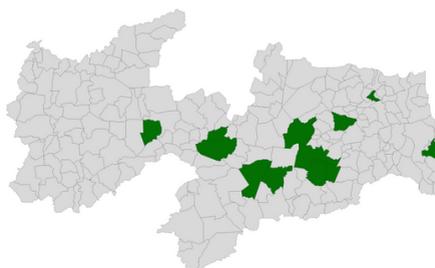
LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Esta espécie é consumida por populações do semiárido, sendo ocasionalmente capturada acidentalmente em redes de pesca.



É utilizada na medicina popular para tratar reumatismo, trombose, bronquite, diarreia, hemorragias, asma, dor de garganta e rouquidão.

CÁGADO, CÁGADO-D'ÁGUA, CÁGADO-DE-BARBELA

Phrynops geoffroanus (Peters, 1870)

Características: Tamanho médio, podendo atingir 27 a 45 cm de comprimento da carapaça. Carapaça escura, com manchas cinzas e faixas de cor mogno, e uma borda amarela. O plastrão pode ser amarelo ou marrom-claro em adultos mais velhos, com pequenas manchas escuras. Indivíduos jovens e adultos imaturos possuem um padrão vermelho e preto. Cabeça de cor cinza ou oliva, com uma faixa creme que vai das narinas até os ombros, bordada por linhas pretas. A garganta e o pescoço são amarelos ou esbranquiçados, com faixas pretas irregulares. Algumas formas podem apresentar uma crista mediana e protuberâncias nas escamas costais. Espécie diurna e onívora, se alimenta principalmente de peixes, girinos, insetos e material vegetal. Possui ampla distribuição, ocorrendo nos mais diversos ambientes, com influência do Cerrado, Floresta Amazônica, Caatinga e até mesmo ambientes altamente antropizados e poluídos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

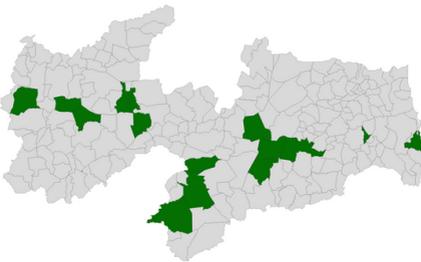


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica



O cágado é geralmente abatido para ser consumido como alimento.



Na medicina popular, é utilizada para tratar asma, dor de garganta, inchaço, dor de ouvido, reumatismo, artrite, caxumba e para a cicatrização do cordão umbilical de recém-nascidos. Também pode ser capturada incidentalmente em redes de pesca.

TARTARUGA-CABEÇUDA

Caretta caretta (Linnaeus, 1758)

Características: Quelônio marinho com comprimento da carapaça podendo alcançar 136 cm e peso de até 140 kg. Apresenta carapaça oval, mais alongada que larga, composta por cinco placas costais (raramente seis) e com placa nugal em contato com a primeira costal. A coloração varia de marrom a marrom-avermelhado. Possui três placas inframarginais sem poros glandulares. A cabeça é grande e bastante larga, apresentando uma placa inter-pré-frontal entre os dois pares de placas pré-frontais. Possui duas unhas nas nadadeiras anteriores e duas ou três nas posteriores. A dieta é predominantemente carnívora, composta por crustáceos, moluscos, peixes, ovos de peixes, poliquetas, esponjas e, ocasionalmente, algas. A espécie ocorre em mares tropicais, subtropicais e temperados, sendo encontrada em alto-mar, em ilhas oceânicas e em águas costeiras.



Foto: Brian Gratwicke (via Flickr, CC BY 2.0)

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável



IUCN: Vulnerável



CITES: Apêndice I



Nota etnozoológica



Apresenta histórico de uso tradicional por comunidades costeiras, sobretudo antes da regulamentação ambiental. Sua carne e ovos eram consumidos, a banha usada na medicina popular como substituta da tartaruga-verde, e o casco, de menor valor estético, aproveitado na confecção de utensílios simples. Atualmente, a principal ameaça à espécie é a captura acidental em redes de pesca e ainda pode ser alvo de uso clandestino.



TARTARUGA-VERDE*Chelonia mydas* (Linnaeus, 1758)

Características: Quelônio marinho com comprimento da carapaça podendo alcançar 143 cm e peso de até 160 kg. Apresenta carapaça oval, composta por quatro pares de placas justapostas, com coloração variando entre marrom e verde-escuro. A cabeça é curta e anteriormente arredondada, com um par de placas pré-frontais e bicos córneos (ranfotecas) de superfície serrilhada. Possui uma unha em cada nadadeira. Apresenta variação ontogenética na dieta: é onívora na fase juvenil e predominantemente herbívora na fase adulta. A espécie ocorre em mares tropicais e subtropicais, sendo encontrada em águas costeiras, baías e no entorno de ilhas oceânicas.

Estado de conservação

Brasil: Quase ameaçada



IUCN: Em perigo



CITES: Apêndice I



Foto: Patrick Randall (via Flickr, CC BY-NC-SA 2.0)

Nota etnozoológica

Possui reconhecida importância cultural e utilitária em comunidades costeiras. Tradicionalmente, sua carne e ovos eram consumidos, a banha empregada na medicina popular e o casco utilizado na confecção de utensílios e adornos.



Embora esses usos estejam hoje proibidos e tenham diminuído ao longo do tempo, ainda ocorrem de forma clandestina. A captura acidental em redes de pesca artesanal permanece como uma das principais ameaças à espécie.

TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelys imbricata (Linnaeus, 1766)

Características: Quelônio marinho com comprimento da carapaça podendo alcançar 110 cm e peso de até 86 kg. Apresenta carapaça elíptica, formada por quatro pares de placas imbricadas (sobrepostas), com margens serrilhadas e coloração variando entre marrom, marrom-avermelhado, marrom-amarelado e bege. A cabeça é alongada e afilada anteriormente, com dois pares de placas pré-frontais e bicos córneos (ranfotecas) de superfície lisa, não serrilhada. Possui duas unhas em cada nadadeira. A dieta inclui esponjas, anêmonas, cefalópodes e crustáceos. Distribui-se pelos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, sendo a espécie de tartaruga marinha com ocorrência mais restrita a regiões tropicais, comum em recifes de corais e águas costeiras rasas.



Foto: Bruno Navez (via Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0)

Estado de conservação

Brasil: Em perigo

EN

IUCN: Criticamente em perigo

CR

CITES: Apêndice I

I



Nota etnozoológica

A espécie possui relevância histórica e cultural em regiões tropicais, destacando-se pelo uso do casco na produção de pentes e artefatos artesanais, valorizados por sua coloração e textura. Carne, ovos e gordura também eram aproveitados, embora com menor frequência que em *Chelonia mydas*. Por habitar recifes e áreas costeiras rasas, era facilmente capturada, e sua carapaça foi amplamente explorada no comércio internacional, contribuindo para seu acentuado declínio. Atualmente, é considerada criticamente ameaçada e protegida por legislação internacional, embora o uso clandestino ainda persista em algumas regiões.



TARTARUGA-OLIVA*Lepidochelys olivacea* (Escholtz, 1829)

Características: Quelônio marinho com comprimento da carapaça podendo alcançar 72 cm e peso de até 42 kg. Apresenta carapaça de formato circular, com seis ou mais placas costais e placa nugal em contato com a primeira costal. A coloração predominante é verde-escura. Possui quatro placas inframarginais com poros glandulares. A cabeça é pequena e não apresenta a placa inter-pré-frontal entre os pares de placas pré-frontais. Possui uma unha nas nadadeiras anteriores e uma ou duas nas posteriores. A dieta é predominantemente carnívora, composta por crustáceos, moluscos, peixes, poliquetas e, eventualmente, algas. A espécie ocorre em regiões tropicais e subtropicais dos oceanos Índico e Pacífico. No Atlântico, é encontrada na porção norte da América do Sul e na costa oeste da África.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Apêndice I

I



Foto: JHVEPhoto (via Getty Images)

Nota etnozoológica

Há registros do consumo de carne, ovos e banha da tartaruga-oliva por comunidades costeiras, especialmente onde diferentes espécies de tartarugas marinhas coexistem.



O casco, de uso restrito, já foi empregado na confecção de objetos simples. A principal ameaça atual é a captura acidental em redes artesanais, além de casos pontuais de uso ilegal.

CÁGADO, MUÇUÃ

Kinosternon scorpioides (Linnaeus, 1766)

Características: Pequeno porte, podendo atingir 18 a 27 cm de comprimento da carapaça. A coloração da carapaça varia de marrom claro a escuro, enquanto o plastrão e as placas marginais inferiores são amarelados, podendo ter manchas escuras. A cabeça e o pescoço, assim como as costas e o ventre, são escuros, com a cabeça salpicada de pontos claros e as mandíbulas de cor amarela. Sua carapaça é oval e alta, com três quilhas longitudinais, que vão desaparecendo conforme o animal envelhece. As partes anteriores e posteriores do plastrão são móveis. Espécie diurna, alimenta-se principalmente de pequenos peixes, girinos e insetos aquáticos. Apresenta ampla distribuição, sendo encontrada na Mata Atlântica, Amazônia e em todas as regiões da Caatinga.



Foto: Washington L. S. Vieira

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

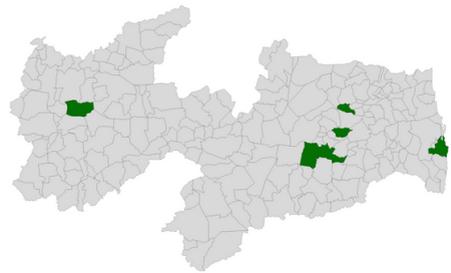
LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



O cágado é utilizado para consumo humano e também para fins medicinais. Não é comumente encontrado na Caatinga e pode ser capturado acidentalmente em redes de pesca.

JABUTI, JABUTI-PIRANGA

Chelonoidis carbonaria (Spix, 1824)

Características: Tamanho médio, podendo atingir 30 a 70 cm de comprimento da carapaça. Coloração da carapaça varia do marrom escuro ao preto, com o centro das placas (aréolas) amarelo ou laranja. O plastrão varia de amarelo a laranja, e as placas têm contornos escuros ao longo das linhas de crescimento. A cabeça é escura, com escamas de cores que variam entre vermelho e amarelo. As patas são cilíndricas, com escamas vermelhas ou laranjas nas partes anteriores. Espécie diurna e predominantemente herbívora (alimenta-se de folhas, frutos, pétalas de flores), mas pode consumir animais mortos e fezes de outros animais (coprofagia). Apresenta ampla distribuição, sendo encontrada na Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado e Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

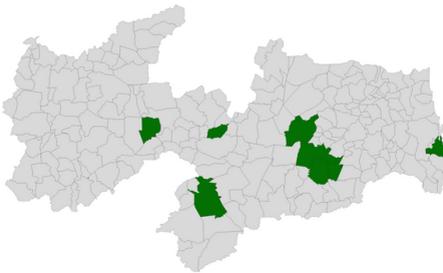


Foto: Washington L. S. Vieira

Nota etnozoológica



Em algumas localidades, o jabuti é consumido como alimento, e sua gordura é utilizada na medicina popular para tratar erisipela, bronquite e asma.

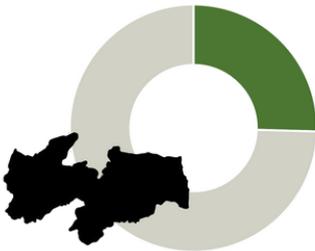


O jabuti um dos animais silvestres mais populares como pet na região semiárida, devido ao comportamento dócil e à facilidade de captura e manejo.

Répteis de importância etnozoológica da Paraíba

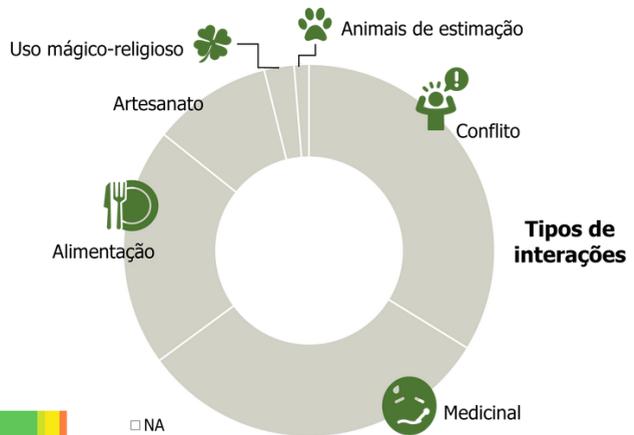
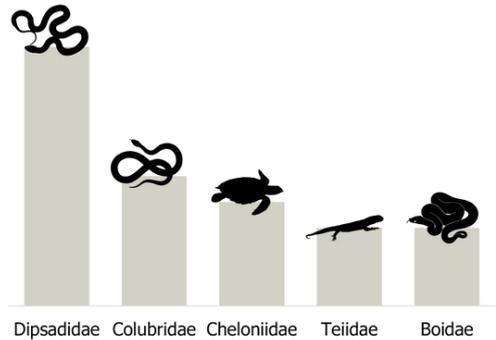
Registramos interações etnozoológicas com 44 espécies de répteis, de um total de 129 espécies conhecidas para o estado, abrangendo três ordens e 17 famílias. As famílias mais representadas foram Dipsadidae, Colubridae, Cheloniidae, Teiidae e Boidae. Entre essas espécies, quatro estão classificadas como ameaçadas em nível internacional pela IUCN, e três como ameaçadas nacionalmente pelo MMA, incluindo categorias como Vulnerável, Em Perigo e Criticamente Ameaçada. As interações registradas envolveram usos alimentares, medicinais (na medicina tradicional), confecção de artesanato, práticas mágico-religiosas, situações de conflito e manutenção como animais de estimação (pet). Dentre essas interações, as situações de conflito foram as mais frequentes.

44 espécies
de répteis estão envolvidas
em interações etnozoológicas
na Paraíba



34% das espécies
registradas no estado

Famílias mais representativas



Estado de conservação



Exemplos de interações com répteis



Exemplos: (A) cascavel (*Crotalus durissus*) e (B) cobra-corre-campo (*Philodryas nattereri*) abatidas durante situações de conflito; (C) e (D) teiú (*Salvator merianae*) abatido para fins alimentares; (E) couro de jiboia (*Boa constrictor*); (F) iguana (*Iguana iguana*) abatida para fim alimentar; (G) chocalho de cascavel e (H) banha de teiú para uso medicinal. Fotos: (A), (C), (D), (F) e (H) Guilherme O. Campos; (B), Rômulo R. N. Alves, (E) Lívia E. T. Mendonça, (G) Wedson M. S. Souto.



SAPO-BOI

Ceratophrys joazeirensis

Foto: Guilherme O. Campos



CAPÍTULO 7

ANFÍBIOS DA PARAÍBA

Gindomar Gomes Santana, Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Anna Karolina Martins Borges, Kleber Silva Vieira, Washington Luiz Silva Vieira

A anfíbiofauna da Paraíba é representada por duas das três grandes linhagens de Lissamphibia, com destaque para a ordem Anura, que apresenta maior diversidade e melhor amostragem. São 61 espécies registradas no estado, sendo 60 de anuros distribuídas em 13 famílias, incluindo uma espécie exótica introduzida para exploração comercial em Bananeiras, e apenas uma espécie de Gymnophiona (cobra-cega), refletindo o padrão global de baixa diversidade deste grupo. A maioria das espécies conhecidas ocorre na Mata Atlântica e em zonas ecotonais (Zona da Mata e Agreste), com o Cariri se destacando como a mesorregião interiorana com mais registros.

Embora os anfíbios sejam, em geral, menos utilizados diretamente pelas populações humanas do que outros vertebrados, algumas espécies na Paraíba são consumidas como alimento, mantidas como animais de estimação e, em menor grau, empregadas com finalidades medicinais ou rituais. Para boa parte das espécies, as interações mais frequentes tendem a ser marcadas por medo, aversão ou repulsa estética, muitas vezes motivadas por crenças populares e desinformação sobre sua toxicidade, o que resulta na perseguição e eliminação injustificada desses animais, agravando sua vulnerabilidade ecológica. Apesar da baixa representatividade nos usos diretos, os anfíbios desempenham funções ecológicas essenciais, atuando como bioindicadores da qualidade ambiental e controladores naturais de populações de invertebrados.

Este capítulo apresenta um panorama atualizado das espécies de anfíbios com registros etnozoológicos na Paraíba, abordando sua distribuição, características biológicas, formas de uso e significados culturais. Compreender a percepção local sobre esses animais é essencial tanto para embasar estratégias de conservação quanto para combater mitos que ameaçam sua sobrevivência. Ao integrar conhecimento científico e saberes tradicionais, busca-se valorizar a importância ecológica e simbólica desses animais, promovendo ações de conservação mais sensíveis às realidades socioambientais do estado.

CURURU, SAPO-CURURU, SAPO

Rhinella diptycha (Cope, 1862)

Características: Anuro de tamanho grande se comparado aos de outras espécies de sapos, com fêmeas adultas (14,5 cm) maiores que os machos adultos (13,3 cm). Dorso com coloração marrom a cinza-amarelado, podendo exibir manchas pretas. Ventre creme ou branco, com diminutos pontos pretos. Possui glândulas paratoides arredondadas e volumosas atrás dos olhos e glândulas tibiais evidentes nas pernas, que secretam toxinas para defesa contra predadores. Exibem cristas cefálicas bem desenvolvidas e queratinizadas. Apresenta ciclo de vida com uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrestre, e tem atividade noturna. É uma espécie nativa do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado e Floresta Amazônica.



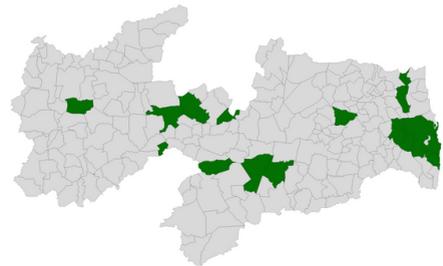
Foto: Bruno Guilhon (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É explorada ilegalmente no comércio internacional de anfíbios pets.



Existem relatos de usos também para finalidades mágico-religiosas e preparação de remédios zoterápicos (medicina tradicional e medicina etnoveterinária).

SAPO-DE-CHIFRES-DA-CAATINGA, SAPO-BOI*Ceratophrys joazeirensis* Mercadal de Barrio, 1986

Características: Anuro de grande porte, com as fêmeas adultas (9,7 cm) bem maiores do que os machos adultos (7,8 cm). A cabeça possui manchas cefálicas características, e uma delas vai até as narinas. Apêndice palpebral triangular bem desenvolvido. O padrão de coloração dorsal apresenta três manchas dorsolaterais que lembram a forma de um tridente. A coloração dorsal varia de verde claro a verde escuro e laranja, exibindo manchas amarelas ao longo do corpo. Tem ciclo de vida com uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrestre. Possui hábito criptozoico e noturno (costuma se esconder durante o dia e é ativo à noite). A espécie é endêmica do Brasil, ocorrendo na Caatinga e Cerrado.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

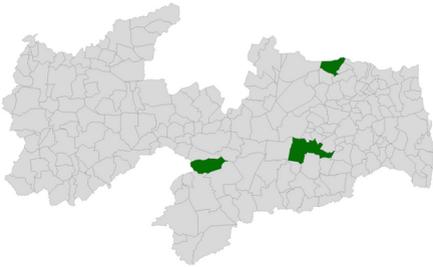


Foto: Guilherme Oliveira Campos

Nota etnozoológica

É alvo do comércio ilegal de anfíbios destinados ao mercado pet, tanto nacional quanto internacional. Neste contexto, consideramos *C. joazeirensis* uma espécie com potencial para ser explorada ilegalmente como animal de estimação no estado da Paraíba. Não existem relatos de usos dessa espécie para outras finalidades.

PERERECA-VERDE, PERERECA-ARAPONGA

Boana albomarginata (Spix, 1824)

Características: Anuro de porte médio (até 7 cm), sendo as fêmeas adultas maiores do que os machos adultos. A coloração do corpo é predominantemente verde, exceto nos flancos e coxas, que apresentam manchas amarelas, e membranas interdigitais alaranjadas. Além disso, possui uma prega dérmica subcloacal esbranquiçada. Os machos adultos exibem coloração mais intensa que as fêmeas. Seu hábito é arborícola e tem atividade noturna. O ciclo de vida é caracterizado por uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) arborícola. A espécie é endêmica do Brasil, ocorrendo ao longo da Mata Atlântica, desde o Estado da Paraíba (limite ao Norte) até o Estado de Santa Catarina (limite ao Sul).



Foto: Rafael M. R. Serra (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



É explorada ilegalmente no comércio nacional e internacional de anfíbios pets. Dessa forma, é considerada neste estudo como uma potencial candidata à exploração clandestina no estado da Paraíba. Não há registros de usos dessa espécie para outras finalidades.

PERERECA, PEREREQUINHA*Dendropsophus minutus* (Peters, 1872)

Características: Anuro de pequeno porte, variando de 2 a 2,5 cm. A região dorsal do corpo exibe coloração castanho-alaranjada, amarela ou bege, com faixas dorsais amarronzadas que lembram o formato de uma ampulheta. Os machos adultos possuem a região gular amarela, enquanto nas fêmeas adultas é branca. Apresenta ciclo de vida com uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) arborícola; e possui atividade noturna. É uma espécie nativa do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado e Floresta Amazônica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Diogo B. Provete (via Wikimedia Commons, CC BY-SA 2.5)

Nota etnozoológica

É explorada ilegalmente no comércio nacional e internacional de anfíbios pets. Consideramos *D. minutus* como potencial candidata à exploração pelo comércio ilegal de pets no estado da Paraíba. Não há registros de usos dessa espécie para outras finalidades.

CAÇOTE, RÃ, RÃ-MANTEIGA

Leptodactylus macrosternum Miranda-Ribeiro, 1926

Características: Rã de porte corporal médio, podendo ultrapassar os 10 cm de comprimento, com machos e fêmeas adultos de tamanho semelhante. A região dorsal do corpo possui pregas dorsais longitudinais bastante evidentes e coloração acinzentada ou castanha com manchas em forma aproximadamente romboide ou trapezoidal. Os machos exibem dois espinhos (pretos ou brancos) no local do pré-pólex, enquanto as fêmeas apenas uma calosidade carpal. O ciclo de vida é marcado por uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrícola, com atividade noturna. É uma espécie nativa do Brasil, ocorrendo na Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Brejos de Altitude, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Pampa.



Foto: Guilherme Oliveira Campos

Estado de conservação

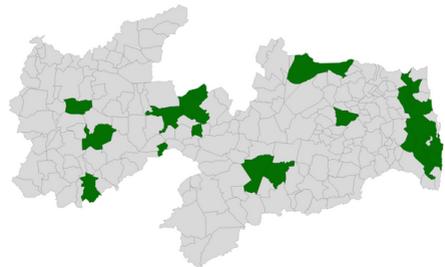
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



É explorada ilegalmente no comércio internacional de anfíbios como pets.



Existem também relatos de seu uso para alimentação humana.

CAÇOTE, RÃ-ASSOBIADORA, RÃ-CAVADEIRA*Leptodactylus troglodytes* Lutz, 1926

Características: Rã de tamanho corporal pequeno, sendo as fêmeas adultas (5 cm) maiores do que os machos (4,8 cm) adultos. A coloração da região dorsal do corpo varia de amarelada a cinzenta, com manchas pretas sequenciais bem distintas. Não possui pregas dorsolaterais. O macho tem o focinho espatulado. Ausência de faixa clara na tíbia. O ciclo de vida apresenta uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrícola; e tem atividade predominantemente noturna. A espécie é endêmica do Brasil, ocorrendo na Mata Atlântica, Brejos de Altitude, Cerrado e Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

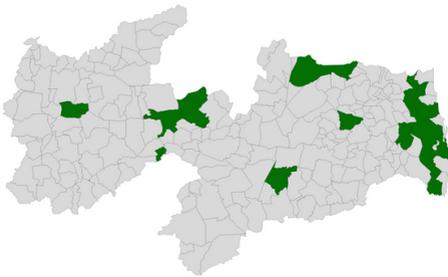


Foto: Reuber Brandão (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Nota etnozoológica

É explorada ilegalmente no comércio internacional de anfíbios como pets.



Existem também relatos de seu uso para alimentação humana.

RÃ-PIMENTA, RÃ-PIMENTA-DA-CAATINGA, JIA

Leptodactylus vastus Lutz, 1930

Características: Anuro de grande porte, com machos adultos (15,6 cm - maiores podem atingir até 20 cm) maiores que fêmeas adultas (15,1 cm). A coloração dorsal pode ser uniforme, variando de castanho médio a escuro ferruginoso, com pequenas manchas escuras dispostas de maneira pouco regular. Algumas são na verdade faixas ou listras, com uma pós-orbital supra-timpânica bem característica. O lábio superior pode ainda exibir faixas alternadas claras e escuras, com uma ou duas delas indo até o olho. A prega lateral pode estar ausente ou interrompida, e a tíbia não apresenta faixa clara. As superfícies laterais dos dedos são estriadas, sem franjas. A coloração ventral pode ser labiríntica, manchada, escura uniforme ou clara com vermiculações. A espécie tem ciclo de vida com fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrícola, com atividade noturna. Nativa do Brasil, ocorre na Mata Atlântica, Brejos de Altitude, Caatinga e Cerrado.



Foto: Célio Moura Neto (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

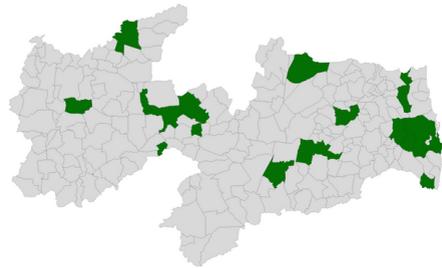
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Integra o comércio ilegal internacional de anfíbios destinados ao mercado pet.



Existem também relatos de seu uso para alimentação humana.

RÃ-CACHORRO, CAÇOTE

Physalaemus cuvieri Fitzinger, 1826

Características: Anuro de pequeno porte, com fêmeas adultas (3,1 cm) maiores que os machos adultos (2,8 cm). A coloração dorsal varia de cinza a castanho claro, com faixas e listras marmorizadas marrons e negros em diferentes matizes, e faixas que vão da região dorsal anterior à sacral, onde há dois pontos pretos característicos. A face interna das coxas e a região inguinal são avermelhadas na maioria dos espécimes. A prega supratimpânica se estende até a metade do corpo, limitada ventralmente por uma faixa escura. A espécie apresenta ciclo de vida com fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) terrícola, com atividade noturna. É uma espécie nativa do Brasil e ocorre na Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

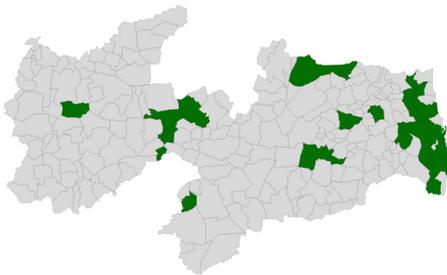


Foto: Reuber Brandão (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Nota etnozoológica



É explorada ilegalmente no comércio nacional e internacional de anfíbios pets. Portanto, consideramos *P. cuvieri* como uma potencial candidata à exploração pelo comércio ilegal de pets no estado da Paraíba.

PERERECA-MACACO, PERERECA-DAS-FOLHAGENS

Pithecopus gonzagai Andrade, Haga, Ferreira, Recco-Pimentel, Toledo & Bruschi, 2020

Características: Anuro de pequeno porte, com fêmeas adultas (3,8 cm - podem alcançar os 4 cm) maiores que os machos adultos (3,3 cm - podem alcançar os 3,5 cm). A cabeça e o corpo são verdes, e a superfície dorsal das patas anteriores e posteriores também é verde. Em alguns espécimes, é observada uma linha média-dorsal (vertebral). A região inguinal apresenta coloração laranja com faixas verticais pretas bem definidas, sem padrão de coloração reticulado nos flancos. A espécie tem ciclo de vida com fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) arborícola, com atividade noturna, embora durante a estação reprodutiva possa ser observada nas primeiras horas da manhã. Endêmica do Brasil, ocorre na Mata Atlântica (ao norte do Rio São Francisco) e Caatinga dos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí e Maranhão.



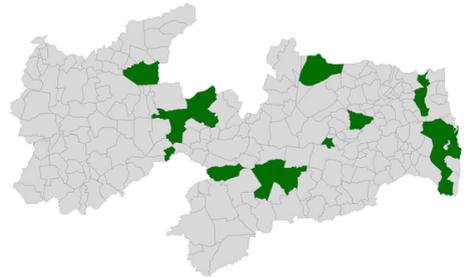
Foto: Thomaz de Carvalho Callado (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante 

IUCN: Menos preocupante 

CITES: Não consta 



Nota etnozoológica



Pithecopus gonzagai pode ser facilmente confundida com *P. nordestinus* e vendida no comércio ilegal de pets no Brasil e em outros países. Isso porque tem sido registrada no comércio online ilegal de anfíbios no Brasil. Não há registros de usos de *P. gonzagai* para outras finalidades.

RÃ-TOURO, SAPO-BOI

Aquarana catesbeiana (Shaw, 1802)

Características: Anuro de porte grande, sendo as fêmeas adultas (≈ 20 cm) maiores do que os machos adultos (≈ 18 cm). Dorsal com coloração verde claro a oliva, exibindo manchas irregulares verde escuro ou marrom. Possui olhos proeminentes e membrana interdigital bem desenvolvida somente nas patas posteriores. O ventre exibe coloração amarelo-claro. Apresenta ciclo de vida com uma fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulto) semiaquática; e exibe atividade noturna. É uma espécie exótica e invasora, sendo considerada uma séria ameaça para populações nativas de outras espécies de anfíbios, bem como de peixes, serpentes, lagartos, aves e pequenos mamíferos. Os indivíduos presentes no estado da Paraíba estão confinados no ranário da Universidade Federal da Paraíba no município de Bananeiras e não foram encontrados exemplares livres na natureza.

Estado de conservação

Brasil: Não avaliada

NA

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Foto: Vejota Marcelino (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Introduzida no Brasil para fins comerciais, *Aquarana catesbeiana* foi amplamente criada nas décadas de 1980 e 1990, com carne valorizada na gastronomia e consumo em feiras, restaurantes e domicílios. Há relatos esporádicos de uso medicinal de suas secreções, e indivíduos, especialmente albinos, podem ser mantidos como animais de estimação. Apesar do interesse econômico inicial, a espécie passou a ser vista negativamente por seu impacto sobre a fauna nativa, vocalização intensa e dieta generalista.



RÃ-VERDE-DA-AMAZÔNIA, JIA-VERDE

Lithobates palmipes (Spix, 1824)

Características: Anuro de porte médio a grande, com fêmeas adultas (7,8 a 12,6 cm) maiores que os machos adultos (5,5 a 10,1 cm). A coloração dorsal varia de verde brilhante a verde-oliva e marrom, com manchas escuras irregulares nos flancos e membros. A região ventral pode exibir tonalidade de creme ou amarelo, com ou sem melanismo. Apresenta faixa dorsolateral bem visível e superfície ventral e face interna das coxas claras. Os dedos das patas posteriores têm membranas bem desenvolvidas. Tem ciclo de vida com fase larval aquática (girino) e fase pós-metamorfose (jovem/adulta) semiaquática. Sua atividade pode ser noturna e diurna. É uma espécie nativa do Brasil e ocorre na Mata Atlântica, Brejos de Altitude, Floresta Amazônica, Cerrado e Caatinga.



Foto: Carlos Otávio Gussoni (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



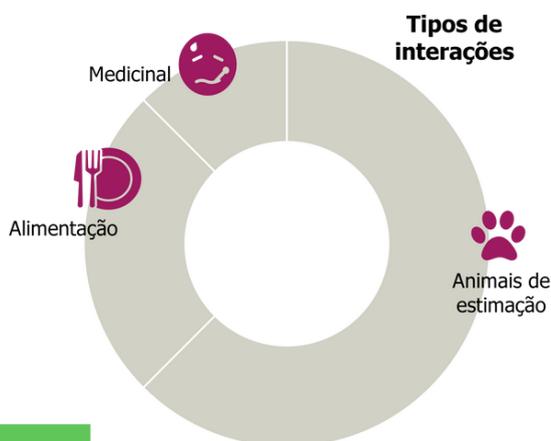
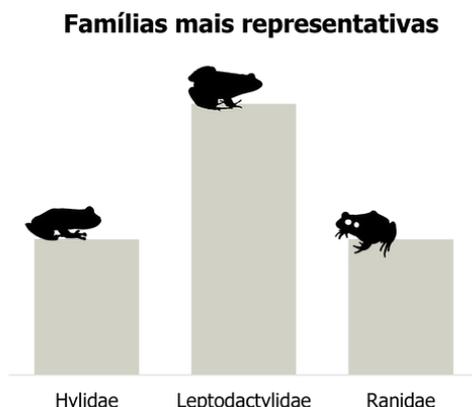
É alvo de exploração clandestina no comércio internacional de anfíbios mantidos como animais de estimação



Há registros de seu uso para alimentação humana e medicina tradicional.

Anfíbios de importância etnozoológica da Paraíba

Registramos interações etnozoológicas com 11 espécies de anfíbios, de um total de 61 espécies conhecidas para o estado, todas pertencentes à ordem Anura e distribuídas em seis famílias. As famílias mais representadas foram Hylidae, Leptodactylidae e Ranidae. Todas as espécies registradas são classificadas como "Menos preocupante" em relação ao estado de conservação, tanto nacionalmente (MMA) quanto internacionalmente (IUCN). As interações envolveram usos alimentares, medicinais (na medicina tradicional) e manutenção como animais de estimação (pet), sendo esta última a mais frequente.





CONCRIZ

Icterus jamacaii

Foto: Thiago Zanetti



CAPÍTULO 8

AVES DA PARAÍBA

Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, Magna Fabíola Araújo Marinho, Anna Karolina Martins Borges, Guilherme Oliveira Campos, Breno de Farias Nilo, Thiago Nascimento Zanetti, Dandara Monalisa Mariz da Silva Quirino Bezerra, Alexandre Vasconcellos, Wedson Medeiros Silva Souto, Washington Luiz Silva Vieira, André Barbosa Reis, Helder Farias Pereira de Araujo

O estado da Paraíba abriga uma avifauna rica e diversificada, com registros de 419 espécies de aves distribuídas por uma ampla variedade de ecossistemas, que vão desde áreas litorâneas e zonas úmidas até os domínios semiáridos da Caatinga. Essa diversidade reflete a heterogeneidade ambiental do território paraibano, favorecendo a ocorrência de espécies residentes e migratórias, com diferentes níveis de endemismo e relevância ecológica.

Para além de sua importância ecológica, as aves desempenham um papel marcante nas esferas cultural, simbólica e utilitária das comunidades humanas. Estima-se que quase metade das espécies registradas no estado sejam utilizadas, de alguma forma, pelas populações locais. Os usos envolvem desde o consumo alimentar e fins ornamentais (particularmente como animais de estimação), até aplicações medicinais, simbólicas e comerciais, revelando um amplo conhecimento popular sobre a biologia, o comportamento e os potenciais usos dessas espécies.

Conflitos também são relatados, evidenciando a complexidade das interações entre seres humanos e avifauna, nas quais coexistem relações de admiração, uso e confronto. Essa complexa relação, aliada à expressiva diversidade ornitológica da Paraíba, destaca a necessidade de documentar e compreender os múltiplos tipos de interação existentes, valorizando o conhecimento tradicional e reconhecendo o papel sociocultural do grupo. Essa abordagem é fundamental para embasar estratégias de conservação que considerem não apenas os aspectos biológicos, mas também os contextos históricos, simbólicos e socioeconômicos que moldam o uso, o manejo e a percepção das aves no estado.

Neste capítulo, buscamos oferecer uma visão abrangente da avifauna paraibana sob a ótica da etnozootologia. Ao reconhecer o papel que essas espécies desempenham na vida cotidiana de muitas pessoas, espera-se contribuir para o fortalecimento de políticas públicas que conciliem a conservação da biodiversidade com a valorização dos saberes locais.

GAVIÃO, GAVIÃO-BOMBACHINHA-GRANDE

Accipiter bicolor (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 40 cm de comprimento. Apresenta plumagem característica, com o dorso cinza-escuro e a parte ventral em um tom de cinza mais claro. As penas das pernas possuem coloração alaranjada, e a cauda exibe três barras cinzentas transversais. É uma espécie ágil e silenciosa, especializada em voos rápidos entre a vegetação densa, o que lhe permite capturar presas com grande precisão. Sua dieta é composta principalmente por pequenos vertebrados, especialmente aves e pequenos mamíferos. Trata-se de uma ave de rapina residente, fortemente associada a ambientes florestais, incluindo matas primárias, secundárias e florestas de galeria, e possui ampla distribuição, ocorrendo desde o México até a Argentina e o Chile, estando presente em todos os biomas brasileiros.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: guyincognito (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Brasil: Menos preocupante

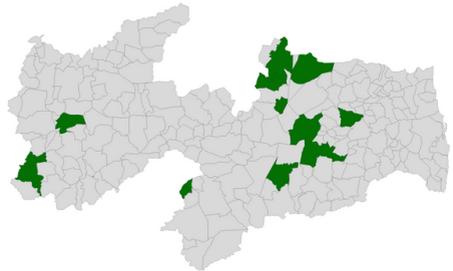
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



Está frequentemente envolvido em situações de conflito com populações humanas, especialmente em áreas rurais. Relatos de ataques a animais domésticos de pequeno porte, como galinhas, pintinhos e pombos, são comuns, o que resulta em perseguições e, ocasionalmente, no abate da espécie por criadores e agricultores.

GAVIÃO-PRETO, GAVIÃO-URUBU*Buteo albonotatus* Kaup, 1847

Características: Mede cerca de 53 cm de comprimento. Apresenta coloração predominantemente escura, característica que justifica seu nome popular. Possui voo ágil e silencioso, o que o torna um predador versátil e eficiente. Sua dieta é diversificada, composta por artrópodes de grande porte, como gafanhotos e besouros, além de pequenos mamíferos, aves, répteis e anfíbios. Trata-se de uma espécie residente, com preferência por ambientes florestais, sendo comumente observada em bordas de mata, florestas secas e formações florestais fragmentadas. É uma ave de rapina com ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde os Estados Unidos e México até a Colômbia, Equador, Peru e em quase todo o território brasileiro.

Espécie sem dimorfismo sexual

**Estado de conservação**

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

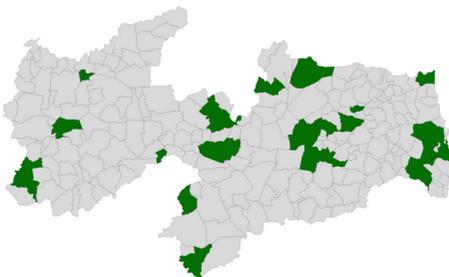


Foto: Ken Butler (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É frequentemente envolvido em situações de conflito com populações humanas, especialmente em áreas rurais. Há registros de ataques a animais domésticos de pequeno porte, como aves domésticas, o que gera perseguição por parte de criadores.

GAVIÃO, GAVIÃO-DE-CAUDA-CURTA

Buteo brachyurus Vieillot, 1816

Características: Mede cerca de 45 cm de comprimento. Apresenta coloração contrastante, com as partes superiores da cabeça e o dorso de coloração negra, enquanto as partes inferiores são brancas, e a cauda é barrada, facilitando sua identificação em campo. Possui voo ágil e planado, sendo frequentemente observado sobrevoando ou empoleirado em bordas de matas e clareiras. Sua dieta é variada, composta por artrópodes grandes, aves pequenas, pequenos mamíferos, répteis e anfíbios. Trata-se de uma ave de rapina residente, com hábitos associados a áreas florestais abertas ou fragmentadas, sendo considerada semidependente de ambientes florestais. Possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde os Estados Unidos e México até a Argentina, estando presente em todo o território brasileiro.

Espécie sem
dimorfismo sexual

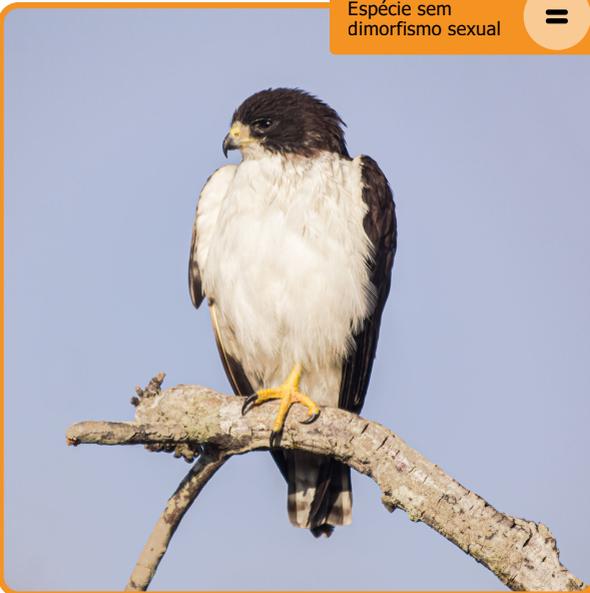


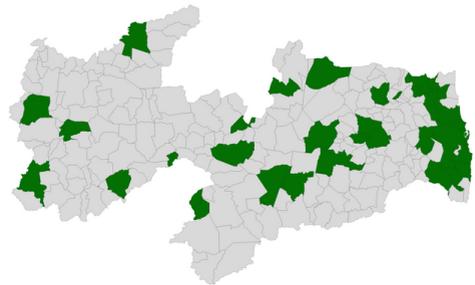
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar por comunidades rurais, especialmente em contextos de caça oportunista.

GAVIÃO, GAVIÃO-PEDRÊS*Buteo nitidus* (Latham, 1790)

Características: Mede cerca de 43 cm de comprimento. Apresenta coloração característica, com o dorso em tom cinza-claro, partes inferiores finamente barradas de branco e cinza, e a cauda marcada por uma faixa branca transversal, visível durante o voo. Possui voo forte e planado, sendo frequentemente observado empoleirado em postes, galhos expostos ou em sobrevoo de áreas abertas em busca de alimento. Sua dieta é composta por aves pequenas, répteis e grandes insetos, evidenciando um comportamento predatório generalista. Trata-se de uma espécie residente, que habita preferencialmente áreas abertas ou com vegetação esparsa, sendo independente de ambientes florestais densos. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo desde os Estados Unidos até a Argentina, incluindo grande parte do território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

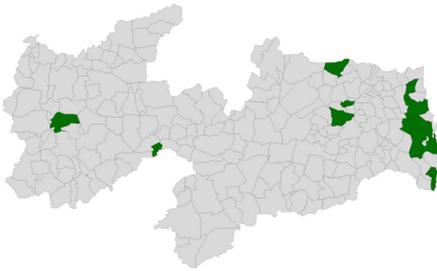
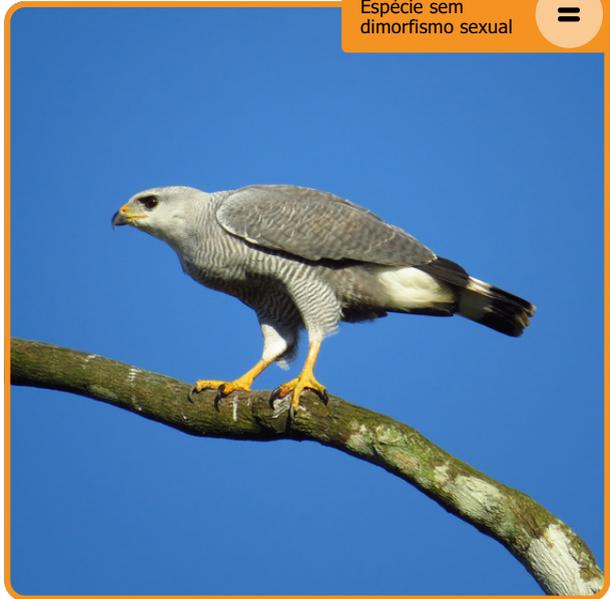
Espécie sem
dimorfismo sexual

Foto: Clodoaldo Costa Junior (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

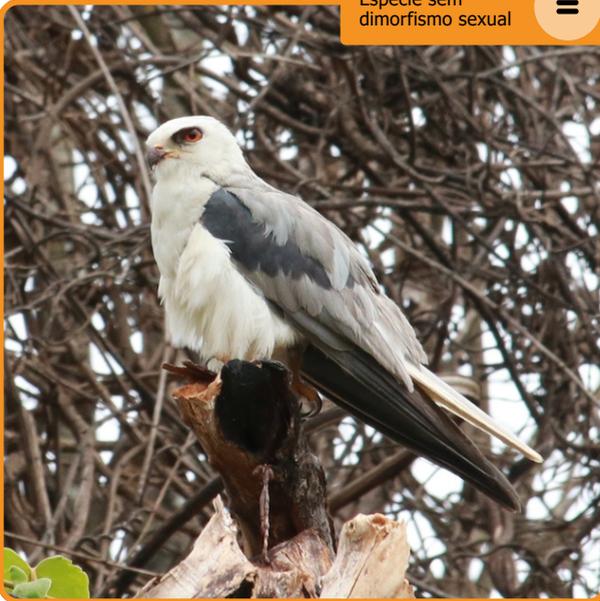
Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar em comunidades rurais, principalmente em contextos de caça oportunista.

GAVIÃO-PENEIRINHA, GAVIÃO-PENEIRA

Elanus leucurus (Vieillot, 1818)

Características: Mede cerca de 45 cm de comprimento. Exibe plumagem elegante e contrastante, com a parte superior do corpo em cinza-claro e uma mancha negra conspícua formada pelas coberteiras superiores das asas. A cauda é branca nas laterais, e a parte inferior do corpo é branca, com uma característica nódoa negra nas extremidades das asas. Seu nome popular deriva do comportamento típico de "peneirar" no ar — isto é, pairar em voo estacionário enquanto observa o solo em busca de presas. Sua dieta é composta predominantemente por pequenos vertebrados, como roedores, lagartos e anfíbios, além de insetos de grande porte. Trata-se de uma espécie residente, altamente adaptada a ambientes abertos, como campos, cerrados, pastagens e áreas agrícolas, sendo independente de ambientes florestais. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo desde a América do Norte até a Argentina e o Chile, estando presente em todo o território brasileiro.



Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II

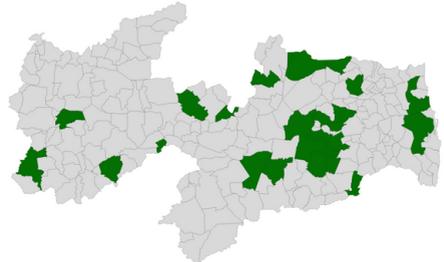


Foto: boanerges (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



É utilizado de forma eventual como recurso alimentar e, em algumas localidades, lhe são atribuídas propriedades medicinais. Acredita-se, por exemplo, que o uso de partes da ave teria efeitos terapêuticos no tratamento de problemas respiratórios ou reumáticos. Também é alvo de retaliação em situações de predação de aves domésticas, o que contribui para sua perseguição em áreas rurais.

GAVIÃOZINHO*Gampsonyx swainsonii* Vigors, 1825

Características: Mede cerca de 22 cm de comprimento, sendo considerado o menor gavião do Brasil. Possui voo ágil, o que lhe permite capturar presas em pleno ar ou próximo ao solo. Sua dieta é composta por insetos de médio porte, pequenas aves e lagartixas. Trata-se de uma espécie residente e independente de ambientes florestais, sendo mais comumente observada em áreas abertas próximas a corpos d'água, como margens de rios, lagos e brejos, onde há maior disponibilidade de presas. É uma pequena ave de rapina com ampla distribuição, que se estende desde a América Central até o norte da Argentina, ocorrendo em quase todo o território brasileiro.

Estado de conservação

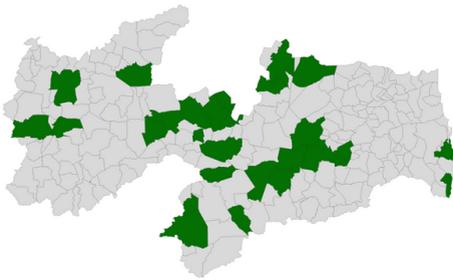
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar por comunidades rurais, especialmente em contextos de caça de subsistência ou oportunista.

TOURONA, TORONA, ÁGUIA-SERRANA

Geranoaetus melanoleucus (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 68 cm de comprimento e possui asas longas e largas, além de cauda relativamente curta, o que lhe confere uma silhueta imponente em voo. Sua coloração varia de acordo com a idade, mas os adultos apresentam plumagem predominantemente cinza-escura no dorso, com partes inferiores esbranquiçadas e cauda com faixa terminal escura. Trata-se de uma ave de rapina de grande porte, com comportamento predatório oportunista, alimentando-se principalmente de aves, pequenos mamíferos e répteis. Utiliza tanto o voo de exploração em altitude quanto o ataque direto a partir de poleiros elevados. É uma espécie residente e independente de ambientes florestais, com preferência por campos, serras, bordas de matas, além de áreas de cerrado e caatinga. Sua distribuição geográfica abrange o leste e sudeste da América do Sul, com registros desde o Paraguai até o norte da Argentina, estendendo-se por grande parte do território brasileiro, especialmente em áreas abertas e de relevo acidentado.

Espécie sem dimorfismo sexual



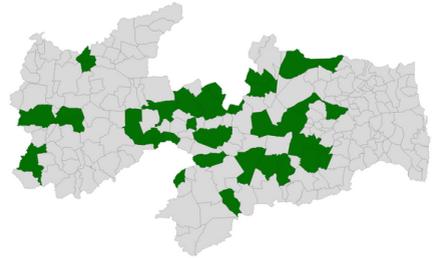
Foto: Leandro Alvarez (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica

Em algumas comunidades rurais, sua carne é ocasionalmente consumida. Culturalmente, a tourona é vista como bioindicador climático: seu voo parado no ar, com asas batendo contra o vento, é interpretado como sinal de chuva. Por outro lado, é alvo de conflitos ao ser acusada de atacar pequenos animais domésticos, como cordeiros, cabritos e aves, o que motiva perseguição e abate.



GAVIÃO-AZUL, SOVI*Ictinia plumbea* (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 38 cm de comprimento e apresenta coloração cinza-azulada homogênea, característica que dá origem ao seu nome popular. É uma espécie ágil, com voo leve e acrobático, frequentemente observada planando em grupos. Sua dieta é composta majoritariamente por insetos, com destaque para revoadas de formigas e cupins alados, que captura com os pés em pleno voo. Também consome pequenos vertebrados, como lagartos e serpentes, e ocasionalmente preda sobre presas capturadas na copa das árvores ou no solo. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, sendo comumente encontrada em bordas de mata, florestas secundárias e áreas com vegetação mais aberta. Apresenta ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde o México até a Argentina, com presença em todas as regiões do Brasil.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Gregory Nielsen (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizada como recurso alimentar por comunidades rurais, especialmente em contextos de caça oportunista.



Há registros do seu uso como ave de estimação, prática tradicional em algumas localidades, motivada por seu porte médio, aparência distinta e comportamento relativamente calmo quando em cativeiro.

GAVIÃO-VERMELHO, GAVIÃO-CABOCLO

Heterospizias meridionalis (Latham, 1790)

Características: Mede cerca de 55 cm de comprimento e apresenta plumagem predominantemente ferrugínea, com as pontas das asas e a cauda de coloração negra. Uma faixa branca estreita e visível na cauda contribui para sua identificação em voo. Suas penas longas e silhueta robusta conferem-lhe uma aparência distinta entre os gaviões brasileiros. Trata-se de uma espécie residente, bem adaptada a ambientes abertos e semiabertos, sendo independente de florestas densas. É frequentemente encontrada em áreas de cerrado, campos naturais, bordas de matas e regiões agropecuárias. Sua dieta é bastante diversificada, incluindo invertebrados (como insetos e aranhas) e pequenos vertebrados, como roedores, anfíbios, répteis e aves, demonstrando um comportamento predatório oportunista e sua importância ecológica como controlador de populações animais. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo do Panamá à Argentina, com registro em quase todo o território brasileiro.



Foto: Pedro Velloso

Espécie sem
dimorfismo sexual



Estado de conservação

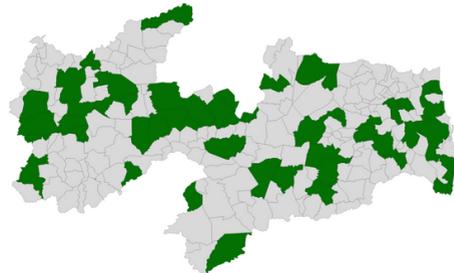
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Nota etnozoológica

Sua carne é consumida de forma ocasional por comunidades rurais, e a espécie também é, por vezes, mantida como animal de estimação, especialmente quando capturada ainda jovem. Além disso, sua vocalização estridente e frequente está associada, no imaginário popular, à chegada das chuvas, sendo considerada por muitos um prenúncio de mudanças climáticas iminentes, o que lhe confere valor simbólico como bioindicador tradicional.



GAVIÃO-CARAMUJEIRO, GAVIÃO-BEIRA-DE-AÇUDE*Rostrhamus sociabilis* (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 41 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual pronunciado: o macho possui plumagem cinza-ardósia, base da cauda branca e pés alaranjados, enquanto a fêmea é marrom-escura, com fronte clara e ventre creme com listras marrons. O bico fortemente curvado é adaptado à alimentação especializada em caramujos do gênero *Pomacea*, que compõem quase exclusivamente sua dieta. Trata-se de uma espécie residente, associada a ambientes úmidos, como brejos, açudes, várzeas e margens de lagoas, sendo independente de florestas densas. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo desde a Flórida e México até a Argentina e Uruguai, com presença registrada em todo o território brasileiro.

Estado de conservação

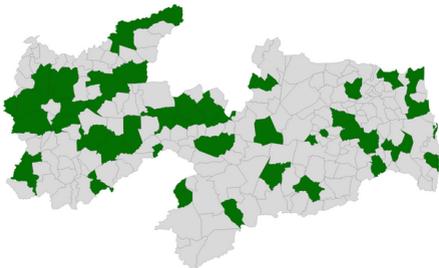
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: drea_mc (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Embora o consumo da carne dessa espécie possa ocorrer, trata-se de um uso raro e de caráter oportunista.



Está frequentemente envolvido em situações de conflito com populações humanas.

GAVIÃO-CARIJÓ, GAVIÃO-PEDREZ, GAVIÃO-RIPINO, GAVIÃO-PEGA-PINTO

Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 36 cm de comprimento e apresenta plumagem variável, geralmente caracterizada por coloração marrom a cinza-pardacenta na cabeça, peito e partes inferiores, com estrias regulares em tons de branco e marrom-canela abaixo do peito. A parte interna das rêmigas é barrada de ferrugínea, e a cauda exibe de quatro a cinco faixas alternadas em tons de cinza e marrom. Indivíduos imaturos possuem dorso marrom, partes inferiores ferruginosas com listras escuras na garganta e peito, além de barras marrom-ferrugínea no ventre. Trata-se de uma espécie residente, altamente adaptável e tolerante à presença humana, sendo comum em áreas urbanas, rurais e ambientes abertos, inclusive fora de formações florestais densas. Sua dieta é diversificada, composta por grandes insetos, lagartixas, pequenas serpentes, roedores e aves de pequeno porte. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo desde o México até a Argentina, abrangendo todo o território brasileiro.



Foto: eduardovieira17 (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

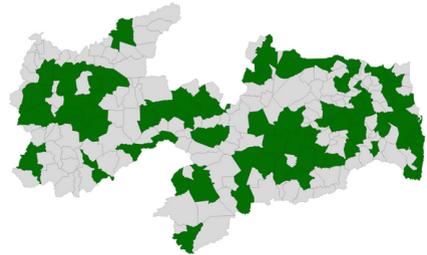
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar em contextos de caça de subsistência e, em algumas localidades, é criado como animal de estimação, especialmente quando capturado jovem.



Sua vocalização é culturalmente vista como prenúncio de chuvas, atribuindo-lhe valor simbólico como bioindicador climático. Por outro lado, é alvo frequente de conflitos, acusado de atacar animais domésticos como galinhas, pombos e filhotes, o que leva à perseguição e abate.

GAVIÃO-PRETO, GAVIÃO-CAUÃ*Urubitinga urubitinga* (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 64 cm de comprimento e apresenta plumagem uniformemente negra, com exceção das secundárias barradas de cinzento e da base da cauda branca. A cera do bico e as pernas possuem coloração amarela. Exibe um voo lento e vigoroso, sendo frequentemente observada sobrevoando áreas alagadas, margens de rios e florestas de galeria. Trata-se de uma espécie residente, com hábitos que a tornam semidependente de ambientes florestais, ocupando tanto matas contínuas quanto bordas e áreas adjacentes a corpos d'água. Sua dieta é diversificada, incluindo grandes insetos, peixes, répteis (como lagartos e cobras), aves de pequeno porte e frutos. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo do México à Argentina, e está presente em todos os biomas brasileiros.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

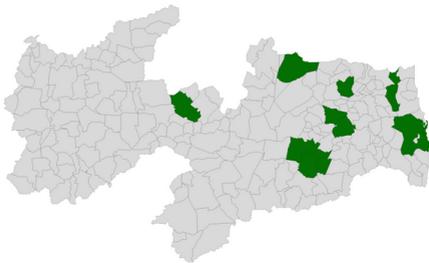
LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Apêndice II

II



Espécie sem dimorfismo sexual

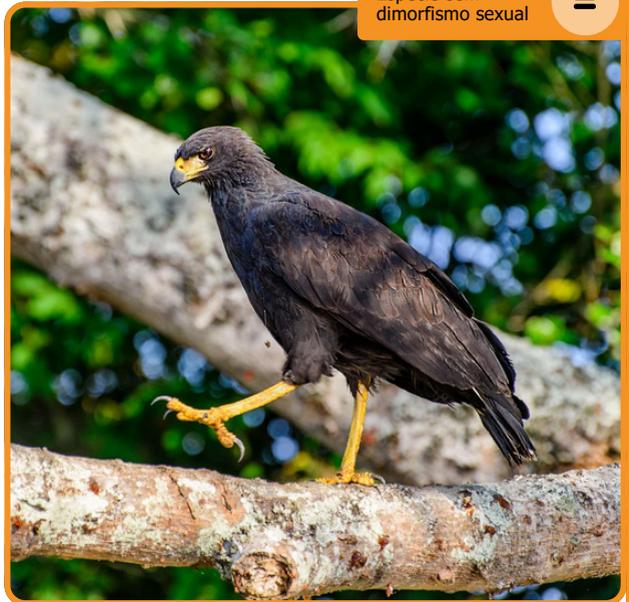


Foto: Allan Hopkins

Nota etnozoológica

Ave utilizada tanto como recurso alimentar quanto medicinal por algumas comunidades rurais.



Há registros de que ossos da ave seriam utilizados na medicina tradicional para o tratamento de reumatismo e dores na coluna, prática que reflete o conhecimento popular sobre o simbolismo de força e resistência atribuído às aves de rapina.

PATURÍ, PATO-DA-ASA-VERDE, MARRECA-ANANAÍ

Amazonetta brasiliensis (Gmelin, 1789)

Características: Mede cerca de 36 a 42 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual: os machos possuem bico vermelho e maior extensão de verde nas asas, enquanto as fêmeas exibem bico negro com manchas brancas na base e acima dos olhos. Trata-se de uma espécie associada a ambientes aquáticos abertos, como açudes, banhados, lagoas e margens de rios com vegetação baixa. Vive em pares ou pequenos grupos e alimenta-se principalmente de vegetação aquática, complementada por pequenos invertebrados. Na Caatinga, realiza deslocamentos sazonais em resposta à disponibilidade hídrica, sendo mais abundante durante a estação chuvosa, quando corpos d'água temporários se formam. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo das Guianas e Venezuela até a Argentina, com presença frequente em diversas regiões do Brasil.



Espécie com dimorfismo sexual



Macho com o bico vermelho
Fêmea com o bico preto



Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

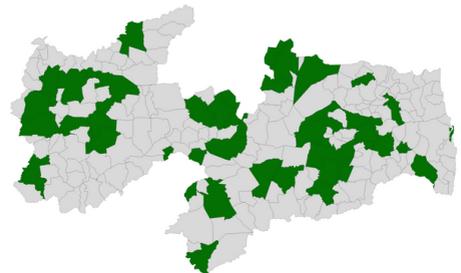
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica

É utilizada por populações humanas principalmente como recurso alimentar. Também é mantida como ave de estimação em algumas localidades e ocasionalmente comercializada. Seu porte médio, coloração atrativa e relativa abundância em ambientes aquáticos acessíveis favorecem sua captura e uso múltiplo.



PATO-MARROM, MARRECA-TOICINHO*Anas bahamensis* Linnaeus, 1758

Características: Mede cerca de 40 a 45 cm de comprimento e apresenta coloração semelhante entre machos e fêmeas, embora as fêmeas sejam ligeiramente menores e exibam tons menos contrastantes, com a mancha vermelha na base do bico e o branco das bochechas menos intensos. Trata-se de uma espécie residente, associada a ambientes aquáticos abertos, como lagoas, brejos, represas e campos alagados. Possui hábitos predominantemente aquáticos e sua dieta é composta principalmente por vegetação aquática, como algas e macrófitas, mas pode incluir também larvas de insetos, pequenos crustáceos e outros invertebrados aquáticos, sendo considerada uma espécie onívora com tendência herbívora. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo das Índias Ocidentais até o Chile e a Argentina, com presença nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste do Brasil.

Estado de conservação

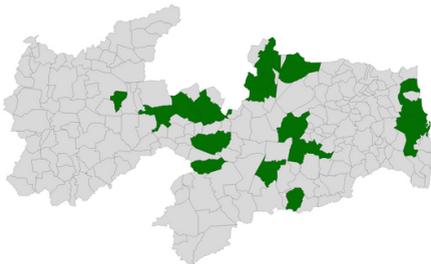
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

Espécie ocasionalmente caçada para consumo alimentar e, em algumas regiões, comercializada, embora não figure entre as mais visadas.

PATO-DO-MATO

Cairina moschata Linnaeus, 1758

Características: Mede entre 66 e 84 cm de comprimento e exibe acentuado dimorfismo sexual: machos são visivelmente maiores que as fêmeas e apresentam carúnculas avermelhadas proeminentes ao redor do bico e olhos. A plumagem geral é escura, com reflexos verdes metálicos nas asas. A espécie é semidomesticada em diversas localidades, havendo populações silvestres e formas domesticadas (muitas vezes com coloração branca ou mista). É residente em ambientes úmidos, como margens de rios, igarapés, lagoas e áreas pantanosas, preferindo locais com vegetação densa. Seu comportamento é discreto e crepuscular, com hábitos alimentares onívoros: consome material vegetal (frutas, sementes, folhas) e também pequenos animais, como insetos, moluscos e outros invertebrados aquáticos. Possui ampla distribuição natural desde o México e América Central até a América do Sul, ocorrendo em diversos biomas brasileiros, inclusive na Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica e Caatinga.

Espécie com dimorfismo sexual

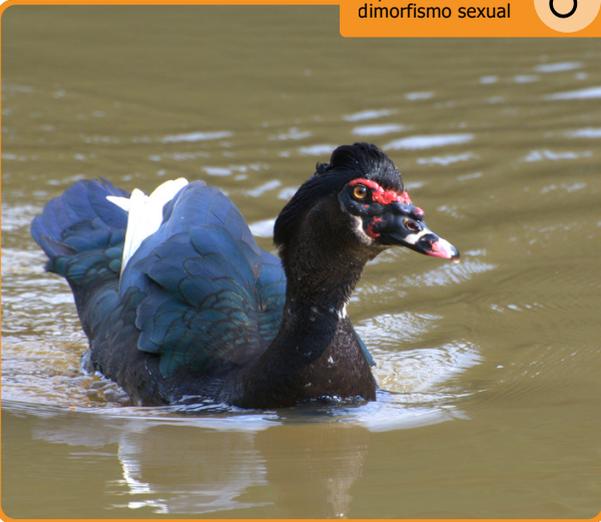


Foto: Dario Sanches (via Flickr, CC BY-SA 2.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

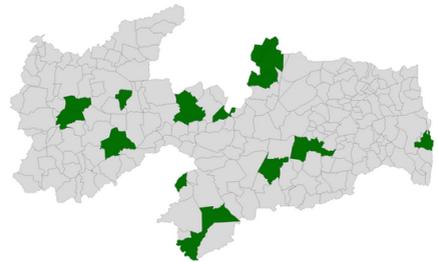
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Espécie ocasionalmente caçada para consumo alimentar, especialmente em áreas rurais e ribeirinhas, sendo também mantida em cativeiro para consumo de carne e ovos. Em algumas regiões, pode ser comercializada, mas não figura entre as espécies mais exploradas na caça.

MARRECA-DA-ASA-BRANCA, MARRECA-CABOCLA*Dendrocygna autumnalis* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede entre 45 e 53 cm de comprimento e apresenta coloração característica, com cabeça e peito castanhos, barriga preta e bico rosado. Vive geralmente em grupos e é facilmente reconhecida em voo pelas amplas faixas brancas nas asas. Habita ambientes abertos e encharcados, como banhados, áreas de pasto alagado e margens de manguezais. Alimenta-se principalmente de sementes, vegetação aquática, pequenos crustáceos e larvas de insetos, que coleta tanto na água quanto no solo úmido. Na Caatinga, realiza deslocamentos sazonais conforme a disponibilidade hídrica, sendo mais comum durante a estação chuvosa. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo do sul dos Estados Unidos até a Bolívia e Argentina, sendo registrada em grande parte do território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

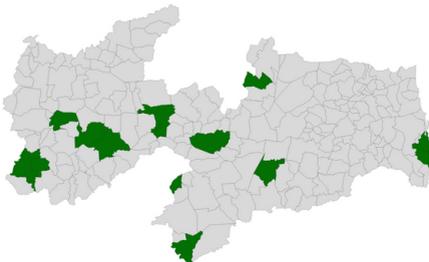
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice III

III



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

Utilizada como fonte de alimento por comunidades rurais e ribeirinhas, sendo caçada para consumo da carne. Em algumas localidades, também é capturada e comercializada ilegalmente, especialmente em feiras livres ou mercados informais.

MARRECA, MARRECA-VIUVINHA, MARRECA-VERMELHA, IRERÊ

Dendrocygna viduata (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 42 a 48 cm de comprimento e apresenta coloração característica, com cabeça branca que contrasta com pescoço e dorso escuros, além de olhos vermelhos evidentes. Trata-se de uma espécie migratória parcial, que habita ambientes abertos e encharcados, como banhados, lagoas, açudes e campos alagáveis, frequentemente formando grupos numerosos. Sua dieta é diversificada, composta principalmente por sementes, vegetação aquática, pequenos crustáceos e larvas de insetos, coletados tanto na água quanto no solo úmido. No domínio da Caatinga, realiza deslocamentos sazonais em função da variação hídrica, sendo mais comum durante o período chuvoso. Apresenta ampla distribuição na América do Sul tropical, ocorrendo do Brasil até a Bolívia, Argentina e Uruguai.

Espécie sem dimorfismo sexual

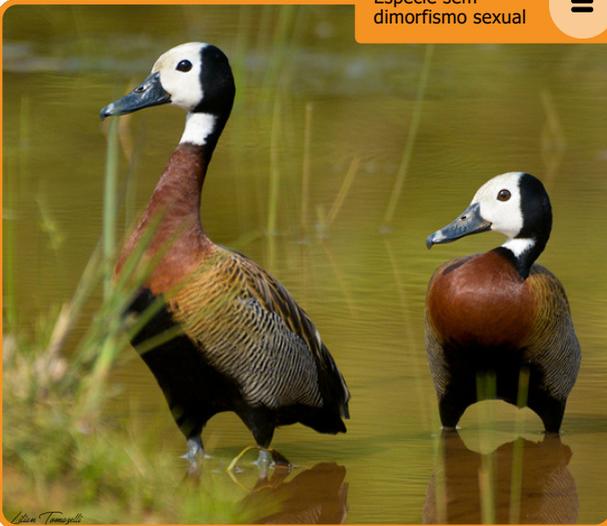


Foto: Lilian Tomazelli (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

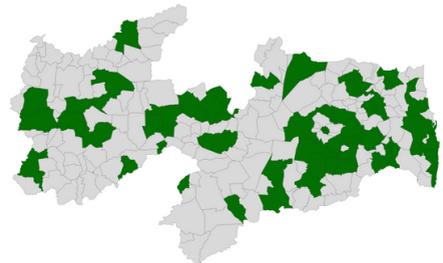
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Amplamente utilizada por populações humanas, sobretudo como fonte de alimento, sendo caçada em regiões onde é mais abundante. Também é mantida como ave de estimação e, em algumas localidades, comercializada de forma ilegal.

PATURI, MARRECA-PRETA, PATURI-PRETA*Netta erythrophthalma* (Wied, 1833)

Características: Mede cerca de 48 cm de comprimento e apresenta plumagem marrom-escura uniforme, bico azulado e olhos de coloração intensa, que podem ser vermelhos ou amarelos. Possui uma larga faixa branca nas asas, visível somente durante o voo, o que auxilia na identificação da espécie em campo. Habita preferencialmente ambientes alagados, como lagos, lagoas e açudes com vegetação ribeirinha densa. Sua dieta é composta por vegetação aquática, sementes, pequenos invertebrados e matéria orgânica, sendo uma espécie omnívora adaptada a ambientes dulcícolas. No Brasil, realiza deslocamentos sazonais no domínio da Caatinga, em resposta à disponibilidade de corpos d'água temporários. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo no leste do Brasil, Suriname, Venezuela, Argentina, Chile e partes da África ocidental e meridional.

Estado de conservação

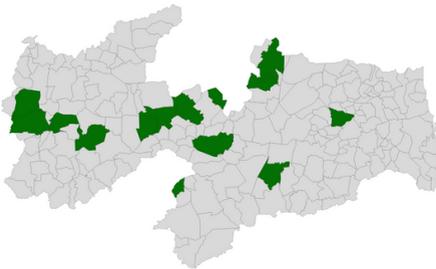
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual

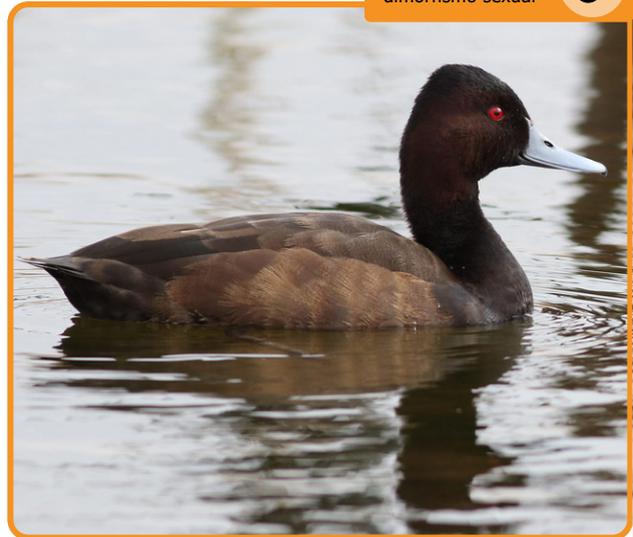


Foto: Derek Keats (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Consumida como alimento e ocasionalmente mantida como ave de estimação. Na medicina popular, acredita-se que seus ovos possuem propriedades afrodisíacas, sendo utilizados no tratamento da impotência masculina. Também é alvo de comércio ilegal, especialmente em regiões onde é mais abundante durante a estação das chuvas.

MARRECA-DE-BICO-ROXO, ARRECA-CAUCAU

Nomonyx dominicus (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 37 cm de comprimento e apresenta coloração marrom com manchas escuras, além de bico roxo-azulado com a base preta, característica que lhe confere o nome popular. Trata-se de uma espécie residente, associada a corpos d'água calmos e ricos em vegetação, como açudes, lagoas e banhados. Vive entre a vegetação aquática densa, onde se locomove discretamente, geralmente em pares ou pequenos grupos. Sua dieta é composta por raízes, sementes, brotos e pequenos invertebrados aquáticos, como insetos e suas larvas, demonstrando um comportamento alimentar predominantemente herbívoro com complementação animal. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo do sul dos Estados Unidos até a Argentina, sendo encontrada em quase todo o território brasileiro.

Espécie com
dimorfismo sexual

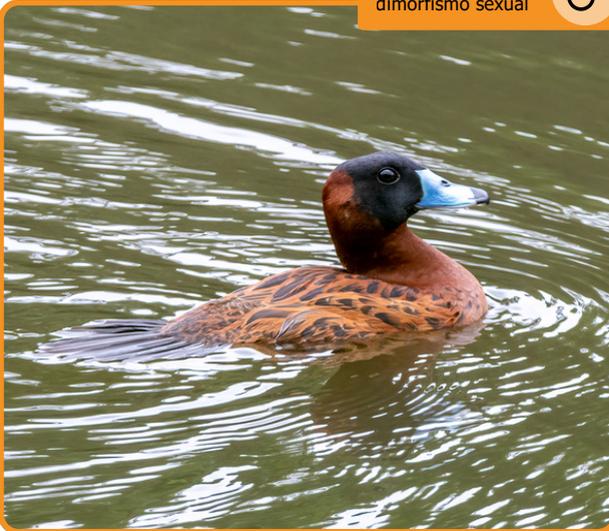


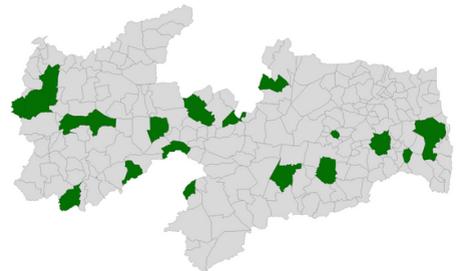
Foto: André Adeodato (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Utilizada como alimento em comunidades rurais, sendo ocasionalmente caçada em contextos de subsistência devido à facilidade de captura em ambientes aquáticos acessíveis.

PATO-DE-CRISTA, PUTRIÃO, PATO-DO-MATO

Sarkidiornis sylvicola Ihering & Ihering, 1907

Características: Mede cerca de 76 cm de comprimento, sendo uma das maiores espécies de patos nativos da avifauna brasileira. Apresenta dimorfismo sexual sutil, destacando-se nos machos uma crista carnosa na base do bico, que dá origem a um de seus nomes populares. Trata-se de uma espécie que habita áreas úmidas como açudes, rios, lagoas e banhados, geralmente em pequenos bandos ou pares. Na Caatinga, realiza deslocamentos sazonais conforme a disponibilidade hídrica, sendo mais comum em épocas de cheia. Sua dieta é onívora, composta por vegetação aquática, sementes, pequenos invertebrados, moluscos e restos orgânicos. Apresenta distribuição global, ocorrendo na África, Índia, China, América Central e América do Sul, chegando até a Argentina. No Brasil, está presente em todos os estados, com populações residentes e migratórias parciais.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

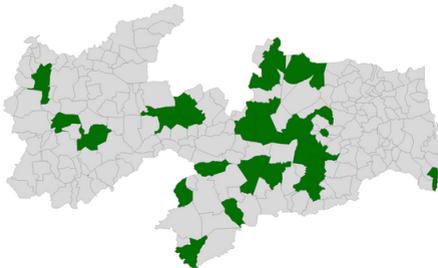
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie com dimorfismo sexual

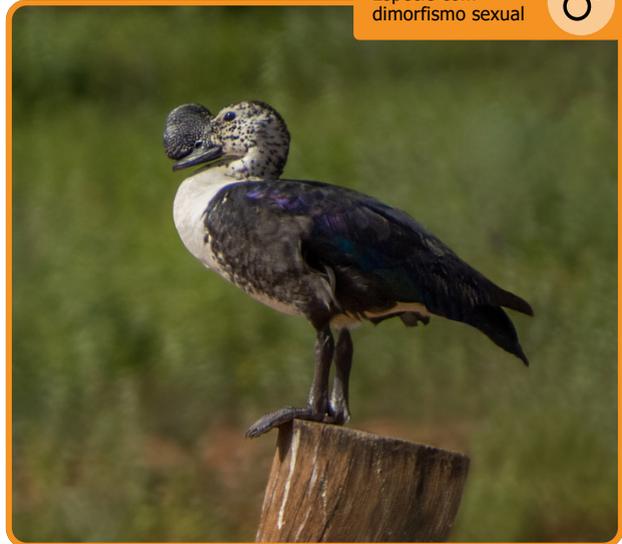


Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica



Amplamente utilizada por populações humanas. Sua carne é apreciada como alimento, sendo caçada com relativa frequência. Além disso, partes de seu corpo são empregadas na medicina tradicional, principalmente no tratamento de dores e inflamações. A espécie também é alvo de captura para comércio ilegal, especialmente em feiras livres.

BEIJA-FLOR, BEIJA-FLOR-DE-GARGANTA-VERDE

Chionomesa fimbriata (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 11 cm de comprimento. A plumagem apresenta variações entre subespécies e sexos, mas é geralmente dominada por tons metálicos, com azul, verde e cinza como cores predominantes, sendo o macho mais iridescente e vibrante. Possui bico longo, fino e levemente curvado para baixo, adaptado à extração de néctar de flores, embora também consuma pequenos artrópodes como complemento proteico. Seu comportamento é ativo e territorial, sendo comum vê-lo defendendo áreas de alimentação de forma agressiva contra outros beija-flores ou insetos polinizadores. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, frequentemente encontrada em bordas de matas, clareiras, capoeiras e áreas urbanas arborizadas. Apresenta distribuição associada principalmente a áreas com vegetação nativa, embora também ocorra em jardins e ambientes antropizados, com registros confirmados na Bolívia e em várias regiões do Brasil, incluindo o Brasil Central, Maranhão, norte de Minas Gerais e Espírito Santo.

Espécie sem
dimorfismo sexual



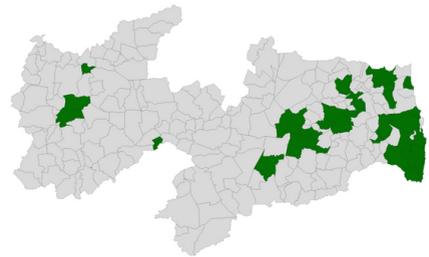
Foto: Francisco Bezerra (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



São utilizados na medicina popular. Acredita-se que o uso de sua carne – geralmente seca e preparada em forma de chá ou infusão – possa aliviar sintomas de asma, bronquite e outras doenças respiratórias. Além disso, beija-flores são frequentemente cercados de crenças espirituais e são considerados mensageiros ou portadores de boa sorte em algumas culturas populares.

BEIJA-FLOR-PEQUENO, BESOURINHO-DE-BICO-VERMELHO

Chlorostilbon lucidus (Shaw, 1812)

Características: Mede aproximadamente 8,5 cm de comprimento, sendo uma das menores espécies dessa família presentes no Brasil. Apresenta coloração predominantemente verde metálico, com nuances brilhantes que variam conforme a luz e o ângulo de visão, especialmente nos machos. As fêmeas geralmente possuem plumagem mais opaca, com ventre esbranquiçado. Alimenta-se principalmente de néctar de flores, mas também consome pequenos insetos e aracnídeos como fonte complementar de proteínas. É territorial e ativo, defendendo suas fontes de alimento contra outros beija-flores ou insetos polinizadores, demonstrando comportamento ousado e agressivo apesar do porte diminuto. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, frequente em áreas de vegetação secundária, bordas de matas, jardins e áreas urbanizadas, especialmente em regiões de clima mais quente e seco. Apresenta distribuição no Brasil oriental, ocorrendo do Maranhão ao Paraná, incluindo também o sul de Goiás e Minas Gerais.

Estado de conservação

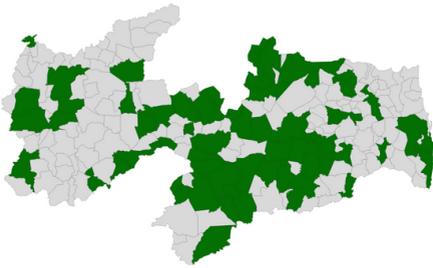
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica



Seu aparecimento próximo à porta de uma casa é comumente interpretado como sinal de mau agouro ou notícia ruim, especialmente quando a ave paira ou repete movimentos no local. Há também registros esporádicos de uso medicinal, com infusões feitas a partir do corpo do animal para tratar doenças respiratórias, como asma e bronquite. O consumo alimentar é raro, ocorrendo de forma oportunista ou em situações de escassez.

BEIJA-FLOR-RABO-DE-TESOURA, BEIJA-FLOR- TESOURA

Eupetomena macroura (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento, sendo aproximadamente dois terços desse total formados por sua cauda profundamente furcada e alongada, que dá nome popular à espécie. O macho exibe coloração vibrante, com cabeça, pescoço e peito em tons azul-violeta-escuros; dorso, asas e ventre verde-azulados; cauda e infracaudais azul-escuras com brilho metálico; asas de coloração púrpura-enegrecida; bico e pés pretos. A fêmea apresenta tonalidades mais opacas, com contraste menos intenso entre as regiões corporais. Trata-se de uma espécie residente, comum em capoeiras, jardins, quintais arborizados e bordas de matas, sendo altamente adaptável a ambientes urbanos e não dependendo exclusivamente de ambientes florestais. Alimenta-se principalmente de néctar, complementado por pequenos insetos, que são fundamentais para sua dieta proteica, especialmente durante o período reprodutivo. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo na Bolívia, Paraguai e em todo o território brasileiro, sendo comum em áreas urbanas, rurais e ambientes naturais abertos.

Espécie com
dimorfismo sexual



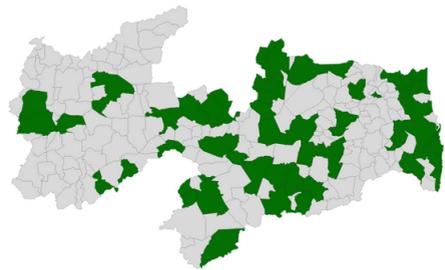
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Utilizada na medicina popular, especialmente em infusões com partes do corpo, para tratar doenças respiratórias como bronquite e asma. Além do uso medicinal, possui forte carga simbólica: em várias regiões do país, seu voo repentino próximo à porta de uma casa é interpretado como presságio de más notícias ou acontecimentos negativos.

BEIJA-FLOR-PRETO*Florisuga fusca* (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e apresenta coloração marcante: os machos possuem plumagem predominantemente negra com alto brilho metálico, contrastando com um leque branco nas retrizes laterais da cauda, que se destacam em voo; essa mancha branca continua pelos flancos e forma uma faixa visível sobre o crisso. Trata-se de uma espécie endêmica da Mata Atlântica e dependente de ambientes florestais, vivendo tanto no interior de matas densas quanto em áreas bem arborizadas, como jardins sombreados, parques urbanos e capoeiras altas, desde que haja disponibilidade de flores. Alimenta-se essencialmente de néctar, visitando flores de diversas espécies vegetais, e também captura pequenos insetos para suplementação proteica, especialmente durante a reprodução. Apresenta comportamento solitário e territorial, com postura agressiva na defesa de fontes de néctar. Possui distribuição restrita ao Brasil oriental, ocorrendo da Paraíba ao Rio Grande do Sul, com presença também no leste de Minas Gerais, fortemente associada aos remanescentes do bioma Mata Atlântica.

Estado de conservação

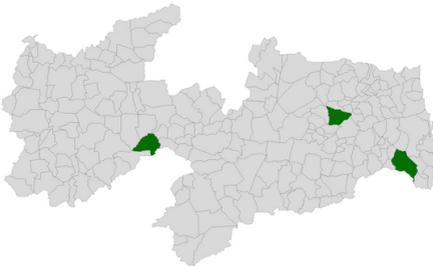
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Henrique Bitencourt (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Ocasionalmente utilizado na medicina popular. Há registros do uso do animal inteiro, geralmente seco e reduzido a pó ou incluído em infusões, como tratamento para doenças respiratórias, como asma e bronquite, além de ser considerado um tônico para o fortalecimento do peito.

JOÃO-CORTA-PAU

Antrostomus rufus (Boddaert, 1783)

Características: Mede cerca de 28 cm de comprimento e apresenta plumagem castanho-ruiva com padrões escuros irregulares, conferindo excelente camuflagem contra o solo ou folhas secas. Apresenta dimorfismo sexual: o macho possui três retrizes externas com grandes manchas branco-amareladas, visíveis em voo, enquanto a fêmea apresenta ponta da cauda e garganta com tonalidades amareladas. Trata-se de uma ave noturna residente, semidependente de ambientes florestais, podendo ser observada em florestas úmidas, matas secas, bordas de mata e capoeiras sombreadas. Alimenta-se principalmente de insetos voadores, como mariposas, besouros e formigas aladas, capturados em voo durante o crepúsculo e à noite, utilizando sua grande abertura bucal adaptada à alimentação aérea. Apresenta ampla distribuição nas Américas, ocorrendo desde a Costa Rica até o norte da Argentina, com presença em praticamente todo o território brasileiro, em diversos biomas, especialmente áreas florestadas e de vegetação densa.

Espécie com dimorfismo sexual

*Sexo indeterminado na foto



Foto: Flávio Ubaid (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Sua vocalização grave e repetitiva emitida à noite é frequentemente associada a presságios de chuva. Em diversas regiões, acredita-se que seu canto anuncia a aproximação da estação chuvosa, funcionando como um marcador natural do tempo.

BACURAU, BACURAU-DE-ASA-FINA*Chordeiles acutipennis* (Hermann, 1783)

Características: Mede cerca de 21 cm de comprimento e apresenta asas longas e estreitas com uma faixa branca em forma de "V" visível durante o voo, além de uma mancha branca na garganta. A plumagem é críptica, em tons de marrom, bege e cinza, conferindo excelente camuflagem contra o solo ou rochas, onde frequentemente repousa durante o dia. Trata-se de uma ave noturna residente e independente de ambientes florestais, comum em áreas abertas, cerrados, pastagens, caatingas, savanas e até zonas urbanas. Sua dieta é estritamente insetívora, composta por mariposas, besouros, formigas aladas e outros insetos voadores, capturados em voo crepuscular ou noturno, utilizando sua grande abertura bucal adaptada à alimentação aérea. Apresenta ampla distribuição nas Américas, ocorrendo do sul dos Estados Unidos até a Bolívia e Argentina, e está presente em praticamente todo o território brasileiro, ocupando variados tipos de ambientes, especialmente os mais abertos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thibaud Aronson (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Embora não seja uma espécie amplamente capturada, há registros de uso alimentar ocasional.

BACURAU, BACURAU-CHINTÃ

Hydropsalis parvula (Gould, 1837)

Características: Mede cerca de 20 cm de comprimento e apresenta notável dimorfismo sexual: os machos possuem uma faixa branca evidente nas asas e na ponta da cauda, além da garganta clara, enquanto as fêmeas têm a garganta amarelada e não apresentam branco nas asas ou cauda. A plumagem é críptica, em tons de marrom e cinza, conferindo excelente camuflagem contra o solo ou folhas secas, onde repousam durante o dia. Trata-se de uma ave noturna residente, adaptada a uma ampla variedade de ambientes, incluindo campos, cerrados, bordas de florestas, áreas agrícolas e zonas urbanizadas, sendo independente de ambientes florestais densos. Sua dieta é essencialmente insetívora, composta principalmente por mariposas, besouros e outros insetos noturnos, capturados em pleno voo com sua ampla abertura bucal. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo desde a Venezuela até a Bolívia e a Argentina, estando presente em todas as regiões do Brasil, com maior frequência em áreas abertas e semiáridas.

Espécie com
dimorfismo sexual



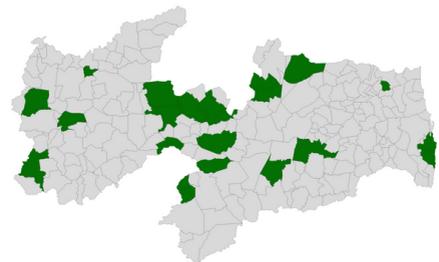
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Embora o uso alimentar ocorra de forma ocasional, especialmente em contextos rurais, a espécie é mais frequentemente associada a significados simbólicos. É comum a crença de que sua vocalização noturna, semelhante a um canto repetitivo e ritmado, anuncia a chegada das chuvas. Esta crença é particularmente difundida em áreas do semiárido.

BACURAU-RABO-DE-TESOURA

Hydropsalis torquata (Gmelin, 1789)

Características: O macho mede cerca de 40 cm de comprimento, dos quais mais de dois terços correspondem à longa cauda em forma de tesoura; a fêmea, menor, mede aproximadamente 27,5 cm e possui cauda menos alongada. Os machos exibem uma faixa branca marcante na garganta, nas asas e na ponta da cauda, enquanto as fêmeas apresentam garganta amarelada e ausência dessas manchas brancas. A plumagem é críptica, em tons de marrom e cinza, conferindo excelente camuflagem, especialmente quando repousam diretamente no solo ou entre folhas secas. Trata-se de uma ave noturna residente e semidependente de ambientes florestais, que habita tanto áreas abertas quanto interiores de matas. Possui dieta insetívora, alimentando-se de mariposas, besouros e outros insetos voadores capturados em pleno voo ao anoitecer ou durante a noite. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo no Peru, Paraguai, Argentina, Uruguai e em diversas regiões do Brasil, incluindo áreas abertas, cerrados, campos e bordas de florestas.

Estado de conservação

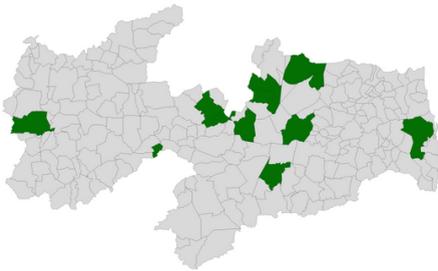
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual

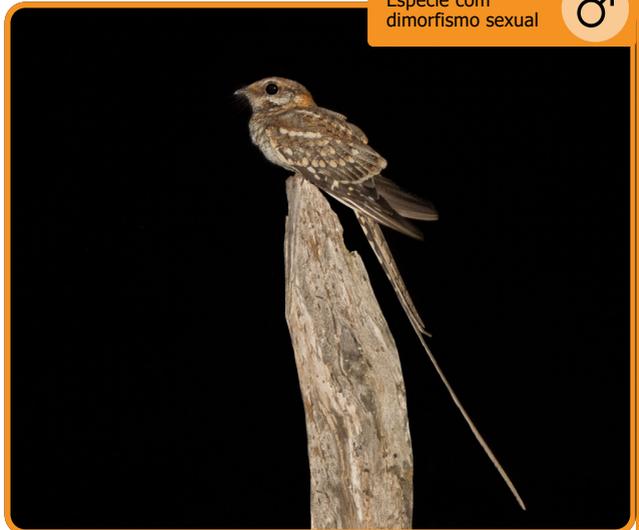


Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica



É reconhecido em várias regiões do Brasil por seu canto noturno característico, que, segundo crenças populares, anunciaria a chegada das chuvas, especialmente em comunidades rurais do semiárido. Seu uso alimentar é ocasional.

BACURAU

Nyctidromus albicollis (Gmelin, 1789)

Características: Mede entre 27 e 30 cm de comprimento e apresenta plumagem críptica em tons de marrom, cinza e ferrugem, conferindo excelente camuflagem no ambiente. O macho distingue-se por faixas brancas nas asas e nas penas externas da cauda, características menos evidentes nas fêmeas. Durante o dia, repousa camuflado no solo ou em galhos baixos, tornando-se ativo ao entardecer. Sua alimentação é predominantemente insetívora. A espécie deposita seus ovos diretamente sobre o solo ou na serapilheira, com incubação compartilhada pelo casal, e os filhotes nascem com plumagem que garante eficiente camuflagem. Apresenta distribuição em todo o território brasileiro.

Espécie com dimorfismo sexual



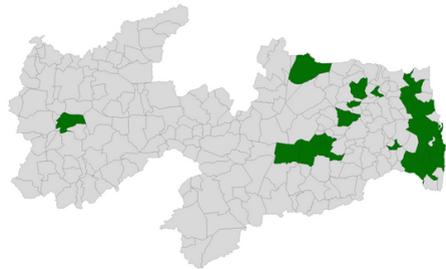
Foto: André Reis

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Embora de forma ocasional, sua carne pode ser consumida, sendo considerada uma fonte alternativa de alimento. Há registros de sua captura para manutenção em cativeiro, também de forma ocasional.



No entanto, é no âmbito simbólico que o bacurau se destaca. Sua vocalização noturna, melancólica e distinta, é frequentemente associada a presságios de morte ou eventos sobrenaturais. Essa crença, enraizada no imaginário popular, é reforçada por seus hábitos noturnos e comportamento discreto.

BACURAUZINHO-DA-CAATINGA, CORUJA-PEQUENA*Nyctidromus hirundinaceus* (Spix, 1825)

Características: Mede cerca de 16 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual: os machos possuem faixas brancas nas asas e na ponta da cauda, visíveis durante o voo, enquanto as fêmeas têm coloração mais homogênea, sem marcas brancas evidentes. A plumagem é críptica, em tons de marrom, bege e cinza, permitindo excelente camuflagem contra o solo pedregoso e a vegetação seca. Trata-se de uma ave noturna de pequeno porte, independente de ambientes florestais, que prefere clareiras, trilhas e áreas de vegetação rasteira, onde repousa durante o dia. Alimenta-se predominantemente de insetos voadores, como mariposas, besouros e formigas aladas, capturados em voo durante a noite e ao alvorecer, mantendo a boca aberta durante a caça. É uma espécie endêmica do Brasil, com ocorrência restrita aos estados do Nordeste e ao norte do Espírito Santo, sendo típica do bioma Caatinga, onde habita regiões áridas e semiáridas com vegetação aberta.

Estado de conservação

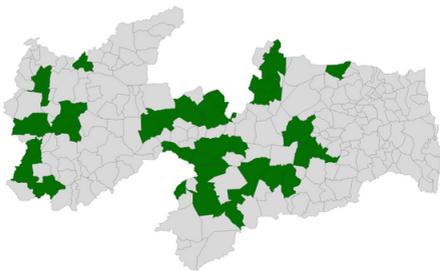
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual

*Sexo indeterminado na foto



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

A vocalização noturna e repetitiva, frequentemente associada a presságios negativos, como a chegada de notícias ruins ou até a morte de alguém próximo.

SERIEMA, SARIEMA

Cariama cristata (Linnaeus, 1766)

Características: Mede entre 70 e 90 cm de comprimento e apresenta plumagem predominantemente cinza-amarelada com finas riscas escuras ao longo do corpo; o abdômen é ligeiramente mais claro, e o bico e as pernas são de coloração vermelha viva, características marcantes da espécie. Um dos traços mais distintivos é a crista composta por um tufo de penas longas e eriçadas, com cerca de 12 cm de comprimento. Trata-se de uma ave essencialmente terrestre, capaz de voar apenas curtas distâncias, locomovendo-se com agilidade em solo aberto. É uma espécie residente, adaptada a ambientes abertos e independentes de cobertura florestal, como cerrados, campos naturais, bordas de matas e áreas agrícolas. Sua dieta é variada e onívora, incluindo insetos, pequenos vertebrados, frutos e sementes, com tendência carnívora. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo na Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e em praticamente todo o Brasil.

Espécie sem dimorfismo sexual



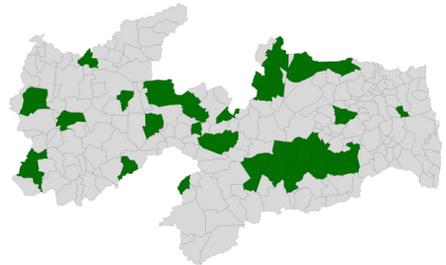
Foto: Hugo Hulsberg (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica

Tem múltiplas funções nas interações com comunidades humanas. É consumida como alimento em áreas rurais e utilizada na medicina popular, com partes do corpo empregadas em tratamentos caseiros. Também pode ser mantida como animal de estimação, devido à docilidade e fácil adaptação a ambientes humanizados. Sua vocalização forte e estridente carrega diferentes simbolismos: em algumas culturas anuncia chuvas, em outras é vista como presságio negativo. Há ainda registros de comércio ilegal da espécie e de suas partes.



URUBU-DE-CABEÇA-VERMELHA

Cathartes aura (Linnaeus, 1758)

Características: Apresenta envergadura que pode atingir até 1,80 m, sendo uma das maiores espécies de urubu no Brasil. Possui cabeça e pescoço nus, com coloração avermelhada nos indivíduos adultos, além de um escudo nugal esbranquiçado e penas das asas em tonalidade cinza-escura. Trata-se de uma ave necrófaga, residente e altamente adaptável, ocorrendo em diversos tipos de ambientes, incluindo áreas abertas, bordas de florestas e paisagens antrópicas. É especializada na alimentação por necrofagia, consumindo predominantemente carcaças de animais. Apresenta ampla distribuição pelas Américas, ocorrendo desde o sul do Canadá até o Chile e a Argentina, com presença em todos os biomas brasileiros.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

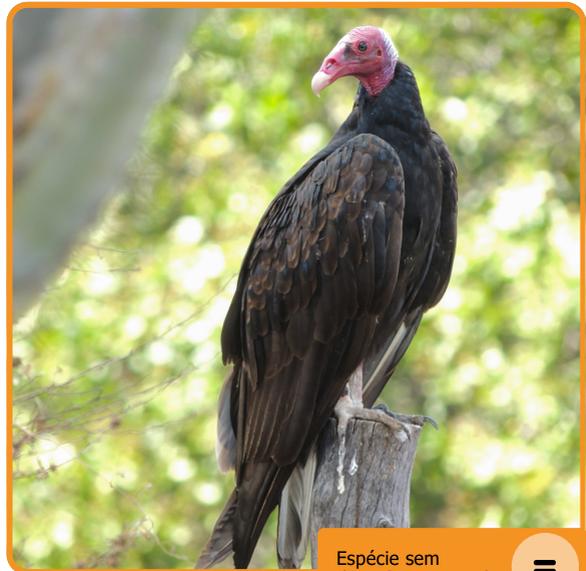
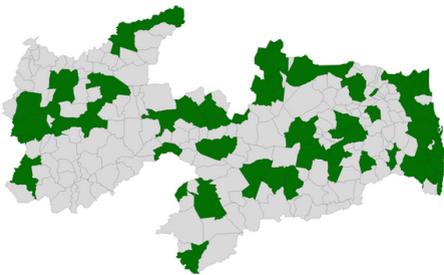


Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Nota etnozoológica



Possui usos variados e significados simbólicos entre comunidades humanas. É empregado na medicina tradicional, sobretudo em regiões rurais, onde se acredita que o chá preparado a partir do pó das penas teria propriedades terapêuticas no tratamento do alcoolismo.



A espécie está ligada a fenômenos naturais e crenças populares. Em algumas tradições, ver urubus voando em círculos indica que choverá três dias depois. Embora raramente criado como animal de estimação, há registros ocasionais de indivíduos jovens mantidos em cativeiro doméstico informal. De modo geral, o urubu-de-cabeça-vermelha é respeitado e, por vezes, temido por sua associação com a morte e a decomposição.

URUBU, URUBU-PRETO

Coragyps atratus (Bechstein, 1793)

Características: Mede aproximadamente 62 cm de comprimento, com envergadura média de 143 cm. Possui cabeça e pescoço nus, com coloração cinza-escuro a preta. Trata-se de uma ave necrófaga, residente e altamente adaptável, preferindo ambientes abertos e antrópicos, sendo a mais comum entre os urubus nas paisagens urbanas e rurais da América Latina. Alimenta-se principalmente de carcaças, desempenhando papel ecológico essencial na remoção de resíduos orgânicos e no controle de patógenos, mas também pode consumir lixo urbano ou, ocasionalmente, atacar animais vivos debilitados, o que gera conflitos com criadores de ovinos e caprinos. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo desde o sul do Canadá até a Argentina e o Chile, com presença em todo o território brasileiro.



Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É associada a diversos usos e significados por diferentes grupos sociais. Na medicina tradicional, infusões feitas com pó da pena, do pé ou da membrana da moela são usadas no tratamento de alcoolismo e asma. Nessas práticas, acredita-se que o beneficiado não deve saber que está ingerindo o preparado, sobretudo em casos de alcoolismo.



O urubu carrega simbolismos ambíguos: é associado tanto à morte e mau agouro quanto à resistência e importância ecológica, sendo por vezes inserido em rituais e narrativas culturais. Há relatos de comercialização de penas e outras partes com fins místicos ou curativos. Sua relação com humanos envolve conflitos, sobretudo em áreas rurais, onde ataques a filhotes de animais domésticos reforçam percepções negativas e motivam represálias.

TETÉU, QUERO-QUERO

Vanellus chilensis (Molina, 1782)

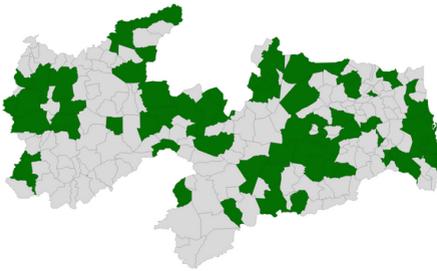
Características: Mede cerca de 37 cm de comprimento e exibe características morfológicas marcantes, como um esporão ósseo de aproximadamente 1 cm na articulação das asas, uma faixa preta que se estende do pescoço ao peito e um penacho de penas longas na região posterior da cabeça. Trata-se de uma espécie territorialista e vocal, comum em áreas abertas como campos naturais, pastagens, plantações e terrenos antrópicos, sendo também observada facultativamente em corpos d'água, onde descansa ou busca alimento. Sua dieta é composta por invertebrados, como insetos e vermes, além de pequenos vertebrados capturados no solo. Apresenta ampla distribuição, ocorrendo da América Central até a Terra do Fogo, com presença em todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: André Reis

Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como alimento em algumas comunidades rurais. Além disso, há um componente simbólico associado à espécie: segundo crenças populares, o consumo de sua carne estaria relacionado a distúrbios do sono, especialmente à insônia.

JAÇANÃ

Jacana jacana (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 23 cm de comprimento e apresenta plumagem negra com manto castanho contrastante, bico amarelo encimado por um escudo frontal vermelho e rêmiges de coloração verde-amarelada. Uma característica distintiva é o esporão afiado e vermelho na articulação das asas, usado em disputas territoriais e defesa. Trata-se de uma espécie típica de ambientes aquáticos, especialmente áreas alagadas com vegetação flutuante ou emergente, como margens de açudes, lagoas, brejos, campos cultivados e pastagens úmidas. Realiza deslocamentos sazonais na Caatinga conforme a disponibilidade hídrica, sendo mais visível no período chuvoso, quando corpos d'água temporários se formam. A dieta é onívora, incluindo insetos aquáticos, moluscos, sementes, brotos e matéria vegetal diversa. A espécie ocorre na América cisandina e em todo o Brasil.

Espécie sem dimorfismo sexual

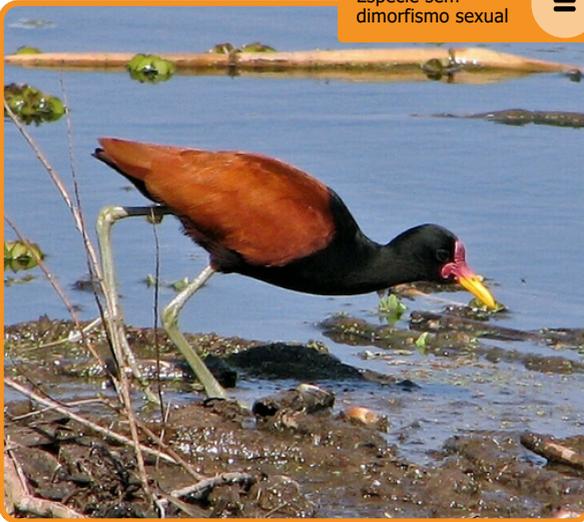


Foto: Hugo Hulsberg (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

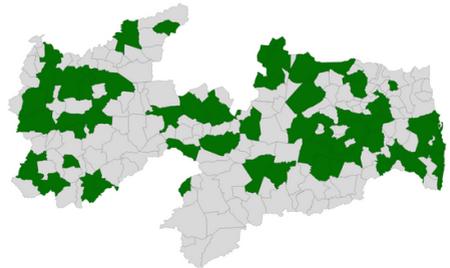
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Utilizada como recurso alimentar em diversas comunidades rurais brasileiras, especialmente em áreas onde a espécie é abundante. Além disso, há registros de sua comercialização informal em feiras locais, seja para consumo ou para fins ornamentais, dada sua aparência exótica e comportamento peculiar sobre a vegetação flutuante.

MAÇARICO, PERNILONGO-DE-COSTAS-NEGRAS

Himantopus mexicanus (Statius Muller, 1776)

Características: Mede cerca de 38 cm de comprimento e apresenta pernas longas e delgadas de coloração rosa. Sua plumagem é contrastante, com partes inferiores predominantemente brancas incluindo abdômen, pescoço e parte da cabeça, enquanto a região dorsal, nuca e dorso são negros. Trata-se de uma ave adaptada para locomoção em áreas alagadas rasas, onde forrageia ativamente por invertebrados aquáticos e pequenos organismos bentônicos, compondo uma dieta tipicamente insetívora e carnívora. No território brasileiro, especialmente no domínio da Caatinga, realiza deslocamentos sazonais influenciados pela disponibilidade hídrica, sendo frequentemente observada em ambientes aquáticos temporários como açudes, lagoas marginais e áreas de manguezal. Apresenta ampla distribuição desde os Estados Unidos e América Central até a América do Sul cisandina, incluindo regiões do Equador, Peru e diversas áreas do Brasil.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

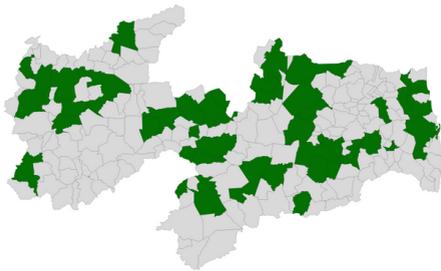
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizado como recurso alimentar por populações humanas que habitam áreas rurais no semiárido nordestino.

ROLINHA-AZUL, JURITI-DA-MATA, POMBA-AZUL, PARARU-AZUL

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez, 1886)

Características: Mede cerca de 19 cm de comprimento. Os machos apresentam coloração azul-acinzentada com marcas negras nas asas e nas laterais da cauda, enquanto as fêmeas possuem plumagem parda, com manchas castanhas nas asas e bico amarelado. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, que habita variadas formações vegetacionais, preferindo áreas de transição entre ambientes abertos e florestais, como bordas de matas, restingas e capoeiras. Vive geralmente em pares ou pequenos grupos, mantendo hábitos discretos e passando boa parte do tempo no solo. Sua dieta é composta por sementes e pequenos frutos, frequentemente coletados diretamente no chão em áreas de vegetação densa. Apresenta ampla distribuição, estando presente em praticamente todo o território brasileiro.

Espécie com dimorfismo sexual



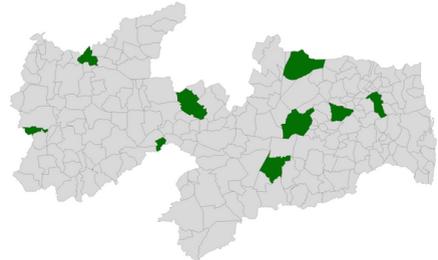
Foto: alcedo77 (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É utilizada como alimento em algumas comunidades rurais e, devido à sua beleza e porte pequeno, também é capturada e mantida como ave de estimação. Em determinados contextos, pode ser comercializada no mercado informal, tanto para fins alimentares quanto ornamentais. A pressão antrópica sobre a espécie varia conforme a região, sendo maior em áreas próximas a centros urbanos e onde práticas tradicionais de caça são mais frequentes.

ROLINHA-CAMBUTA, ROLINHA-DE-ASA-CANELA*Columbina minuta* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 14 cm de comprimento. Apresenta plumagem marcante durante o voo, com a face inferior das asas e base das rêmiges em coloração canela, coberteiras das asas com manchas azuladas, cabeça e nuca azul-acinzentadas, dorso marrom a cinza-claro e retrizes externas cinzentas na base com extremidades negras. As fêmeas geralmente têm plumagem mais pardacenta. Trata-se de uma espécie residente, com ampla tolerância a ambientes não florestais, que habita principalmente regiões abertas como cerrados, campos, pastagens e áreas agrícolas. Sua dieta é predominantemente granívora, composta por sementes diversas, especialmente em áreas abertas e secas. A espécie é típica da porção cisandina da América do Sul, ocorrendo no Brasil desde o leste do Pará até São Paulo, abrangendo áreas centrais como Goiás e Mato Grosso, e estendendo-se ao norte do Paraguai.

Estado de conservação

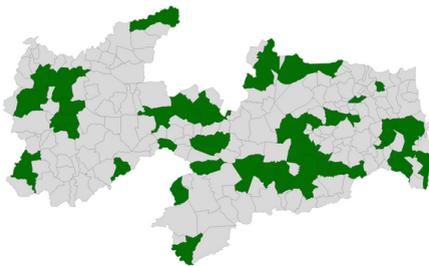
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Utilizada como fonte alimentar e mantida como ave de estimação em algumas localidades. É também alvo de comércio informal.



Na medicina tradicional, acredita-se que sua carne auxilia no estímulo ao apetite e na redução de enjoo em mulheres grávidas. Do ponto de vista simbólico, sua forma de nidificação é interpretada como indicador climático: quando constrói ninhos no chão, prevê-se um ano seco; quando nidifica em árvores, espera-se um ano chuvoso.

ROLINHA-CINZENTA, POMBA-COMUM

Columbina passerina (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento. Apresenta plumagem predominantemente cinza-parda, com leve tonalidade rosada no peito e manchas azuladas nas asas visíveis durante o voo. Trata-se de uma espécie residente, independente de ambientes florestais, que habita áreas abertas como campos, pastagens, savanas e regiões semiurbanas. Alimenta-se principalmente de sementes coletadas diretamente no solo, especialmente em áreas expostas e secas. Costuma ser discreta e geralmente é observada andando aos pares ou em pequenos grupos. Ocorre em grande parte da região oeste-setentrional do Brasil.

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Cheryl Rosenfeld (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



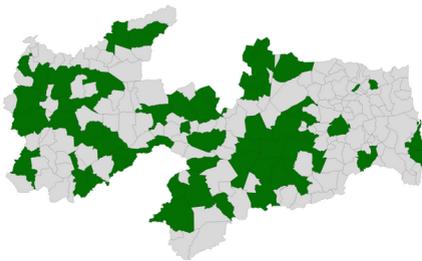
Utilizada ocasionalmente como alimento em comunidades rurais.



Também é mantida como ave de estimação devido ao seu tamanho reduzido, docilidade e facilidade de adaptação ao cativeiro, apesar de não estar entre as espécies mais visadas para comércio.

ROLINHA-BRANCA, ROLINHA-PICUÍ*Columbina picui* (Temminck, 1813)

Características: Mede cerca de 16 cm de comprimento. Apresenta coloração marrom-oliva arenosa nas partes superiores, ventre esbranquiçado e peito com tonalidade vinácea. A plumagem é distintiva, com área branca evidente nas asas e laterais da cauda, asas com primárias negras e faixa azul-negra iridescente atravessando o alto das asas. Trata-se de uma espécie residente, com ampla capacidade de adaptação a ambientes antropizados e independência de formações florestais densas, que habita ambientes abertos como campos com vegetação esparsa, áreas agrícolas e zonas urbanas. Sua dieta é predominantemente granívora, composta por sementes coletadas diretamente no solo. A espécie ocorre principalmente na região Nordeste do Brasil, com registros do Maranhão ao norte da Bahia, podendo ser encontrada também em outras áreas semiáridas associadas ao bioma Caatinga.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

Espécie com múltiplos usos registrados em comunidades rurais. É eventualmente consumida como alimento e comercializada, tanto para fins alimentares quanto como ave de estimação.



Na medicina tradicional, acredita-se que sua carne estimule o apetite, auxilie no tratamento da gastrite e alivie enjoos em gestantes. Há também a crença de que suas fezes teriam propriedades terapêuticas contra a surdez. No plano simbólico, sua vocalização sobre telhados é frequentemente interpretada como presságio de morte iminente de alguém da casa.

ROLINHA-CASCAVEL, ROLINHA-FOGO-APAGOU

Columbina squammata (Lesson, 1831)

Características: Mede cerca de 19 cm de comprimento. Apresenta plumagem com padrão escamoso característico, com coloração cinza-arenosa nas partes superiores e branca nas partes inferiores. As primárias são ferrugíneas, visíveis especialmente durante o voo, e as laterais da cauda são brancas. Trata-se de uma espécie residente, pouco dependente de ambientes florestais, que habita campos secos, cerrado, matas de sub-bosque, zonas urbanas e periurbanas. Alimenta-se predominantemente de sementes, sendo considerada estritamente granívora. Ocorre amplamente no Brasil, especialmente nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, estando associada a ambientes abertos e secos, típicos do Cerrado, Caatinga e áreas de restinga.



Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

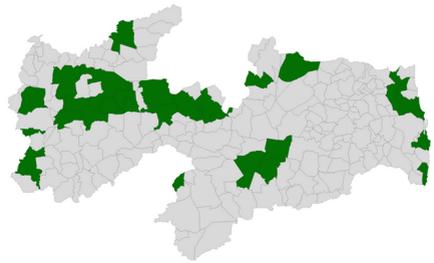
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Comumente utilizada como fonte alimentar e mantida como ave de estimação. É também alvo de comércio informal, tanto para alimentação quanto para cativeiro doméstico.



Na medicina tradicional, há a crença de que sua carne pode ajudar a cessar enjoos em mulheres grávidas. No plano simbólico, sua vocalização emitida sobre casas é frequentemente interpretada como presságio de morte de alguém do local, crença difundida em várias regiões do Nordeste brasileiro.

ROLINHA-CALDO-DE-FEIJÃO, ROLINHA-ROXA

Columbina talpacoti (Temminck, 1811)

Características: Mede aproximadamente 18 cm de comprimento. Apresenta plumagem marrom-avermelhada nas asas e dorso, com contraste escuro nas primárias, enquanto a região ventral é mais clara, em tons de cinza e bege. É uma espécie residente e altamente adaptável, com alimentação granívora baseada na ingestão de sementes coletadas diretamente do solo, além do consumo ocasional de pequenos fragmentos vegetais. Reproduz-se com frequência ao longo do ano, construindo ninhos simples em arbustos, árvores e estruturas artificiais como telhados, postes e beirais de edificações. É amplamente distribuída em todo o território brasileiro, ocorrendo em todos os estados, e também em grande parte da América Central e do Sul. Habita ambientes abertos e antropizados, sendo comum em zonas rurais, bordas de matas, áreas agrícolas, pastagens, campos sujos, além de praças, ruas e quintais em centros urbanos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

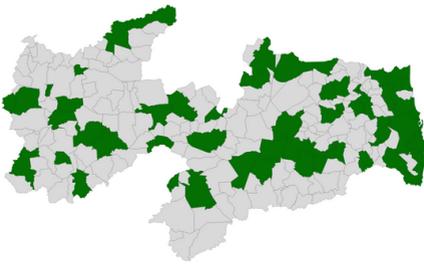


Foto: Thiago Zanetti

Espécie com dimorfismo sexual



Macho com coloração mais escura
Fêmea com coloração mais clara



Nota etnozoológica



É amplamente utilizada em práticas alimentares em áreas rurais, sendo sua carne apreciada, levando a ser comercializada ilegalmente em áreas urbanas.



Na medicina popular, acredita-se que a ingestão da carne dessa ave ajuda a estimular o apetite, aliviar sintomas de gastrite e reduzir enjoos em gestantes. Além disso, é frequentemente mantida como ave de estimação devido à sua docilidade e fácil adaptação ao cativeiro.

JURITI-VERMELHA, PARIRI

Geotrygon montana (Linnaeus, 1758)

Características: Mede aproximadamente 24 cm de comprimento. Apresenta plumagem em tons de marrom-avermelhado com reflexos metálicos, exibindo uma aparência discreta. Possui hábitos majoritariamente terrestres, sendo encontrada principalmente no sub-bosque e no chão das matas. Alimenta-se predominantemente de frutos caídos e sementes, complementando ocasionalmente sua dieta com pequenos invertebrados. Apresenta comportamento solitário ou em pares, sendo mais ativa nas primeiras horas da manhã e no final da tarde. Trata-se de uma espécie residente, fortemente associada a ambientes florestais densos e sombreados. Sua distribuição geográfica abrange desde o México, Colômbia, Guianas, Bolívia, Paraguai, Equador e Peru até regiões florestadas de todo o Brasil.

Espécie com
dimorfismo sexual



Foto: Claudio Martins de Souza (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



É utilizada em algumas comunidades como recurso alimentar e medicinal, embora os detalhes sobre os usos terapêuticos específicos não sejam amplamente documentados na literatura.

JURITI, JURITI-DE-TESTA-BRANCA*Leptotila rufaxilla* (Richard & Bernard, 1792)

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento. Apresenta fronte esbranquiçada, íris escura, nuca com coloração azulada tendendo ao violáceo, peito arroxeadado e retrizes centrais com tonalidade avermelhada, exibindo uma plumagem característica. Habita o interior de matas primárias e secundárias, ocorrendo em diferentes tipos de florestas, como formações secas, subtropicais, matas de araucária, matas ciliares, além de trechos de Mata Atlântica de encosta e baixada litorânea, tanto em áreas de baixada quanto em regiões serranas. Alimenta-se principalmente de sementes e frutos caídos no solo da floresta, comportamento comum entre pombas desse gênero. Trata-se de uma espécie residente, fortemente associada a ambientes florestais, com distribuição nas Guianas e no Brasil setentrional.

Estado de conservação

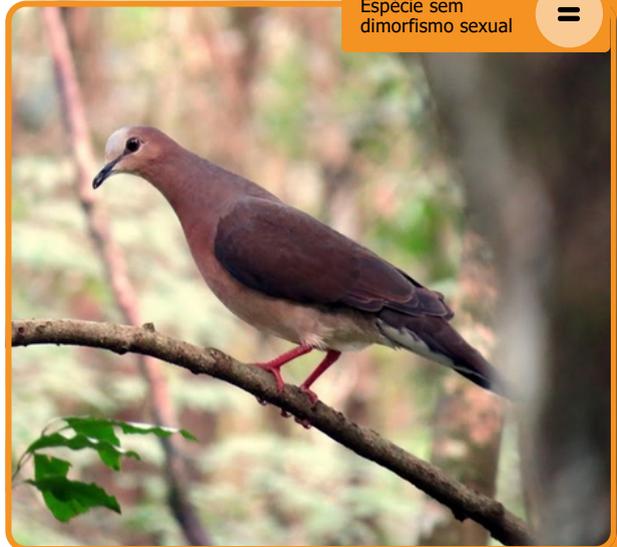
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Diego Carús (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica

É aproveitada por populações humanas como um recurso alimentar, sendo consumida em diferentes contextos.



Empregada na medicina tradicional, sendo atribuídas à pele e à membrana da moela propriedades terapêuticas, como o alívio do pterígio (lesão caracterizada pelo crescimento de um tecido na superfície da córnea dos olhos), o estímulo do apetite, o combate ao enjoo durante a gestação e o tratamento de inflamações nas glândulas palpebrais. Também é mantida como animal de estimação e, em alguns contextos, comercializada ilegalmente.

JURUTI, JURITI-PUPU

Leptotila verreauxi Bonaparte, 1855

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento. Possui plumagem marrom nas partes superiores, peito mais claro e cabeça cinzenta, com reflexos metálicos discretos na nuca e alto do dorso, além de uma coloração azulada ao redor dos olhos que a destaca. Vocaliza com frequência em tom grave, sendo facilmente reconhecida por seu canto melancólico e repetitivo. Habita principalmente bordas de mata, capoeiras e clareiras, mas também ocorre em ambientes alterados, como quintais arborizados e plantações. É uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais. Alimenta-se principalmente de sementes e frutos coletados no solo, contribuindo para a dispersão de espécies vegetais. Sua distribuição geográfica abrange diferentes regiões do Brasil, sendo comum em biomas como a Amazônia, o Cerrado, a Mata Atlântica e a Caatinga, ocorrendo tanto em ambientes naturais quanto antrópicos.

Espécie sem
dimorfismo sexual

=



Foto: Adam Jackson (via iNaturalist, CC0 1.0)

Estado de conservação

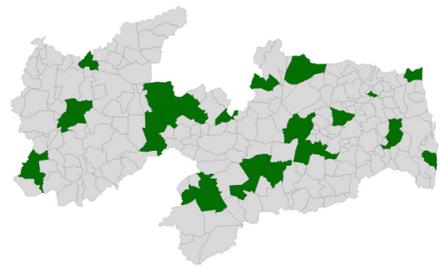
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



É amplamente utilizada como fonte de alimento em áreas rurais de todo o Brasil, sendo uma das espécies de pombas mais caçadas para subsistência.



Na medicina popular, acredita-se que a pele da moela tostada tenha efeito terapêutico no tratamento de pterígio (lesão caracterizada pelo crescimento de um tecido na superfície da córnea dos olhos). Também é mantida como ave de estimação e ocasionalmente comercializada ilegalmente em mercados informais, seja para consumo, seja por seu valor ornamental.

POMBA-GALEGA*Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792)

Características: Mede aproximadamente 25 cm de comprimento. Apresenta plumagem de coloração vinácea, mais intensa na cabeça, pescoço e peito, contrastando com as asas escuras. É frequentemente confundida com outras espécies do gênero *Patagioenas*, mas distingue-se pelo porte menor e coloração mais uniforme. Alimenta-se principalmente de sementes e frutos, desempenhando papel relevante na dispersão de plantas florestais. Habita principalmente bordas de mata, capoeiras altas e clareiras florestais. É uma espécie residente, com forte associação a ambientes florestais. Sua distribuição geográfica abrange quase todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: jefferykarafa (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É eventualmente utilizada como alimento por populações rurais, especialmente em regiões do interior do país. Apesar de sua presença ser relativamente comum em determinadas áreas, sua captura para consumo tende a ocorrer de forma oportunista e em pequena escala, especialmente durante expedições de caça de subsistência.

ASA-BRANCA, POMBA-ASA-BRANCA

Patagioenas picazuro (Temminck, 1813)

Características: Mede cerca de 33 cm de comprimento, sendo uma das maiores pombas do Brasil. Sua plumagem é predominantemente marrom-acinzentada ou arroxeadada, com reflexos metálicos esverdeados ou púrpura na região do pescoço, característicos da espécie. Apresenta dieta frugívora e granívora, desempenhando papel ecológico relevante na dispersão de sementes de espécies vegetais nativas. Habita matas densas, bordas de floresta, capoeiras e áreas em regeneração. É uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais. No Brasil, é mais comum nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, associando-se a florestas tropicais úmidas, como a Amazônia e a Mata Atlântica, além de florestas estacionais secas e capoeiras altas no semiárido nordestino.

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Dario Sanches (via Flickr, CC BY-SA 2.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

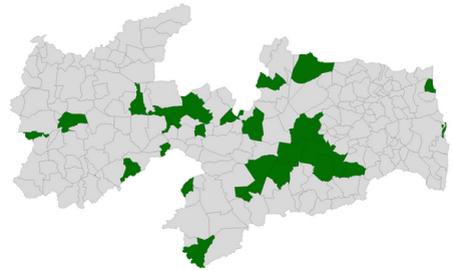
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



É tradicionalmente utilizada como fonte alimentar, especialmente no semiárido nordestino, onde sua carne é valorizada por seu sabor e presença sazonal. Na medicina popular, acredita-se que sua carne possua propriedades terapêuticas, sendo utilizada no tratamento de enfermidades como dor de garganta, amigdalite, bronquite e rouquidão.



Culturalmente, é reconhecida como uma ave que prenuncia chuvas: seu retorno ao sertão após períodos de seca é interpretado como sinal da chegada da estação chuvosa. Essa simbologia foi eternizada na música "Asa Branca", composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, na qual a ave representa a esperança, a saudade e a renovação da vida no sertão.

POMBA-PEDREZ, POMBA-TROCAL*Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789)

Características: Mede cerca de 32 cm de comprimento, sendo uma das maiores pombas do Brasil. Apresenta plumagem predominantemente marrom-acinzentada ou arroxeada, com reflexos metálicos esverdeados ou púrpura na região do pescoço, característica marcante da espécie, conferindo-lhe uma aparência escamosa. As fêmeas apresentam o pescoço marginado de preto, com menor incidência de brilho metálico. O padrão escamoso no peito, ausente em *P. picazuro*, é uma importante característica diagnóstica, assim como a preferência por habitats: *P. speciosa* é mais associada a ambientes florestais densos e úmidos, enquanto *P. picazuro* ocorre em áreas abertas e campos com vegetação esparsa. A vocalização também difere entre ambas, sendo mais grave e pausada em *P. speciosa*. Alimenta-se de frutos e sementes, atuando como agente dispersor de espécies vegetais nativas. Habita matas densas, bordas de floresta, capoeiras e áreas em regeneração. É uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais. No Brasil, é mais comum nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, associando-se a florestas tropicais úmidas, como a Amazônia e a Mata Atlântica, além de florestas estacionais secas e capoeiras altas no semiárido nordestino.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Wellington Nascimento (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É tradicionalmente utilizada como fonte alimentar. Na medicina popular, acredita-se que sua carne possua propriedades terapêuticas, sendo utilizada medicina popular.

RIBAÇÃ, ARRIBAÇÃ, AVOANTE, POMBA-DE-BANDO

Zenaida auriculata (Des Murs, 1847)

Características: Mede cerca de 22 cm de comprimento. Apresenta dorso pardo, cabeça com duas faixas negras laterais características e manchas negras nas asas. O peito exhibe coloração rosada sutil, e a cauda termina em uma faixa esbranquiçada. Sua dieta é predominantemente granívora, baseada na ingestão de sementes de gramíneas cultivadas e silvestres, sendo especialmente frequente em áreas de plantio. Possui comportamento gregário, formando grandes bandos, particularmente durante o período reprodutivo ou em locais com oferta abundante de alimento. É uma ave residente, com ampla capacidade de adaptação a diferentes ambientes, inclusive alterados. Está amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo em praticamente todo o território brasileiro, onde é particularmente abundante em áreas abertas, regiões agrícolas, campos e zonas urbanizadas.

Espécie com
dimorfismo sexual



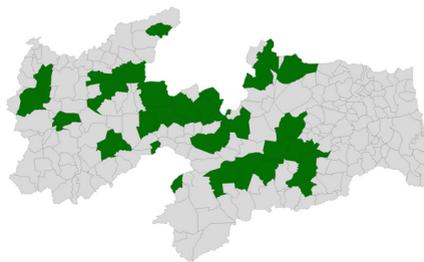
Foto: Arthur Chapman (via Flickr, CC BY 2.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



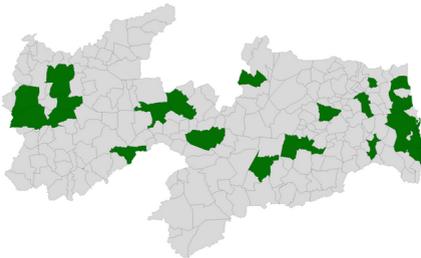
É uma das aves mais caçadas no Brasil para fins alimentares, sendo sua carne bastante apreciada. Tradicionalmente capturada em grandes quantidades, especialmente no Nordeste, onde o termo "arribação" refere-se à chegada dos bandos migratórios, historicamente sinalizando fartura alimentar.



Além do uso alimentar, também é mantida como ave de estimação em algumas localidades. No contexto simbólico-religioso, é utilizada em rituais de oferenda a Oxóssi em terreiros de Candomblé. É alvo de comércio ilegal, principalmente voltado à alimentação e, em menor escala, ao comércio de aves ornamentais.

MARTIM-PESCADOR-VERDE*Chloroceryle amazona* (Latham, 1790)

Características: Mede cerca de 29 cm de comprimento. Apresenta coloração verde-metálica nas partes superiores, que pode adquirir tonalidade azul-acinzentada conforme a incidência de luz, além de um colar branco na base do bico. Exibe dimorfismo sexual marcante: o macho possui uma faixa peitoral ferrugínea bem delimitada, enquanto a fêmea apresenta a mesma região com manchas esverdeadas e flancos estriados. O bico é alongado e afilado, especialmente adaptado à captura de presas aquáticas. A dieta é composta principalmente por pequenos peixes, complementada eventualmente com insetos aquáticos e crustáceos. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, ocupando preferencialmente áreas próximas a corpos d'água, como açudes, lagoas, manguezais e rios, além de clareiras de florestas secundárias iniciais. Possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo do México à Argentina e presente em todo o território brasileiro.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Hugo Hulsberg (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É por vezes capturado para manutenção em cativeiro como ave ornamental. Sua coloração vibrante e hábitos incomuns despertam interesse em colecionadores de aves silvestres, embora a espécie não apresente vocalizações melodiosas como outras aves comumente mantidas como pets

PESCADOR-GRANDE, MARTIM-PESCADOR-GRANDE

Megaceryle torquata (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 42 cm de comprimento e possui um bico robusto que pode atingir até 8 cm, conferindo-lhe grande eficiência na captura de presas aquáticas. Apresenta forte dimorfismo sexual: o macho exibe plumagem azul-acinzentada nas partes superiores, com garganta e colar branco no pescoço, além de peito ferrugíneo contínuo até o crisso, que é branco; já a fêmea possui padrão tricolor mais evidente, com peito cinza-azulado, seguido por uma faixa branca e ventre ferrugíneo. Essa conformação corporal, associada à excelente visão, torna o pescador-grande um predador altamente eficiente, especializado na captura de peixes por mergulho direto. Trata-se de uma espécie residente, amplamente associada a ambientes aquáticos como açudes, lagoas, manguezais, margens de rios e córregos, onde sua presença está intimamente relacionada à disponibilidade de peixes, sua principal fonte alimentar. Distribui-se amplamente do México até a Terra do Fogo, ocorrendo em praticamente toda a América do Sul, sendo comum em grande parte do território brasileiro.

Espécie com dimorfismo sexual



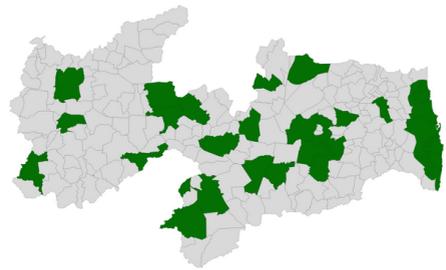
Foto: eduardovieira17 (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizado como recurso alimentar em comunidades ribeirinhas e rurais.

PAPA-LAGARTA, PAPA-LAGARTA-ACANELADO*Coccyzus melacoryphus* Vieillot, 1817

Características: Mede cerca de 28 cm de comprimento e apresenta coloração distinta, com topo da cabeça cinza-escuro, penas do ouvido negras, lados do pescoço e peito em tons de cinza-claro, ventre camurça e dorso marrom-acinzentado. As retrizes centrais da cauda acompanham o tom do dorso, enquanto as externas são negras com manchas brancas. Possui bico preto, reto e relativamente longo, adaptado à captura de presas. Alimenta-se predominantemente de artrópodes, especialmente lagartas, que captura em folhagens, galhos e no sub-bosque, comportamento que lhe confere o nome popular. É uma ave migratória, com populações que se afastam sazonalmente de seus locais de reprodução e retornam a eles ciclicamente. No Nordeste do Brasil, embora possa ser registrada ao longo do ano, sua ocorrência é mais frequente entre janeiro e setembro. Apresenta semidependência de ambientes florestais, sendo comum em matas secundárias, capoeiras densas, vegetação ribeirinha e áreas com cobertura arbustiva. Possui ampla distribuição na América do Sul, desde o norte do continente até Bolívia, Paraguai e Argentina, estando presente em todas as regiões do Brasil, com populações residentes e migratórias.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

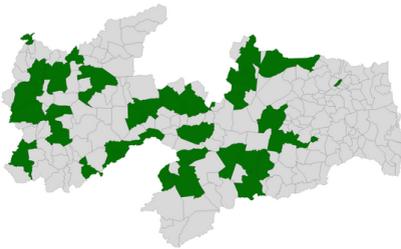
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizada como recurso alimentar e mantida como ave de estimação, embora com menor frequência que espécies canoras. Culturalmente, sua vocalização é associada à presença ou proliferação de lagartas nas lavouras, especialmente no início do período chuvoso, sendo interpretada como sinal de infestação iminente. Em algumas regiões do semiárido, acredita-se que o canto do papa-lagarta atrairia a lagarta para a plantação.

ANUM-PRETO, ANU-PRETO

Crotophaga ani Linnaeus, 1758

Características: Mede cerca de 36 cm de comprimento e apresenta plumagem totalmente negra com brilho azul-esverdeado, além de bico curvo e robusto, típico da espécie. Vive em grandes grupos e exibe comportamento social expressivo, marcado por vocalizações intensas e interação constante entre os indivíduos. Alimenta-se predominantemente de insetos, como gafanhotos, formigas, cupins e outros invertebrados, podendo complementar a dieta com pequenos vertebrados e frutos. Ocorre em todo o território brasileiro e não depende de ambientes florestais densos, sendo comumente observado em áreas abertas, zonas rurais, bordas de matas e ambientes antrópicos.

Espécie sem
dimorfismo sexual



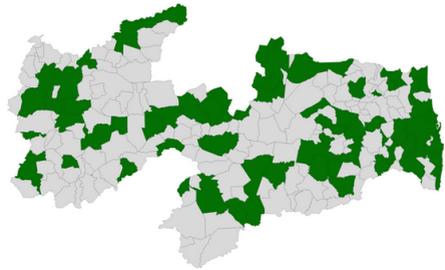
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como alimento, mantido como animal de estimação e comercializado.



Em algumas comunidades, é também empregado na medicina tradicional, sob a crença de que o consumo de sua carne teria propriedades curativas, especialmente no tratamento da asma (acredita-se que se alimentando da carne desta ave poderia curar pessoas acometidas pela asma). Além disso, sua vocalização em coro é culturalmente interpretada como sinal de prenúncio de chuva.

ANUM-PRETO, ANU-COROCA*Crotophaga major* Gmelin, 1788

Características: Mede aproximadamente 43 cm de comprimento, sendo a maior espécie do seu gênero. Apresenta plumagem negra com brilho metálico, bico grosso e ligeiramente curvado, além de cauda longa e graduada. Vive em grupos sociais coesos, demonstrando comportamento cooperativo tanto na busca por alimento quanto nas atividades reprodutivas, como a construção e defesa do ninho. Sua dieta é predominantemente composta por artrópodes, especialmente insetos e suas larvas, mas também inclui pequenos vertebrados, sementes e frutos, o que evidencia certa plasticidade alimentar. Ocorre em todo o território brasileiro, estando fortemente associada a ambientes florestais úmidos, como matas ciliares e de galeria, sendo frequentemente observada em áreas próximas a corpos d'água.

Estado de conservação

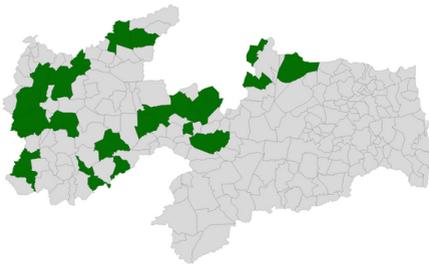
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual

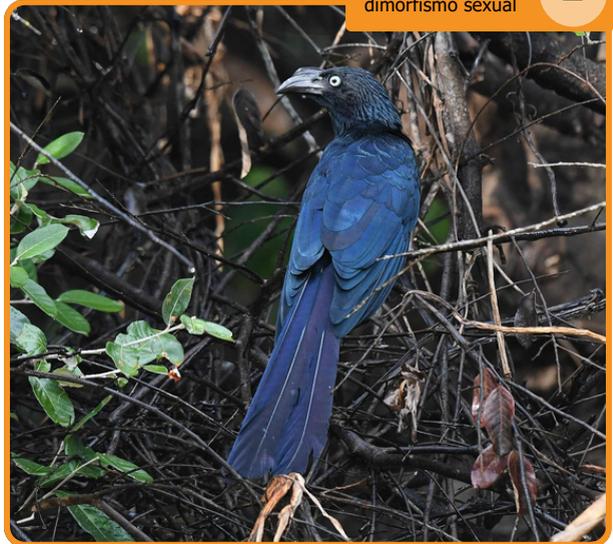


Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizado como alimento, podendo também ser mantido como animal de estimação ou comercializado. Culturalmente, sua vocalização em coro, quando vários indivíduos se reúnem e emitem sons simultaneamente, é associada a presságios de chuva.

ANUM-BRANCO, ANU-BRANCO

Guira guira (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 38 cm de comprimento e apresenta plumagem marrom-clara, com penas eriçadas na cabeça que formam uma crista distintiva. Vive em grupos sociais coesos e demonstra comportamento cooperativo durante o forrageamento e os cuidados parentais. Sua dieta é predominantemente insetívora, incluindo grandes insetos como gafanhotos, lagartas e percevejos, mas também pode abranger pequenos vertebrados, como lagartos, anfíbios e filhotes de aves, o que evidencia sua plasticidade alimentar e comportamento oportunista. Trata-se de uma espécie residente e altamente adaptável, independente de ambientes florestais, sendo comum em áreas abertas como campos de cultivo, pastagens, restingas, bordas de matas secas e regiões de Caatinga. Sua distribuição geográfica abrange a Bolívia, Paraguai, norte da Argentina, Uruguai e praticamente todo o território brasileiro.

Espécie sem
dimorfismo sexual



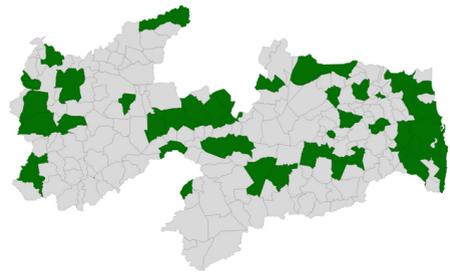
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É eventualmente utilizado como alimento e, em práticas medicinais populares, acredita-se que o consumo de sua carne possa aliviar sintomas de asma. Também pode ser mantido como animal de estimação. Sua vocalização em coro com vários indivíduos é considerada um prenúncio de chuva.

LAGARTEIRO-DO-BRANCO, PAPA-LAGARTA-CINZENTO

Micrococcyx cinereus (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 24 cm de comprimento, com bico levemente curvo e negro, anel ocular vermelho e plumagem predominantemente pardo-escuro nas partes superiores. A cabeça, garganta e peito exibem tonalidades cinza-pardacentas. A espécie é predominantemente insetívora, com dieta composta por insetos como ortópteros (grilos e gafanhotos), lepidópteros (mariposas) e suas larvas, capturados em meio à vegetação ou em voo. É uma ave migratória, realizando deslocamentos sazonais que a afastam temporariamente das áreas de reprodução durante certas épocas do ano, retornando a elas no período reprodutivo. Apresenta semidependência de ambientes florestais, sendo mais frequente em bordas de mata, capoeiras e clareiras arborizadas. Amplamente distribuída no Brasil, com ocorrência registrada nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. Sua distribuição abrange uma variedade de ambientes, desde áreas florestadas até formações abertas, o que reflete sua capacidade de adaptação ecológica.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

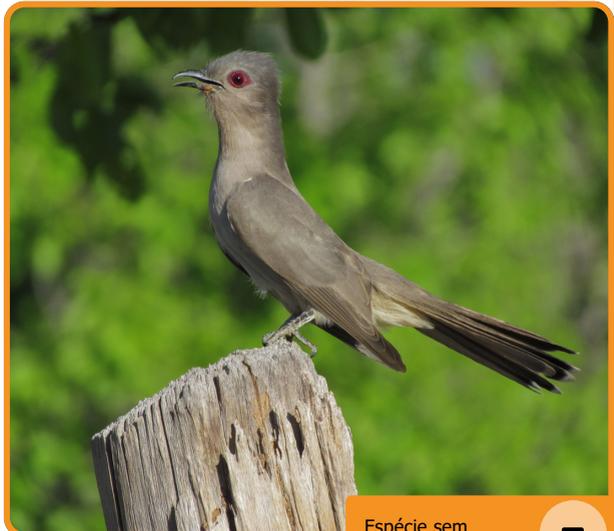
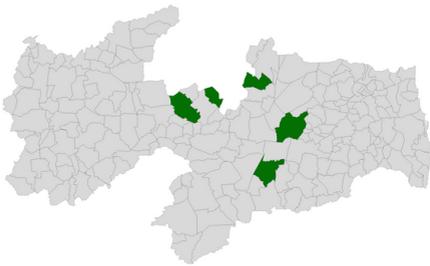


Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual

=

Nota etnozoológica



Há registros de seu uso como alimento por populações rurais, embora esse consumo não seja frequente. Por atuar como predador natural de lagartas e outros insetos que afetam negativamente as lavouras, a espécie é, em algumas comunidades rurais, tolerada ou até mesmo protegida informalmente por agricultores, que reconhecem seu papel ecológico no controle de pragas.

ALMA-DE-GATO

Piaya cayana (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 48 cm de comprimento e possui uma longa cauda com barras brancas e pretas, plumagem marrom-avermelhada e bico curvo. Trata-se de uma espécie residente, com preferência por ambientes florestais secundários, bordas de mata e áreas abertas com vegetação densa. É conhecida por seus hábitos discretos e pela vocalização característica, que lembra o miado de um gato, característica que inspirou seu nome popular. Sua dieta é predominantemente insetívora. Está presente em todos os biomas brasileiros.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

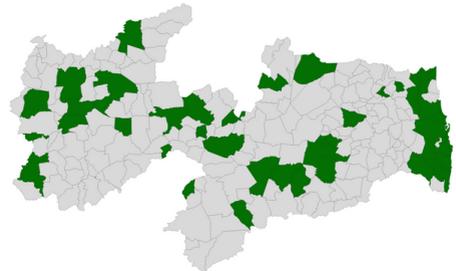
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Há registros de uso eventual como alimento.

PEITICA, SACI*Tapera naevia* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 29 cm de comprimento e apresenta plumagem críptica com coloração parda rajada de tons escuros nas costas, cabeça e cauda. Destacam-se as listras brancas que se estendem do olho até a nuca e abaixo do olho, características marcantes da espécie. O peito e a barriga variam entre branco e creme. Tem dieta predominantemente insetívora, alimentando-se de artrópodes diversos. É conhecida por seu comportamento reprodutivo parasita, depositando seus ovos nos ninhos de outras espécies de aves, principalmente de passarinhos insetívoros. É uma espécie residente, considerada independente de ambientes florestais, que ocupa uma variedade de formações vegetacionais, desde florestas até áreas abertas. Está presente em todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual

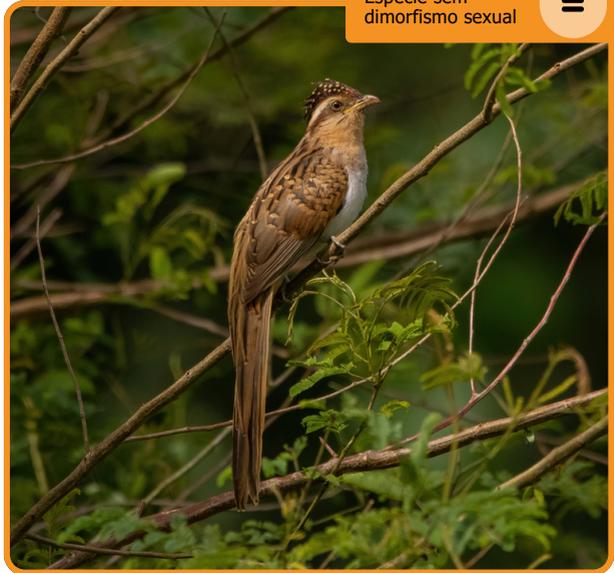


Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É eventualmente utilizada como alimento em algumas comunidades rurais. Em certas regiões, também pode estar associada a crenças locais, embora esses registros sejam pouco documentados na literatura.

CARCARÁ

Caracara plancus (Miller, 1777)

Características: Mede cerca de 56 cm de comprimento e apresenta face nua e avermelhada, plumagem escura no dorso e asas, peito marrom-claro com riscas pretas e patas longas e amarelas. Trata-se de uma ave de rapina residente, independente de ambientes florestais, que adapta-se bem a paisagens alteradas, como pastagens, campos agrícolas e áreas urbanas periféricas. Possui dieta onívora e oportunista, alimentando-se de carcaças, pequenos vertebrados, insetos, ovos, frutos e resíduos humanos. É amplamente distribuída nas Américas, ocorrendo desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina, com exceção da região andina. No Brasil, suas maiores populações concentram-se nas regiões Sudeste e Nordeste, sendo frequentemente observada em áreas abertas e antropizadas.

Espécie sem dimorfismo sexual



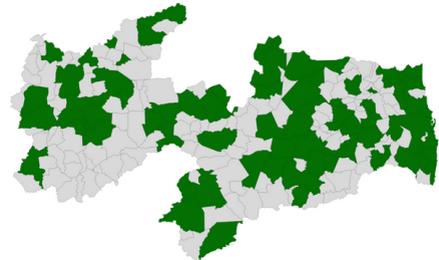
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Ocasionalmente consumido como alimento, especialmente em comunidades rurais, onde o caldo de sua carne é considerado fortalecedor em casos de fraqueza. Também é mantido como animal de estimação, devido à docilidade em cativeiro quando criado desde jovem.



É alvo de conflitos em áreas agropecuárias, devido a relatos de ataques a filhotes de aves, cordeiros e cabritos, o que leva à sua perseguição e abate. Essas interações destacam sua importância cultural e ecológica, reforçando a necessidade de estratégias integradas de manejo e educação ambiental que considerem seu papel nos ecossistemas e nas culturas locais.

GAVIÃO-COLEIRA, FALCÃO-DE-COLEIRA*Falco femoralis* Temminck, 1822

Características: Mede aproximadamente 36 cm de comprimento e apresenta asas e cauda proporcionalmente longas, favorecendo sua habilidade de voo em espaços amplos. Trata-se de uma ave de rapina residente, que habita preferencialmente áreas abertas como campos, pastagens e cerrados, sendo independente de ambientes florestais. Uma característica marcante da espécie são as faixas brancas supraoculares que se unem na região da nuca, formando uma "coleira", que dá nome popular ao animal. É um predador oportunista, com dieta composta por artrópodes, répteis, aves de pequeno porte e pequenos mamíferos, que caça geralmente voando rente ao solo, surpreendendo suas presas com rapidez e precisão. A espécie possui ampla distribuição nas Américas, ocorrendo desde os Estados Unidos até a Terra do Fogo, estando presente em todos os biomas brasileiros.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

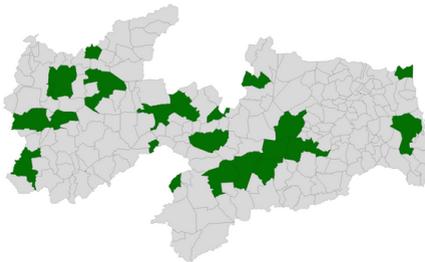
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Jéssica Martins (via iNaturalist, CC BY-NC-SA 4.0)

Nota etnozoológica

Ave bastante associada às situações de conflito do que a usos diretos. Em regiões rurais, é frequentemente acusado de atacar animais domésticos, sobretudo aves de criação como pintinhos e galinhas, o que leva à sua perseguição por parte de criadores e agricultores.

GAVIÃO-DO-PAPO, BRANCO-PINTADO, QUIRIQUIRI

Falco sparverius Linnaeus, 1758

Características: Mede cerca de 27 cm de comprimento e apresenta marcante dimorfismo sexual. Os machos exibem plumagem cinza-azulada na cabeça e nas asas, enquanto o dorso e a cauda são marrom-avermelhados com estrias negras. A parte inferior é branca, com pontos pretos no peito e ventre. As fêmeas possuem dorso e asas marrom-avermelhados com estrias negras finas, e a parte inferior marrom-alaranjada clara com riscos verticais escuros, sem o padrão pontilhado dos machos. Trata-se da menor espécie de falcão do continente americano, residente e amplamente adaptada a ambientes abertos e antrópicos, independente de formações florestais densas. Alimenta-se de uma ampla variedade de presas, incluindo invertebrados como insetos e aranhas, além de pequenos vertebrados como lagartos, roedores e aves menores. No Brasil, sua distribuição compreende regiões do centro, como Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, e toda a faixa litorânea do país, estando presente nos estados de domínio atlântico.



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Gary T. Leavens (via iNaturalist, CC BY-NC-SA 4.0)

Estado de conservação

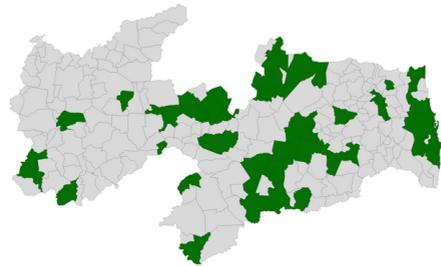
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar em áreas rurais.

ACAUÃ*Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 47 cm de comprimento e apresenta hábitos diurnos e predatórios. Trata-se de uma ave de rapina residente, semidependente de ambientes florestais, que ocupa áreas de mata secundária, bordas de floresta e paisagens com vegetação mais aberta intercalada a fragmentos florestais. Alimenta-se de uma variedade de presas, incluindo artrópodes, pequenos mamíferos e répteis, destacando-se pelo hábito de predação de serpentes, comportamento que o diferencia entre os falconídeos. É amplamente distribuída do México à Argentina, com presença em todos os biomas brasileiros.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

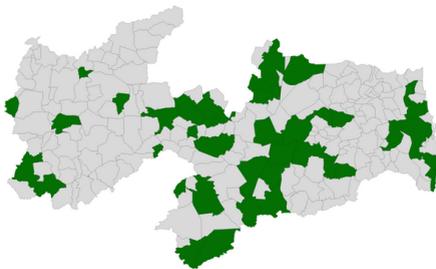
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Apêndice II

II



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Lina Crespo (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Tem grande importância simbólica e utilitária em várias regiões do Brasil. Sua carne é ocasionalmente consumida como alimento e associada a propriedades medicinais, sendo indicada para tratar inflamações na garganta e amígdalas. Também pode ser criada como animal de estimação, sobretudo quando capturada jovem.



A vocalização do acouã é fortemente ligada ao imaginário popular, sendo vista ora como prenúncio de chuvas, ora como presságio de morte, refletindo sua importância simbólica ambivalente. Também há registros de conflitos com humanos, especialmente quando é acusado de predação de pequenos animais domésticos, o que motiva sua perseguição.

PAPA-RIBAÇÃ, FALCÃO-CABURÉ

Micrastur ruficollis (Vieillot, 1817)

Características: Mede aproximadamente 36 cm de comprimento e apresenta corpo robusto, com adaptações morfológicas que favorecem a locomoção em ambientes de dossel e sub-bosque. Trata-se de uma ave de rapina residente, com hábitos fortemente florestais, sendo dependente de matas densas e capoeiras altas para caça, abrigo e reprodução. É uma predadora versátil, com dieta carnívora composta por artrópodes, aves, pequenos mamíferos e répteis. Está amplamente distribuída do México à Argentina, com ocorrência em todo o território brasileiro.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Roberto de Oliveira Silva (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizada como fonte alimentar em algumas comunidades rurais.



É alvo de conflitos com populações humanas, devido a relatos de ataques a animais domésticos de pequeno porte, como pintinhos, passarinhos criados soltos e, ocasionalmente, filhotes de aves de quintal. Essa interação conflituosa pode levar à perseguição e abate do animal.

FURA-BARREIRA, RAPAZINHO-DOS-VELHOS*Nystalus maculatus* (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento e apresenta coloração marcante, com bico vermelho, garganta anterior branca contrastando com uma faixa posterior e colar pardo-amarelados, além de peito e ventre brancos com manchas negras. Trata-se de uma espécie residente, adaptada a ambientes abertos e secos, independente de florestas densas, e comum em áreas de mata baixa e vegetação esparsa da Caatinga. Seu canto característico está associado a comportamentos territoriais e reprodutivos. Alimenta-se de insetos, aranhas, escorpiões, pequenos vertebrados e pequenas frutas. Apresenta distribuição restrita ao Brasil, ocorrendo desde a margem direita do baixo rio Amazonas até todos os estados do Nordeste, incluindo a Bahia, compondo a avifauna típica de paisagens semiáridas.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

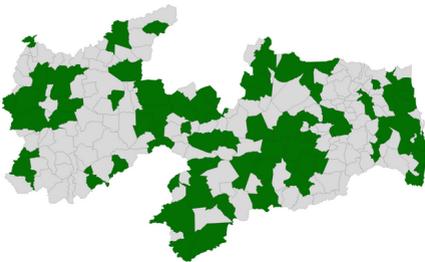


Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Possui valor simbólico relevante, sendo considerado por comunidades do semiárido brasileiro um bioindicador climático, cuja vocalização anuncia a chegada das chuvas. Embora não seja alvo prioritário de caça, é eventualmente capturado para consumo alimentar em áreas com menor disponibilidade de recursos faunísticos.

ARACUÃ, ARACUÃ-DE-BARRIGA-BRANCA

Ortalis araucuan (Spix, 1825)

Características: Mede aproximadamente 50 cm de comprimento e apresenta plumagem discreta, adequada para camuflagem em ambientes florestais. Trata-se de uma espécie residente, com forte dependência de ambientes florestais, frequentemente registrada em matas ralas, capoeiras, florestas secundárias e áreas com presença de palmeiras. Vive em pequenos bandos e possui hábitos sociais, vocalizando de forma ruidosa, característica marcante do grupo. Sua dieta é generalista, composta por folhas, raízes, frutos, sementes e, ocasionalmente, insetos, que coleta tanto na vegetação quanto no solo. É uma ave endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Christoph Moning (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Amplamente utilizado por populações rurais e tradicionais. Sua carne é apreciada como alimento, sendo alvo de caça de subsistência. Além disso, há registros de seu uso na medicina popular, com partes do animal sendo empregadas em tratamentos caseiros, especialmente voltados a problemas respiratórios e inflamatórios.

JACU, JACU-VERDADEIRO, JACUCACA*Penelope jacucaca* (Spix, 1825)

Características: Mede aproximadamente 73 cm de comprimento. Trata-se de uma ave endêmica da Caatinga brasileira, residente e fortemente dependente de ambientes florestais, habitando preferencialmente a Caatinga arbórea, especialmente em áreas mais úmidas e próximas a cursos d'água, sejam eles permanentes ou temporários. Sua dieta é predominantemente frugívora, composta por frutos silvestres, sementes e brotos, desempenhando papel importante na dispersão de sementes e na regeneração da vegetação nativa. A espécie é sensível à fragmentação e à degradação do habitat, além de ser fortemente impactada pela caça. Sua distribuição está restrita aos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Paraíba, Alagoas, Sergipe e norte de Minas Gerais.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

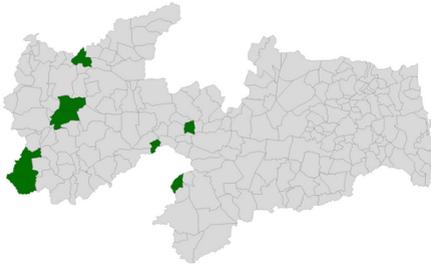
VU

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Nereston (Nelinho) Camargo (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Amplamente valorizado por populações humanas. Sua carne é apreciada como alimento, e a espécie também é utilizada na medicina popular, embora com menor frequência, sendo-lhe atribuídas propriedades terapêuticas em alguns contextos. É ainda mantida como animal de estimação e comercializada ilegalmente em feiras livres, o que agrava ainda mais sua situação de vulnerabilidade.

JACUPEMBA

Penelope superciliaris Temminck, 1815

Características: Mede cerca de 55 cm de comprimento. Trata-se de uma ave residente, fortemente dependente de ambientes florestais, habitando bordas de matas, capoeiras, caatingas com vegetação mais densa e áreas próximas a rios e lagos. Apresenta características marcantes, como barbela nua e vermelha, mais proeminente nos machos, topete rudimentar, asas com bordas ferrugíneas, peito com padrão esbranquiçado, íris vermelha e sobancelha em tom cinza-claro ou pardacento. Sua dieta é variada, composta principalmente por frutos, além de flores, folhas e brotos. A subespécie *P. superciliaris alagoensis* encontra-se criticamente em perigo de extinção, conforme os critérios do Ministério do Meio Ambiente, devido à intensa perda de habitat, fragmentação florestal e pressão da caça. É amplamente distribuída no Brasil, desde o sul do rio Amazonas até o Rio Grande do Sul.



Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Foto: Thomaz de Carvalho Callado (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Nota etnozoológica



Sua carne é consumida como alimento, e há registros de uso medicinal em algumas localidades, que atribuem à espécie propriedades terapêuticas populares. Também é ocasionalmente mantida como ave de estimação, prática que contribui para sua captura e comercialização ilegal.

CAPOEIRA, URU*Odontophorus capueira plumbeicollis* Cory, 1915

Características: Mede aproximadamente 24 cm de comprimento. Trata-se de uma ave residente e fortemente dependente de ambientes florestais densos e sombreados, onde habita o sub-bosque e se desloca em pequenos grupos familiares. Com hábitos exclusivamente terrestres, essa ave forrageia no solo em busca de alimento, sendo sua dieta composta predominantemente por frutos e insetos. Sua distribuição é restrita à área leste do Brasil, do Nordeste ao Sul, além de está em áreas fronteiras com o Paraguai e Argentina. A subespécie *Odontophorus capueira plumbeicollis* ocorre no Nordeste do Brasil, dos estados do Ceará até Alagoas.

Estado de conservação

Brasil: Criticamente ameaçada



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Carlos Moura (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Amplamente reconhecida como recurso alimentar por comunidades locais, sendo sua carne bastante apreciada. Além disso, são atribuídas propriedades medicinais à espécie, cujas partes do corpo são empregadas em práticas tradicionais. A ave também é alvo de captura e comércio ilegal, o que agrava ainda mais sua situação de ameaça.

CARÃO

Aramus guarauna (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 70 cm de comprimento. Apresenta plumagem predominantemente pardo-escuro, com garganta branca e finas riscas brancas na cabeça e no pescoço. As pernas são negras, e a base da mandíbula possui coloração amarela. Seu bico é adaptado à captura de presas aquáticas, sendo especializado na predação de moluscos, especialmente do gênero *Pomacea*, que constituem a base de sua dieta. A espécie prefere áreas campestres alagadas ou margens de corpos d'água, onde se movimenta lentamente em busca de alimento. É associada a ambientes úmidos e realiza deslocamentos sazonais no domínio da Caatinga, acompanhando a disponibilidade temporal de corpos d'água, como lagoas, brejos e áreas alagáveis. Sua distribuição é ampla nas Américas, ocorrendo desde a Flórida e o México até a Bolívia, Argentina e todo o território brasileiro.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: David Monroy R (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

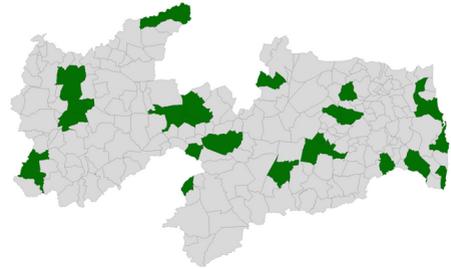
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Reconhecida por sua importância alimentar e simbólica em diversas regiões do Brasil. Sua carne é consumida em comunidades rurais, sobretudo durante o período chuvoso, quando a espécie se torna mais abundante e acessível. Culturalmente, sua vocalização alta e prolongada é tradicionalmente interpretada como sinal da chegada das chuvas, sendo considerada um importante bioindicador no saber popular. Além disso, há registros do uso comercial da espécie.

TRÊS-POTE, SARACURA-TRÊS-POTES

Aramides cajaneus (Statius Muller, 1776)

Características: Mede aproximadamente 39 cm de comprimento. Apresenta plumagem marcante, com pescoço e peito cinza-azulados, abdômen castanho-avermelhado, dorso esverdeado e bico esverdeado com ponta avermelhada. As pernas vermelhas facilitam sua identificação em campo. É uma ave onívora, com dieta composta por sementes, insetos, moluscos, pequenos crustáceos, folhas e restos orgânicos, demonstrando grande plasticidade alimentar. No Brasil, é comum em áreas úmidas de diferentes biomas, incluindo a Caatinga, onde realiza deslocamentos sazonais conforme a disponibilidade hídrica, ocupando ambientes temporariamente alagados durante a estação chuvosa. Habita preferencialmente margens de rios, açudes com vegetação densa, áreas alagadas de cultivo, brejos, várzeas e até mesmo manguezais.

Estado de conservação

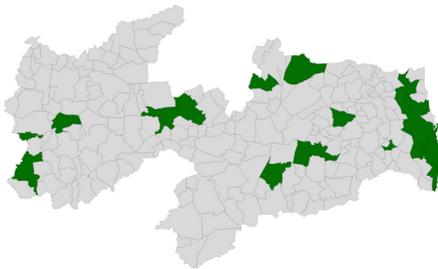
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual

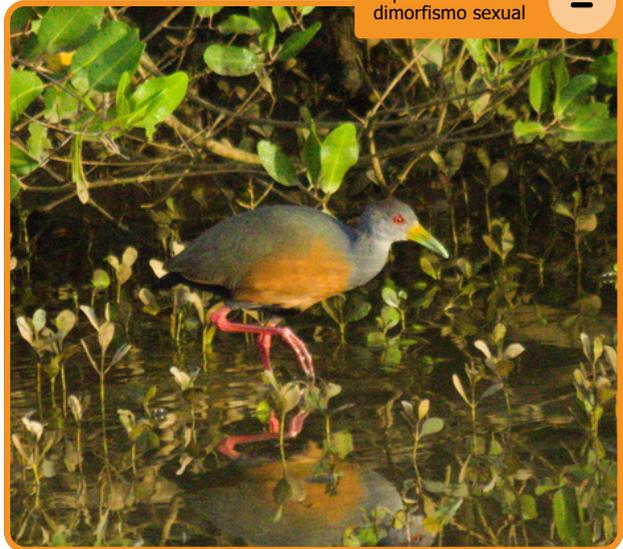


Foto: Fernando Sessegolo (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica



É valorizada como recurso alimentar, sendo caçada principalmente em áreas onde é abundante durante os períodos de chuva. Sua carne é considerada saborosa. Há também registros de seu uso como animal de estimação, devido ao comportamento relativamente dócil quando criada desde filhote, e de sua comercialização informal em feiras e mercados.

GALINHA-DA-ÁGUA-PRETA, GALINHA-D'ÁGUA

Gallinula galeata (Lichtenstein, 1818)

Características: Mede entre 33 e 37 cm de comprimento. Apresenta plumagem cinza-escura, com linhas brancas sob as asas fechadas e região subcaudal branca bem visível. Na cabeça, destaca-se um escudo frontal vermelho que se une à base do bico também vermelha, com ponta amarelada. As pernas são longas, esverdeadas ou amareladas, adaptadas à locomoção em substratos alagados. Trata-se de uma espécie onívora, com dieta que inclui vegetais aquáticos, sementes, pequenos invertebrados, moluscos e restos orgânicos, conferindo alta adaptabilidade a ambientes modificados. No Brasil, é comum em ambientes aquáticos de diversas regiões, inclusive no semiárido nordestino, onde realiza deslocamentos sazonais em resposta à disponibilidade hídrica, especialmente no domínio da Caatinga. Habita açudes, brejos, lagoas marginais e margens de rios, preferindo locais com vegetação aquática abundante.

Espécie sem dimorfismo sexual

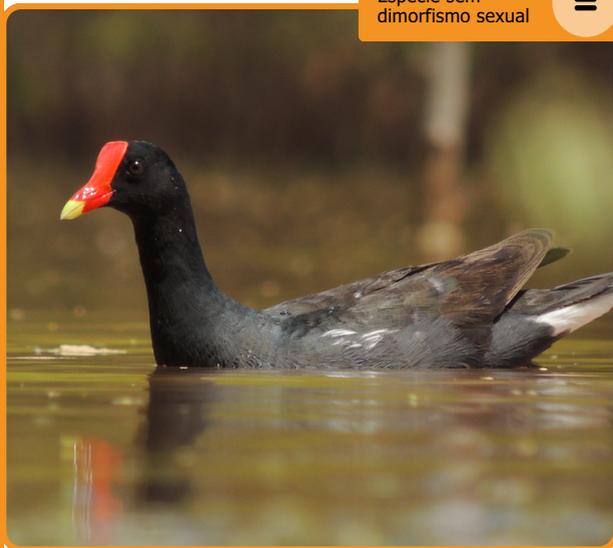


Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

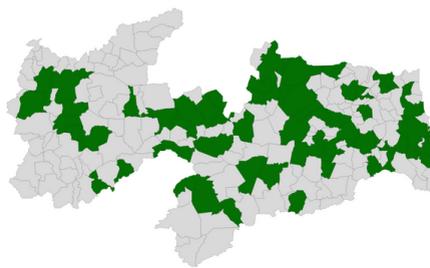
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica

É utilizada como recurso alimentar em diversas comunidades rurais brasileiras, inclusive no semiárido, onde é caçada em locais com presença permanente de água. Além do consumo, há registros do uso da espécie como animal de estimação e de sua comercialização, especialmente em mercados informais. Sua presença constante em ambientes antrópicos e sua facilidade de captura contribuem para essa interação com as populações humanas.



COMBONGE, TURU-TURU*Neocrex erythrops* (Sclater, 1867)

Características: Mede aproximadamente 25 cm de comprimento. Apresenta plumagem predominantemente escura, destacando-se o bico esverdeado e a região periocular avermelhada. É uma ave de hábitos furtivos e extremamente discretos, que habita áreas úmidas com vegetação densa, como margens de brejos, lagoas, açudes, várzeas e campos alagados com vegetação emergente. No semiárido brasileiro, realiza deslocamentos sazonais em resposta à disponibilidade de corpos d'água temporários, tornando-se mais visível durante o período chuvoso, embora raramente seja avistada a céu aberto, permanecendo oculta entre a vegetação aquática. Apresenta hábitos alimentares oportunistas e onívoros, consumindo principalmente insetos, outros invertebrados e sementes, além de pequenos vertebrados e matéria vegetal em menor proporção. A espécie está distribuída em todas as regiões do Brasil, com exceção da região Sul, mas sua ocorrência é esparsa e frequentemente subestimada devido à dificuldade de detecção em campo.

Estado de conservação

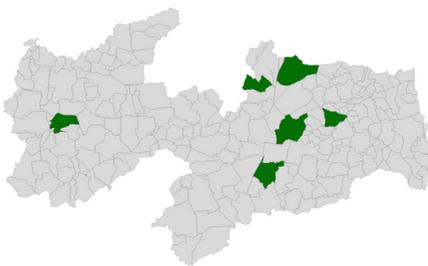
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Luiz Alberto Santos (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Ocasionalmente utilizado como recurso alimentar por comunidades rurais, especialmente no Nordeste brasileiro. Sua carne é apreciada por algumas populações locais, sendo consumida preferencialmente em expedições de caça oportunistas ou mediante o uso de armadilhas artesanais em áreas alagadas. Também há registros de sua comercialização em mercados informais.

FRANGO-D'ÁGUA, FRANGO-D'ÁGUA-AZUL

Porphyrio martinica (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 35 cm de comprimento. Apresenta plumagem vibrante e facilmente reconhecível, com coloração azul-púrpura brilhante, dorso esverdeado, bico vermelho com ponta amarela e um escudo frontal plano azulada esbranquiçada. As pernas são longas e amareladas, adaptadas à locomoção entre a vegetação aquática. Destaca-se a presença de uma mancha branca conspicua sob a cauda, conhecida popularmente como "farol de ré", que não é bipartida como em outras espécies similares. Trata-se de uma ave onívora, alimentando-se de uma ampla variedade de itens, incluindo sementes, brotos, frutos, moluscos, insetos aquáticos e pequenos vertebrados. No Brasil, é especialmente frequente em regiões úmidas e temporariamente alagadas, como campos inundáveis, lagoas marginais, brejos, açudes e áreas de vegetação aquática densa, incluindo o domínio semiárido, onde realiza deslocamentos sazonais em busca de corpos d'água temporários.



Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

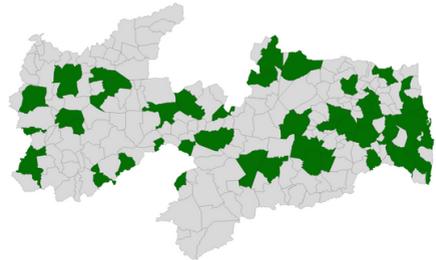


Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica



Ave é valorizada principalmente como recurso alimentar por comunidades rurais, especialmente em regiões onde a espécie é abundante durante os períodos chuvosos. Sua carne é considerada saborosa e, por esse motivo, é frequentemente caçada para consumo. Além disso, há relatos de comercialização da espécie em mercados informais.

MÃE-DA-LUA, URUTAU

Nyctibius griseus (Gmelin, 1789)

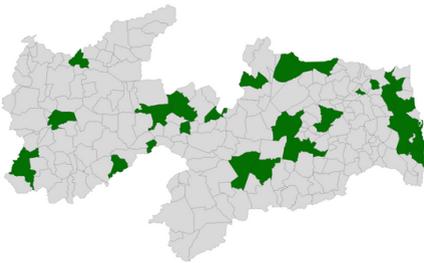
Características: Mede cerca de 37 cm de comprimento. Apresenta plumagem altamente críptica, com coloração cinza ou marrom mesclada com tons de branco e preto, o que lhe confere excelente camuflagem sobre troncos e galhos secos. Possui comportamento extremamente discreto e adaptações morfológicas e comportamentais que permitem permanecer imóvel por longos períodos, mimetizando o perfeitamente galhos secos, uma das estratégias anti-predatórias mais eficazes entre as aves neotropicais. Alimenta-se de insetos, principalmente mariposas e besouros, que captura em voo durante a noite. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, com ocorrência ampla da Costa Rica até a Bolívia, Argentina, Uruguai e em todo o território brasileiro. Habita campos com árvores esparsas, bordas de florestas e áreas de vegetação secundária.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar. Mais comumente, é associado à medicina tradicional, sendo-lhe atribuída a propriedade de tratar doenças respiratórias por meio da infusão de penas queimadas em chás.

AZULÃO, AZULÃO-DO-NORDESTE

Cyanoloxia brissonii (Lichtenstein, 1823)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento. Os machos adultos possuem coloração azul-escura intensa, com nuances azul-brilhantes visíveis sob a luz, enquanto as fêmeas e os jovens apresentam plumagem parda com ventre mais claro. Conhecido pelo canto melodioso, o azulão utiliza-o principalmente para demarcar território e atrair fêmeas. Alimenta-se de forma onívora, consumindo sementes, frutas e insetos. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, com ocorrência em grande parte do Brasil, especialmente nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste.

Espécie com
dimorfismo sexual



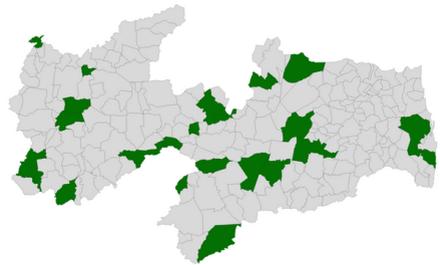
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



A espécie é eventualmente utilizada como alimento em algumas comunidades, mas seu principal uso é como ave de estimação, sendo intensamente capturada e comercializada ilegalmente devido à beleza da plumagem e à vocalização apreciada. Essa pressão antrópica tem gerado preocupações quanto à conservação local da espécie em determinadas regiões.

CANCÃO, GRALHA-CANCÃ*Cyanocorax cyanopogon* (Wied, 1821)

Características: Mede cerca de 30 cm de comprimento. Possui plumagem contrastante, com corpo predominantemente branco e preto, e marcas faciais azul-vivas que lembram sobrancelhas e olheiras, características marcantes do gênero *Cyanocorax*. Trata-se de uma espécie residente, associada principalmente à Caatinga e a formações florestais secas, como matas ciliares e matas de galeria. Sua dieta é onívora, composta por frutos, sementes, insetos, pequenos vertebrados, ovos e filhotes de outras aves, além de restos orgânicos. A espécie é endêmica do Brasil, com distribuição restrita ao Nordeste e parte do centro-oriental do país.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

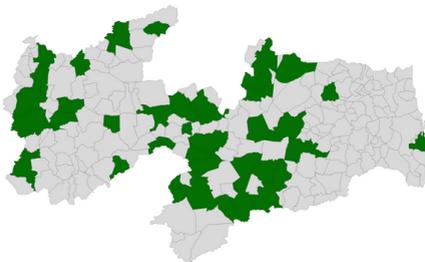
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

É utilizado como recurso alimentar e medicinal. Há a crença de que, ao ser alimentada com restos da comida de uma pessoa asmática, a ave absorveria a doença, curando o indivíduo. Também lhe são atribuídas propriedades simbólicas: acredita-se que sua presença afasta pessoas invejosas e que seu comportamento ao enterrar grãos de milho seria um sinal de prenúncio de um ano chuvoso, indicando fertilidade e boa colheita. Além disso, é ocasionalmente mantido como animal de estimação e pode ser alvo de captura para o comércio ilegal.

VEM-DEM, FIM-FIM

Euphonia chlorotica (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 9 cm de comprimento. O macho apresenta plumagem vistosa, com partes superiores azul-escuras e ventre amarelo intenso, enquanto a fêmea exibe coloração mais discreta, predominantemente esverdeada. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, frequentemente observada em bordas de matas, capoeiras, áreas de transição, pomares e até jardins arborizados. Seu canto melodioso e assobiado, com notas curtas e repetidas, é uma característica marcante, usado tanto para comunicação intraespecífica quanto para demarcação de território. A dieta é onívora, composta por frutos, sementes e, ocasionalmente, pequenos artrópodes. A espécie está distribuída em todo o território brasileiro, ocorrendo em diversos biomas, como Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Amazônia.



Foto: Thiago Zanetti

Espécie com dimorfismo sexual

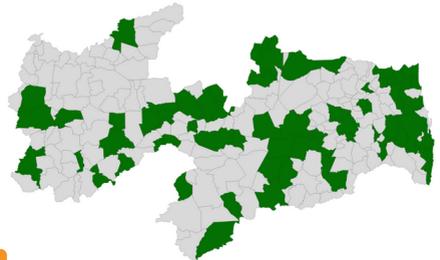


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

IUCN: Menos preocupante

CITES: Não consta



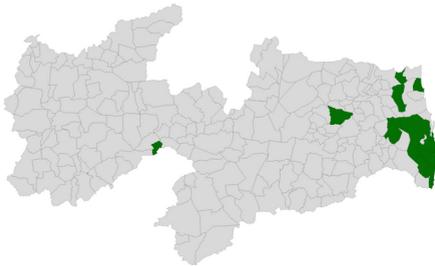
Nota etnozoológica



É utilizado de forma ocasional como alimento, embora com menor frequência. Seu canto é altamente valorizado, o que o torna uma das espécies mais procuradas para criação como animal de estimação e alvo constante do comércio ilegal de aves silvestres. Culturalmente, seu canto também está envolto em simbolismos: em algumas localidades acredita-se que ele pode prenunciar boas ou más notícias.

GATURAMO, GATURAMO-VERDADEIRO*Euphonia violacea* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. O macho possui coloração vibrante, com partes superiores azul-metálicas, uma pequena mancha amarela na testa e partes inferiores intensamente amarelas, enquanto a fêmea exibe coloração mais discreta, com dorso verde-oliváceo e parte inferior amarelo-olivácea. Trata-se de uma espécie residente, fortemente associada a ambientes florestais bem conservados, incluindo matas primárias, secundárias e bordas florestais. A dieta é predominantemente frugívora, com preferência por pequenos frutos de espécies nativas, embora também consuma pequenos artrópodes, principalmente durante a estação reprodutiva. Ocorre em grande parte do território brasileiro, especialmente em áreas de Mata Atlântica, mas também está presente em outras regiões com cobertura florestal.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É muito apreciado pelo seu canto melodioso e pela beleza de sua plumagem, sendo frequentemente capturado para criação em cativeiro. Isso o torna alvo do comércio ilegal de aves silvestres.

PINTASSILVA, PINTASSILGO-DO-NORDESTE

Spinus yarrellii (Audubon, 1839)

Características: Mede cerca de 10 cm de comprimento e apresenta forte dimorfismo sexual. Os machos adultos possuem plumagem amarela com preto na cabeça e nas asas, enquanto as fêmeas se distinguem pela ausência de coloração preta na cabeça; indivíduos jovens do sexo masculino já exibem pequenas manchas pretas na região cefálica com poucos meses de vida. Trata-se de uma espécie residente, que se adapta bem a ambientes abertos e semiabertos, como caatingas, cerradões, áreas de cultivo, capoeiras e bordas de matas, não sendo dependente de formações florestais densas. Seu canto é caracteristicamente agudo, variado e veloz, composto por estrofes longas e melodiosas, tornando-se bastante apreciado entre criadores. Apresenta dieta onívora. A espécie ocorre na Venezuela e no Nordeste do Brasil.

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável



IUCN: Vulnerável



CITES: Apêndice II



Nota etnozoológica



O pintassilva é uma das espécies mais visadas no comércio ilegal de aves silvestres no Brasil, sendo amplamente capturado para uso como ave de estimação, especialmente devido à beleza do canto. Essa intensa pressão antrópica levou a espécie a ser classificada como Vulnerável, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, sendo protegida por legislação ambiental e ações do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga (PAN Aves da Caatinga).

JOÃO-DE-BARRO, CASACA-DE-COURO-AMARELO

Furnarius leucopus Swainson, 1838

Características: Mede entre 16 e 19 cm de comprimento e apresenta plumagem em tons de marrom-avermelhado, mais intensa no dorso e nas asas, com garganta e listra lateral da cabeça esbranquiçadas, conferindo-lhe uma aparência distinta. Trata-se de uma ave residente, semidependente de ambientes florestais, com preferência por ambientes úmidos, margens de rios e áreas abertas com vegetação secundária, adaptando-se bem a áreas antrópicas e bordas de mata. É conhecida pelo comportamento construtor, elaborando ninhos de barro em formato de forno sobre postes, árvores ou estruturas humanas. Sua dieta é onívora, composta por insetos, aranhas, sementes e pequenos frutos, coletados no solo ou na vegetação rasteira. A espécie ocorre em uma faixa disjunta da América do Sul, abrangendo principalmente o Brasil oriental e central, com registros do sul da Bahia ao Maranhão, além de áreas do interior como Goiás e Mato Grosso. Sua distribuição é parcialmente sobreposta a outras espécies do gênero *Furnarius*, com as quais pode ser confundida visualmente, embora diferenciada por detalhes da plumagem e vocalização.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



O João-de-Barro é amplamente valorizado no imaginário popular brasileiro, tanto pelo ninho característico quanto pelo canto e comportamento. Embora menos frequente como ave de estimação em comparação a espécies canoras, tem forte importância simbólica: em comunidades rurais, a orientação da abertura do ninho é usada para prever a intensidade das chuvas no ano. Também se acredita que sua vocalização próxima às casas pode anunciar notícias, boas ou ruins, dependendo do contexto.

CASACA-DE-COURO

Pseudoseisura cristata (Spix, 1824)

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento e possui plumagem uniformemente ruiva, com coloração castanho-avermelhada intensa, íris amarela e um topete ereto e marcante sobre o píleo. É uma ave de médio porte, territorial, frequentemente vista em casais ou pequenos grupos familiares, vocalizando de forma intensa e ruidosa, o que facilita sua detecção. Habita áreas secas da Caatinga, matas de galeria e, ocasionalmente, regiões alagadas ou pantanosas próximas a rios temporários. Constrói ninhos grandes e elaborados com gravetos, que podem atingir até um metro de altura, geralmente posicionados em árvores ou estruturas altas. Alimenta-se principalmente de insetos, artrópodes e material vegetal, como frutos e sementes, caracterizando uma dieta onívora oportunista. A distribuição da espécie está associada aos ambientes semiáridos, especialmente no domínio da Caatinga, com ocorrência documentada nos estados da Bahia, Maranhão, Minas Gerais (região nordeste do estado), Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí.

Espécie sem
dimorfismo sexual



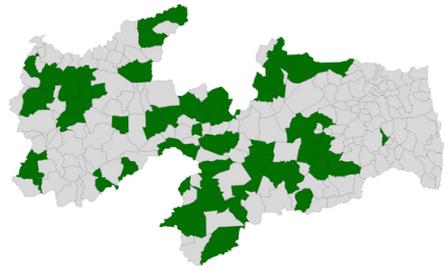
Foto: Damião Oliveira (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica

Embora seu uso alimentar ocorra de forma eventual, especialmente em contextos de escassez, há registros mais consistentes de seu uso na medicina popular. Partes da ave (como penas, carne ou banha) são tradicionalmente empregadas no tratamento de problemas respiratórios e como fortificante. Além disso, a espécie é frequentemente capturada para manutenção como ave de estimação, em razão de sua vocalização intensa, aparência peculiar e comportamento sociável.



ANDORINHA-GRANDE*Progne chalybea* (Gmelin, 1789)

Características: Mede cerca de 19 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual moderado: os machos adultos exibem plumagem azul metálica na cabeça, dorso e asas, contrastando com a parte inferior branca, enquanto fêmeas e imaturos possuem coloração mais opaca e padrão inferior variável, geralmente com peito esbranquiçado e estrias acinzentadas. Trata-se de uma espécie de médio porte entre as andorinhas, com comportamento aéreo ágil, alimentando-se predominantemente de insetos capturados em voo, como formigas aladas, besouros, moscas e cupins. Nidifica em cavidades, frequentemente encontradas em construções humanas, postes ou ocos de árvores, formando muitas vezes pequenas colônias. É independente de ambientes florestais e ocorre com frequência em áreas abertas, zonas urbanas, rurais e próximas a corpos d'água. Espécie migratória parcial, realiza deslocamentos sazonais ao longo da América do Sul, sendo visitante setentrional em determinadas épocas do ano. Sua distribuição é ampla, abrangendo Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

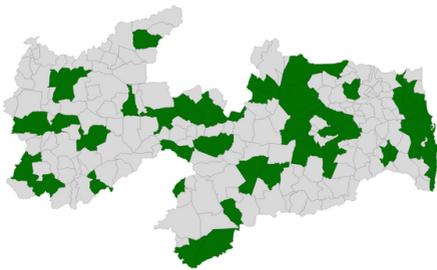


Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Embora não seja tradicionalmente caçada em larga escala, há registros de seu consumo alimentar esporádico, principalmente em épocas de grande abundância, como durante revoadas de migração. Em alguns contextos, é mantida como ave de estimação, especialmente quando filhotes são recolhidos de ninhos próximos às residências.

ARRANCA-MILHO, CARA-SUJA, ASA-DE-TELHA-PÁLIDO

Agelaioides fringillarius (Spix, 1824)

Características: Mede cerca de 17 cm de comprimento e apresenta plumagem predominantemente parda, com lados da cabeça e bico escurecidos, asas com bordas acastanhadas e cauda pardo-anegrada. O bico é robusto e de coloração escura, adaptado à sua dieta onívora, composta por sementes, frutos e insetos. Trata-se de uma espécie residente que habita ambientes semiabertos, como áreas de vegetação arbustiva, bordas de matas secas e regiões antropizadas, incluindo pastagens e áreas agrícolas. Sua distribuição abrange principalmente o bioma Caatinga e áreas adjacentes do Cerrado, ocorrendo nos estados do Nordeste até o interior de Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, países adjacentes e, ocasionalmente, no Chile.

Espécie sem dimorfismo sexual

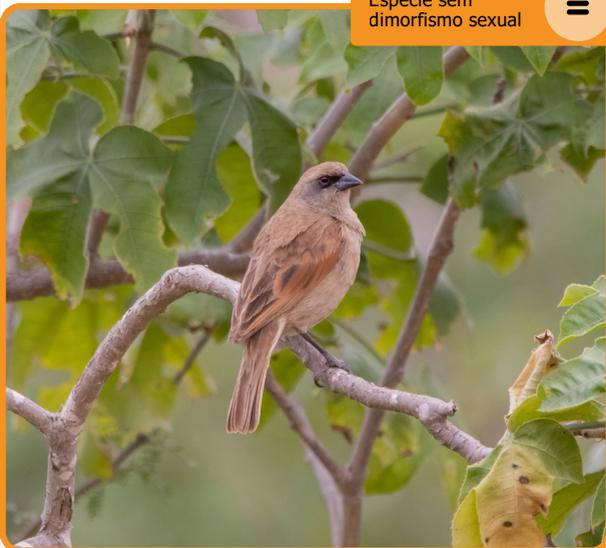


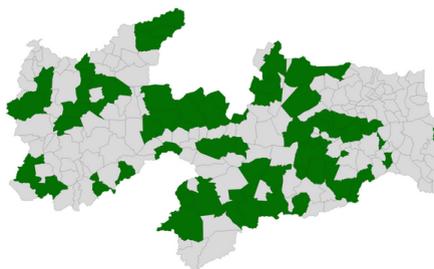
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É utilizado de forma ocasional como recurso alimentar em algumas regiões. Além disso, é capturado como animal de estimação, com registros de comercialização da espécie para esse fim.



Em áreas agrícolas, é considerado uma praga por alimentar-se de grãos, especialmente milho, o que pode levar a conflitos com agricultores.

BICO-DE-OSSO, XEXÉU*Cacicus cela* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede entre 22 e 29 cm de comprimento, apresentando dimorfismo sexual acentuado, com machos maiores e mais robustos que as fêmeas. Os imaturos possuem plumagem de coloração fuliginosa, enquanto os adultos exibem penas negras brilhantes, com asas e cauda amarelas. Sua dieta é onívora, incluindo frutos, insetos e néctar. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, sendo frequentemente observada em bordas de matas, clareiras e áreas de várzea. Ocorre em grande parte do território brasileiro, especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual

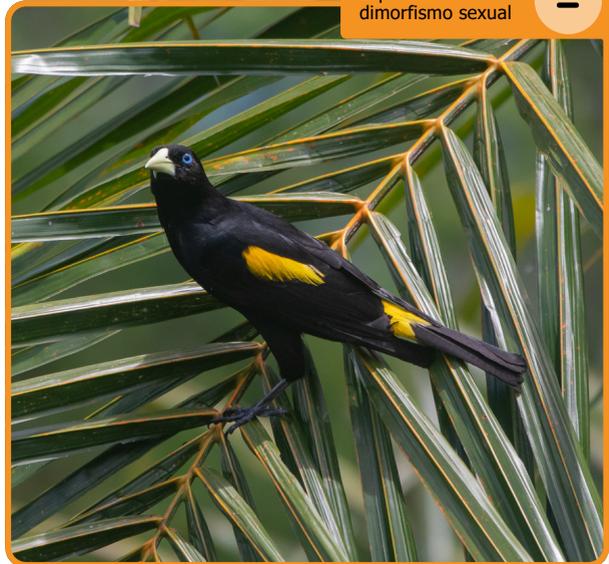


Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É frequentemente capturada para fins de criação como animal de estimação, devido à sua vocalização melódica e à habilidade de imitar sons, características que a tornam valorizada em diversas culturas amazônicas e nordestinas.

BICO-DE-OSSO, IRAÚNA-DE-BICO-BRANCO

Cacicus solitarius (Vieillot, 1816)

Características: Mede entre 23 e 27 cm de comprimento, apresentando plumagem inteiramente negra, com um pequeno topete, corpo alongado, cauda longa e um bico de coloração branco-esverdeada bastante contrastante e visível. A dieta é onívora, composta principalmente por frutos, sementes, insetos e pequenos invertebrados. Trata-se de uma ave residente, semiddependente de ambientes florestais, encontrada frequentemente em bordas de matas e clareiras. Ocorre em grande parte do Brasil, especialmente em áreas de florestas e matas ciliares.

Espécie sem dimorfismo sexual

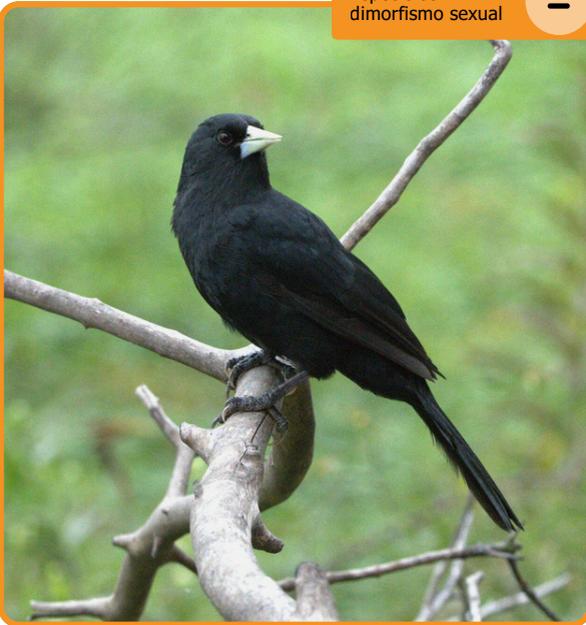


Foto: Sebastián (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

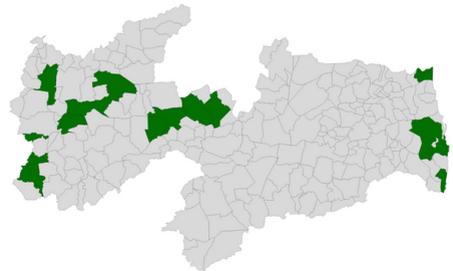
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



É valorizado como animal de estimação devido ao seu canto forte e distinto, sendo também associado a significados simbólicos, quando sua vocalização é interpretada como um prenúncio de chuvas. Além disso, a espécie é objeto de comércio local, o que pode representar uma pressão adicional sobre suas populações naturais.

CORDA-NEGRA, GARIBALDI*Chrysomus ruficapillus* (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 17 cm de comprimento. O macho apresenta plumagem predominantemente negra, com a coroa, garganta e peito de um vermelho fosco; no entanto, essas áreas avermelhadas são pouco visíveis à distância, fazendo com que o macho pareça totalmente negro. A fêmea, por sua vez, possui coloração pardo-olivácea, com barriga e dorso estriados de negro e pardacento-claro, o que facilita sua camuflagem no ambiente. A dieta da espécie é onívora, composta por sementes, pequenos frutos e insetos. É uma espécie residente que habita campos alagados, margens de rios, brejos e pastagens inundáveis, demonstrando alta tolerância a ambientes antropizados. Ocorre da Guiana Francesa à foz do Amazonas e do Maranhão até o Rio Grande do Sul.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

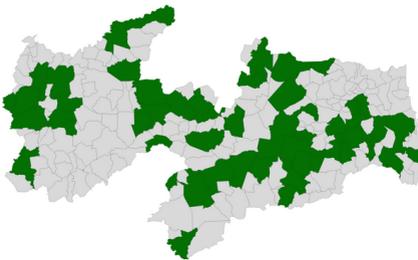
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie com dimorfismo sexual

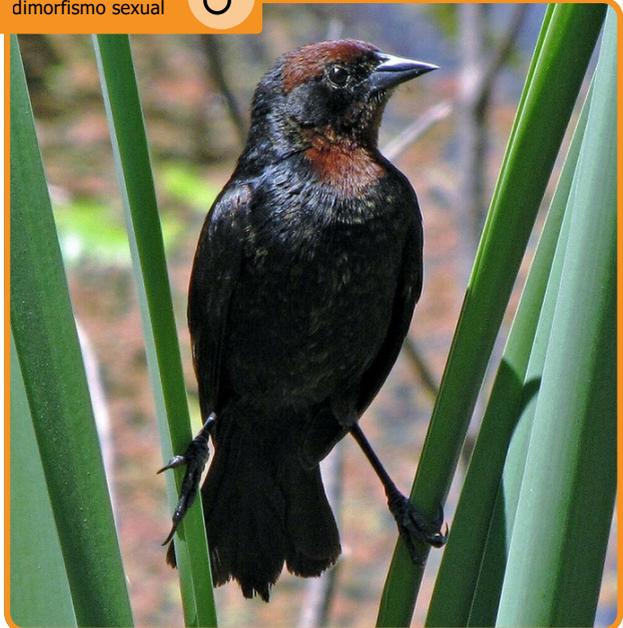


Foto: Hugo Hulsberg (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

É utilizado de forma ocasional como recurso alimentar, além de ser capturado como animal de estimação e destinado ao comércio ilegal de aves silvestres.

CRAÚNA, PÁSSARO-PRETO

Gnorimopsar chopi (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento. Apresenta plumagem inteiramente negra, incluindo pernas, bico e olhos, conferindo-lhe uma aparência homogênea e característica. A dieta é onívora, composta por frutos, sementes, insetos e pequenos vertebrados. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, adaptando-se também a ambientes antropizados, como áreas de pastagem e zonas rurais. Ocorre em grande parte do Brasil, especialmente em áreas abertas, cerrados e bordas de matas.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: jakeschneider00 (via iNaturalist, CC BY-SA 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

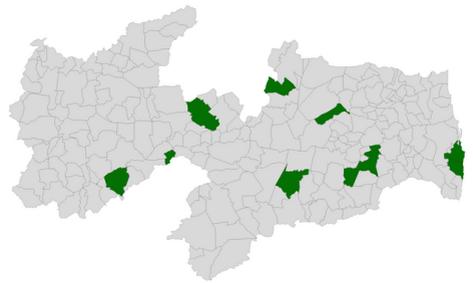
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



É utilizada de forma eventual como recurso alimentar em algumas regiões, sendo também criada como animal de estimação devido à sua vocalização forte e marcante. Além disso, é capturada para o comércio ilegal de aves silvestres.

CONCRIZ, SOFRÊ, CORRUPIÃO*Icterus jamacaii* (Gmelin, 1788)

Características: Mede cerca de 23 cm de comprimento. Apresenta plumagem marcante, com coloração geral alaranjada intensa e contrastes pretos no dorso, asas e cabeça. Sua dieta é onívora, composta por frutos, néctar, sementes e pequenos invertebrados, o que reforça sua versatilidade trófica. Trata-se de uma espécie residente e endêmica do Brasil, considerada semidependente de ambientes florestais. É frequentemente encontrada em áreas abertas e secas, como caatingas, cerrados e regiões com vegetação arbustiva, sendo comum sua presença em cactáceas e árvores esparsas. Também ocorre em bordas de florestas e clareiras de matas úmidas, demonstrando relativa adaptabilidade ecológica. Ocorre em grande parte do território brasileiro, especialmente em regiões de clima semiárido e tropical, como a Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

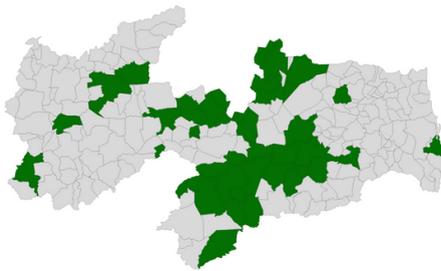
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É valorizado em comunidades rurais do Nordeste, sendo ocasionalmente consumido como alimento. Seu uso mais comum é como ave de estimação, pela vocalização marcante e beleza da plumagem.



O concriz é conhecido pelo canto forte e melodioso, além da habilidade de imitar vocalizações de outras aves e sons do ambiente, como assobios e melodias humanas simples. Essa capacidade o torna valorizado em feiras e entre criadores, favorecendo sua captura para o comércio ilegal de aves silvestres.

XEXÉU-DE-BANANEIRA, VIANA, ENCONTRO

Icterus pyrrhopterus (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 21 cm de comprimento, apresentando corpo delgado, cauda longa e bico fino, levemente curvo e pontiagudo. A plumagem é predominantemente negra. Sobre as asas, no encontro (razão de um dos nomes comuns), apresenta uma área de penas diferenciadas de coloração que vai do amarelo ao castanho forte, cuja tonalidade pode variar conforme a distribuição geográfica, sendo um importante caractere diagnóstico na diferenciação com o *Icterus cayanensis*. Apresenta dieta onívora, alimentando-se de frutos, néctar, insetos e pequenos invertebrados. É conhecido por seu canto melodioso e vocalizações variadas, sendo frequentemente encontrado em áreas abertas ou arborizadas próximas a ambientes urbanos e rurais. Espécie residente, com preferência por áreas semidependentes de cobertura florestal, como bordas de matas, capoeiras, cerradões e ambientes antrópicos arborizados. É observado em grande parte do Brasil.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Luciano Bernardes (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

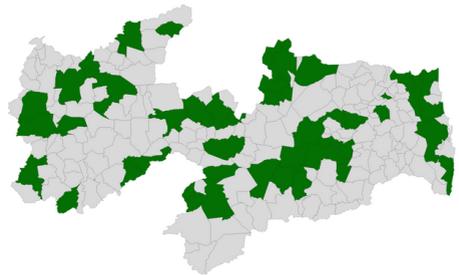
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



É eventualmente utilizado como alimento, além de ser mantido como ave de estimação e comercializado, devido à sua plumagem vistosa e canto marcante.

PAPA-ARROZ, POLÍCIA-INGLESA-DO-SUL*Leistes superciliaris* (Bonaparte, 1850)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual evidente. O macho possui plumagem predominantemente negra, com garganta, peito e parte superior das asas de cor vermelho intenso, além de uma distinta faixa branca acima dos olhos (supercílio). A fêmea exibe coloração marrom em várias tonalidades, com estrias claras na cabeça e no corpo, e uma tonalidade avermelhada discreta no peito. Sua dieta é onívora, composta principalmente por insetos e sementes, incluindo arroz. Trata-se de uma espécie residente, com populações do sul da América do Sul apresentando comportamentos migratórios parciais. Ocorre em grande parte do Brasil, exceto a região amazônica.

Estado de conservação

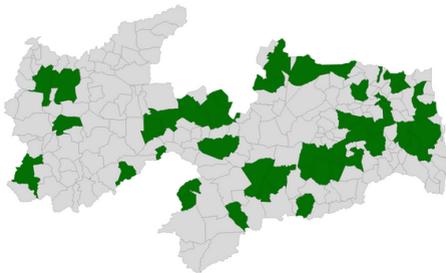
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

É ocasionalmente utilizado como recurso alimentar em algumas regiões. Também é capturado como animal de estimação, sendo frequentemente comercializado por esse motivo.



É considerado uma praga em plantações de arroz, devido ao hábito de se alimentar dos grãos, o que pode gerar conflitos com agricultores.

PARDAL-PRETO, ROLA-BOSTA, CHUPIM

Molothrus bonariensis (Gmelin, 1789)

Características: Os machos medem entre 16,5 e 21,5 cm de comprimento. Apresentam plumagem negra com brilho azul-violeta fortemente brilhante e asas esverdeadas. As fêmeas são menores, com coloração marrom-fuligem e dorso negro, havendo grande variação em tamanho e coloração entre os indivíduos. A dieta é onívora, incluindo sementes, grãos, insetos e outros pequenos invertebrados. É comum observá-lo forrageando no solo, em áreas de cultivo e até mesmo em cochos de gado. Trata-se de uma espécie que pratica o parasitismo de ninho, depositando seus ovos nos ninhos de outras aves, o que pode impactar negativamente as populações das espécies hospedeiras. Trata-se de uma espécie residente que habita preferencialmente ambientes abertos, como pastagens, áreas agrícolas e zonas urbanas, sendo altamente adaptável a ambientes antropizados. Ocorre em praticamente todo o território brasileiro, com exceção das áreas densamente florestadas da Amazônia e regiões montanhosas.

Espécie com
dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

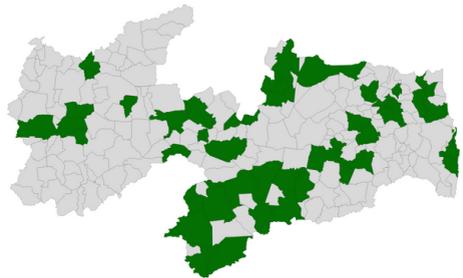
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



É utilizado de forma ocasional como recurso alimentar em algumas regiões. Além disso, é capturado como animal de estimação devido ao seu canto e destinado ao comércio ilegal de aves silvestres.

PAPA-SEBO, SABIÁ-DO-CAMPO*Mimus saturninus* (Lichtenstein, 1823)

Características: Mede cerca de 26 cm de comprimento. Apresenta plumagem cinzenta no dorso, na cabeça, nas asas e na cauda. O peito e o ventre são branco-amarelados, podendo apresentar coloração levemente terrosa ou arroxeadada em razão do contato com o solo. A listra superciliar branca é bem destacada, contrastando com a faixa negra na altura dos olhos, uma das marcas mais evidentes da espécie. Seu comportamento ativo, postura ereta e vocalização frequente a tornam facilmente reconhecível. Apresenta dieta onívora, alimentando-se de insetos, frutos, sementes e pequenos invertebrados. Trata-se de uma espécie residente e independente de ambientes florestais, sendo comum em áreas abertas, pastagens, zonas rurais, parques e até áreas urbanas. Amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo no Uruguai, Paraguai, Argentina, Bolívia e em quase todo o território brasileiro.

Estado de conservação

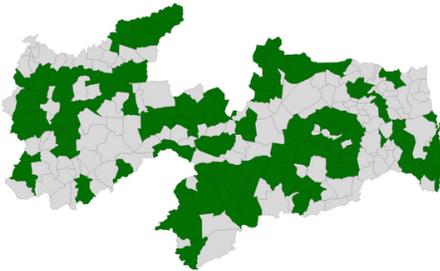
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: André Reis

Nota etnozoológica

Ocasionalmente utilizado como alimento e mantido como ave de estimação em algumas comunidades rurais. Também é capturado para comércio ilegal, especialmente em feiras populares. No imaginário popular, sua vocalização é frequentemente associada a prenúncio de chuva, o que lhe confere um valor simbólico como indicador climático tradicional.

SEBINHO, PULA-PULA

Basileuterus culicivorus (Deppe, 1830)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento. Apresenta coloração característica, com partes inferiores amareladas e dorso verde-oliváceo. Um traço marcante da espécie é a sobrancelha esbranquiçada, delimitada por faixas pretas acima e abaixo, além de uma faixa mediana de coloração cinza-avermelhada no píleo, que contribui para sua fácil identificação em campo. É uma ave ágil, frequentemente observada forrageando entre a vegetação à procura de pequenos invertebrados, o que condiz com sua dieta predominantemente insetívora. Trata-se de uma espécie residente, fortemente associada a ambientes florestais, incluindo matas primárias, secundárias, matas ciliares e bordas florestais densas. Ocorre em grande parte do território brasileiro, especialmente nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Espécie sem
dimorfismo sexual



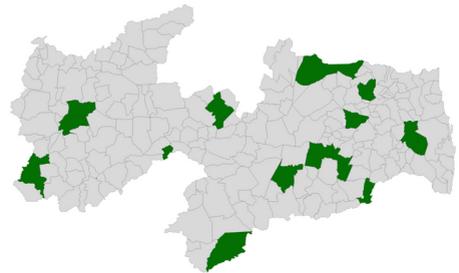
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É ocasionalmente capturado e mantido como animal de estimação, sendo também encontrado em comércio ilegal de aves silvestres.

CANÁRIO-DO-MATO*Myiothlypis flaveola* Baird, 1865

Características: Mede aproximadamente 14 cm de comprimento. Apresenta dorso verde-oliváceo, partes inferiores amarelas, uma curta sobrançelha clara e uma região auricular escura, além de bico preto com a base da mandíbula levemente mais clara. É uma ave discreta e ágil, que forrageia no sub-bosque ou próximo ao solo, movimentando-se entre a vegetação densa. Sua dieta é essencialmente insetívora, composta por pequenos artrópodes e larvas, que captura entre folhas e galhos. Trata-se de uma espécie residente, com forte afinidade por ambientes florestais, incluindo matas secas, matas ciliares, capoeiras e bordas de florestas, especialmente em regiões interioranas e de baixa altitude. Distribui-se em grande parte do território brasileiro, especialmente nas regiões de clima quente e vegetação arbustiva ou florestal aberta.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É por vezes capturado para criação em cativeiro, sendo valorizado por seu canto e aparência, o que o insere no comércio ilegal de aves silvestres.

TICO-RATO, TICO-TICO-DO-CAMPO

Ammodramus humeralis (Bosc, 1792)

Características: Mede cerca de 13 cm de comprimento. Sua plumagem é composta por partes superiores cinzentas com estrias negras e tonalidades ferrugíneas, destacando-se uma nítida faixa superciliar amarelada. O peito é claro e o bico relativamente curto e cônico, adaptado para uma dieta onívora, baseada em sementes, pequenos artrópodes e outros invertebrados. Trata-se de uma espécie residente, encontrada preferencialmente em áreas abertas com vegetação rasteira, como campos, cerrados, pastagens, margens de estradas e lavouras, sendo considerada semidependente de ambientes florestais, embora também utilize bordas de matas e formações secundárias. Ocorre em todo o território brasileiro.

Espécie sem
dimorfismo sexual



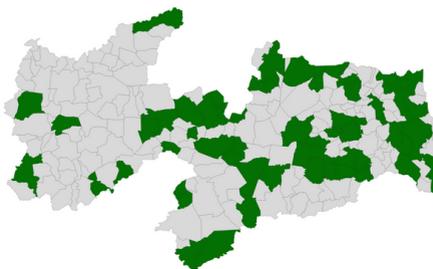
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É ocasionalmente mantido como animal de estimação, devido ao seu canto característico, sendo também capturado para comércio ilegal de aves silvestres.

SALTA-CAMINHO, TICO-TICO-DE-BICO-PRETO*Arremon taciturnus* (Hermann, 1783)

Características: Medindo aproximadamente 15 cm de comprimento, o macho apresenta plumagem marcante, com cabeça e peito em preto e branco contrastante, dorso verde-oliváceo e ventre acinzentado; o bico é totalmente negro e robusto. A fêmea possui coloração semelhante, embora mais opaca. A espécie lembra o tico-tico (*Zonotrichia capensis*), porém sem topete e com padrão de coloração diferenciado. Apresenta dieta predominantemente insetívora, alimentando-se de pequenos artrópodes, larvas e, ocasionalmente, sementes e frutos caídos. Trata-se de uma espécie residente e fortemente associada a ambientes florestais, onde habita o sub-bosque e o chão da mata, movimentando-se de forma discreta e furtiva. Ocorre em grande parte do território brasileiro, especialmente em áreas florestadas da Amazônia, Mata Atlântica e faixas de vegetação úmida.

Estado de conservação

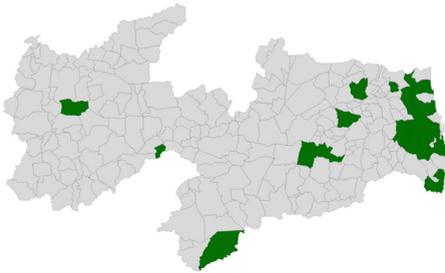
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

É frequentemente capturado para manutenção como animal de estimação, sendo também reportado no comércio ilegal de aves silvestres.

TICO-TICO, SALTA-CAMINHO

Zonotrichia capensis (Statius Muller, 1776)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento e apresenta características morfológicas distintas, como o pequeno topete, cabeça com padrão estriado em preto e branco e um colar peitoral de coloração ferrugínea, mais proeminente nos machos. O dimorfismo sexual é sutil, sendo as fêmeas geralmente de coloração menos contrastante. A dieta é onívora, composta por sementes, pequenos invertebrados e restos vegetais, adaptando-se às condições de oferta alimentar local. Trata-se de uma espécie residente, adaptável e com ampla plasticidade ecológica, não sendo dependente de ambientes florestais. É comum em áreas abertas, bordas de matas, jardins, áreas urbanas e rurais, campos cultivados e ambientes antropizados. Ocorre em todo o Brasil.

Espécie sem
dimorfismo sexual



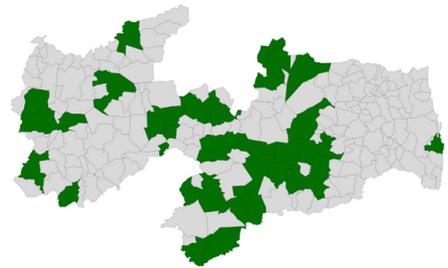
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É ocasionalmente utilizado como alimento em algumas comunidades, além de ser capturado para manutenção como ave de estimação. Também é encontrado em comércio ilegal de aves silvestres.

CABEÇA-VERMELHA, CABEÇA-ENCARNADA*Ceratopipra rubrocapilla* (Temminck, 1821)

Características: Mede cerca de 9 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual acentuado: os machos exibem plumagem preto-brilhante com a cabeça intensamente vermelha, enquanto as fêmeas possuem coloração verde-olivácea nas partes superiores e tonalidade acinzentada a amarelada nas regiões inferiores. A dieta é predominantemente frugívora, embora possa incluir insetos como complemento energético, especialmente durante o período reprodutivo. Trata-se de uma espécie residente e fortemente associada a ambientes florestais sombreados, nos quais depende da vegetação densa para nidificação, alimentação e proteção. Sua distribuição abrange o Peru, Bolívia e Brasil. No território brasileiro, sua ocorrência é marcada por uma distribuição disjunta, estando presente tanto na Floresta Amazônica quanto em fragmentos da Mata Atlântica, principalmente em áreas bem conservadas.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual

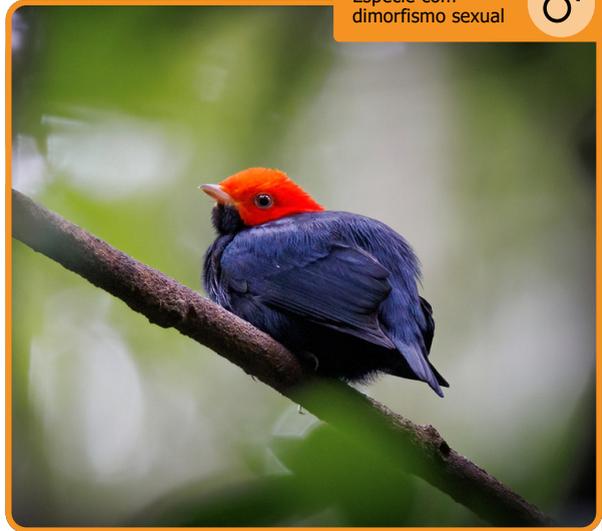


Foto: Devon Bradley (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Valorizada principalmente pelo aspecto ornamental e pelo comportamento ativo, sendo frequentemente mantida como animal de estimação em áreas rurais. Sua plumagem vibrante e o canto melodioso contribuem para sua popularidade no comércio ilegal de aves silvestres, especialmente em feiras e mercados regionais.

PADRE, TANGARÁ-PRÍNCIPE

Chiroxiphia pareola (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 12 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. O macho exibe plumagem negra contrastante com o dorso azul-celeste e um vistoso topete vermelho, características que, além de esteticamente marcantes, estão associadas a complexos comportamentos de corte e exibição. A fêmea possui coloração verde-oliva, com partes inferiores mais claras, favorecendo sua camuflagem na vegetação densa. A dieta da espécie é essencialmente frugívora, embora complemente sua alimentação com pequenos insetos. Trata-se de uma espécie residente e fortemente dependente de ambientes florestais, sendo encontrada tanto no interior quanto nas bordas das matas. Sua distribuição geográfica se estende pela Venezuela, noroeste da Bolívia, Guianas e Brasil. No território brasileiro, sua ocorrência apresenta um padrão disjunto, estando presente tanto na Floresta Amazônica quanto em remanescentes da Mata Atlântica, sobretudo em áreas bem conservadas.



Foto: Thiago Zanetti

Espécie com dimorfismo sexual



Estado de conservação

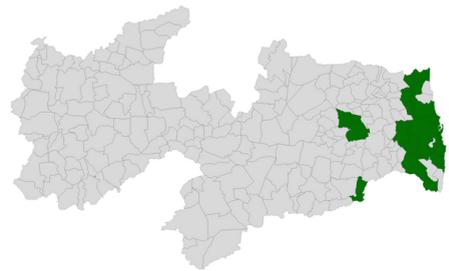
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Valorizada principalmente como ave de estimação, sendo frequentemente capturada para esse fim. Sua plumagem vibrante, comportamento ativo e vocalização atrativa tornam a espécie popular no comércio ilegal de aves silvestres, especialmente em feiras livres e mercados regionais.

BATE-RABO, SIBITE, BALANÇA-RABO-DO-NORDESTE

Polioptila atricapilla (Swainson, 1831)

Características: Mede aproximadamente 11 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual sutil: o macho possui o alto da cabeça com coloração preto-brilhante contrastando com o restante do corpo cinza-azulado, enquanto na fêmea essa região é também cinza, tornando-a menos contrastante. É uma espécie bastante ativa, frequentemente observada agitando a cauda enquanto se move entre os galhos à procura de alimento. Sua dieta é estritamente insetívora, composta por pequenos artrópodes que captura nas folhagens ou em voo. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, que habita principalmente regiões áridas e subáridas com vegetação composta por arbustos espinhosos, acácias e cactáceas. Endêmica do Brasil, com distribuição predominante no Nordeste do país, ocorrendo desde o Maranhão até o norte de Minas Gerais, com maior frequência em áreas semiáridas da Caatinga.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica



É eventualmente utilizada como recurso alimentar por algumas comunidades do semiárido nordestino. Há também registros de seu uso como ave de estimação. Em alguns mercados locais, pode ser observada em contextos de comércio ilegal de aves silvestres.

SIBITO, SIBITE-RELÓGIO, FERREIRINHO-RELÓGIO

Todirostrum cinereum (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 9 cm de comprimento e apresenta plumagem distintiva: cabeça em tom cinza-azulado escuro, ventre amarelo vivo, partes superiores oliváceas e penas das asas com bordas amareladas. A íris é amarelo-ouro e o bico, longo e achatado, é escuro e ligeiramente curvado, típico de aves especializadas na captura de insetos. Sua dieta é insetívora, alimentando-se principalmente de pequenos artrópodes que captura entre folhas e galhos finos em vegetação baixa ou média. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, habitando clareiras, bordas de matas, florestas secundárias e capoeiras ralas. Possui ampla distribuição na América do Sul. A subespécie *Todirostrum cinereum cearae* ocorre especificamente no Nordeste do Brasil e no leste do Pará.

Espécie com
dimorfismo sexual



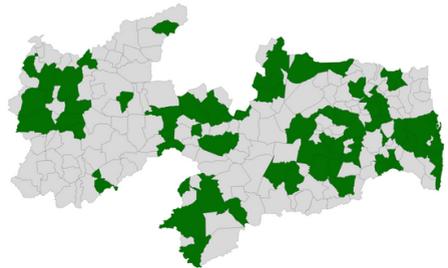
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



É amplamente mantido como ave de estimação, sendo valorizado por seu tamanho diminuto, vocalização aguda e coloração vibrante. Também é alvo de comércio ilegal, especialmente em feiras e mercados populares.

PAPA-FORMIGA, PAPA-FORMIGA-VERMELHO*Formicivora rufa* (Wied, 1831)

Características: Mede cerca de 13 cm de comprimento. Vive geralmente em pares ou pequenos grupos, deslocando-se por entre os arbustos na busca por alimento. Sua dieta é estritamente insetívora, composta principalmente por formigas, cupins, aranhas e outros artrópodes que captura em folhagens baixas ou diretamente no solo, o que justifica seu nome popular. Trata-se de uma espécie residente e adaptada a ambientes abertos ou com vegetação arbustiva não densa, sendo, portanto, independente de formações florestais contínuas. Pequena ave passeriforme com distribuição ampla no Brasil, ocorrendo do Nordeste e Brasil Central até os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Fora do Brasil, também está presente no Paraguai, Bolívia e Suriname.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Ivo Carlos Zecchin (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Frequentemente mantida como ave de estimação devido ao seu tamanho reduzido, comportamento ativo e vocalizações discretas. Também há registros de sua comercialização em feiras livres, especialmente em regiões do interior, prática que, embora ilegal, ainda persiste em alguns contextos sociais.

CHOROZINHO, CHOROZINHO-DE-CHAPÉU-PRETO

Herpsilochmus atricapillus Pelzeln, 1868

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e possui comportamento ativo, deslocando-se agilmente por entre os galhos em busca de alimento. Sua dieta é estritamente insetívora, composta principalmente por formigas, besouros, aranhas e outros pequenos artrópodes. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, sendo encontrada em matas secas, bordas de florestas e áreas de vegetação arbustiva. Espécie amplamente distribuída no Brasil, com ocorrência nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, São Paulo, Sergipe, Tocantins e no Distrito Federal.

Espécie com
dimorfismo sexual



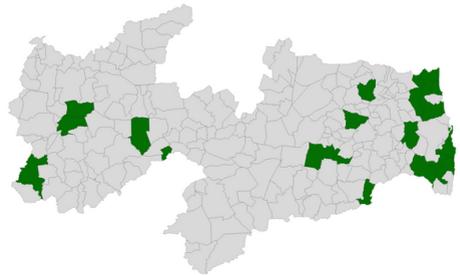
Foto: Graça Brito (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Possui usos pontuais em comunidades rurais. O consumo alimentar é eventual e geralmente ocorre em contextos de captura oportunista. Além disso, a espécie é ocasionalmente mantida como animal de estimação, devido ao seu tamanho reduzido, agilidade e vocalização característica.

CHORÓ-BOI*Taraba major* (Vieillot, 1816)

Características: Mede cerca de 20 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. Os machos possuem plumagem preta no dorso e branca no ventre, formando um forte contraste, enquanto as fêmeas substituem o preto por uma coloração marrom-avermelhada. Ambos os sexos exibem bico forte e ligeiramente curvado, adaptado à captura de presas entre a vegetação. A dieta é composta principalmente por artrópodes, como insetos e aranhas, que a ave captura em galhos, troncos e na folhagem mais densa. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, sendo frequentemente encontrada em bordas de mata, capoeiras altas e vegetação secundária densa. Amplamente distribuída nas Américas, sua ocorrência vai do México ao Panamá e abrange praticamente toda a América do Sul, com exceção do Chile. No Brasil, está presente desde o extremo norte até o estado do Paraná.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

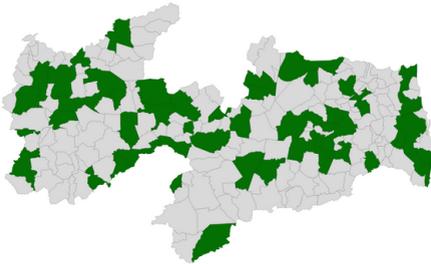


Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Possui usos pontuais, mas variados. É ocasionalmente utilizado como alimento em comunidades rurais. Além disso, sua vocalização forte e aparência marcante fazem com que seja procurado como ave de estimação, sendo também alvo de comércio ilegal em algumas regiões.

CHOROZINHO, CHORÓ-PEQUENO, CHOCA-BARRADA-DO-NORDESTE

Thamnophilus capistratus Lesson, 1840

Características: Mede cerca de 15 a 18,5 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, com hábitos associados à vegetação densa de bordas de matas, capoeiras e formações arbustivas, sendo considerada semidependente de ambientes florestais. Possui dieta essencialmente insetívora, alimentando-se de pequenos artrópodes que captura entre galhos, folhas e troncos. A espécie foi recentemente separada de *Thamnophilus doliatus*, com o qual era anteriormente confundida. Espécie endêmica do Brasil. Sua distribuição está restrita aos estados da região Nordeste e ao norte de Minas Gerais.



Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

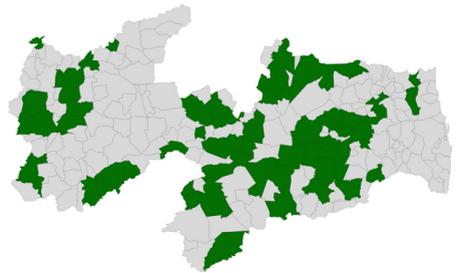
LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Utilizado de forma eventual como fonte alimentar, especialmente em comunidades rurais onde práticas de caça de subsistência ainda persistem. Além disso, a espécie é valorizada como ave de estimação, devido ao seu porte reduzido, comportamento ativo e vocalização marcante, o que a torna também alvo de comércio ilegal em feiras e mercados populares.

CHOQUINHA, CHOCA-DE-ASA-VERMELHA*Thamnophilus torquatus* Swainson, 1825

Características: Mede aproximadamente 13 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual evidente. O macho possui asa castanha, coroa com uma pequena crista de coloração preta, partes inferiores brancas com listras pretas e cauda negra manchada de branco. A fêmea apresenta coloração amarronzada, com topo da cabeça em tonalidade castanho-avermelhada, partes inferiores amareladas e cauda ferrugínea. Essa diferenciação facilita a identificação da espécie em campo. Sua dieta é estritamente insetívora, composta por pequenos artrópodes que captura na vegetação rasteira e em arbustos baixos. Trata-se de uma espécie residente, adaptada a habitats abertos ou com vegetação arbustiva, sendo independente de ambientes florestais densos. Amplamente distribuída no Brasil Central e na região Nordeste.

Estado de conservação

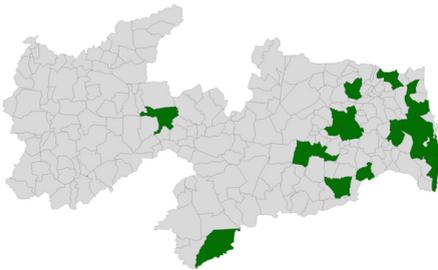
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Wagner Teixeira Florentino (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Valorizada principalmente como ave de estimação, sendo apreciada por seu comportamento ativo e vocalizações características. Há também registros de sua comercialização ilegal em feiras e mercados populares.

SALTA-CAMINHO, CIGARRA-PRETA

Asemospiza fuliginosa (Wied, 1830)

Características: Mede aproximadamente 12 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual sutil. O macho é predominantemente escuro, com plumagem fuligem uniforme, conferindo-lhe aspecto sombrio e discreto. A fêmea possui partes superiores pardo-acinzentadas escuras e partes inferiores mais claras, facilitando sua camuflagem em habitats abertos e arbustivos. O comportamento típico da espécie inclui deslocamentos rápidos e próximos ao solo, o que lhe confere o nome popular "saltacaminho". A dieta é predominantemente granívora, composta principalmente por sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas, podendo eventualmente incluir pequenos insetos. Trata-se de uma espécie residente que ocorre em ambientes variados, incluindo áreas abertas, bordas de mata, capoeiras, campos com vegetação arbustiva e até áreas agrícolas, sendo considerada semidependente de ambientes florestais. Amplamente distribuída na América do Sul, com registros confirmados na Venezuela, Guiana, Argentina e em grande parte do território brasileiro, especialmente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

Espécie com
dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



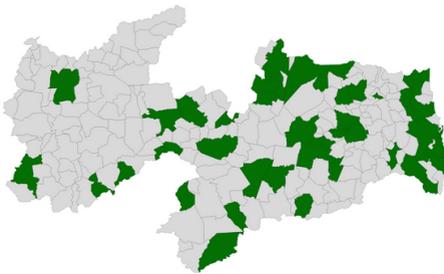
Nota etnozoológica



Frequentemente mantido como ave de estimação, sendo apreciado por sua rusticidade, resistência em cativeiro e facilidade de adaptação a viveiros domésticos. Apresenta também valor comercial, sendo comumente capturado e vendido ilegalmente em feiras de animais.

FURA-PINHA, CAMBACICA*Coereba flaveola* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede aproximadamente 11 cm de comprimento, apresentando bico fino e curvado, risca superciliar branca bem destacada, garganta acinzentada e ventre amarelo-limão, o que a torna facilmente identificável em campo. Possui dieta onívora, alimentando-se de frutos, néctar, pequenos invertebrados e artrópodes. Trata-se de uma espécie residente, generalista e altamente adaptável, que ocupa uma ampla variedade de habitats, incluindo áreas urbanas, rurais, matas secundárias e bordas de florestas. Amplamente distribuída nas Américas tropicais, ocorre do sul do México à Argentina, com presença marcante no Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e praticamente em todo o território brasileiro.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual

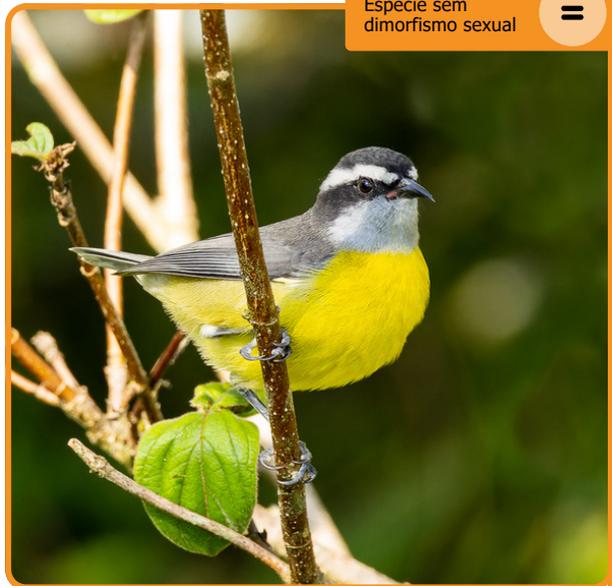


Foto: Eduardo Simioni (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Frequentemente mantida como ave de estimação devido à coloração vibrante, comportamento ativo e vocalização constante, sendo também recorrente no comércio ilegal de aves silvestres em feiras e mercados populares no Brasil.

TIÊ-CABURÉ

Compsothraupis loricata (Lichtenstein, 1819)

Características: Mede em torno de 20 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual discreto. De coloração geral negro-azulada brilhante, os machos são reconhecidos por uma distinta mancha escarlate na região da garganta e papo, característica marcante que contribui para sua identificação e valorização estética. As fêmeas possuem coloração semelhante, porém sem a mancha vermelha. A dieta da espécie é majoritariamente frugívora, com consumo frequente de frutos nativos da região semiárida e de transição, complementada por artrópodes. Trata-se de uma espécie semidependente de ambientes florestais, encontrada em matas secas, capoeiras, florestas de galeria e áreas arbustivas com vegetação densa. É uma ave endêmica do Brasil, com distribuição restrita ao leste do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Bahia, ocorrendo com menor frequência nos estados de Goiás, Tocantins e Minas Gerais. Ocupa áreas de transição entre a Caatinga, o Cerrado e fragmentos de Mata Atlântica.

Espécie com dimorfismo sexual



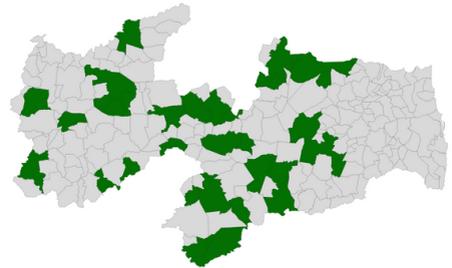
Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Embora não figure entre as espécies mais visadas no comércio ilegal, há registros de captura e manutenção como animal de estimação.

MARIA-FITA, SOLDADINHO, TICO-TICO-REI-CINZA*Coryphospingus pileatus* (Wied, 1821)

Características: Mede aproximadamente 13 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual moderado. O macho possui as partes superiores cinzentas, destacando-se pela presença de uma base de topete negra, característica que inspira o nome popular "Maria-fita", associado ao gesto de levantar o topete em interações sociais e comportamentos territoriais. A fêmea exibe coloração pardo-acinzentada nas partes superiores, enquanto o ventre é mais claro, esbranquiçado, com peito e flancos finamente estriados de cinza, proporcionando camuflagem eficaz em meio à vegetação rala. A dieta é predominantemente granívora e insetívora, composta por sementes, pequenos frutos e insetos. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, comum em áreas de mata seca, cerradões, caatinga, bordas de floresta e até ambientes antrópicos com vegetação arbustiva. Possui distribuição registrada na Venezuela, Colômbia e em diversas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

Estado de conservação

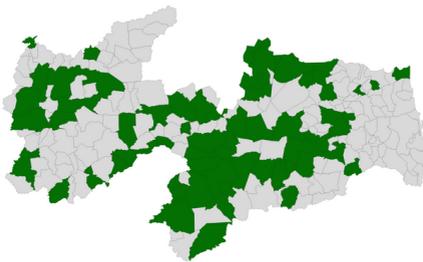
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

Espécie ocasionalmente utilizada como alimento e frequentemente mantida como ave de estimação, valorizada por seu canto e comportamento ativo. Também é comercializada ilegalmente em feiras e mercados regionais.

AZULINHO, SAÍRA-BEIJA-FLOR

Cyanerpes cyaneus (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e é um pássaro pequeno, esguio e extremamente ágil, com comportamento ativo e acrobático, especialmente durante a alimentação em flores e frutos. Apresenta dimorfismo sexual acentuado: o macho adulto possui plumagem vibrante, com tons predominantes de azul brilhante, acompanhados de preto nas asas e máscara facial, pernas avermelhadas e detalhes em verde ou amarelo. Fêmeas e jovens são esverdeados, com partes inferiores mais claras e pernas de coloração vermelho-pálida. Uma característica diagnóstica nos imaturos já independentes é o bico visivelmente mais curto que o dos adultos. A dieta da espécie é essencialmente frugívora e nectarívora, embora também inclua pequenos insetos, sobretudo em períodos de maior demanda energética, como na reprodução. Trata-se de uma espécie residente, adaptável e frequentemente encontrada em áreas de borda de mata, florestas secundárias, jardins, pomares e áreas urbanas arborizadas, sendo independente de ambientes florestais densos. Ave de ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo na Venezuela, Trinidad, Guianas, Peru, Bolívia e em praticamente todo o Brasil.

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Greg Lasley (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

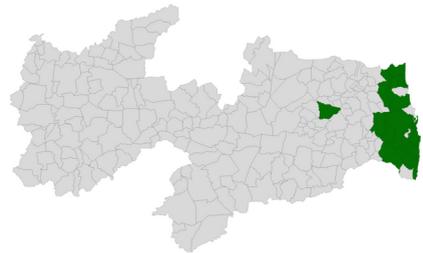
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Espécie valorizada como ave de estimação por sua coloração exuberante e comportamento ativo, sendo comumente comercializada ilegalmente em feiras e mercados no Brasil.

VERDINHO, SAÍ-AZUL*Dacnis cayana* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 13 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. O macho possui plumagem azul-turquesa intensa com asas e cauda negras, além de pernas vermelho-claras, enquanto a fêmea exibe coloração predominantemente verde com tonalidade azulada na cabeça e pernas alaranjadas. A dieta inclui principalmente frutos pequenos e artrópodes, podendo também consumir néctar. Trata-se de uma espécie residente e tipicamente associada a ambientes florestais, como matas secundárias, bordas de florestas e áreas com vegetação densa, incluindo remanescentes urbanos bem arborizados. Ave amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo na Argentina, Paraguai, Bolívia e em todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: André Reis

Nota etnozoológica

Valorizada como ave de estimação, especialmente pelos machos, cuja coloração vibrante atrai a atenção de criadores. Essa atratividade contribui para sua recorrência no comércio ilegal de aves silvestres, sendo frequentemente registrada em feiras livres e mercados populares em diferentes regiões do Brasil.

CANÁRIO-DO-CAMPO

Emberizoides herbicola (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 20 cm de comprimento e apresenta longa cauda graduada e plumagem marcante. A cabeça, o dorso e as asas são finamente listrados de preto, enquanto a região facial, próxima aos olhos, exibe tonalidade acinzentada. A dieta é onívora, composta por sementes, pequenos frutos e insetos. Trata-se de uma espécie residente e bem adaptada a ambientes não florestais, sendo comum em cerrados, campos limpos, pastagens, áreas agrícolas e bordas de estradas. Ave de ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo na Argentina, Paraguai, Bolívia e em quase todo o território brasileiro, especialmente em áreas abertas e de vegetação campestre.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: stevebrazil (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

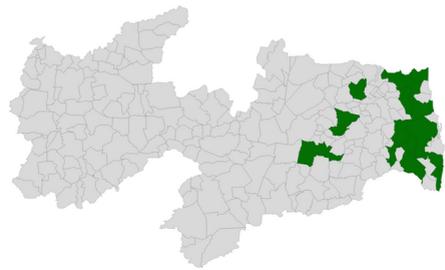
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Espécie comumente mantida como ave de estimação, valorizada pelo canto forte e comportamento ativo. É também comercializada ilegalmente em feiras e mercados regionais.

TIÊ-GALO*Loriotus cristatus* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual sutil. O macho adulto possui plumagem predominantemente negra, com exceção da garganta e da base da cauda, que exibem coloração pardo-amarelada contrastante. A fêmea e os indivíduos imaturos são geralmente pardacentos, com garganta mais clara e região frontal levemente escurecida. A dieta é onívora, incluindo frutos, insetos e outros pequenos invertebrados, o que contribui para sua adaptação a diferentes microambientes florestais. Trata-se de uma espécie residente e fortemente associada a ambientes florestais, incluindo formações úmidas de terra firme, bordas de mata e florestas secundárias em regeneração. Amplamente distribuída na América do Sul, ocorre nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e em quase todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Bruno Siqueira (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Frequentemente mantido como ave de estimação, sendo valorizado por sua aparência exótica e vocalização. Essa demanda favorece sua captura e inserção no comércio ilegal de aves silvestres.

AZEDINHO, SAÍRA-DE-CHAPÉU-PRETO

Nemosia pileata (Boddaert, 1783)

Características: Mede cerca de 13 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual acentuado. O macho é facilmente reconhecido pelo contraste entre o píleo negro e o branco puro que se estende pelo loro, garganta, peito e ventre. Possui ainda dorso cinzento, íris amarela e pernas também amareladas. A fêmea, por sua vez, não apresenta a coloração negra na cabeça; seu lado inferior é amarelado e a mandíbula é clara, conferindo-lhe uma aparência mais discreta em relação ao macho. Trata-se de uma espécie residente, que habita predominantemente bordas de florestas, matas secundárias e clareiras com vegetação arbustiva, sendo considerada semidependente de ambientes florestais. A dieta é onívora, composta por frutos, sementes, pequenos artrópodes e néctar, o que favorece sua adaptação a diferentes tipos de ambientes. Amplamente distribuída na América do Sul, com ocorrência registrada na Venezuela, Bolívia, Guianas e em grande parte do território brasileiro.

Espécie com dimorfismo sexual



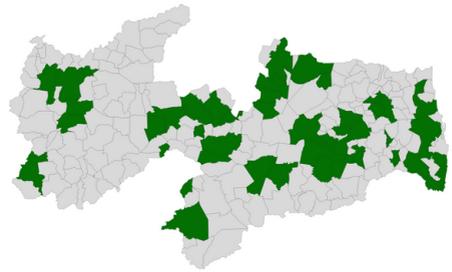
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Frequentemente capturada para fins ornamentais, sendo mantida como ave de estimação em diversas regiões onde ocorre. Sua coloração contrastante e vocalização contribuem para sua popularidade entre criadores amadores, o que a torna alvo de comércio ilegal de aves silvestres.

GALO-DE-CAMPINA, CARDEAL-DO-NORDESTE*Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede aproximadamente 17 cm de comprimento e apresenta coloração característica, com a cabeça intensamente vermelha, de penugem curta e ereta, mais proeminente na nuca dos machos. As partes superiores são predominantemente cinzentas, com exceção do dorso anterior, onde penas negras no ápice e brancas na base formam um padrão contrastante. Os machos geralmente exibem coloração vermelha mais intensa na cabeça, enquanto nas fêmeas o tom tende a ser mais pálido. Os jovens possuem coloração menos vibrante, com dorso pardo escurecido e garganta de tonalidade ferrugínea. A dieta é onívora, incluindo sementes, frutos, brotos vegetais e pequenos invertebrados. Trata-se de uma ave endêmica do Brasil, amplamente conhecida e valorizada regionalmente, que ocorre em ambientes abertos e semiabertos, como caatingas, campos, áreas de vegetação secundária e até espaços urbanos e periurbanos, demonstrando elevada adaptabilidade a diferentes tipos de paisagem.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Eventualmente utilizada na alimentação, embora de forma esporádica e não sistemática, e há registros de seu uso na medicina popular, na qual se acredita que o consumo da ave possa auxiliar no tratamento do panarício, uma inflamação purulenta que acomete os dedos.



O galo-de-campina é muito valorizado como ave de estimação, sendo comumente capturado para fins comerciais, devido ao canto melodioso e à plumagem vibrante. Em comunidades rurais do Nordeste, também possui papel simbólico, com sua vocalização associada a prenúncios de chuva.

SANGUE-DE-BOI, TIÊ-SANGUE

Ramphocelus bresilia (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 19 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual acentuado. Os machos possuem plumagem de intenso vermelho-vivo que contrasta com as asas e a cauda negras, característica que inspira o nome popular da espécie, evocando a tonalidade de sangue fresco. As fêmeas têm plumagem mais discreta, com dorso pardo e ventre marrom-avermelhado, facilitando sua camuflagem em meio à vegetação. A dieta é onívora, composta predominantemente por frutas, além de insetos e outros pequenos invertebrados. Trata-se de uma espécie florestal, com preferência por áreas de vegetação densa, como matas úmidas, restingas, bordas de florestas e, ocasionalmente, jardins e parques arborizados. Ave endêmica do Brasil, possui distribuição restrita à faixa litorânea da Mata Atlântica, desde a Paraíba até Santa Catarina.

Espécie com
dimorfismo sexual



Foto: Eduardo Simioni (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Amplamente valorizado como ave ornamental, sendo frequentemente mantido como animal de estimação e comercializado para esse fim, devido ao seu colorido exuberante e comportamento tranquilo.

TRINCA-FERRO, TEMPERA-VIOLA

Saltator maximus (Statius Muller, 1776)

Características: Mede aproximadamente 19 cm de comprimento e apresenta plumagem predominantemente amarronzada no dorso, com tons mais escuros nas asas e cauda, e coloração marrom uniforme no pescoço. A garganta é mais clara, contrastando sutilmente com o restante do corpo. Ao contrário de outras espécies do gênero, *S. maximus* possui aspecto discreto e robusto, com bico forte adaptado à trituração de sementes e frutos. O dimorfismo sexual é pouco evidente, sendo machos e fêmeas semelhantes na coloração. Sua dieta é onívora, composta por frutas, sementes, brotos, néctar e insetos. Trata-se de uma espécie residente, considerada dependente de ambientes florestais, comum em matas úmidas, bordas de floresta, matas secundárias e áreas de vegetação densa com bom sub-bosque. Ave de ampla distribuição na América do Sul, ocorre nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai e em grande parte do território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica



Bastante apreciado por seu canto melodioso e porte vigoroso, sendo amplamente mantido como animal de estimação, sobretudo no meio rural. A espécie está entre as mais comuns nos mercados ilegais de aves silvestres, sendo comercializada tanto por seu valor estético quanto pela habilidade vocal. A identificação popular nem sempre distingue *S. maximus* de outras espécies do gênero, como *S. similis*, o que pode gerar confusão nos registros de comércio e criação.

TRINCA-FERRO

Saltator similis d'Orbigny & Lafresnaye, 1837

Características: Mede cerca de 20 cm de comprimento e apresenta plumagem em tons de verde-oliva no dorso, asas esverdeadas e cauda cinzenta. A cabeça possui laterais acinzentadas e uma linha superciliar esbranquiçada que contrasta com o restante da plumagem. Não há dimorfismo sexual evidente, dificultando a distinção entre machos e fêmeas por características externas. A vocalização é um dos principais atrativos da espécie, com canto forte, melodioso e territorial, amplamente apreciado por criadores e observadores. A dieta é onívora, incluindo frutos, sementes, brotos, flores e insetos. Trata-se de uma espécie residente e relativamente comum, adaptada a ambientes florestais e ecótonos, sendo frequentemente observada em bordas de matas, capoeiras, matas ciliares e áreas urbanizadas com vegetação arbórea densa. Ave amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo na Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai e em grande parte do território brasileiro, com destaque para as regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e parte do Nordeste.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Uma das aves mais valorizadas como animal de estimação em várias regiões do Brasil, especialmente pelo canto vigoroso dos machos. Seu uso é profundamente enraizado na cultura popular, sendo comum em comunidades rurais e urbanas, onde é criado em gaiolas e participa de torneios de canto. Essa demanda intensa faz com que a espécie seja amplamente visada no comércio ilegal de aves silvestres, figurando entre as mais traficadas do país.

CANÁRIO-DA-TERRA*Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 13 cm de comprimento. Os machos possuem coloração amarelo-olivácea intensa com estrias enegrecidas nas costas, enquanto as asas e a cauda exibem tonalidade cinza-oliva. Fêmeas e indivíduos jovens apresentam plumagem mais discreta, com parte superior do corpo em tons oliváceos e densa estriação parda na parte inferior; penas, cauda e tarsos tendem a ser mais escurecidos. A dieta da espécie é predominantemente granívora, composta por sementes, mas pode incluir também insetos e outros pequenos invertebrados, especialmente na época reprodutiva, caracterizando uma alimentação onívora oportunista. Trata-se de uma espécie residente, que habita ambientes abertos e alterados, sendo comum em áreas de pastagens, bordas de matas, plantações e até mesmo em zonas urbanas e periurbanas. Ave amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e grande parte do território brasileiro.

Estado de conservação

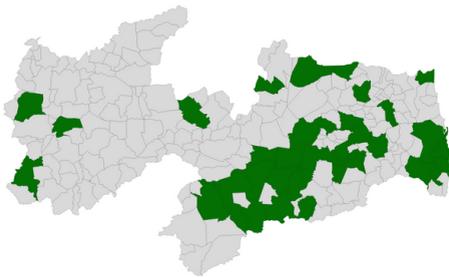
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: André Reis

Nota etnozoológica

Amplamente apreciado como ave de estimação e para comércio. Embora seu consumo como alimento seja pouco documentado, há registros ocasionais, sobretudo em contextos rurais. Em algumas localidades, estas aves são colocadas para "brigar" uma com a outra, conhecido popularmente como rinhas de canários, devido ao seu comportamento territorialista. Esta prática é considerada um crime ambiental por causar maus-tratos a esses pássaros.

GATURÃO, GATURAMO, CANÁRIO-DA-PESTE, TIPIO

Sicalis luteola (Sparman, 1789)

Características: Mede entre 12,5 e 13,5 cm de comprimento. Os machos apresentam plumagem amarelo-vivo na face e parte inferior do corpo, com dorso e asas em tons oliva-amarronzado, podendo variar conforme subespécie e estação. Fêmeas e jovens são mais apagados, com dorso pardo-oliváceo e ventre amarelado pálido ou acinzentado, geralmente com estrias discretas. Possui cauda curta e bico cônico, típico de granívoros. Sua dieta é majoritariamente granívora (sementes de gramíneas e herbáceas), podendo incluir insetos e pequenos invertebrados no período reprodutivo, caracterizando uma alimentação onívora oportunista. Forrageia no solo ou vegetação baixa. É espécie residente e gregária, vista em pequenos bandos. Habita ambientes abertos e semiabertos (campos, savanas, cerrados, pastagens, bordas de mata, plantações e áreas antropizadas, inclusive zonas urbanas) Tem ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo do Panamá e norte do continente (Venezuela, Colômbia, Equador, Guianas) até Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, norte da Argentina e quase todo o Brasil, exceto na Amazônia densa, onde é rara ou ausente.



Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual

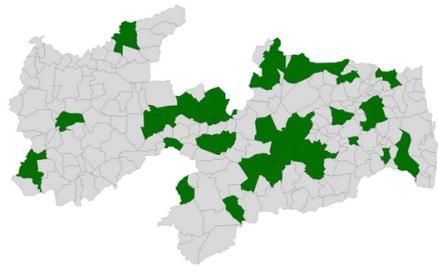


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica

É valorizada como ave de estimação, sendo capturada e mantida em cativeiro devido à coloração atrativa e ao canto melodioso, embora com menor frequência que *Sicalis flaveola*. Seu comércio ilegal é registrado em feiras livres e redes clandestinas. Embora raro, há registros ocasionais de seu consumo em contextos rurais.



SANHAÇU-COLEIRA, SANHAÇO-DE-COLEIRA*Schistochlamys melanopsis* (Latham, 1790)

Características: Mede aproximadamente 18 cm de comprimento e apresenta coloração cinza na maior parte do corpo, com cabeça, garganta e parte anterior do pescoço negras, característica que confere o nome popular de "coleira". Não há dimorfismo sexual evidente, sendo machos e fêmeas muito semelhantes na plumagem. A dieta é onívora, composta por frutas, sementes e pequenos invertebrados. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, comumente observada em bordas de mata, cerradões, matas secas, áreas de transição e, ocasionalmente, em ambientes urbanizados com vegetação arbórea. Ave amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo na Bolívia e em praticamente todo o território brasileiro, com exceção de parte da região Sul.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Valorizado sobretudo como ave ornamental, sendo comumente mantido como animal de estimação, especialmente no meio rural.

GOLADO, GOLINHA, GOLINHO, PATATIVA

Sporophila albogularis (Spix, 1825)

Características: Mede aproximadamente 10 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. O macho possui um colar branco sobre a garganta negra, além de um “bigode” branco lateral que delimita a região abaixo do bico, cuja coloração varia entre amarelada e cinza-esverdeada. O restante da plumagem dorsal é escura, contribuindo para o contraste marcante do padrão facial. A fêmea apresenta plumagem inteiramente parda, com dorso levemente mais escuro. A dieta é composta basicamente por sementes, caracterizando-a como espécie granívora típica. Trata-se de uma ave endêmica do Brasil, com distribuição restrita a áreas abertas e semiabertas da região, especialmente no domínio da Caatinga, onde habita ambientes com vegetação campestre e arbustiva, não sendo dependente de formações florestais densas.

Espécie com
dimorfismo sexual

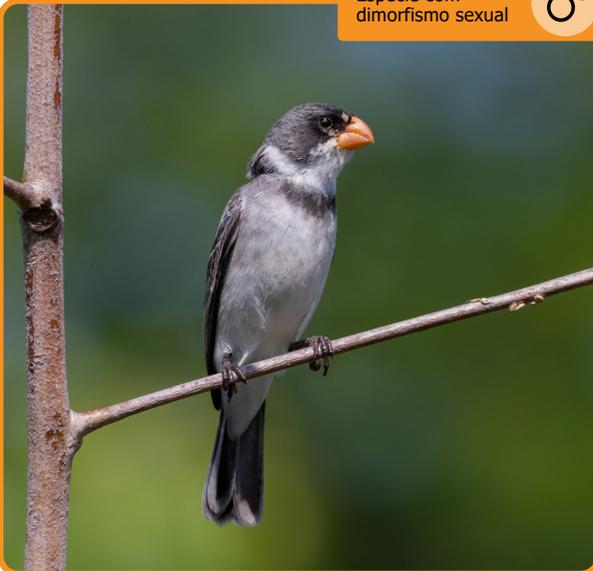


Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Espécie utilizada como pet e, ocasionalmente, para consumo alimentar. É uma das mais capturadas e comercializadas ilegalmente no Nordeste brasileiro.

CURIÓ*Sporophila angolensis* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 13 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual bem definido. O macho possui coloração negra na cabeça, dorso, asas, cauda e peito, com a região ventral, do peito ao abdome, em tom acastanhado. O bico é robusto e adaptado à quebra de sementes, assim como os pés, ambos de coloração escura. A fêmea e os indivíduos imaturos têm plumagem uniformemente parda. A dieta da espécie é predominantemente onívora, baseada em sementes, brotos e pequenos invertebrados. Trata-se de uma espécie residente, típica de áreas abertas, bordas de matas e ambientes antropizados, sendo independente de formações florestais densas. Sua distribuição abrange a Argentina, Paraguai, Bolívia e parte do território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual

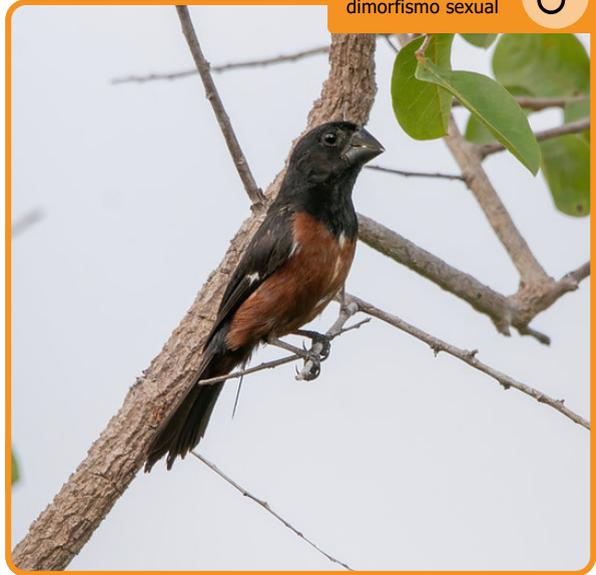


Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

Bastante apreciada pelo canto melodioso, a espécie é comumente capturada para criação em cativeiro, figurando entre as mais procuradas e traficadas ilegalmente no Brasil como animal de estimação.

CABLOCLINHO, CABOCLO, CABOCLINHO

Sporophila bouvreuil (Statius Muller, 1776)

Características: Mede aproximadamente 10 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual acentuado. O macho possui plumagem de coloração geral canela, com destaque para o "boné" preto que cobre a cabeça, além de asas e cauda negras. A fêmea exibe coloração mais discreta, marrom-olivácea nas partes superiores e branco-amarelada nas inferiores. A dieta da espécie é tipicamente granívora, composta por sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas, favorecendo sua ocorrência em regiões de vegetação rasteira e campos abertos. Trata-se de uma espécie residente, com hábitos adaptados a áreas abertas e campos, não sendo dependente de ambientes florestais, o que a torna comum em ambientes antropizados, como pastagens e bordas de estradas. A distribuição da espécie inclui registros na Argentina, Paraguai, Suriname e parte do território brasileiro.

Espécie com
dimorfismo sexual



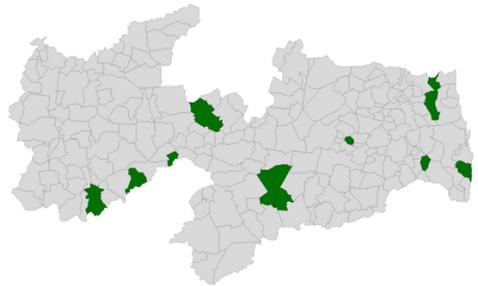
Foto: Luciano Bernardes (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Amplamente capturado para uso como animal de estimação, especialmente devido ao seu canto e à beleza da plumagem do macho. É uma das espécies mais visadas no comércio ilegal de aves silvestres no Brasil, frequentemente encontrada em feiras populares e criadouros ilegais.

CHORÃO, PATATIVA*Sporophila leucoptera* (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual. O macho possui plumagem cinza nas partes superiores e branca nas inferiores, enquanto a fêmea exibe coloração marrom-olivácea acima e bege-amarronzada abaixo. Os indivíduos jovens possuem plumagem parda. Uma característica marcante da espécie é seu canto, um assvio melancólico de tom ascendente e repetido pausadamente, que é bastante valorizado entre criadores. A alimentação baseia-se principalmente em sementes, caracterizando-a como espécie de dieta granívora. Trata-se de uma espécie residente que ocupa preferencialmente áreas abertas e não depende de ambientes florestais densos, sendo comum em pastagens, cerrados e bordas de vegetação. Sua distribuição abrange o Suriname, Peru, Bolívia, Argentina, Paraguai e parte do território brasileiro.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: guyincognito (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Devido ao canto melodioso e distinto, é frequentemente capturada para criação como ave de estimação, sendo alvo comum do comércio ilegal de aves silvestres no Brasil.

BIGODE, BIGODINHO

Sporophila lineola (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 11 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual evidente. O macho possui plumagem contrastante, com coloração negra nas partes superiores, destacando-se áreas brancas na cabeça e uma tonalidade cinza clara nas partes inferiores. A fêmea é uniformemente parda, com coloração ligeiramente mais clara no ventre. O canto da espécie é rápido e metálico, sendo uma característica marcante que contribui para sua popularidade entre criadores e colecionadores. A dieta é essencialmente granívora, composta principalmente por sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas. Trata-se de uma espécie residente que não depende diretamente de ambientes florestais, sendo comumente encontrada em áreas abertas, bordas de matas, capinzais e plantações. A distribuição abrange ampla região da América do Sul, incluindo Venezuela, Trinidad, as Guianas, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e praticamente todo o território brasileiro.

Espécie com
dimorfismo sexual



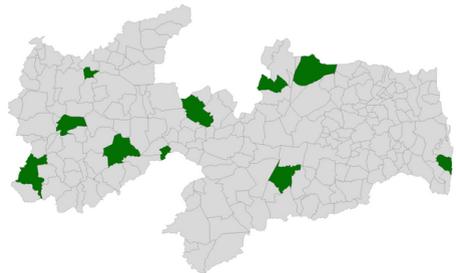
Foto: stevebrazil (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Apresenta múltiplos usos entre populações humanas, sendo frequentemente mantida como ave de estimação pelo canto vibrante e a vivacidade do macho. É amplamente comercializada em feiras, muitas vezes de forma ilegal. Embora não seja tradicionalmente consumida, há registros esporádicos de uso alimentar em contextos de subsistência. O forte apelo visual e sonoro a torna uma das espécies mais capturadas para o comércio ilegal de aves no Brasil.

PAPA-CAPIM, BAIANO*Sporophila nigricollis* (Vieillot, 1823)

Características: Mede cerca de 11 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual marcante. O macho possui coloração negra uniforme na cabeça, garganta, pescoço e peito, com dorso e asas em tons oliváceos, cauda negra e partes inferiores esbranquiçadas ou levemente amareladas. A fêmea é predominantemente parda, com coloração mais clara no ventre. A dieta da espécie é essencialmente granívora, alimentando-se de sementes de gramíneas e outras plantas herbáceas. Trata-se de uma espécie residente, que ocupa preferencialmente áreas abertas, campos, bordas de matas e ambientes antropizados, sendo independente de ambientes florestais. Sua distribuição é ampla, estendendo-se desde a América Central (Costa Rica e Panamá) até a América do Sul, incluindo Guiana, Suriname, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Argentina e praticamente todo o território brasileiro.

Estado de conservação

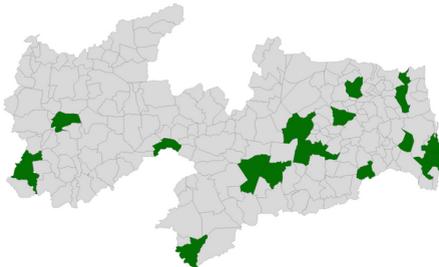
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

Espécie amplamente capturada como pet devido ao canto e à vivacidade, sendo uma das mais comercializadas ilegalmente no Brasil para essa finalidade, além disso, existem registro de uso alimentar dessa espécie no estado.

SANHAÇU-DA-CARA-PRETA, SANHAÇU-CABOCLO, GURIATÃ-DE-COQUEIRO, SAÍRA-AMARELA

Stilpnia cayana (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 14 cm de comprimento e apresenta acentuado dimorfismo sexual. O macho possui plumagem vibrante com coloração amarelo-dourada, destacando-se pela presença de uma máscara negra que cobre a garganta e se estende por toda a região mediana do ventre, cuja forma e extensão variam entre as subespécies reconhecidas. As asas, em ambos os sexos, são verde-brilhantes, conferindo aspecto chamativo à espécie. A fêmea apresenta coloração mais pálida e não possui a máscara negra característica do macho. Trata-se de uma espécie residente, comum em áreas abertas e bordas de florestas, matas secundárias, zonas rurais e ambientes urbanos arborizados, sendo considerada semidependente de formações florestais. A dieta é onívora, composta por frutos, néctar, sementes e pequenos invertebrados, o que contribui para sua adaptabilidade a uma ampla variedade de ambientes. Sua ocorrência abrange o Paraguai, Argentina, Bolívia, Peru, Colômbia, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e todas as regiões do Brasil.

Espécie com dimorfismo sexual



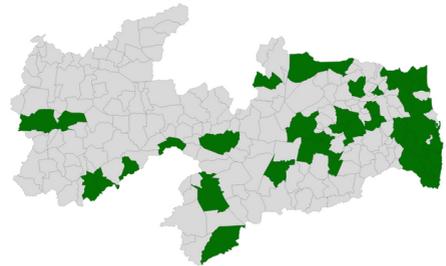
Foto: Enéas V. Gouvêa Junior (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Amplamente capturada e mantida como ave de estimação, sendo apreciada por sua beleza cromática e comportamento ativo. Essa popularidade sustenta sua presença no comércio ilegal de aves silvestres, especialmente em feiras e mercados populares de regiões do Nordeste e Norte do Brasil.

PINTOR, SAÍRA-PINTOR, SETE-CORES

Tangara fastuosa (Lesson, 1831)

Características: Mede aproximadamente 14 cm de comprimento. Essa ave chama atenção pelo colorido exuberante de sua plumagem: a cabeça, o queixo e o manto exibem tons de turquesa esverdeado; a região dos loros e da garganta é negra; o peito apresenta um azul-marinho escuro contrastando com o brilho intenso da barriga azul-clara. As penas das asas são azul-turquesa com bordas mais escuras, enquanto o dorso e o uropígio exibem coloração alaranjada intensa. A cauda é azul-escura. O dimorfismo sexual é sutil, sendo o macho geralmente identificado por um tom ligeiramente mais azulado na cabeça em comparação à fêmea. Trata-se de uma espécie semidependente de ambientes florestais, ocorrendo preferencialmente em áreas de mata úmida, embora também seja registrada em capoeiras e bordas de floresta. A dieta é predominantemente frugívora. Espécie endêmica da região Nordeste do Brasil, com ocorrência restrita à área conhecida como Centro de Endemismo Pernambuco, que abrange fragmentos de Mata Atlântica nos estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Apêndice II

II



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: André Reis

Nota etnozoológica



Ave valorizada por seu colorido exuberante, o que a torna visada no comércio ilegal de aves silvestres na região Nordeste do Brasil. É comumente observada em feiras e mercados populares, onde é vendida como ave ornamental e mantida como animal de estimação. A espécie encontra-se ameaçada de extinção devido a forte pressão de captura e também devido à degradação de seu habitat.

TIÊ-PRETO, PIPIRA-PRETA

Tachyphonus rufus (Boddaert, 1783)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente e adaptável, não dependente de ambientes florestais, sendo comum em áreas urbanas, rurais, bordas de mata, capoeiras e vegetação secundária. O macho exibe plumagem preta uniforme, contrastando com as dragonas (ombros), coberteiras inferiores das asas e axilares brancas, visíveis principalmente em voo. A fêmea e os indivíduos imaturos apresentam coloração pardo-ferrugínea, com as partes inferiores mais claras. A dieta é onívora, composta por frutas, sementes, insetos e pequenos invertebrados. Essa ave é amplamente distribuída, ocorrendo desde a América Central (Costa Rica e Panamá) até a América do Sul, incluindo Colômbia, Venezuela, Guianas, Peru, Argentina, Paraguai e praticamente todo o território brasileiro.



Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual

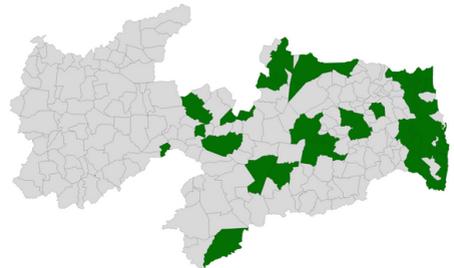


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Frequentemente mantida como ave de estimação, sendo bastante presente em gaiolas domésticas, especialmente no meio rural. Seu canto melodioso, fácil manutenção em cativeiro e resistência a ambientes antrópicos tornam-no um alvo recorrente do comércio ilegal de aves silvestres. É comum sua presença em feiras e mercados populares, apesar das restrições impostas pela legislação ambiental brasileira.

CANÁRIO-SAPÉ, SAÍ-CANÁRIO*Thlypopsis sordida* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Características: Mede aproximadamente 13 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente e generalista, não dependendo exclusivamente de ambientes florestais, sendo comum em áreas abertas, capinzais, bordas de matas, cerrados e ambientes urbanos arborizados. Os machos apresentam coloração variável conforme a subespécie e a distribuição geográfica, geralmente com cabeça em tons de amarelo-alaranjado ou ferrugíneo e corpo em tonalidades de cinza-esverdeado. As fêmeas têm coloração mais discreta, com cabeça em tons esverdeados, sem o colorido intenso dos machos. A dieta é onívora, composta por sementes, frutos e pequenos insetos. A espécie é amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo na Bolívia, Argentina, Paraguai e em todo o território brasileiro.

Estado de conservação

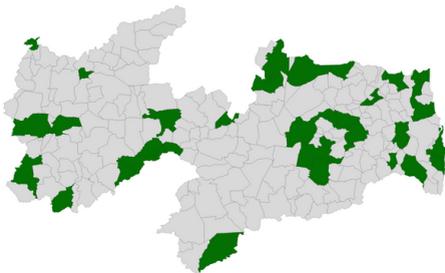
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Heiko Max Brunken (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Amplamente valorizado como ave de estimação, sendo frequentemente comercializado em feiras e mercados populares. Sua popularidade está associada ao porte pequeno, canto agradável e facilidade de manutenção em cativeiro.

SANHAÇU-VERDE, SANHAÇU-DE-COQUEIRO

Thraupis palmarum (Wied, 1821)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, muito comum em áreas urbanas, rurais, jardins, plantações e bordas de mata, destacando-se por sua independência de ambientes florestais densos. Apresenta coloração predominantemente verde-olivácea, com dorso que tende ao cinzento-sépia em indivíduos adultos, formando um degradê sutil que a diferencia de outras espécies simpátricas do gênero. A dieta é onívora, composta principalmente por frutos, sementes, flores e pequenos artrópodes, o que contribui para sua abundância e sucesso adaptativo em áreas antropizadas, como plantações de coqueiro, habitat que lhe conferiu um de seus nomes populares. Sua distribuição se estende da Costa Rica à Bolívia, Paraguai e quase todo o território brasileiro.

Espécie com
dimorfismo sexual



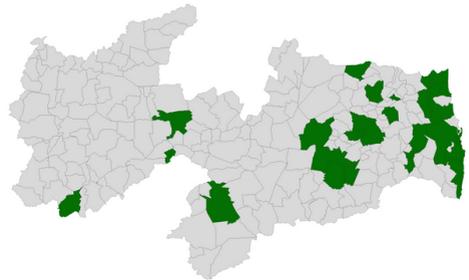
Foto: Greg Lasley (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Frequentemente capturada e mantida como ave de estimação, sendo valorizada por sua presença abundante, docilidade e facilidade de adaptação ao cativeiro. Sua ampla distribuição a tornaram uma das espécies mais comuns no comércio ilegal de aves silvestres no Brasil.

SANHAÇU, AZULÃO-DE-RUA, SANHAÇO-CINZENTO*Thraupis sayaca* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 17 cm de comprimento. É uma espécie residente, relativamente comum em diferentes tipos de ambientes, incluindo áreas urbanas, zonas rurais, bordas de matas, quintais arborizados e matas secundárias, sendo considerada semidependente de ambientes florestais. Possui plumagem de coloração geral cinzenta com leve tonalidade azulada, especialmente nas asas e cauda, onde as bordas das rêmiges e retrizes exibem um azul-esverdeado característico. As partes inferiores são um pouco mais claras. Essa coloração discreta, porém agradável, aliada ao comportamento relativamente manso, contribui para sua presença frequente em ambientes antropizados. Sua dieta é onívora, composta por frutos, flores, sementes e pequenos invertebrados, o que favorece sua adaptação a uma ampla variedade de habitats, inclusive jardins urbanos e pomares. Está amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo na Argentina, Uruguai, Paraguai e em praticamente todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

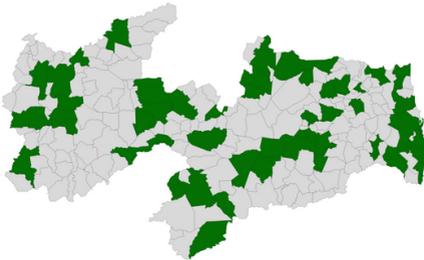


Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem
dimorfismo sexual**Nota etnozoológica**

Frequentemente mantida como ave de estimação, sendo uma das espécies mais capturadas e comercializadas no Brasil, tanto por sua vocalização suave quanto por sua adaptabilidade ao cativeiro. Apesar de não apresentar canto tão elaborado quanto outras espécies ornamentais, sua beleza discreta e facilidade de manutenção em viveiros contribuem para sua popularidade. Essa demanda sustenta uma rede de captura e comércio ilegal. Além disso, existem registros de uso alimentar.

TIZIU

Volatinia jacarina (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 11 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual marcante. O macho, durante a época reprodutiva, exibe plumagem preta com brilho azul-metálico e uma pequena mancha branca nas coberteiras inferiores das asas, visível especialmente durante o voo e nas exibições de salto. Fora da temporada reprodutiva, pode apresentar plumagem mais discreta. A fêmea possui coloração marrom-oliva nas partes superiores e amarelo-amarronzado nas inferiores, com estrias escuras no peito e nos flancos, o que contribui para sua camuflagem no ambiente. Trata-se de uma espécie residente, altamente adaptável, que ocorre em ambientes abertos, áreas antrópicas, plantações, pastagens, cerrados e bordas de matas, sendo independente de ambientes florestais densos. Sua dieta é onívora, composta principalmente por sementes, pequenos frutos e insetos. É uma ave amplamente distribuída, com ocorrência do México e Panamá até praticamente todos os países da América do Sul, estando presente em todo o território brasileiro.

Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

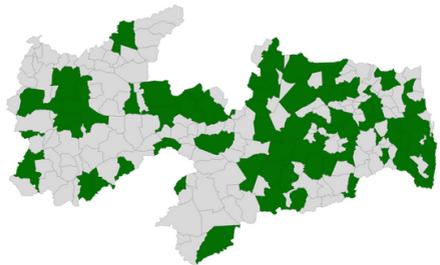
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Comumente mantido como ave de estimação devido ao seu canto e comportamento ativo. Ocorrem registros de uso alimentar eventual em contextos rurais. No plano simbólico, destaca-se a crença popular de que os saltos do tiziu prenunciam a chegada da chuva, sendo que a altura dos saltos estaria relacionada à intensidade ou proximidade da precipitação, uma percepção ainda presente em áreas do semiárido e interior nordestino.

CANELEIRO, CANELEIRO-PRETO*Pachyramphus polychopterus* (Vieillot, 1818)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento. O macho apresenta plumagem cinza-azulada, com coroa preta brilhante e bordas alvas nas asas e cauda, enquanto a fêmea é verde-olivácea na parte superior, com bordas das penas das asas e cauda de coloração ferrugínea e partes inferiores amareladas. A espécie possui bico robusto e achatado, adaptado à captura de insetos e ao consumo de frutos, o que caracteriza uma dieta onívora. Trata-se de uma espécie residente, associada principalmente a ambientes florestais, incluindo matas primárias, secundárias e áreas de borda. Ocorre também em capoeiras e fragmentos de vegetação, demonstrando certa tolerância a ambientes antropizados. Ocorre em todo o Brasil.

Estado de conservação

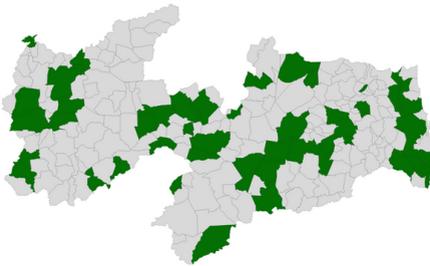
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Dominic Sherony (via iNaturalist, CC BY-SA 4.0)

Nota etnozoológica

É ocasionalmente capturado para manutenção como animal de estimação, sendo também registrado em comércio ilegal de aves silvestres.

ROUXINOL, GARRINCHÃO-DE-BICO-GRANDE

Cantorchilus longirostris (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 15 cm de comprimento e destaca-se pelo bico extremamente longo e curvado para baixo, especializado na procura de alimentos entre folhas e galhos. Sua plumagem é ferrugínea nas partes superiores, com asas e cauda barradas de negro e ventre em tons avermelhados, o que o torna facilmente reconhecível. Possui comportamento ativo e vocalização forte e melodiosa, com cantos complexos usados na comunicação entre casais e na defesa territorial. Apresenta dieta onívora, alimentando-se principalmente de insetos, pequenos artrópodes, frutos e sementes. É uma ave residente, que apresenta independência de ambientes florestais densos, adaptando-se bem a bordas de mata, áreas de caatinga arbustiva, jardins e áreas cultivadas. É típica de áreas de vegetação secundária, ambientes abertos com arbustos e também zonas urbanas arborizadas. Sua distribuição é ampla no Brasil setentrional e oriental, com registros nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, leste de Minas Gerais e norte do Rio de Janeiro.



Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

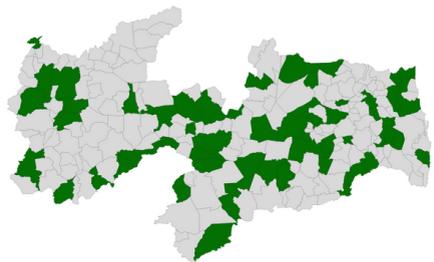
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Frequentemente mantida como ave de estimação e comercializada em feiras livres, sob o nome genérico de "rouxinol", o que pode causar confusão com outras espécies de canto semelhante.

PAI-AVÔ, GARRINCHÃO-PAI-AVÔ*Pheugopedius genibarbis* (Swainson, 1838)

Características: Mede cerca de 17 cm de comprimento e possui plumagem pardo-avermelhada com padrões contrastantes, além de uma faixa branca marcante na face. Alimenta-se de insetos, aranhas, pequenos invertebrados, frutos e sementes, que coleta cuidadosamente entre galhos, folhas e arbustos. É territorial e pode ser visto em casais ou pequenos grupos familiares. Habita predominantemente os estratos baixos da vegetação, como o sub-bosque e bordas de florestas, onde é frequentemente ouvido antes de ser visto, devido à sua vocalização intensa e melodiosa. É uma ave residente, dependente de ambientes florestais bem estruturados, sendo comum em áreas de Mata Atlântica e vegetações associadas. Sua distribuição abrange o Brasil setentrional e oriental, com registros nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, leste de Minas Gerais e norte do Rio de Janeiro.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Nil Rodrigues (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Comumente mantido como ave de estimação devido ao canto melodioso, é frequentemente comercializado ilegalmente em mercados informais sob o nome genérico "rouxinol", o que contribui para sua captura e confusão com espécies similares.

ROUXINOL, RIXINOL, CORRUÍRA

Troglodytes musculus (Naumann, 1823)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e apresenta plumagem parda na parte superior e ferrugínea na parte inferior, com bico fino e ligeiramente curvado, adaptado à captura de pequenos invertebrados. É uma espécie territorial e vocalmente ativa, conhecida por seu canto melodioso, com trilos e assobios complexos, muitas vezes emitidos a partir de locais elevados. Sua dieta é essencialmente insetívora, composta por pequenos artrópodes, larvas, formigas, cupins e outros invertebrados, os quais captura em folhagens, troncos ou no solo. É uma pequena ave residente, altamente adaptável a diferentes tipos de ambientes, incluindo áreas urbanas, jardins, quintais, plantações e bordas de matas. É comum tanto em ambientes naturais quanto urbanos e rurais. Sua distribuição é ampla na América do Sul, com ocorrência confirmada na Argentina, Paraguai e em todo o território brasileiro.



Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC

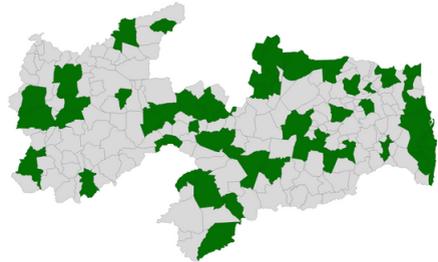


Foto: Breno Farias

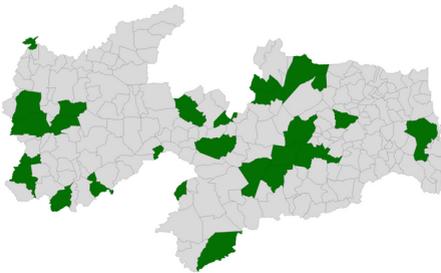
Nota etnozoológica



Uso alimentar ocorre de forma eventual. É mais comum, entretanto, a captura de exemplares para manutenção como ave de estimação, devido ao seu canto agradável e facilidade de adaptação ao cativeiro.

SABIÁ-BRANCA, SABIÁ-POCA*Turdus amaurochalinus* Cabanis, 1850

Características: Mede cerca de 21 cm de comprimento e apresenta grande variação individual na plumagem. Alguns exemplares possuem uma mancha escura entre o olho e o bico, o que, junto à cabeça mais achatada e ao papo branco com estriações variáveis, auxilia na sua identificação. Possui dieta onívora, alimentando-se de frutos, sementes, pequenos invertebrados e restos vegetais. Trata-se de uma espécie residente, amplamente adaptada a ambientes diversos, sendo independente de formações florestais densas. Possui ampla distribuição na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e em quase todo o território brasileiro.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Nicolas Mazzini (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Bastante valorizada por seu canto melodioso, sendo frequentemente mantida como ave de estimação e comercializada ilegalmente em feiras e mercados, apesar da proibição legal. Em várias regiões do Brasil, sua vocalização é culturalmente interpretada como sinal de que as chuvas estão próximas, o que confere à ave um papel simbólico importante no saber popular.

SABIÁ-DE-PEITO-PÁLIDO, SABIÁ-CINZENTA, SABIÁ-BARRANCO

Turdus leucomelas Vieillot, 1818

Características: Com cerca de 22 cm de comprimento, apresenta características morfológicas marcantes: cabeça arredondada, acinzentada nas laterais e olivácea na parte superior; bico cinza-escuro; peito acinzentado, com garganta branca atravessada por listras cinza-escuras. Sua dieta é onívora, composta por insetos, pequenos invertebrados, frutos e sementes. Trata-se de uma espécie residente, com preferência por áreas semiabertas, sendo semidependente de ambientes florestais. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo nas Guianas, Venezuela, Bolívia, Argentina, Paraguai e em todo o território brasileiro.



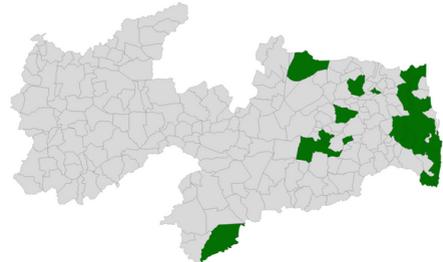
Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Ave reconhecida tanto por seu valor ornamental quanto alimentar. Embora o consumo da espécie ocorra apenas de forma eventual, é frequentemente mantida como ave de estimação devido ao seu canto harmonioso. Também há registros de sua comercialização ilegal em feiras e mercados populares.

SABIÁ-LARANJEIRA, SABIÁ-VERMELHA, SABIÁ-DO-PAPO-VERMELHO

Turdus rufiventris Vieillot, 1818

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento e é facilmente reconhecido pela coloração ferrugínea intensa da região ventral, embora essa tonalidade possa se tornar mais apagada em indivíduos com plumagem envelhecida. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, embora também ocorra em áreas urbanas e rurais. Sua dieta é onívora, alimentando-se de frutos, sementes, invertebrados e pequenos vertebrados. Apresenta ampla distribuição na Bolívia, Uruguai, Paraguai, Argentina e em grande parte do Brasil.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Felipe Kenzo Aoyagui (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



Embora o uso alimentar ocorra de forma eventual, é mais frequentemente mantido como ave de estimação, em razão do seu canto melodioso e comportamento dócil. Sua vocalização também é envolta em significados simbólicos, sendo tradicionalmente interpretada como prenúncio de chuvas em diversas regiões do Brasil. Além disso, há registros de sua comercialização ilegal em feiras livres.

SEBINHO, MARIANINHA-AMARELA

Capsiempis flaveola (Lichtenstein, 1823)

Características: Mede cerca de 11 cm de comprimento e apresenta cauda relativamente longa, extensa faixa superciliar e coloração amarelada marcante no ventre, nas faixas alares e no peito, o que facilita sua identificação no campo. Trata-se de uma espécie residente e semidependente de ambientes florestais, ocupando bordas de matas, capoeiras, áreas arbustivas e campos com vegetação esparsa. Sua dieta é insetívora, composta principalmente por pequenos artrópodes capturados entre folhas e galhos de vegetação baixa. Possui ampla distribuição nas Américas, ocorrendo da Nicarágua à Bolívia, Paraguai, Argentina e grande parte do Brasil, desde o Rio Negro até o Maranhão, passando por Mato Grosso, Goiás e do litoral nordestino até o Rio Grande do Sul.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

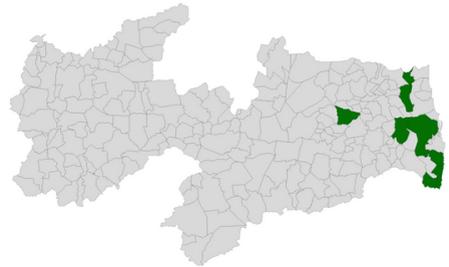
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Frequentemente mantido como ave de estimação, sendo valorizado por seu porte pequeno, coloração atraente e comportamento ativo. Também é alvo de comércio ilegal, sobretudo em feiras livres e mercados populares.

LAVANDEIRA, LAVANDEIRA-MASCARADA*Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 16 cm de comprimento e possui plumagem marcante em branco e preto, sendo praticamente inconfundível. Trata-se de uma espécie residente, adaptável a ambientes antropizados, frequentemente encontrada em áreas abertas como pastagens alagadas, campos de cultivo, margens de corpos d'água, zonas urbanas e periurbanas. O macho apresenta coloração dorsal ligeiramente mais escura que a fêmea, mas ambos mantêm padrão visual semelhante. Apresenta comportamento ativo e inquieto, deslocando-se frequentemente em pequenos voos e caminhadas pelo solo à procura de alimento. Sua dieta é composta predominantemente por insetos, o que reforça seu papel como controladora de invertebrados em ecossistemas abertos e urbanos. Apresenta distribuição concentrada no leste do Brasil e uma população disjunta no oeste do Equador e noroeste do Peru.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta

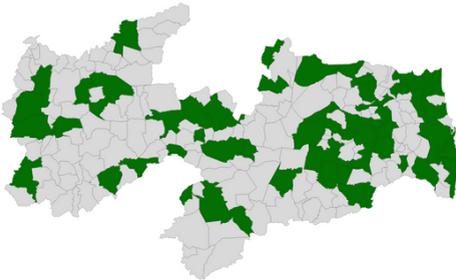


Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

É ocasionalmente utilizada como alimento, na medicina popular para tratar asma e como ave de estimação, valorizada pelo porte pequeno, docilidade e aparência atrativa. No catolicismo popular, a lavandeira tem forte simbolismo, sendo associada a narrativas em que teria lavado as roupas do menino Jesus e de sua mãe (Nossa Senhora na tradição católica). Esse vínculo religioso confere-lhe respeito e reforça seu valor cultural para além do uso material.

MANÉ-BESTA, SUIRIRI, SUIRIRI-CAVALEIRO

Machetornis rixosa (Vieillot, 1819)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento e apresenta peito amarelo, garganta clara, cabeça cinza e partes superiores marrons. Trata-se de uma espécie residente, independente de ambientes florestais, típica de campos, pastagens e áreas abertas com presença de gado, comportamento que a torna comum em zonas rurais. Seu comportamento é marcante, sendo frequentemente observada empoleirada no dorso de bovinos, capturando parasitas diretamente do corpo dos animais ou insetos perturbados pelo movimento do gado. A dieta é onívora, composta principalmente por insetos, pequenos invertebrados e, ocasionalmente, frutos. Apresenta ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo da Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia até o Brasil, onde é registrada desde o Maranhão até a Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. A flexibilidade alimentar contribui para sua ampla distribuição em ambientes abertos e antropizados.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: brunoheerly (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizada como recurso alimentar. Sua abundância em áreas abertas e comportamento pouco arisco facilitam a captura, mas não há registros de uso sistemático ou comercial da espécie.

CAGA-SEBO, FILIPE*Myiophobus fasciatus* (Statius Muller, 1776)

Características: Mede cerca de 12 cm de comprimento e possui coloração discreta, com predominância de tons acinzentados e esverdeados, e ventre mais claro. Trata-se de uma espécie residente, bastante adaptável, ocorrendo em áreas abertas, capoeiras ralas, quintais, jardins e bordas de matas. Apresenta hábitos ativos, frequentemente observada em voos curtos e rápidos entre galhos, à espreita de insetos, que constituem a base de sua dieta. Como insetívora, desempenha papel ecológico importante no controle de populações de artrópodes. Sua distribuição abrange o Brasil, Paraguai e Argentina.

Estado de conservação

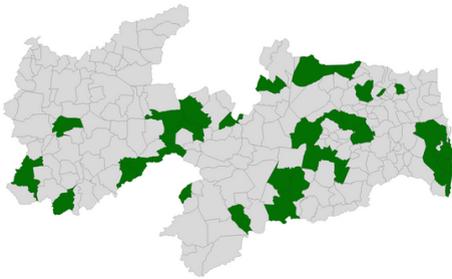
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

Valorizada como ave de estimação, sendo mantida em cativeiro principalmente por seu porte pequeno, facilidade de captura e comportamento ativo. Também pode ser encontrada à venda em mercados e feiras de animais.

BEM-TE-VI

Pitangus sulphuratus (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 22 cm de comprimento e apresenta plumagem característica: dorso pardo, ventre amarelo-vivo, faixa branca acima dos olhos (superciliar), garganta branca, bico negro achatado e cauda escura. Possui também um pequeno topete amarelo, geralmente pouco visível. Trata-se de uma espécie residente, altamente adaptável e independente de ambientes florestais, sendo extremamente comum em áreas urbanas, rurais e bordas de mata. Apresenta dieta onívora, alimentando-se de frutos, insetos, pequenos vertebrados e até resíduos urbanos, o que favorece sua ampla dispersão em ambientes antrópicos. Sua distribuição abrange do sul do México à Argentina, abrangendo grande parte da América Latina.

Espécie sem
dimorfismo sexual

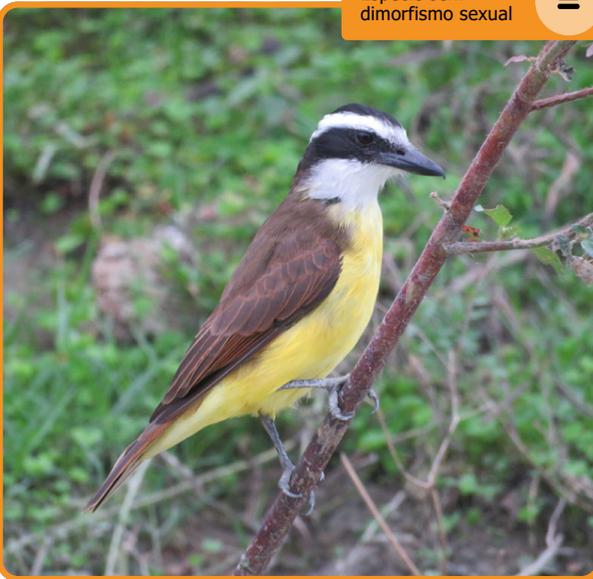


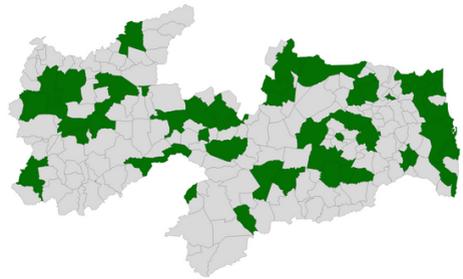
Foto: Pablo Cauã da Silva Toledo (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Além de ser ocasionalmente consumido como alimento e mantido como ave de estimação, com registros no comércio ilegal de aves silvestres. Tem forte simbolismo na cultura popular. No catolicismo popular, é associado à tradição por narrativas que o retratam como a ave que teria delatado Jesus aos romanos. Apesar disso, é amplamente reconhecido e valorizado em áreas urbanas e rurais, onde se destaca pelo canto marcante e fácil observação.

NOIVINHA*Xolmis irupero* (Vieillot, 1823)

Características: Mede cerca de 18 cm de comprimento e apresenta plumagem majoritariamente branca, com exceção das pontas das penas da cauda e da primeira retriz da asa, que são negras, contraste que reforça seu nome popular. O bico e as pernas também são pretos. Trata-se de uma espécie residente e independente de ambientes florestais, sendo comum em áreas abertas, campos secos, bordas de estradas e pastagens. Apresenta dieta insetívora, capturando pequenos artrópodes no solo ou em voos curtos a partir de poleiros baixos. Sua distribuição abrange a América do Sul, ocorrendo na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e em quase todo o Brasil, com exceção da região amazônica e de grande parte do Centro-Oeste.

Estado de conservação

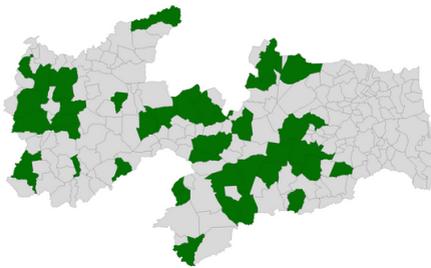
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

Comumente mantida como ave de estimação em algumas regiões, sendo valorizada por sua coloração elegante, comportamento calmo e facilidade de captura.

PITIGUARI

Cyclarhis gujanensis (Gmelin, 1789)

Características: Mede aproximadamente 16 cm de comprimento e é facilmente reconhecível por seu bico alto, adunco e de coloração marrom-claro. Apresenta cabeça e nuca acinzentadas, uma faixa marrom-avermelhada proeminente sobre os olhos (supercílio), garganta cinza-clara e uma ampla faixa amarelada no peito, separando a barriga esbranquiçada. O dorso é pardo-esverdeado, conferindo-lhe camuflagem eficaz no meio vegetado. Trata-se de uma espécie residente, amplamente adaptável e independente de ambientes florestais densos, podendo ser encontrada em bordas de matas, capoeiras, cerrados, caatingas e áreas antropizadas com vegetação arbustiva. Possui vocalização forte e repetitiva, frequentemente ouvida durante as manhãs. A dieta é onívora, composta por insetos, pequenos invertebrados, frutos e sementes, o que contribui para sua ampla distribuição e adaptabilidade. Ocorrendo em todas as regiões do Brasil.



Foto: Breno Farias

Espécie sem
dimorfismo sexual

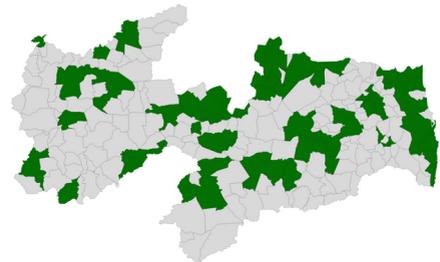


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante 

IUCN: Menos preocupante 

CITES: Não consta 



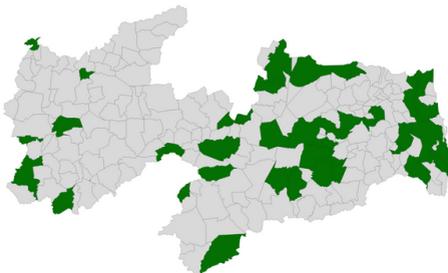
Nota etnozoológica



Valorizada como ave de estimação em várias regiões do Brasil, principalmente por seu canto melodioso e comportamento ativo. É comumente capturado para o comércio ilegal de aves silvestres, sendo observado em feiras e mercados.

VITE-VITE, VITE-VITE-DE-OLHO-CINZA*Hylophilus amaurocephalus* (Nordmann, 1835)

Características: Mede aproximadamente 15 cm de comprimento e apresenta plumagem predominantemente esverdeada com cabeça acinzentada, olhos escuros e um leve tom amarelado nas partes inferiores, o que contribui para sua camuflagem no ambiente. Trata-se de uma espécie semidependente de ambientes florestais, especialmente associada a bordas de matas secas, cerradões e áreas de caatinga arbustiva mais densa. Sua dieta é composta principalmente por insetos e outros pequenos artrópodes, além do consumo ocasional de frutos, o que confere à espécie um hábito alimentar insetívoro-frugívoro. Endêmica do Brasil, sua distribuição geográfica abrange principalmente o Nordeste e parte do Sudeste do país, sendo registrada nos estados do Piauí, Bahia, Minas Gerais e norte de São Paulo.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Thiago Zanetti

Nota etnozoológica

São frequentemente capturados para uso como animal de estimação, especialmente em razão de seu canto e vivacidade, sendo comum em feiras e mercados do interior nordestino, onde é mantida em cativeiro ou comercializada ilegalmente.

BICO-VIRADO, BICO-VIRADO-MIÚDO

Xenops minutus (Sparrman, 1788)

Características: Mede aproximadamente 11 cm de comprimento e apresenta plumagem em tons de marrom e ferrugem, com bico curto, largo e ligeiramente recurvado para cima, característica que inspira seu nome popular. Trata-se de uma ave pequena e insetívora, dependente de habitats florestais bem preservados ou secundários em regeneração avançada. Forrageia ativamente em cascas, folhas secas e galhos, tanto no sub-bosque quanto nas copas, buscando artrópodes e larvas. Sua vocalização aguda e comportamento ativo facilitam sua detecção em campo, embora sua aparência discreta torne os avistamentos mais difíceis. É encontrado em toda a Amazônia, estendendo-se ao sul até Goiás e Mato Grosso; e na Mata Atlântica, estende-se do Rio Grande do Norte a Santa Catarina. Também é encontrado em outros países América do Sul.

Espécie sem
dimorfismo sexual

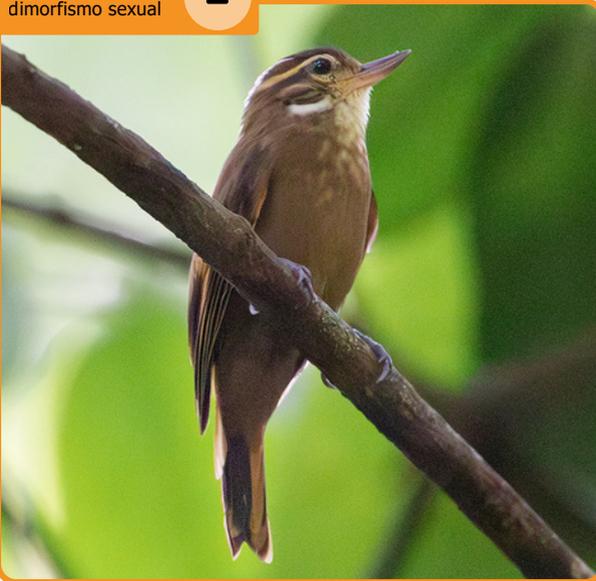


Foto: Bruno Siqueira (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante 

IUCN: Menos preocupante 

CITES: Não consta 



Nota etnozoológica



Há registros do uso da espécie como ave de estimação em algumas comunidades próximas a fragmentos de Floresta Atlântica. Sua captura, geralmente feita de forma oportunista, está relacionada ao comércio ilegal de aves silvestres, prática ainda presente em feiras livres da região.

GARÇA-GRANDE, GARÇA-BRANCA-GRANDE*Ardea alba* Linnaeus, 1758

Características: Mede cerca de 90 cm de comprimento e apresenta plumagem inteiramente branca, bico longo e amarelado, além de pernas e dedos negros. Trata-se de uma ave de grande porte que habita variados ecossistemas aquáticos, como açudes, lagos, rios, estuários, manguezais, campos alagáveis e pastagens úmidas, sendo especialmente comum em áreas de várzea. Na Caatinga, realiza deslocamentos sazonais relacionados à disponibilidade hídrica, concentrando-se em locais onde a água favorece a oferta de alimento. Embora tradicionalmente considerada piscívora, sua dieta é onívora e diversificada, incluindo peixes, crustáceos, insetos aquáticos, anfíbios, pequenos répteis e, ocasionalmente, pequenos mamíferos ou material vegetal. A espécie possui ampla distribuição no continente americano, ocorrendo tanto a oeste quanto a leste dos Andes, desde o sul do Canadá até a Patagônia. No Brasil, está presente em todas as regiões, incluindo o semiárido nordestino, onde se adapta a diferentes ambientes úmidos.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC

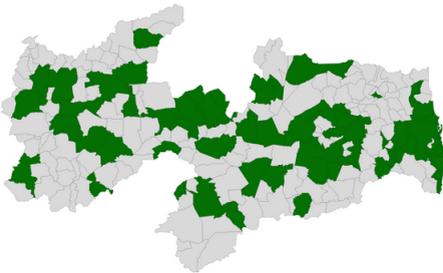


Foto: André Reis

Espécie sem dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Utilizada como recurso alimentar, sendo ocasionalmente caçada em áreas onde ocorre com maior abundância. Apesar de sua carne não ser amplamente valorizada em relação a outras aves aquáticas, há relatos de seu consumo em contextos de subsistência, especialmente em épocas de escassez alimentar.

GARÇA, GARÇA-VAQUEIRA

Bubulcus ibis (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 50 cm de comprimento e possui plumagem branca, com manchas alaranjadas na cabeça, peito e dorso durante a época reprodutiva. Trata-se de uma ave de médio porte, caracterizada por bico amarelo e pernas amareladas ou acinzentadas. Originalmente nativa do Velho Mundo (África, Europa e partes da Ásia), a garça-vaqueira expandiu sua distribuição de forma notável ao longo do século XX. No Brasil, foi registrada pela primeira vez em 1964 na Ilha de Marajó, no Pará, e desde então colonizou rapidamente todo o território nacional. Atualmente, é considerada uma espécie quase cosmopolita, presente em todos os continentes, com exceção da Antártida. Na Caatinga, realiza deslocamentos sazonais, acompanhando a disponibilidade de corpos d'água e áreas de pastagem. Diferente de outras garças, é fortemente associada a ambientes abertos, especialmente pastagens e campos agrícolas, onde segue bovinos e outros grandes mamíferos para capturar insetos e invertebrados espantados por esses animais. Embora utilize ambientes aquáticos de forma facultativa para alimentação e descanso, sua reprodução ocorre preferencialmente em colônias sobre árvores localizadas nas margens de rios, lagos e açudes, onde constrói ninhos em grupos densos.



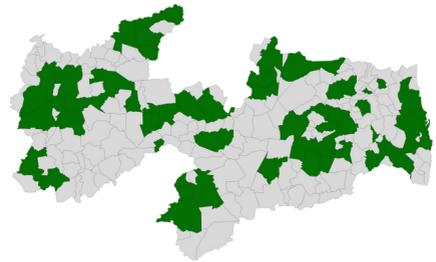
Foto: Nil Rodrigues (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



Eventualmente utilizada como recurso alimentar. Em algumas localidades, há registros de seu uso na medicina tradicional, principalmente para o tratamento de infecções respiratórias e febris. Seu hábito de seguir o gado contribui para sua visibilidade e reconhecimento cultural, sendo também interpretada como "companheira do vaqueiro" ou símbolo de ambientes agropecuários.

SOCÓ-PEBA, SOCÓ-TRIPA, SOCOZINHO*Butorides striata* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 36 cm de comprimento. Possui pernas curtas e amareladas, bico reto e afilado, e plumagem que varia do cinza-azulado ao verde-oliva, com garganta esbranquiçada. Habita áreas alagadas como margens de rios, lagoas, brejos, manguezais e açudes, adaptando-se também a ambientes alterados. Na Caatinga, realiza deslocamentos locais em função da sazonalidade hídrica, concentrando-se em áreas úmidas durante a estação chuvosa. Sua dieta é composta principalmente por pequenos peixes, insetos aquáticos, anfíbios e pequenos répteis. É uma ave amplamente distribuída, com ocorrência quase cosmopolita nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil, é comum em todas as regiões, sendo amplamente registrada em ambientes aquáticos de todos os biomas, incluindo a Caatinga.

Estado de conservação

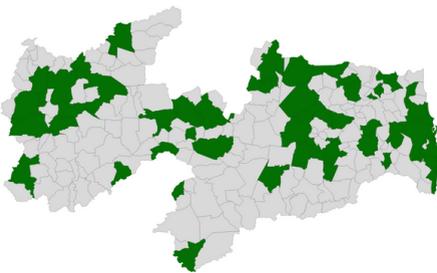
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

Ocasionalmente utilizada como fonte alimentar. Sua carne, embora não seja altamente valorizada, é consumida em algumas localidades.

GARÇA-PEQUENA, GARÇA-BRANCA-PEQUENA

Egretta thula (Molina, 1782)

Características: Mede cerca de 54 cm de comprimento e caracteriza-se pela plumagem inteiramente branca, bico fino e escuro, tarsos pretos e pés amarelos brilhantes, contraste que a diferencia visualmente de outras garças brancas. Durante o período reprodutivo, apresenta um elegante conjunto de plumas alongadas na nuca, especialmente proeminente nos machos. Habita uma variedade de ambientes úmidos, incluindo açudes, lagoas, estuários, margens de rios, manguezais, campos alagáveis e pastagens próximas a corpos d'água. Na Caatinga, exibe deslocamentos sazonais em resposta à disponibilidade temporária de habitats aquáticos. Sua dieta é predominantemente composta por pequenos peixes, mas também inclui crustáceos, insetos aquáticos e outros invertebrados. É amplamente distribuída pelas Américas, ocorrendo desde o sul dos Estados Unidos até o Chile e a Argentina. No Brasil, está presente em todos os biomas, sendo frequente em ambientes aquáticos tanto continentais quanto costeiros.



Foto: André Reis

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

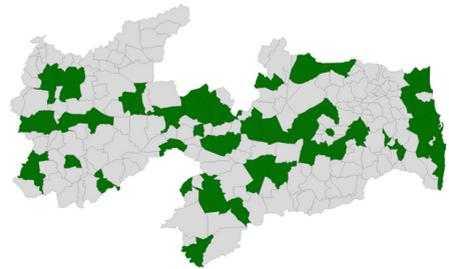
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Eventualmente utilizada como recurso alimentar. Seu porte menor em relação à garça-grande e o comportamento cauteloso tornam sua captura menos frequente.

SOCÓ-BOI*Tigrisoma lineatum* (Boddaert, 1783)

Características: Mede cerca de 93 cm de altura, com hábitos solitários e comportamento geralmente discreto. Habita margens de rios, lagos, igarapés e áreas pantanosas, onde se desloca lentamente e permanece imóvel por longos períodos, estratégia que favorece a captura de presas. Sua plumagem é distintiva, com o pescoço castanho-avermelhado e o dorso pardo-acinzentado, marcado por padrões finos em tons acanelados que conferem excelente camuflagem entre a vegetação ribeirinha. O bico é longo e afilado, adaptado à pesca de pequenos peixes, sua principal fonte alimentar, embora também consuma crustáceos, insetos aquáticos, anfíbios e, ocasionalmente, pequenos répteis. É uma espécie residente, com territórios bem estabelecidos, mas que pode realizar deslocamentos locais em busca de ambientes aquáticos temporários, sobretudo em regiões semiáridas como a Caatinga. É amplamente distribuída nas Américas, ocorrendo desde a América Central até o norte da Argentina e Bolívia, com presença registrada em todos os biomas brasileiros, especialmente em regiões com disponibilidade de corpos d'água.

Estado de conservação

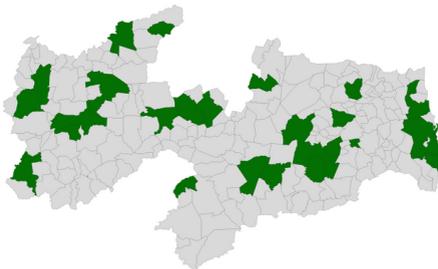
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Hugo Hulsberg (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Utilizado como recurso alimentar, sendo ocasionalmente capturado para consumo ou comercializado ilegalmente em mercados informais. Embora não figure entre as aves aquáticas mais exploradas comercialmente, sua carne é considerada aceitável do ponto de vista alimentício.

CURICACA

Theristicus caudatus (Boddaert, 1783)

Características: Mede cerca de 70 cm de comprimento, possui bico longo, curvado e de coloração escura, adaptado à sondagem do solo em busca de presas. Sua plumagem é majoritariamente clara, com dorso cinzento-claro e nuances esverdeadas, contrastando com as rêmiges e retrizes pretas. É uma ave social, frequentemente observada em grupos, vocalizando de forma ruidosa, com um grito característico que a tornou facilmente reconhecida em seu ambiente natural. Sua dieta é composta principalmente por insetos, aracnídeos, minhocas, moluscos e outros invertebrados terrestres e aquáticos, podendo incluir também pequenos vertebrados como anfíbios e répteis, o que a classifica como uma espécie oportunista. Ocorre em uma ampla faixa da América do Sul, com registros na Colômbia, Venezuela, Guianas, Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. No Brasil, está presente em quase todas as regiões, sendo particularmente comum em áreas abertas e úmidas do Cerrado, Pantanal, Caatinga e parte da Mata Atlântica.

Espécie sem
dimorfismo sexual

=



Foto: Thiago Zanetti

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizada como recurso alimentar. Há registros de sua captura para consumo e venda em mercados locais, embora de forma menos intensiva em comparação a outras aves de maior valor comercial.

PICA-PAU, PICA-PAU-PEQUENO*Veniliornis passerinus* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede aproximadamente 15 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual discreto. O macho é caracterizado por coloração rica e contrastante: coberteiras superiores das asas salpicadas de amarelo, dorso amarelo-oliva, e vértice posterior e nuca em tons carmim. As coberteiras das asas possuem manchas amarelo-opaco, enquanto as primárias exibem faces internas com marcas brancas. As partes inferiores são cinza-oliva, com barrado branco-opaco, e a cauda é predominantemente negra, com algumas penas externas barradas de oliva escuro. Costuma forragear em baixa altura, explorando troncos e galhos em busca de insetos e larvas. Trata-se de uma espécie residente, com hábitos que a tornam semidependente de ambientes florestais, sendo encontrada em capoeiras, matas de galeria e formações arbustivas da caatinga. Possui ocorrência no Brasil amazônico e central e no interior do Nordeste do Brasil. Também ocorre da Venezuela à Bolívia, e no Paraguai.

Estado de conservação

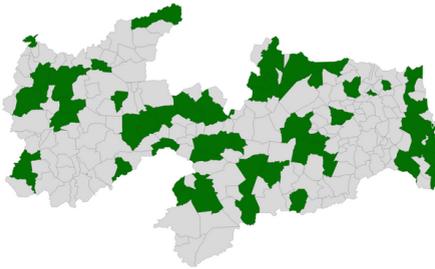
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica

O consumo alimentar dessa ave ocorre de forma eventual, geralmente em contextos de escassez de recursos. A espécie também é ocasionalmente mantida como ave de estimação, principalmente por seu comportamento ativo e coloração chamativa.

MERGULHÃO-GRANDE, MERGULHÃO-CAÇADOR

Podilymbus podiceps (Linnaeus, 1758)

Características: Mede cerca de 33 cm de comprimento e apresenta bico grosso e reto, com coloração que varia conforme a estação. Durante o período reprodutivo, desenvolve uma característica faixa negra ao redor do bico, além da garganta enegrecida e pescoço acinzentado. Diferentemente de outras espécies de mergulhões, não possui marcas brancas visíveis nas asas. Alimenta-se predominantemente de pequenos peixes, anfíbios, crustáceos e serpentes aquáticas, sendo um predador oportunista com comportamento de mergulho eficiente. Na Caatinga, seus deslocamentos sazonais estão associados à disponibilidade hídrica, ocorrendo migrações locais em busca de ambientes adequados à alimentação e reprodução. Amplamente distribuída nas Américas, ocorrendo do Canadá ao extremo sul da América do Sul, incluindo o Chile e a Argentina. No Brasil, está presente em praticamente todo o território nacional, com exceção de áreas do extremo oeste, sendo mais comum em regiões com disponibilidade de corpos d'água permanentes ou sazonais. É uma ave aquática que habita lagos, açudes, represas e brejos, demonstrando notável capacidade de adaptação a diferentes ambientes dulcícolas.

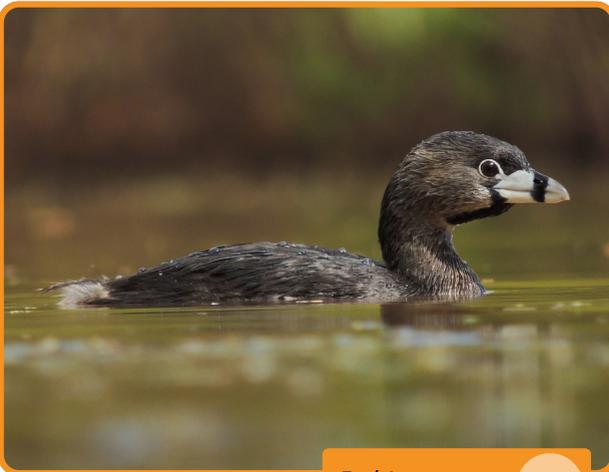


Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

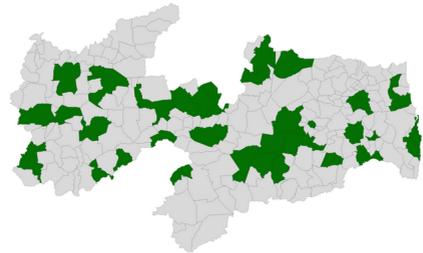
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



Utilizado como recurso alimentar, sendo ocasionalmente capturado para consumo. Também há registros esporádicos de sua comercialização ilegal em mercados informais, embora em menor escala quando comparado a outras aves aquáticas.

MERGULHÃO-PEQUENO, MERGULHÃO, MERGULHÃO-PRETO

Tachybaptus dominicus (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 23 cm de comprimento, habita ambientes aquáticos como lagoas, açudes, represas e brejos, incluindo corpos d'água temporários do bioma Caatinga, onde realiza deslocamentos sazonais em função da disponibilidade hídrica. A plumagem é predominantemente pardo-acinzentada, tornando-se mais escura durante a estação reprodutiva, quando a garganta fica preta e os olhos amarelos se destacam. As asas apresentam um notável espelho branco visível em voo ou quando a ave ajeita as penas. Trata-se de uma espécie com hábitos discretos e comportamento mergulhador, alimentando-se de pequenos peixes, alevinos, girinos, moluscos, insetos aquáticos e outros invertebrados. Também consome algas, o que sugere uma dieta oportunista com componentes de origem animal e vegetal. Espécie amplamente distribuída nas Américas, ocorrendo do sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina, com presença registrada em praticamente todo o território brasileiro, incluindo áreas úmidas do semiárido nordestino.

Estado de conservação

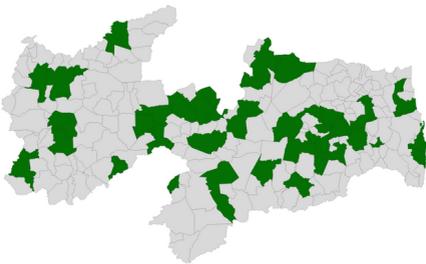
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem
dimorfismo sexual

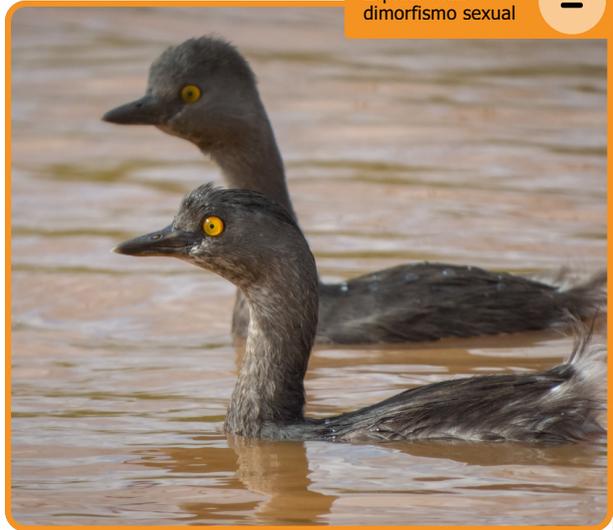


Foto: Breno Farias

Nota etnozoológica



Em algumas localidades, é consumido como fonte de alimento e há registros de seu uso na medicina popular, associado ao tratamento de infecções respiratórias e dores reumáticas. Além disso, indivíduos dessa espécie são eventualmente capturados e vendidos em feiras livres, ainda que em menor escala.

PAPAGAIO, PAPAGAIO-VERDADEIRO

Amazona aestiva (Linnaeus, 1758)

Características: Mede de 33 a 38 cm. Trata-se de uma ave residente, associada principalmente a áreas florestais e savânicas, incluindo matas ciliares, cerradões e bordas de florestas tropicais. A plumagem é predominantemente verde, com características marcantes na cabeça e nas asas: a testa exibe coloração azulada, enquanto a coroa e a face são geralmente amarelas, com variações individuais. As asas possuem manchas vermelhas e extremidades azul-escuras. O bico é robusto e adaptado à alimentação baseada principalmente em sementes, frutos e flores. Espécie amplamente distribuída no interior da América do Sul, ocorrendo desde o nordeste do Brasil até o leste da Bolívia, Paraguai e norte da Argentina.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Julio César Schadek Barbosa (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Quase ameaçada

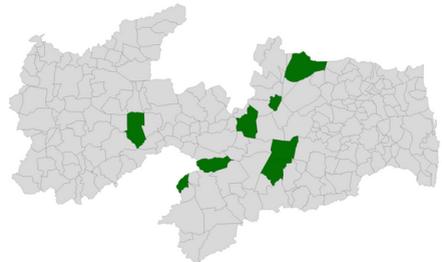
NT

IUCN: Quase ameaçada

NT

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



É amplamente conhecida por seu valor como animal de estimação, devido à sua inteligência, longevidade e habilidade de imitar variados sons e ruídos. Por essas razões, é uma das espécies mais visadas pelo tráfico de fauna no Brasil e em outros países sul-americanos. Centenas de indivíduos são capturados ilegalmente todos os anos e vendidos em feiras e mercados clandestinos, prática que representa uma grave ameaça à conservação da espécie.



Em algumas localidades, acredita-se que suas penas ou fezes possuam propriedades terapêuticas, sendo utilizadas tradicionalmente no tratamento de problemas respiratórios, como a asma, embora não haja comprovação científica que sustente tal uso.

PAPAGAIO, CURICA*Amazona amazonica* (Linnaeus, 1766)

Características: Mede cerca de 34 cm de comprimento. Espécie residente, com forte dependência de ambientes florestais, habitando o interior de florestas e manguezais. Apresenta a parte interna da asa e a extremidade da cauda com coloração alaranjada. O bico é amarelado na base e escurecido no restante. A parte superior da cabeça, face e garganta são amarelas, com uma faixa azul-clara que se estende pela testa e à frente dos olhos. Alimenta-se principalmente de frutos e sementes. Ocorre na porção cisandina da América do Sul, desde o extremo norte até o leste do Equador, nordeste do Peru e nas regiões oeste-setentrional e oriental do Brasil.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Adam Jackson (via iNaturalist, CC0 1.0)

Nota etnozoológica

É amplamente utilizado como animal de estimação, sendo alvo frequente do comércio ilegal de aves silvestres. Também é empregado na medicina tradicional em algumas regiões.

MARACANÃ-NOBRE, MARACANÃ, MARACANÃ-PEQUENA

Diopsittaca nobilis (Linnaeus, 1758)

Características: Mede de 30 a 35 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, que habita principalmente bordas de matas, clareiras e campos abertos próximos às florestas. Apresenta plumagem predominantemente verde, com características distintivas como a testa azulada, pele nua e esbranquiçada ao redor dos olhos e do bico, ombros e parte média da asa com coloração vermelha, extremidade da asa azul, borda amarela e cauda de tom oliva-dourado. Em voo, destacam-se as cores vivas da base das asas e das penas caudais. Sua dieta é baseada principalmente no consumo de frutos, embora também possa se alimentar de sementes e flores, dependendo da disponibilidade local de recursos. Distribui-se amplamente no Brasil setentrional, com ocorrência que se estende ao sul do baixo Amazonas, desde o leste do Pará e o norte extremo de Goiás até o sul do Piauí e o noroeste da Bahia.



Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Amplamente apreciada como animal de estimação, sendo uma das maracanãs mais comercializadas no Brasil devido ao seu porte relativamente pequeno, coloração vibrante e comportamento sociável. A espécie é frequentemente criada em cativeiro e, embora existam criadouros autorizados, ainda há registros de captura ilegal para abastecimento do comércio doméstico.

GANGARRA, PERIQUITO-DA-CAATINGA

Eupsittula cactorum (Kuhl, 1820)

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento e apresenta coloração bastante característica: cabeça e parte anterior do corpo em tons acastanhados, dorso verde-oliva, asas verdes com pontas azuladas, peito alaranjado, ventre amarelado e bico de coloração marrom-escura. Trata-se de uma ave residente, que não depende exclusivamente de ambientes florestais e é frequentemente observada em áreas abertas, bordas de matas e plantações. Sua alimentação é baseada principalmente no consumo de frutos, incluindo espécies nativas e cultivadas, o que a torna comum em áreas agrícolas. Amplamente distribuída nos biomas da Caatinga e do Cerrado, com ocorrência registrada também em áreas de transição e regiões modificadas pela ação humana.

Estado de conservação

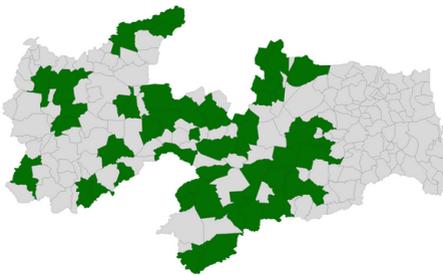
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II



Espécie sem dimorfismo sexual

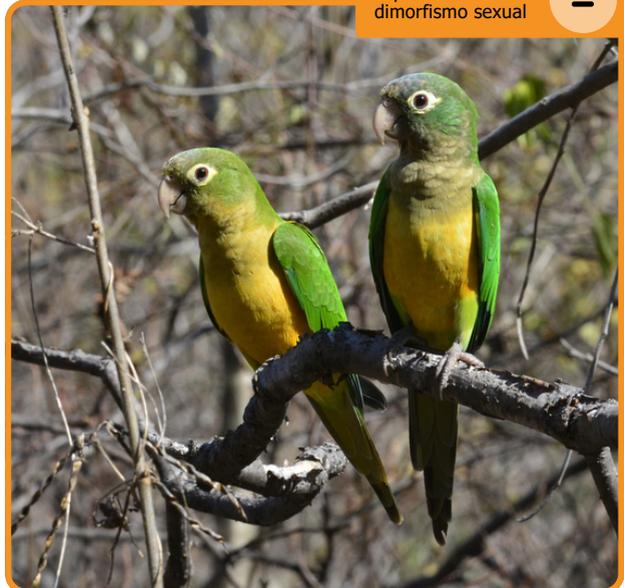


Foto: Frederico Acaz Sonntag (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



Utilizada eventualmente como recurso alimentar por comunidades rurais, embora esse uso seja pontual e, em muitos casos, restrito a situações de escassez. Seu principal uso, no entanto, está relacionado ao comércio ilegal e à criação como animal de estimação.



Devido ao hábito alimentar frugívoro e à sua abundância em ambientes agrícolas, frequentemente ocorrem conflitos com agricultores, por causar prejuízos em plantações.

TUIM, TAPACU

Forpus xanthopterygius (Spix, 1824)

Características: Mede aproximadamente 12 centímetros de comprimento. O macho apresenta plumagem predominantemente verde, com áreas azul-violeta visíveis na dobra das asas, ombros, parte inferior das costas e coberteiras caudais. Já a fêmea é inteiramente verde, com coloração mais amarelada na cabeça e nos flancos, sendo facilmente distinguível pela ausência das manchas azuis. Trata-se de uma ave residente, de hábitos diurnos e comportamento gregário. A alimentação da espécie é baseada em sementes, frutos, brotos e flores, sendo comum também sua presença em cultivos agrícolas, o que pode gerar conflitos com agricultores. A espécie é amplamente distribuída na América do Sul, ocorrendo no Brasil, especialmente nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, além do Paraguai, Bolívia, Peru e Colômbia.

Espécie com dimorfismo sexual



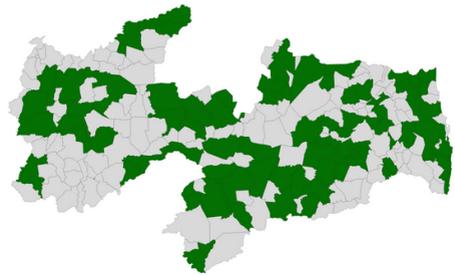
Foto: Breno Farias

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica



Ocasionalmente utilizado como recurso alimentar, embora esse uso seja raro e geralmente oportunístico. Seu uso mais frequente está relacionado à criação como animal de estimação e ao comércio ilegal, devido ao seu porte reduzido, coloração atrativa e facilidade de manejo. A espécie é amplamente comercializada, muitas vezes de maneira ilegal, em feiras livres e mercados urbanos, o que representa uma ameaça à sua conservação em determinadas regiões.

PERIQUITO, MARACANÃ

Primolius maracana (Vieillot, 1816)

Características: Mede cerca de 39 cm de comprimento e apresenta coloração verde predominante, com porção da face despida de penas e pele de coloração pálida, além de bico negro. Trata-se de uma espécie residente, considerada semidependente de ambientes florestais, habitando bordas de matas, florestas estacionais e áreas com vegetação secundária. Sua alimentação baseia-se principalmente no consumo de frutos, sendo também registrada em plantações e áreas de transição. Distribui-se em diversas regiões do Brasil, incluindo os biomas do Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste, além de registros no estado do Pará.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Quase ameaçada



CITES: Apêndice II



Espécie sem dimorfismo sexual

Foto: Laura Gaudette (via iNaturalist, CC BY 4.0)

Nota etnozoológica



Em comunidades do semiárido, como no município de Congo (Cariri paraibano), *P. maracana* é conhecida, mas não há registros recentes de uso direto. É citada apenas quanto ao uso potencial como alimento ou animal de estimação. A baixa frequência pode estar ligada à menor abundância local, comportamento discreto e vocalização menos intensa que a de outros psitacídeos.

PERIQUITO-DO-MATO, APUIM-DE-CAUDA-AMARELA

Touit surdus (Kuhl, 1820)

Características: Mede cerca de 16 cm de comprimento e possui plumagem verde predominante, com a face amarelada, escapulares e retrizes com tons dourados, o que o torna visualmente distintivo em relação a outras espécies do gênero *Touit*. Sua dieta é composta principalmente por frutos, sementes e, ocasionalmente, flores, sendo uma ave frugívora altamente dependente da disponibilidade de recursos florestais. Trata-se de uma espécie endêmica do Brasil, com hábitos discretos, que habita bordas e interiores de matas úmidas, especialmente em áreas de encosta e planaltos florestados. É menos avistado do que outras espécies de periquitos devido à sua natureza mais arisca e hábitos crípticos. Habita áreas de Mata Atlântica e transições florestais, ocorrendo desde a Paraíba até o Espírito Santo, São Paulo e Goiás.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: eduardovieira17 (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Vulnerável

VU

CITES: Apêndice II

II



Nota etnozoológica



É eventualmente capturado para o comércio ilegal e criação como animal de estimação, embora em menor escala quando comparado a outras espécies mais adaptáveis ao cativeiro.

EMA*Rhea americana* (Linnaeus, 1758)

Características: Mede até 1,50 m de altura e pesa cerca de 25 quilos. É a maior ave nativa da América do Sul. Apresenta plumagem cinza-acastanhada, pescoço e pernas longas, além de asas atrofiadas, características típicas das aves ratitas. Trata-se de uma espécie residente, independente de ambientes florestais, adaptada a ecossistemas abertos e savânicos, e que necessita de amplas áreas para forrageamento. Sua dieta é onívora, composta por gramíneas, sementes, frutos, artrópodes, pequenos vertebrados e até mesmo restos orgânicos. Como outras ratitas, ingere pequenas pedras e objetos duros que auxiliam na trituração mecânica dos alimentos no sistema digestivo, compensando a ausência de dentes. Sua distribuição abrange regiões campestres e de cerrado no Brasil, incluindo o sul do Pará, Nordeste (especialmente o sul do Maranhão e os campos gerais do vale do São Francisco), Sul e Centro-Oeste do país. Também ocorre em países vizinhos como Paraguai, Bolívia, Argentina e Uruguai.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Quase ameaçada



CITES: Apêndice II



Foto: Breno Farias

Espécie com dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

Possui grande importância cultural e econômica para diversas comunidades. Sua carne e ovos são amplamente utilizados como alimento, sendo estes últimos associados, em práticas tradicionais, ao combate à desnutrição infantil.



A gordura da ave, por sua vez, é valorizada na medicina popular, sendo empregada no tratamento de tosse, dores reumáticas e inflamações em geral. Além disso, partes do animal, como penas e couro, são utilizadas artesanalmente ou comercializadas, o que reforça sua inserção em circuitos informais de exploração.

CORUJA-BURAQUEIRA

Athene cunicularia (Molina, 1782)

Características: Mede cerca de 23 cm de comprimento e é facilmente reconhecida por sua postura ereta e comportamento ativo durante o dia. Possui cabeça arredondada, sem penachos, com olhos grandes dispostos no mesmo plano e íris de coloração amarela intensa. As “sobrancelhas” são brancas e bem marcadas, contribuindo para sua expressão típica. A plumagem apresenta tons de ferrugem, bege e marrom, com listras e manchas que favorecem a camuflagem em ambientes arenosos ou secos. Um de seus comportamentos mais notáveis é o hábito de nidificar em tocas escavadas no solo, seja por ela própria ou por reaproveitamento de buracos cavados por outros animais, como tatus. Sua dieta é variada e composta principalmente por artrópodes, pequenos roedores, répteis e anfíbios. Trata-se de uma coruja residente e independente de ambientes florestais, ocupando preferencialmente áreas abertas como campos, pastagens, cerrados, caatingas, dunas e até zonas urbanas. Está presente em todo o território brasileiro.



Foto: André Reis

Espécie sem dimorfismo sexual

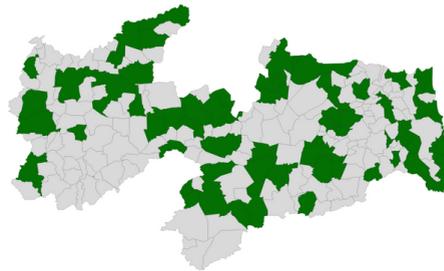


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Nota etnozoológica

Ocasionalmente utilizada como recurso alimentar em algumas regiões do Brasil, embora esse uso seja esporádico. Mais frequentemente, essa espécie está envolvida em práticas simbólicas e crenças populares. Em algumas localidades, acredita-se que sua vocalização nas proximidades de uma residência pressagia a morte de um morador, crença que contribui para atitudes negativas em relação à ave, como perseguição ou afungentamento.



CABORÉ, CABURÉ*Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788)

Características: Mede aproximadamente 18 cm de comprimento e apresenta dimorfismo sexual acentuado, sendo o macho consideravelmente menor que a fêmea. Uma de suas características mais marcantes é a presença de duas manchas negras na nuca, que lembram olhos, formando o que se chama de “face occipital”, estrutura que pode ser destacada por uma faixa branca em forma de sobrancelha. Além da forma típica, existe uma fase ferrugínea, em que o corpo é predominantemente castanho-avermelhado e a cauda perde as faixas claras visíveis na fase comum. É notavelmente ativo tanto durante o dia quanto à noite, sendo um dos poucos estrigídeos com hábitos parcialmente diurnos. Alimenta-se de pequenos vertebrados, como roedores, lagartos, pererecas e aves menores, além de artrópodes. Trata-se de uma espécie residente, independente de ambientes florestais densos, sendo encontrada com frequência em áreas abertas, como cerrados, bordas de matas, capoeiras, parques e arvoredos urbanos. Está presente em praticamente todo o território brasileiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Apêndice II

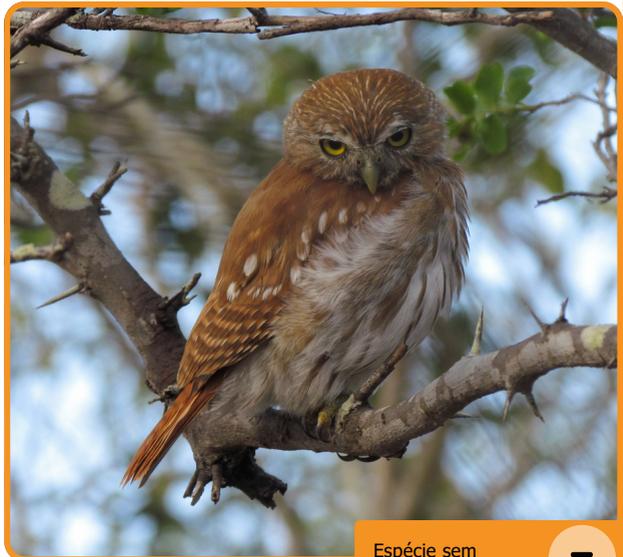
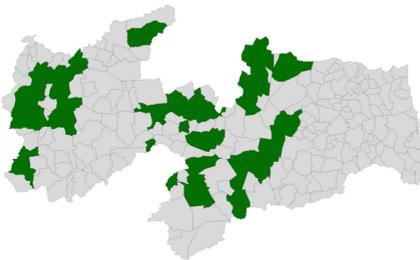


Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual

**Nota etnozoológica**

É ocasionalmente criada como animal de estimação, em razão do seu porte reduzido, olhar marcante e vocalização peculiar. Em muitas comunidades rurais, o caboré está associado a significados simbólicos. Uma crença comum é a de que seu canto anuncia a chegada das chuvas, sendo, portanto, considerado um prenúncio positivo. Em outras localidades, no entanto, pode estar ligado a superstições negativas.

CABORÉ-DE-ORELHA, CORUJINHA-DO-MATO

Megascops choliba (Vieillot, 1817)

Características: Mede cerca de 22 cm de comprimento e apresenta uma aparência compacta, com olhos amarelados destacados sobre uma face arredondada de coloração cinza-clara. O peito exhibe plumagem cinza com rajados escuros, enquanto o dorso é cinza-amarronzado, com padrões crípticos que facilitam a camuflagem durante o dia. Assim como outras corujas desse gênero, possui pequenos "penachos" semelhantes a orelhas, os quais podem não ser sempre visíveis. Sua dieta é composta por pequenos vertebrados, como roedores, lagartos e anfíbios, além de uma grande variedade de insetos noturnos, sendo uma predadora oportunista com papel ecológico importante no equilíbrio populacional de outras espécies. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de ambientes florestais, que habita preferencialmente áreas semiabertas, como bordas de matas secas, cerrados, capoeiras e zonas rurais arborizadas. Apresenta ampla distribuição no Brasil oriental e central, ocorrendo do Maranhão até o Rio de Janeiro.



Foto: Thiago Zanetti

Espécie sem dimorfismo sexual

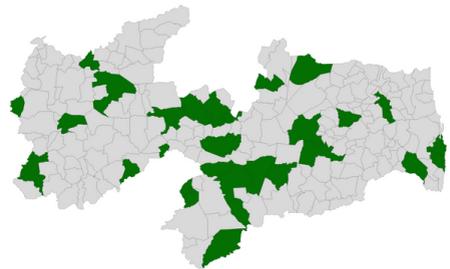


Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante 

IUCN: Menos preocupante 

CITES: Apêndice II 



Nota etnozoológica



Eventualmente utilizada como recurso alimentar, embora esse uso seja incomum e geralmente restrito a situações de necessidade. Também há registros de sua criação como animal de estimação, impulsionada por sua aparência exótica e porte reduzido. Em algumas regiões, essa espécie pode estar associada a crenças populares, sendo por vezes evitada ou capturada com propósitos simbólicos.

RASGA-MORTALHA, CORUJA-DE-IGREJA, SUINDARA

Tyto furcata (Temminck, 1827)

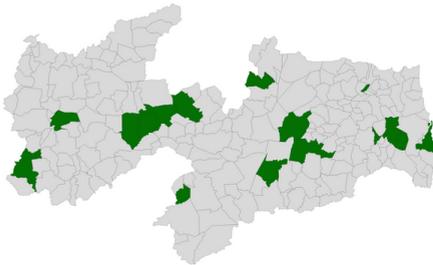
Características: Mede cerca de 36 cm de comprimento e possui plumagem clara e macia, que facilita o voo silencioso. Uma de suas características mais marcantes são os dois discos faciais em forma de coração, bem destacados, que funcionam como estruturas acústicas, canalizando o som em direção aos ouvidos assimétricos, conferindo-lhe grande eficiência na localização de presas mesmo em completa escuridão. Trata-se de uma espécie residente, independente de ambientes florestais densos, com hábitos crepusculares e noturnos. Sua dieta é composta principalmente por pequenos roedores. Ocorre em todo o território brasileiro, sendo comum em áreas abertas, zonas rurais, campos cultivados e também em ambientes urbanos, onde utiliza construções humanas para nidificação, como sótãos de igrejas, celeiros e galpões abandonados.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Apêndice II **II**



Espécie sem dimorfismo sexual

=



Foto: Peter Trimming (via Wikimedia Commons, CC BY-SA 2.0)

Nota etnozoológica



É uma das corujas mais associadas a crenças populares no Brasil. Em várias regiões, seu canto é visto como presságio de morte, levando à perseguição por moradores que a consideram ave de mau agouro. Esse imaginário está presente no nome popular "rasga-mortalha", em alusão ao som semelhante ao de pano rasgado. Além do simbolismo, há registros de uso alimentar e medicinal, com partes da ave empregadas na cura de males físicos ou espirituais. Por essas múltiplas interações, é alvo frequente de conflitos com populações humanas.

BIGUÁ, PATO-PORCO, PATO-URUBU

Nannopterum brasilianum (Gmelin, 1789)

Características: Mede cerca de 70 a 80 cm de comprimento e possui plumagem predominantemente preta, com reflexos metálicos esverdeados, além de um saco gular amarelado bem evidente. Durante o período reprodutivo, exibe tufos brancos atrás das regiões auriculares e pequenas penas brancas ao redor da garganta nua. Os indivíduos imaturos apresentam coloração fuliginosa ou marrom-escuro, com partes inferiores mais claras. O biguá é especializado na pesca, submergindo com grande habilidade para capturar peixes, mas também consome crustáceos e, eventualmente, pequenos anfíbios. Trata-se de uma espécie residente, amplamente distribuída em todas as regiões do Brasil. Ocorre em baías, estuários, rios, lagos e açudes, sendo também registrada em ilhas adjacentes à costa continental. No semiárido, especialmente no domínio da Caatinga, realiza deslocamentos sazonais acompanhando a dinâmica dos corpos d'água, aparecendo com maior frequência durante e após a estação chuvosa.

Espécie sem
dimorfismo sexual



Foto: Philipp Hoenle (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

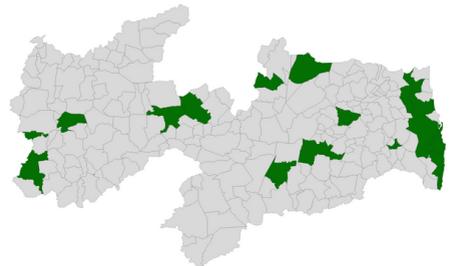
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Nota etnozoológica



Utilizado como fonte de alimento por populações ribeirinhas e comunidades rurais. Além disso, há registros de sua comercialização em mercados locais. Em algumas regiões, é alvo de perseguição por pescadores, que consideram a espécie concorrente na pesca artesanal, o que pode representar um fator de conflito e pressão local.

LAMBU-PÉ-VERMELHO, INHAMBU-CHORORÓ

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1827)

Características: Mede aproximadamente 19 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, não dependente de ambientes florestais, adaptando-se bem a formações savânicas, cerrados e campos cultivados. De hábitos tipicamente terrestres, alimenta-se de sementes, folhas, frutos, raízes e artrópodes que captura no solo. Possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo em áreas abertas e semi-florestadas desde o Nordeste do Brasil até a Argentina, Paraguai, leste da Bolívia e grande parte do território brasileiro, incluindo as regiões central e oriental, do baixo Amazonas ao Rio Grande do Sul, passando por estados como Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso.

Estado de conservação

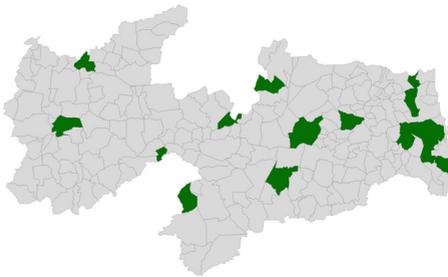
Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Luiz Alberto Santos (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica



Apresenta grande importância entre comunidades locais, sendo utilizada como fonte de proteína, ave de estimação e com finalidades medicinais. Atribui-se à espécie a crença popular de que guardar uma de suas penas em casa auxilia crianças recém-nascidas a aprenderem a andar mais rapidamente. Essas múltiplas formas de uso contribuem também para sua presença frequente no comércio ilegal de fauna silvestre.

LAMBU-DO-PÉ-ROXO, INHAMBU-CHINTÃ

Crypturellus tataupa (Temminck, 1815)

Características: Mede aproximadamente 26 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, semidependente de habitats florestais, que também ocupa ambientes antropizados, como capoeiras e áreas agrícolas, incluindo canaviais, o que demonstra certa plasticidade ecológica. Apresenta hábitos discretos e terrestres, deslocando-se pelo sub-bosque e solo em busca de alimento, com dieta variada que inclui sementes, folhas, frutos, raízes e pequenos artrópodes. A espécie é amplamente distribuída no Nordeste do Brasil, com ocorrência registrada do Maranhão à Bahia.



Foto: Breno Farias

Espécie sem dimorfismo sexual



Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

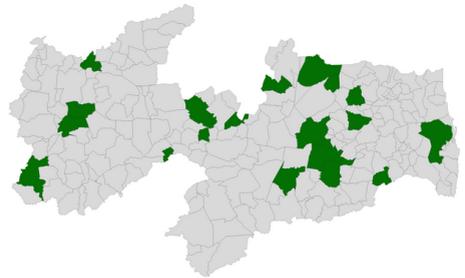
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica

Possui múltiplos usos registrados em diferentes contextos culturais. Além do consumo de sua carne, valorizada como fonte alimentar, são atribuídas propriedades medicinais e simbólicas à espécie. Em algumas tradições locais, acredita-se que guardar uma pena do lambu em casa pode ajudar crianças pequenas a aprenderem a andar mais rapidamente. Também é comum a crença de que seu consumo auxilia no alívio de enjoos durante a gravidez. A espécie ainda é ocasionalmente mantida como animal de estimação, e há registros de sua comercialização ilegal em feiras e mercados locais.



NAMBU-SABIÁ, TURURIM*Crypturellus soui* (Hermann, 1783)

Características: Mede cerca de 24 cm de comprimento. Possui hábitos discretos e terrestres, deslocando-se pelo sub-bosque em busca de alimento, com dieta composta por sementes, pequenos frutos e invertebrados coletados no solo. Trata-se de uma espécie residente e fortemente associada a ambientes florestais, preferindo áreas com vegetação densa que oferecem abrigo e alimento. Apresenta ampla distribuição no Brasil, ocorrendo desde a região amazônica até os estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Maranhão, Paraíba e Rio de Janeiro.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie com dimorfismo sexual



Foto: Luiz Alberto Santos (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Bastante apreciado por sua carne e amplamente utilizado como fonte de alimento por comunidades rurais, sendo comumente capturado tanto para subsistência quanto em atividades cinegéticas de caráter esportivo.

ZABELÊ

Crypturellus zabele (Spix, 1825)

Características: Mede cerca de 32 cm de comprimento e possui massa corporal em torno de 500 g. Apresenta plumagem distintiva, com coloração viva na parte anterior do pescoço, peito cinza-chumbo, ventre avermelhado, garganta amarela, região próxima à cauda de coloração castanha e demais áreas amareladas com barras escuras. Trata-se de uma espécie com hábitos discretos e terrestres, alimentando-se de sementes, frutos, pequenos invertebrados e matéria vegetal. Habita preferencialmente áreas florestais bem conservadas, sendo altamente sensível à fragmentação e à degradação do habitat. Sua distribuição é restrita ao Nordeste do Brasil, ocorrendo do Piauí ao sul da Bahia e com registros ao longo do rio São Francisco, no interior de Minas Gerais.

Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Ciro Albano

Estado de conservação

Brasil: Vulnerável

VU

IUCN: Não avaliada

NA

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



A espécie possui grande valor cultural e utilitário entre comunidades locais, que a reconhecem como uma importante fonte de proteína e lhe atribuem propriedades terapêuticas, tanto à carne quanto a outras partes do corpo, sendo também recorrente no comércio ilegal de fauna silvestre.

CORDONIZ, CODORNA-DO-NORDESTE*Nothura boraquira* (Spix, 1825)

Características: Mede cerca de 29 cm de comprimento. Apresenta hábitos terrestres, frequentemente forrageando no solo em busca de sementes, folhas, frutos, raízes e pequenos artrópodes. Diferentemente de outras espécies do grupo, é independente de ambientes florestais, sendo típica de paisagens abertas como campos, pastagens e áreas de vegetação rala. Apresenta ampla distribuição no sudeste da Bolívia, norte do Paraguai e nordeste do Brasil, desde o Piauí até a Bahia.

Estado de conservaçãoBrasil: Menos preocupante **LC**IUCN: Menos preocupante **LC**CITES: Não consta **NC**

Espécie sem dimorfismo sexual

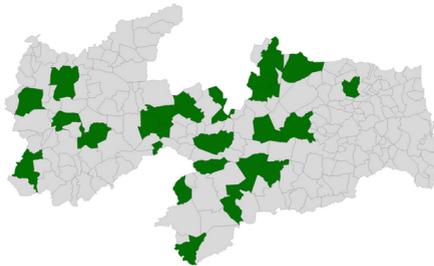


Foto: André Adeodato (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Tem diversos significados e usos entre populações locais. É apreciada como alimento e empregada em práticas medicinais tradicionais. Crenças populares atribuem às penas propriedades curativas para otite e eficácia em infusões contra picadas de serpente. Também se acredita que guardar uma pena em casa ajuda bebês a aprender a andar mais rápido.



Sua vocalização é tradicionalmente interpretada como sinal de chuvas iminentes, atribuindo-lhe valor simbólico entre comunidades rurais. A espécie também é mantida como animal de estimação e ocasionalmente comercializada em feiras populares, o que reforça seu papel multifuncional nas relações entre humanos e fauna silvestre.

ESPANTA-BOIADA, CODORNA-AMARELA

Nothura maculosa (Temminck, 1815)

Características: Mede cerca de 27 cm de comprimento. Apresenta hábitos terrestres e alimentação generalista, composta por sementes, folhas, frutos, raízes e pequenos artrópodes capturados no solo. Trata-se de uma espécie residente, tipicamente associada a ambientes abertos, como pastagens, campos agrícolas e áreas com vegetação rala, demonstrando ampla tolerância a paisagens antropizadas. Amplamente distribuída na América do Sul, com ocorrência confirmada na Argentina, Uruguai, Paraguai e em grande parte do território brasileiro.

Espécie com
dimorfismo sexual

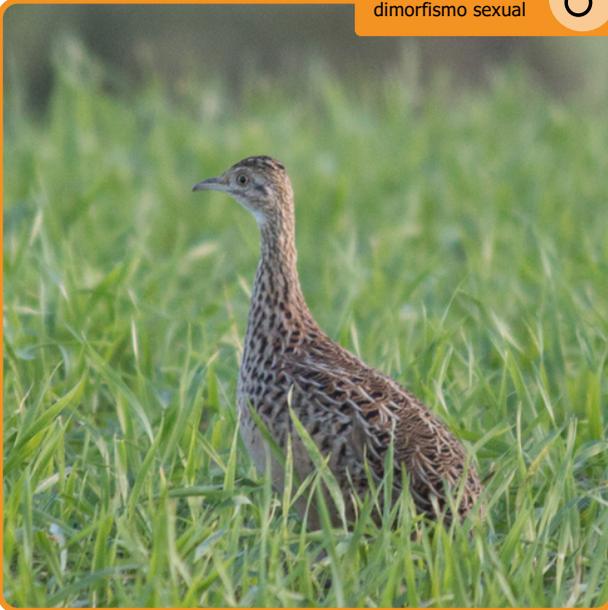


Foto: Fernando Sessegolo (via iNaturalist, CC0 1.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante

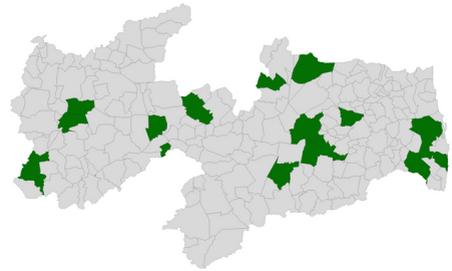
LC

IUCN: Menos preocupante

LC

CITES: Não consta

NC



Nota etnozoológica



A espécie possui grande valor cultural e utilitário entre comunidades locais, que a reconhecem como uma importante fonte de proteína e lhe atribuem propriedades terapêuticas, tanto à carne quanto a outras partes do corpo, sendo também recorrente no comércio ilegal de fauna silvestre.

PERDIZ, NAMBU-APÊ*Rhynchotus rufescens* (Temminck, 1815)

Características: Mede cerca de 43 cm de comprimento. Trata-se de uma espécie residente, tipicamente associada a ambientes abertos, úmidos e com vegetação baixa, como cerrados, campos naturais e pastagens. Apresenta dieta onívora e oportunista, composta por sementes, folhas, frutos, raízes, artrópodes e, ocasionalmente, pequenos vertebrados, todos obtidos diretamente do solo. Tem ampla distribuição na América do Sul, incluindo Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e grande parte do território brasileiro. No Brasil, ocorre desde a Paraíba até o Rio Grande do Sul, incluindo também os estados de Alagoas, Minas Gerais, sul de Goiás e Mato Grosso.

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante



IUCN: Menos preocupante



CITES: Não consta



Espécie sem dimorfismo sexual



Foto: Antonino Gonçalves Medina (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Nota etnozoológica

Amplamente caçada para consumo alimentar, sendo sua carne apreciada por comunidades rurais. No âmbito da medicina tradicional, são atribuídas propriedades terapêuticas às suas penas, as quais seriam utilizadas em casos de picadas de serpentes e no tratamento de sintomas de asma. A ave também é mantida como animal de estimação e comercializada de forma ilegal em feiras e mercados. Em algumas culturas locais, sua vocalização é interpretada como prenúncio de chuvas, atribuindo-lhe um valor simbólico.

PERUA-CHOCA, SURUCUÁ, SURUCUÁ-DE-BARRIGA-VERMELHA

Trogon curucui Linnaeus, 1766

Características: Mede cerca de 25 cm de comprimento. Apresenta dimorfismo sexual evidente: os machos possuem cabeça azul, dorso verde metálico, pálpebras amarelas e cauda preta com faixas longitudinais brancas, enquanto as fêmeas exibem coloração cinzenta na cabeça e no pescoço, com cauda e ventre de padrões e cores mais discretos. Trata-se de uma ave residente, fortemente associada a ambientes florestais bem preservados ou em regeneração, ocupando preferencialmente o dossel e o sub-bosque. Alimenta-se principalmente de frutos e artrópodes, capturados em voos curtos ou diretamente da vegetação. A espécie é amplamente distribuída no Brasil, com ocorrência confirmada nos estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Sergipe e Tocantins, estando presente principalmente em áreas florestadas do Cerrado, Caatinga e Amazônia.

Espécie com dimorfismo sexual



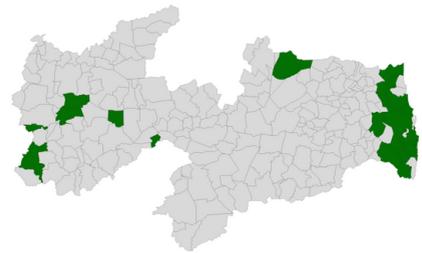
Foto: victor_asa (via iNaturalist, CC BY-NC 4.0)

Estado de conservação

Brasil: Menos preocupante **LC**

IUCN: Menos preocupante **LC**

CITES: Não consta **NC**



Nota etnozoológica



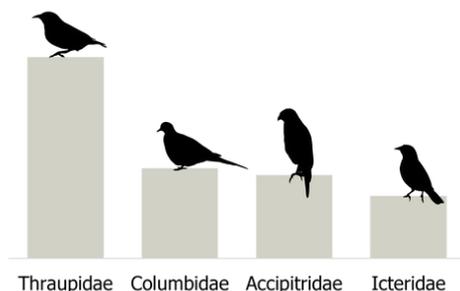
Ocasionalmente capturada e mantida como ave de estimação em comunidades rurais, sendo valorizada por sua plumagem vistosa e vocalização distinta. Também é comercializada ilegalmente em feiras livres e mercados informais, embora com menor frequência do que espécies canoras.

Aves de importância etnozoológica da Paraíba

Foram registradas interações etnozoológicas com 181 espécies de aves, o que representa cerca de 43% das 419 espécies conhecidas para o estado. Essas espécies pertencem a 26 ordens e 50 famílias, sendo Thraupidae, Columbidae, Accipitridae e Icteridae as famílias mais frequentes nos registros. No que se refere ao estado de conservação, quatro dessas espécies são consideradas ameaçadas internacionalmente pela IUCN (todas na categoria Vulnerável), enquanto seis apresentam status de ameaça em nível nacional pelo MMA, classificadas como Vulnerável ou Criticamente Ameaçada. As interações envolveram múltiplas finalidades, incluindo uso alimentar, medicinal (na medicina tradicional), confecção de artesanato, práticas mágico-religiosas, situações de conflito, manutenção como animais de estimação (pet) e comércio. O uso mais comum registrado foi como animais de estimação.



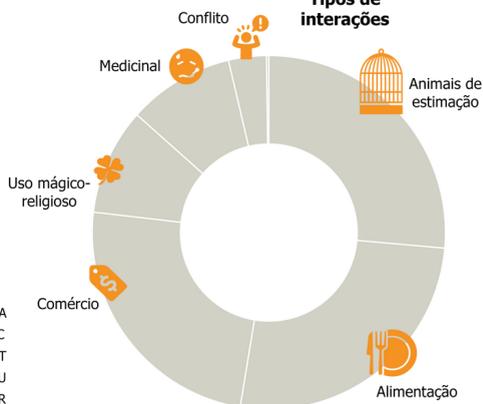
Famílias mais representativas



Estado de conservação



Tipos de interações



Exemplos de interações com aves



Aves sendo mantidas como animais de estimação: (A) asa-branca (*Patagioenas picazuro*); (B) gangarra (*Eupsittula cactorum*); (C) concriz (*Icterus jamaicai*); (D) canário (*Sicalis flaveola*); (E) galo-de-campina (*Paroaria dominicana*); e (F) asa-branca (*P. picazuro*). Aves abatidas para fins alimentares: (G) lambu-pé-vermelho (*Crypturellus parvirostris*); e (H) na sequência, rolinha-azul (*Claravis pretiosa*), juruti (*Leptotila verreauxi*) e ribaçã (*Zenaida auriculata*). Fotos: (A), (B), (C), (D) e (E) Dandara M. M. Bezerra; (F), (G) e (H) Guilherme O. Campos.

Abreviações

ANA - Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico

AACADE - Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba

CITES - Convenção sobre Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção (do inglês, Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora)

cm - centímetros

CR - Criticamente Ameaçada, categoria de ameaça (do inglês, Critically Endangered)

DD - Dados Insuficientes, categoria de ameaça (do inglês, Data Deficient)

EN - Em Perigo, categoria de ameaça (do inglês, Endangered)

g - gramas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IUCN - União Internacional para a Conservação da Natureza (do inglês, International Union for Conservation of Nature)

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

LC - Menos Preocupante, categoria de ameaça (do inglês, Least Concern)

MMA - Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima

m - metros

NA - Não Avaliada (espécie não avaliada pela IUCN)

NC - Não Consta (espécie não consta nos Apêndices da CITES)

NT - Quase Ameaçada, categoria de ameaça (do inglês, Near Threatened)

VU - Vulnerável, categoria de ameaça (do inglês, Vulnerable)

Bibliografia consultada

- Agência Nacional de Águas - ANA. (2017). Atlas da irrigação: Uso da água na agricultura irrigada. Disponível em: <https://www.gov.br/ana>.
- Alves, M. M., Lopes, S. F., & Alves, R. R. N. (2016). Wild vertebrates kept as pets in the semiarid region of Brazil. *Tropical Conservation Science*, 9: 354-368.
- Alves, R. R. N. (2009). Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5: 1-11.
- Alves, R. R. N. (2012). Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation. *Ethnobiology and Conservation*, 1: 1-69.
- Alves, R. R. N., & Pereira-Filho, G. A. (2007). Commercialization and use of snakes in North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management. *Biodiversity and Conservation*, 16: 969-985.
- Alves, R. R. N., Pereira-Filho, G. A., & Lima, Y. C. C. (2007). Snakes used in ethnomedicine in Northeast Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 9: 455-464.
- Alves, R. R. N., & Rosa, I. L. (2006). From cnidarians to mammals: The use of animals as remedies in fishing communities in NE Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, 107: 259-276.
- Alves, R. R. N., & Rosa, I. L. (2007). Zootherapeutic practices among fishing communities in North and Northeast Brazil: A comparison. *Journal of Ethnopharmacology*, 111: 82-103.
- Alves, R. R. N., & Rosa, I. L. (2007). Zotherapy goes to town: The use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, 113: 541-555.
- Alves, R. R. N., & Rosa, I. L. (2010). Trade of animals used in Brazilian traditional medicine: trends and implications for conservation. *Human Ecology*, 38: 691-704.
- Alves, R. R. N., Rosa, I. L., & Santana, G. G. (2007). The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. *BioScience*, 57: 949-955.
- Alves, R. R. N., Lima, H. N., Tavares, M. C., Souto, W. M., Barboza, R. R., & Vasconcellos, A. (2008). Animal-based remedies as complementary medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil. *BMC Complementary and Alternative Medicine*, 8: 1-9.
- Alves, R. R. N., Soares, T. C., & Mourão, J. D. S. (2008). Uso de animais medicinais na comunidade de Bom Sucesso, Soledade, Paraíba. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, 8: 142-147.

- Alves, R. R. N., Mendonça, L. E., Confessor, M. V., Vieira, W. L., & Lopez, L. C. (2009). Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5: 1-16.
- Alves, R. R. N., Santana, G., Almeida, W., Neto, N. L., & Vieira, W. (2009). Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. *Applied Herpetology*, 6: 257-274.
- Alves, R. R. N., Nogueira, E. E., Araujo, H. F., & Brooks, S. E. (2010). Bird-keeping in the Caatinga, NE Brazil. *Human Ecology*, 38: 147-156.
- Alves, R. R. N., Pereira-Filho, G. A., Vieira, K. S., Santana, G. G., Vieira, W. L. S., & Almeida, W. O. (2010). Répteis e as populações humanas no Brasil: uma abordagem etnoherpetológica. In Alves, R. R. N., Souto, W. M. S., Mourão, J. S. (eds) *A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas futuras*. Recife: NUPEEA. pp. 121-146.
- Alves, R. R. N., Oliveira, M. G. G., Barboza, R. R. D., & Lopez, L. C. S. (2010). An ethnozoological survey of medicinal animals commercialized in the markets of Campina Grande, NE Brazil. *Human Ecology Review*, 11-17.
- Alves, R. R. N., & Souto, W. M. S. (2011). Ethnzoology in Brazil: Current status and perspectives. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 7: 1–18.
- Alves, R. R. N., Vieira, W. L. S., Santana, G. G. (2011). Reptiles used in traditional folk medicine: Conservation implications. *Biodiversity and Conservation*, 20: 1011–1021.
- Alves, R. R. N., Barbosa, J. A., Santos, S. L., Souto, W. M., & Barboza, R. R. (2011). Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*, 2011: 179876.
- Alves, R. R. N., Rosa, I. L., Léo-Neto, N. A., & Voeks, R. (2012). Animals for the gods: Magical and religious faunal use and trade in Brazil. *Human Ecology*, 40: 751–780.
- Alves, R. R. N., Gonçalves, M. B. R., & Vieira, W. L. S. (2012). Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. *Tropical Conservation Science*, 5: 394-416.
- Alves, R. R. N., Vieira, K. S., Santana, G. G., Vieira, W. L. S., Almeida, W. O., Souto, W. M. S., & Pezzuti, J. C. B. (2012). A review on human attitudes towards reptiles in Brazil. *Environmental Monitoring and Assessment*, 184: 6877-6901.
- Alves, R. R. N., Vieira, W. L. S., Santana, G. G. (2012). The role of animal symbolism in human culture: A review. *Ethnobiology and Conservation*, 1: 1–27.
- Alves, R. R. N., Neta, R. O. D. S., Trovão, D. M. M. B., Barbosa, J. E. D. L., Barros, A. T., & Dias, T. L. P. (2012). Traditional uses of medicinal animals in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 8: 1-7.
- Alves, R. R. N., Leite, R. C. L., Souto, W. M. S., Bezerra, D. M., & Loures-Ribeiro, A. (2013). Ethno-ornithology and conservation of wild birds in the semi-arid Caatinga of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 9: 1-12.

- Alves, R. R. N., & Souto, W. M. S. (2015). Ethnozoology: A Brief Introduction. In: Alves, R.R.N.; Albuquerque, U.P. (eds). Ethnozoology: Animals in Our Lives. Academic Press, p. 1–9.
- Alves, R. R. N., Feijó, A., Barboza, R. R. D., Souto, W. M. S., Fernandes-Ferreira, H., Cordeiro-Estrela, P., & Langguth, A. (2016). Game mammals of Caatinga biome. *Ethnobiology and Conservation*, 5: 1–51.
- Alves, R. R. N., Melo, M. D. F., Ferreira, F. S., Trovão, D. M. D. B. M., Dias, T. L. P., Oliveira, J. V., & Barboza, R. R. D. (2016). Healing with animals in a semiarid northeastern area of Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 18: 1733-1747.
- Alves, R. R. N., Policarpo, I. S., Barboza, R. R. D., & Araújo, H. F. P. (2017). Perception and use of biodiversity in the vicinity of an urban conservation area, North eastern Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 16: 44-50.
- Alves, R. R. N., Vieira, W. L. S., & Santana, G. G. (2018). Relevance of local ecological knowledge in species conservation. In: Alves, R. R. N., Albuquerque, U. P. (eds). *Ethnozoology: Animals in Our Lives*. Academic Press, p. 335–352.
- Alves, R. R. N., Mendonça, L. E. T., Vieira, W. L. S., & Souto, W. M. S. (2021). Ethnozoology in Brazil: Retrospective, advances and challenges. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 17: 1–18.
- Alves, R. R. N., Barbosa, J. A. A., & Borges, A. K. M. (2023). Hunting and Uses of terrestrial vertebrates in the northernmost region in the Atlantic Forest in Brazil. In: Pereira-Filho, G. A. et al. (eds.), *Animal Biodiversity and Conservation in Brazil's Northern Atlantic Forest*. Cham: Springer International Publishing, pp. 257–273.
- Araujo, H., Lima, M. C., Zanetti, T. N., Marinho, M. F. A., & Soares, J. B. N. (2025). Aves da Paraíba, Brasil (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/VBNQ7C>.
- Arzabe, C., Skuk, G., Santana, G. G., Delfim, F. R., Lima, Y. C. C., & Abrantes, S. H. F. (2005). Herpetofauna da área do Curimataú, Paraíba. In: Ministério do Meio Ambiente (Org.), *Análise das variações da biodiversidade do Bioma Caatinga: Suporte a estratégias regionais de conservação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, pp. 264-280.
- Barbosa, J. A. A., & Alves, R. R. N. (2010). " Um chá de que?"-Animais Utilizados no Preparo tradicional de Bebidas Medicinais no Agreste Paraibano. *BioFar*, 4: 1-12.
- Barbosa, J. A. A. (2019). Práticas cinegéticas em unidades de conservação da floresta atlântica no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. Tese de doutorado, Universidade Federal de Campina Grande.
- Barbosa, J. A. A., Nobrega, V. A., & Alves, R. R. N. (2010). Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido paraibano. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 10: 39-49.

- Barbosa, J. A. A., Nobrega, V. A., & Alves, R. R. N. (2011). Hunting practices in the semiarid region of Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 10: 486-490.
- Barbosa, J. A. A., Aguiar, J. O., & Alves, R. R. N. (2018). Medicinal use of animals by hunters in North eastern Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 17: 485-493.
- Barros, K. V. S., Lima, R. P., & Oliveira, S. A. (2011). Diagnóstico ambiental da zona costeira da Paraíba. *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca*, 6: 39–55.
- Begossi, A. (1992) Food taboos at Búzios Island (SE Brazil): their significance and relation to folk medicine. *Journal of Ethnobiology*, 12: 117-139.
- Barboza, R. R. D. (2013). Práticas cinegéticas e usos tradicionais da mastofauna por povos do semiárido nordestino. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba.
- Barboza, R. R. D., Mourão, J. S., Souto, W. M., & Alves, R. R. N. (2011). Knowledge and strategies of armadillo (*Dasyus novemcinctus* L. 1758 and *Euphractus sexcinctus* L. 1758) hunters in the "Sertão Paraibano", Paraíba State, NE Brazil. *Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability*, 5: 1-7.
- Barboza, R. R. D., Lopes, S. F., Souto, W. M., Fernandes-Ferreira, H., & Alves, R. R. N. (2016). The role of game mammals as bushmeat in the Caatinga, northeast Brazil. *Ecology and Society*, 21:2.
- Begossi, A., Hanazaki, N., & Ramos, R. M. (2004). Food chain and the reasons for fish food taboos among Amazonian and Atlantic Forest fishers (Brazil). *Ecological Applications*, 14: 1334-1343.
- Berkes, F., Colding, J., & Folke, C. (2000). Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. *Ecological Applications*, 10: 1251–1262.
- Berkes, F. (2004). Rethinking community-based conservation. *Conservation Biology*, 18: 621–630.
- Berkes, F. (2017). *Sacred ecology*. Routledge.
- Bezerra, D. M. M., Araujo, H. F. P., & Alves, R. R. N. (2020). Understanding the use of wild birds in a priority conservation area of Caatinga, a Brazilian tropical dry forest. *Environment, Development and Sustainability*, 22: 5297-5316.
- Borges, A. K. M., Ribeiro, B. D. P., & Alves, R. R. N. (2023). Hunting, capture, and wildlife use by communities in a semi-arid region of Northeastern Brazil. *Human Dimensions of Wildlife*, 28: 187-197.
- Cascon, P., & Langguth, A. (2016). Composition, reproduction and ecological aspects of a Caatinga anurofauna in Paraíba State, Brazil. *Revista Nordestina de Biologia*, 24: 23–66.
- Castro, C. B., & Hatje, V. (2008). Biodiversidade dos recifes de coral do Brasil. In: Pereira, R. C., Soares-Gomes, A. (eds.), *Biologia Marinha*. Rio de Janeiro: Interciência, pp. 263–282.

CITES - Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. (2025). Appendices. Disponível em: <https://cites.org/eng/app/appendices.php>.

Confessor, M. V., Mendonça, L. E., Mourão, J. S., & Alves, R. R. N. (2009). Animals to heal animals: ethnoveterinary practices in semiarid region, Northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5: 1-9.

Costa, T. B., Reis, A. B. M., Marques, G. C. R., Vieira, W. L. S., Delfim, F. R., Pereira-Filho, G. A., França, F. G. R., Garda, A. A., Vieira, G. H. C., & Mesquita, D. O. (2025). Biodiversidade de tartarugas e jacarés da Paraíba, Brasil (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/QRAQCW>.

Costa-Neto, E. M. (1999). Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, 65: 225-230.

Dalapicolla, J., Cordeiro-Estrela, P., & Rocha, P. A. (2025). Biodiversidade de Mamíferos de Paraíba (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.71650/DATAPB/KYFSJN>.

Day Jr, J. W., Yáñez-Arancibia, A., Kemp, W. M., & Crump, B. C. (2012). *Estuarine Ecology*. New York: John Wiley & Sons, 1989.

Diegues, A. C. S. A. (1994). *Mito moderno da natureza intocada*. Nupaub: São Paulo.

Domingos, A. T. S. (2014). Levantamento do conhecimento etnoherpetológico e da herpetofauna na região de Pombal, Baixo Sertão da Paraíba. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Campina Grande.

Facure, K. G., & Monteiro-Filho, E. A. (1996). Feeding habits of the crab-eating fox, *Cerdocyon thous* (Carnivora, Canidae), in a suburban area of southeastern Brazil. *Mammalia* (Paris), 60: 147-149.

Farias, G. B., Alves, Â. G. C., & Marques, J. G. W. (2010). Mythological relations between the "Lavandeira" birds *Fluvicola nengeta* and *Motacilla alba* in Northeast Brazil and Northwest Spain: Possible cultural implications for conservation. *Journal of Ethnobiology*, 30: 240–251.

Feijó, A., & Langguth, A. (2013). Mamíferos de médio e grande porte do Nordeste do Brasil: distribuição e taxonomia, com descrição de novas espécies. *Revista Nordestina de Biologia*, 22:3-225.

Fernandes-Ferreira, H. (2014) *a caça no Brasil: Panorama histórico e atual*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba.

Ferreira, F. S., Brito, S. V., Ribeiro, S. C., Almeida, W. O., & Alves, R. R. N. (2009). Zootherapeutics utilized by residents of the community Poco Dantas, Crato-CE, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5: 1-10.

Ferreira, F. S., Brito, S. V., Ribeiro, S. C., Saraiva, A. A., Almeida, W. O., & Alves, R. R. N. (2009). Animal-based folk remedies sold in public markets in Crato and Juazeiro do Norte, Ceará, Brazil. *BMC Complementary and Alternative Medicine*, 9: 1-8.

Ferreira, F. S., Silva, N. L., Matias, E. F., Brito, S. V., Oliveira, F. G., Costa, J. G., ... & Alves, R. R. N. (2011). Potentiation of aminoglycoside antibiotic activity using the body fat from the snake *Boa constrictor*. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 21: 503-509.

Ferreira, F. S., Fernandes-Ferreira, H., Leo Neto, N. A., Brito, S. V., & Alves, R. R. N. (2013). The trade of medicinal animals in Brazil: current status and perspectives. *Biodiversity and Conservation*, 22: 839-870.

Fonseca, G. A. B., Herrman, G., Leite, Y. L. R., Mittermeier, R. A. M., Rylands, A. B., & Patton, J. L. (1996). Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology*, Conservation International/Fundação Biodiversitas, Washington, DC.

Fonseca, G. A., & Robinson, J. G. (1990). Forest size and structure: competitive and predatory effects on small mammal communities. *Biological Conservation*, 53: 265-294.

França, F. G. R., Barbosa, V. N., Costa, T. B., Chaves, M. F., Delfim, F. R., França, R. C., Kokubum, M. N. de C., Mesquita, D. O., Lourenço de Moraes, R., Sousa, J. D., Vieira, G. M. B., Vieira, G. H. C., Vieira, W. L. S., Zaher, H. E. D., & Pereira Filho, G. A. (2027). Biodiversidade de serpentes da Paraíba, Brasil (V2). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/5M8T02>.

Frost, D. R. (2024). *Amphibian Species of the World: an Online Reference (Version 6.2)*. American Museum of Natural History. Disponível em: <https://amphibiansoftheworld.amnh.org/index.phphttps://doi.org/10.5531/db.vz.0001>.

Grantsau, R. (2010). *Guia completo para identificação das aves do Brasil (Vol. 1)*. São Carlos: Vento Verde.

Grantsau, R. (2010). *Guia completo para identificação das aves do Brasil (Vol. 2)*. São Carlos: Vento Verde.

Guerra, A. T., & Guerra, A. J. T. (2011). *Novo dicionário geológico-geomorfológico (9ª ed.)*. Bertrand Brasil.

Haddad, C. F. B., Toledo, L. F., Prado, C. P. A., Loebmann, D., Gasparini, J. L., & Sazima, I. (2013). *Guia dos anfíbios da Mata Atlântica: Diversidade e Biologia*. Anolisbooks.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2022: Resultados Preliminares*. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2025). *Cidades e Estados: Paraíba*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/>.

IUCN - International Union for Conservation of Nature. (2025). *The IUCN Red List of Threatened Species*. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org>.

Jorge, J. S., Sales, R. F. D., Kokubum, M. N. C., & Freire, E. M. X. (2015). On the natural history of the Caatinga Horned Frog, *Ceratophrys joazeirensis* (Anura: Ceratophryidae), a poorly known species of northeastern Brazil. *Phyllomedusa*, 14: 147–156.

- Leal, I. R., Silva, J. D., Tabarelli, M., & Lacher Jr, T. E. (2005). Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil. *Megadiversidade*, 1:139-146.
- Leite-Filho, E., Vieira, W. L. S., Santana, G. G., Eloi, F. J., & Mesquita, D. O. (2015). Structure of a Caatinga anuran assemblage in Northeastern Brazil. *Neotropical Biology and Conservation*, 10: 63–73.
- Léo-Neto, N. A., Brooks, S. E., & Alves, R. R. N. (2009). From Eshu to Obatala: Animals used in sacrificial rituals at Candomblé "terreiros" in Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 5: 23.
- Licario, M. R., Bezerra, D. M., & Alves, R. R. N. (2013). Wild birds as pets in Campina Grande, Paraíba State, Brazil: an ethnozoological approach. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 85: 201-213.
- Lima, R. P., Oliveira, S. A., Costa, A. F., & Silva, J. R. (2012). O peixe-boi marinho (*Trichechus manatus*) na APA da Barra do Rio Mamanguape, PB: Distribuição e ameaças. *Revista Biotemas*, 25: 123–130.
- Lima, J. R. F., Silva, R. D., Nascimento, E. B., & Oliveira, A. L. (2016). Impactos ambientais em corpos hídricos da Paraíba. *Revista Brasileira de Geografia Física*, 9: 297–312.
- Maia, L. P., Cavalcante, M. D., & Miranda, P. T. C. (2006). Zoneamento ecológico-econômico da zona costeira do Nordeste: Diagnóstico da faixa litorânea da Paraíba (Relatório Técnico). UFC/PRODEMA.
- Maciel, N. M., Kokubum, M. N. C., Braga, P. H. P., Queiróz-Júnior, A. T., & Matsushita, R. H. (2013). Distribution extension, new state record and geographic distribution map of *Ceratophrys joazeirensis* Mercadal, 1986 (Anura: Ceratophryidae). *Herpetology Notes*, 6: 447–450.
- Marinho, M. F. A. (2014). Aves da Paraíba: Uma revisão de informações históricas e atuais Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal da Paraíba.
- Marques, J. G. W. (1995). Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano. São Paulo, BR: NUPAUB-USP.
- Marques, J. G. W., & Guerreiro, W. (2007). Répteis em uma Feira Nordestina (Feira de Santana, Bahia). *Contextualização Progressiva e Análise Conexivo-Tipológica*. *Sientibus Série Ciências Biológicas*, 7: 289-295.
- Melo, F. P., Siqueira, J. A., Santos, B. A., Álvares-da-Silva, O., Ceballos, G., & Bernard, E. (2014a). Football and biodiversity conservation: FIFA and Brazil can still hit a green goal. *Biotropica*, 46: 257-259.
- Melo, R. S., da Silva, O. C., Souto, A., Alves, R. R. N., & Schiel, N. (2014b). The role of mammals in local communities living in conservation areas in the Northeast of Brazil: an ethnozoological approach. *Tropical Conservation Science*, 7: 423-439.

Mena, P. V., Stallings, J. R., Regalado, J. B., Cueva, R. L. (2000). the sustainability of current hunting practices by the huaorani. In: Robinson, J. G., Bennett, E. (eds) Hunting for sustainability in Tropical Forests. Columbia University Press, New York, USA, pp. 57-78.

Mendonça, L. E. T., Souto, C. M., Andreino, L. L., Souto, W. D. M. S., Vieira, W. L. S., & Alves, R. R. N. (2011). Conflitos entre pessoas e animais silvestres no semiárido paraibano e suas implicações para conservação. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, 11: 185-199.

Mendonça, L. E. T., Vieira, W. L. S., & Alves, R. R. N. (2014). Caatinga Ethnoherpetology: relationships between herpetofauna and people in a semiarid region. *Amphibian and Reptile Conserv*, 8: 24-32.

Mendonça, L. E., Vasconcellos, A., Souto, C. M., Oliveira, T. P., & Alves, R. R. N. (2016). Bushmeat consumption and its implications for wildlife conservation in the semi-arid region of Brazil. *Regional Environmental Change*, 16: 1649-1657.

Mercadal, I. T. (1986). *Ceratophrys joazeirensis* sp. n. (Ceratophryidae, Anura) del noreste de Brasil. *Amphibia-Reptilia*, 7: 313-334.

Mesquita, D. O., Alves, B. C., Pedro, C. K., Laranjeiras, D. O., Caldas, F. L., Pedrosa, I. M. M. C., ... & França, F. G. (2018). Herpetofauna in two habitat types (tabuleiros and Stational Semidecidual Forest) in the Reserva Biológica Guaribas, northeastern Brazil. *Herpetology*, 11: 455-474.

Ministério do Meio Ambiente e Mudança Climática. (2022). Portaria nº 148/MMA: Altera os anexos das Portarias MMA nº 443, 444 e 445/2014 e atualiza as espécies ameaçadas de extinção. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mma-n-148-de-7-de-junho-de-2022-406272733>.

Moura, F. D. B. P., & Marques, J. G. W. (2008). Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 13: 2179-2188.

Moura, R. L., Barbosa, J. M. D., Silva, T. T., & Lima, R. P. (2014). Diversidade de peixes em riachos da bacia do Rio Paraíba. *Biotemas*, 27(3): 93-101.

Nascimento, R. L. X., Souza, C. C., Grassi, G., & Oliveira, M. A. N. (2022). Caderno de caracterização: Estado da Paraíba (129 p.). Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba - Codevasf. Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/biblioteca-geral-do-rocha/publicacoes>.

Nóbrega, A. F., & Alves, J. Paraíba é sinônimo de terra indígena. A União. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/paraiba-e-sinonimo-de-terra-indigena.

Oliveira, F. F., & Langguth, A. (2004). Pequenos mamíferos (Didelphimorphia e Rodentia) de Paraíba e Pernambuco, Brasil. *Revista Nordestina de Biologia*, 18:19-85.

Oliveira, W. S. L., Luna, M. S. O., Souto, W. M. S., & Alves, R. R. N. (2016). Interactions between people and game mammals in a Brazilian semi-arid area. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 16: 221-228.

Oliveira, W. S. L., Lopes, S. F., & Alves, R. R. N. (2018). Understanding the motivations for keeping wild birds in the semi-arid region of Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 14: 1-14.

Oliveira, W. S. L., Borges, A. K. M., Lopes, S. F., Vasconcellos, A., & Alves, R. R. N. (2020). Illegal trade of songbirds: an analysis of the activity in an area of northeast Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 16: 1-14.

Pacheco, J. F., Silveira, L. F., Aleixo, A., Agne, C. E., Bencke, G. A., Bravo, G. A., Brito, G. R. R., Cohn-Haft, M., Maurício, G. N., Naka, L. N., Olmos, F., Posso, S., Lees, A. C., Figueiredo, L. F. A., Carrano, E., Guedes, R. C., Cesari, E., Franz, I., Schunck, F., & Piacentini, V. Q. (2021). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee – Second edition. *Ornithology Research*, 29: 94-105.

Palmeira, F. B. L., & Barrella, W. (2007). Conflitos causados pela predação de rebanhos domésticos por grandes felinos em comunidades quilombolas na Mata atlântica. *Biota Neotropica* 7:119-128.

Pereira, L. C. C., Souza, A. F., Silva, M. N., & Gomes, V. F. (2010). Dinâmica e conservação das dunas costeiras do litoral paraibano. *Revista GeoNordeste*, 21(1), 73–88.

Perrin, W. F., Wursig, B., & Thewissen, J. G. M. (2008). *Encyclopedia of marine mammals*. Academic Press, San Diego.

Pessoa, T. S. A., Carvalho-Neto, E., & Dias-Terceiro, R. G. (2012). Análise da composição de anfíbios anuros na Fazenda Juno, em Cabaceiras, Paraíba. *BioFar – Revista de Biologia e Farmácia*, 8: 21–27.

Policarpo, I. S., Barboza, R. R. D., Borges, A. K. M., & Alves, R. R. N. (2019). Mammalian fauna used in folk medicine among hunters in a semiarid region of Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 21: 1533-1542.

Primack, R. B., & Rodrigues, E. (2001). *Biologia da conservação*. Editora PLANTA.

Reis, A. B. M., Alves, N. A. F., Costa, T. B., Delfim, F. R., Pereira Filho, G. A., França, F. G. R., Garda, A. A., Kokubum, M. N. de C., Sousa, J. D., Vieira, G. H. C., Vieira, W. L. S., & Mesquita, D. O. (2025). Biodiversidade de lagartos e anfisbenas da Paraíba, Brasil (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/9HITWL>.

Renctas. (2001). 1º relatório nacional sobre o tráfico de fauna silvestre. Brasília.

Rocha, M. D. S. P., Cavalcanti, P. C. M., Sousa, R. L., Alves, R. R. N. (2006). Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 6: 204-221.

Ross, J. L. S. (2011). Relevo brasileiro: Uma nova proposta de classificação. *Revista do Departamento de Geografia*, 4: 25–39.

Rossi, R. V., Bianconi, G. V., & Pedro, W. A. (2006). Ordem Didelphimorphia. In: Reis, N. R., Peracchi, A. L., Pedro, W.A., Lima, I.P. (eds) *Mamíferos do Brasil*. 1 ed. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil, pp. 27-66.

Santana, G. G., Vieira, W. L., Pereira-Filho, G. A., Delfim, F. R., Lima, Y. C., & Vieira, K. S. (2008). Herpetofauna em um fragmento de Floresta Atlântica no estado da Paraíba, Região Nordeste do Brasil. *Biotemas*, 21: 75–84.

Santana, D. O., Faria, R. G., Caldas, F. L. S., & Carvalho, C. B. (2014). *Ceratophrys joazeirensis* Mercadal, 1986 (Anura: Ceratophryidae): New state record. *Check List*, 10: 386–387.

Santos, J. T. (2011). História natural de *Rhinella jimi* (Anura; Bufonidae): Uma espécie invasora em Fernando de Noronha. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia.

Santos, E. J., Ferreira, C. A., & Silva Júnior, J. M. F. (2002). Geologia e recursos minerais do Estado da Paraíba, CPRM, pp. 142.

Santos, R. A., & Almeida, M. W. B. (2011). Saberes e práticas tradicionais no uso da fauna. *Revista Ambiente & Sociedade*, 14: 25–44.

Santos, S. L., Alves, R. R. N., & Mendonça, L. E. T. (2018). Fauna silvestre utilizada em comunidades rurais no semiárido paraibano. *Biodiversidade Brasileira*, 8: 149-162.

Santos, S. D. S., Soares, H. K. L., Soares, V. M. S., & Lucena, R. F. P. (2019). Traditional knowledge and use of mammals in a rural community in the Sertaneja Depression (Paraíba State, Northeast Brazil). *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 18: 94-103.

Santos, S. L., De la Fuente, M. F., & Alves, R. R. N. (2022). Patterns associated with hunting with dogs in a semiarid region of northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 18: 71.

Santos, C. P. D., Braga-Pereira, F., Borges, A. K. M., Van Vliet, N., & Alves, R. R. N. (2022). Consumption and preferences for wild and domestic meat in indigenous communities in the Brazilian Atlantic Forest. *Frontiers in Ecology and Evolution*, 10: 900398.

Santos, S. D. S., Soares, H. K. D. L., Soares, V. M. D. S., Lucena, C. M. D., & Lucena, R. F. P. D. (2023). Conhecimento de agricultores sobre aves em uma comunidade rural no Semiárido da Paraíba: Uma abordagem da etnoornitologia. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 10: 33–56.

Segalla, M. V., Berneck, B., Canedo, C., Caramaschi, U., Cruz, C. A. G., Garcia, P. C. A., ... & Langone, J. A. (2021). List of Brazilian Amphibians. *Herpetologia Brasileira*, 10: 121–216.

Simões, C. R. M. A. (2014). Estrutura da taxocenose e a partilha do nicho acústico entre anfíbios anuros em uma área de Floresta Atlântica. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba.

Soares, V. M. S., Soares, H. K. L., Santos, S. S., & Lucena, R. F. P. (2018). Local knowledge, use, and conservation of wild birds in the semi-arid region of Paraíba state, northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 14: 1-13.

Soares, H. K. L., Soares, V. M. S., Lopes, S. F., Lucena, R. F. P., & Barboza, R. R. D. (2020). Rearing and trade of wild birds in a semiarid region of Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 22: 4323-4339.

Sociedade Brasileira de Herpetologia - SBH. (2025). Disponível: <https://sbherpetologia.org.br>.

Souto, W. M. S. (2014). Atividades cinegéticas, usos locais e tradicionais da fauna por povos do semiárido paraibano. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba.

Souto, W. M., Mourao, J. S., Barboza, R. R., Mendonca, L. E., Lucena, R. F., Confessor, M. V., ... & Alves, R. R. N. (2011a). Medicinal animals used in ethnoveterinary practices of the 'Cariri Paraibano', NE Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, 7: 1-20.

Souto, W. M. S., Mourão, J. S., Barboza, R. R. D., & Alves, R. R. N. (2011b). Parallels between zootherapeutic practices in ethnoveterinary and human complementary medicine in northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*, 134: 753–767.

Souto, W., Barboza, R. R., Rocha, M. S., Alves, R., & Mourão, J. S. (2012). Animal-based medicines used in ethnoveterinary practices in the semi-arid region of Northeastern Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 84: 669-678.

Souto, W. M. S., Barboza, R. R. D., Mourão, J. D. S., & Alves, R. R. N. (2012). Traditional knowledge of sertanejos about zootherapeutic practices used in ethnoveterinary medicine of NE Brazil. *Indian Journal of Traditional Knowledge*, 11: 259-265.

Souza, J. B., & Alves, R. R. N. (2014). Hunting and wildlife use in an Atlantic Forest remnant of northeastern Brazil. *Tropical Conservation Science*, 7: 145-160.

Vaz-Silva, W., Maciel, N. M., Nomura, F., Morais, A. R. D., Batista, V. G., Santos, D. L., ... & Bastos, R. P. (2020). Guia de identificação das espécies de anfíbios (Anura e Gymnophiona) do estado de Goiás e do Distrito Federal, Brasil Central. Sociedade Brasileira de Zoologia.

Velásquez, V. M., Rosa, R. S., Capretz Batista da Silva, J. P., Marinho, M. M. F., Castro, A. L. C., & Raimundo, R. L. G. (2025). Coleção Ictiológica da Universidade Federal da Paraíba - CIUFPB (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/QL6VGJ>.

Vieira, W. L. S., Arzabe, C., & Santana, G. G. (2007). Composição e distribuição espaço-temporal de anuros no Cariri paraibano, Nordeste do Brasil. *Oecologia Brasiliensis*, 1: 383–396.

Vieira, W. L. S., Kokubum, M. N. C., Sousa, J. D., França, F. G. R., Pereira Filho, G. A., Delfim, F. R., Costa, T. B., Reis, A. B. M., Garda, A. A., Mesquita, D. O., Vieira, G. H. C., Herculano, L. V. M., & Vieira, K. S. (2025). Diversidade de anfíbios da Paraíba, nordeste do Brasil (V1). DATAPB. Disponível em: <https://doi.org/10.48472/DATAPB/40LR0S>.

Vizotto, L. D. (2003). Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices. In *Serpentes: lendas, mitos, superstições e crendices*. São Paulo: Plêiade.

Índice remissivo

Mamíferos

Ordem Artiodactyla - Família Cervidae

Subulo gouazoubira, 52

Ordem Artiodactyla - Família Delphinidae

Sotalia guianensis, 53

Ordem Artiodactyla - Família Tayassuidae

Dicotyles tajacu, 54

Ordem Carnivora - Família Felidae

Herpailurus yagouaroundi, 55

Leopardus pardalis, 56

Leopardus emiliae, 57

Leopardus wiedii, 58

Puma concolor, 59

Ordem Carnivora - Família Canidae

Cerdocyon thous, 60

Ordem Carnivora - Família Mephitidae

Conepatus amazonicus, 61

Ordem Carnivora - Família Mustelidae

Eira barbara, 62

Galictis cuja, 63

Lontra longicaudis, 64

Ordem Carnivora - Família Procyonidae

Nasua nasua, 65

Procyon cancrivorus, 66

Ordem Cingulata - Família Chlamyphoridae

Cabassous tatouay, 67

Euphractus sexcinctus, 68

Ordem Cingulata - Família Dasypodidae

Dasypus novemcinctus, 69

Ordem Chiroptera - Família

Phyllostomidae

Carollia perspicillata, 70

Ordem Didelphimorphia - Família

Didelphidae

Caluromys philander, 71

Didelphis albiventris, 72

Marmosa demerarae, 73

Marmosa murina, 74

Ordem Lagomorpha - Família Leporidae

Sylvilagus brasiliensis, 75

Ordem Pilosa - Família Bradypodidae

Bradypus variegatus, 76

Ordem Pilosa - Família Cyclopedidae

Cyclopes didactylus, 77

Ordem Pilosa - Família

Myrmecophagidae

Tamandua tetradactyla, 78

Ordem Primates - Família Atelidae

Alouatta belzebul, 79

Ordem Primates - Família Callitrichidae

Callithrix jacchus, 80

Ordem Primates - Família Cebidae

Sapajus flavius, 81

Sapajus libidinosus, 82

Ordem Rodentia - Família Caviidae

Galea spixii, 83

Hydrochoerus hydrochaeris, 84

Kerodon rupestris, 85

Ordem Rodentia - Família Cricetidae

Oecomys catherinae, 86

Wiedomys cerradensis, 87

Ordem Rodentia - Família Cuniculidae

Cuniculus paca, 88

Dasyprocta iacki, 89

Ordem Rodentia - Família Echimyidae

Thrichomys laurentius, 90

Ordem Rodentia - Família Erethizontidae

Coendou prehensilis, 91

Ordem Rodentia - Família Sciuridae

Guerlinguetus aestuan, 92

Ordem Sirenia - Família Trichechidae

Trichechus manatus, 93

Répteis

Ordem Crocodylia - Família Alligatoridae

Caiman latirostris, 98

Paleosuchus palpebrosus, 99

Ordem Squamata - Família
Amphisbaenidae

Amphisbaena alba, 100

Amphisbaena vermicularis, 101

Leposternon polystegum, 102

Ordem Squamata - Família Boidae

Boa constrictor, 103

Corallus hortulana, 104

Epicrates assisi, 105

Ordem Squamata - Família Colubridae

Drymarchon corais, 106

Leptophis dibernardoii, 107

Oxybelis aeneus, 108

Spilotes pullatus, 109

Tantilla melanocephala, 110

Ordem Squamata - Família Dipsadidae

Boiruna sertaneja, 111

Dipsas mikanii, 112

Erythrolamprus poecilogyrus, 113

Erythrolamprus viridis, 114

Leptodeira tarairiu, 115

Oxyrhopus trigeminus, 116

Philodryas nattereri, 117

Philodryas olfersii, 118

Pseudoboa nigra, 119

Xenodon merremii, 120

Ordem Squamata - Família Elapidae

Micrurus bonita, 121

Ordem Squamata - Família Viperidae

Crotalus durissus, 122

Bothrops erythromelas, 123

Ordem Squamata - Família Gekkonidae

Hemidactylus mabouia, 124

Ordem Squamata - Família Iguanidae

Iguana iguana, 125

Ordem Squamata - Família
Phyllodactylidae

Phyllopezus periosus, 126

Phyllopezus pollicaris, 127

Ordem Squamata - Família
Polychrotidae

Polychrus acutirostris, 128

Ordem Squamata - Família Teiidae

Ameiva ameiva, 129

Ameivula ocellifera, 130

Salvator merianae, 131

Ordem Squamata - Família Tropiduridae

Tropidurus hispidus, 132

Tropidurus semitaeniatus, 133

Ordem Testudines - Família Chelidae

Mesoclemmys tuberculata, 134

Phrynops geoffroanus, 135

Ordem Testudines - Família Cheloniidae

Caretta caretta, 136

Chelonia mydas, 137

Eretmochelys imbricata, 138

Lepidochelys olivacea, 139

Ordem Testudines - Família Kinosternidae

Kinosternon scorpioides, 140

Ordem Testudines - Família Testudinidae

Chelonoidis carbonaria, 141

Anfíbios

Ordem Anura - Família Bufonidae

Rhinella diptycha, 146

Ordem Anura - Família Ceratophryidae

Ceratophrys joazeirensis, 147

Ordem Anura - Família Hylidae

Boana albomarginata, 148

Dendropsophus minutus, 149

Ordem Anura - Família Leptodactylidae

Leptodactylus macrosternum, 150

Leptodactylus troglodytes, 151

Leptodactylus vastus, 152

Physalaemus cuvieri, 153

Ordem Anura - Família Phyllomedusidae

Pithecopus gonzagai, 154

Ordem Anura - Família Ranidae

Aquarana catesbeiana, 155

Lithobates palmipes, 156

Aves

Ordem Accipitriformes - Família Accipitridae

Accipiter bicolor, 160

Buteo albonotatus, 161

Buteo brachyurus, 162

Buteo nitidus, 163

Elanus leucurus, 164

Gampsonyx swainsonii, 165

Geranoaetus melanoleucus, 166

Ictinia plumbea, 167

Heterospizias meridionalis, 168

Rostrhamus sociabilis, 169

Rupornis magnirostris, 170

Urubitinga urubitinga, 171

Ordem Anseriformes - Família Anatidae

Amazonetta brasiliensis, 172

Anas bahamensis, 173

Cairina moschata, 174

Dendrocygna autumnalis, 175

Dendrocygna viduata, 176

Netta erythrophthalma, 177

Nomonyx dominicus, 178

Sarkidiornis sylvicola, 179

Ordem Apodiformes - Família Trochilidae

Chionomesa fimbriata, 180

Chlorostilbon lucidus, 181

Eupetomena macroura, 182

Florisuga fusca, 183

Ordem Caprimulgiformes - Família Caprimulgidae

Antrostomus rufus, 184

Chordeiles acutipennis, 185

Hydropsalis parvula, 186

Hydropsalis torquata, 187

Nyctidromus albicollis, 188

Nyctidromus hirundinaceus, 189

Ordem Cariamiformes - Família Cariamidae

Cariama cristata, 190

Ordem Cathartiformes - Família
Cathartidae

Cathartes aura, 191
Coragyps atratus, 192

Ordem Charadriiformes - Família
Charadriidae

Vanellus chilensis, 193

Ordem Charadriiformes - Família Jacanidae

Jacana jacana, 194

Ordem Charadriiformes - Família
Recurvirostridae

Himantopus mexicanus, 195

Ordem Columbiformes - Família
Columbidae

Claravis pretiosa, 196
Columbina minuta, 197
Columbina passerina, 198
Columbina picui, 199
Columbina squammata, 200
Columbina talpacoti, 201
Geotrygon montana, 202
Leptotila rufaxilla, 203
Leptotila verreauxi, 204
Patagioenas cayennensis, 205
Patagioenas picazuro, 206
Patagioenas speciosa, 207
Zenaida auriculata, 208

Ordem Coraciiformes - Família Alcedinidae

Chloroceryle amazona, 209
Megaceryle torquata, 210

Ordem Cuculiformes - Família Cuculidae

Coccyzus melacoryphus, 211
Crotophaga ani, 212
Crotophaga major, 213
Guira guira, 214
Micrococcyx cinereus, 215
Piaya cayana, 216
Tapera naevia, 217

Ordem Falconiformes - Família
Falconidae

Caracara plancus, 218
Falco femoralis, 219
Falco sparverius, 220
Herpetotheres cachinnans, 221
Micrastur ruficollis, 222

Ordem Galbuliformes - Família
Bucconidae

Nystalus maculatus, 223

Ordem Galliformes - Família Cracidae

Ortalis araucuan, 224
Penelope jacucaca, 225
Penelope supercilii, 226

Ordem Galliformes - Família
Odontophoridae

*Odontophorus capueira
plumbeicollis*, 227

Ordem Gruiformes - Família Aramididae

Aramus guarauna, 228

Ordem Gruiformes - Família Rallidae

Aramides cajaneus, 229
Gallinula galeata, 230
Neocrex erythrops, 231
Porphyrio martinica, 232

Ordem Nyctibiiformes - Família Nyctibiidae

Nyctibius griseus, 233

Ordem Passeriformes - Família
Cardinalidae

Cyanoloxia brissonii, 234

Ordem Passeriformes - Família Corvidae

Cyanocorax cyanopogon, 235

Ordem Passeriformes - Família
Fringillidae

Euphonia chlorotica, 236
Euphonia violacea, 237
Spinus yarrellii, 238

Ordem Passeriformes - Família Furnariidae

Furnarius leucopus, 239
Pseudoseisura cristata, 240

Ordem Passeriformes - Família
Hirundinidae

Progne chalybea, 241

Ordem Passeriformes - Família Icteridae

Agelaioides fringillarius, 242
Cacicus cela, 243
Cacicus solitarius, 244
Chrysomus ruficapillus, 245
Gnorimopsar chopi, 246
Icterus jamaicaii, 247
Icterus pyrrhopterus, 248
Leistes superciliaris, 249
Molothrus bonariensis, 250

Ordem Passeriformes - Família Mimidae

Mimus saturninus, 251

Ordem Passeriformes - Família Parulidae

Basileuterus culicivorus, 252
Myiothlypis flaveola, 253

Ordem Passeriformes - Família
Passerellidae

Ammodramus humeralis, 254
Arremon taciturnus, 255
Zonotrichia capensis, 256

Ordem Passeriformes - Família Pipridae

Ceratopipra rubrocapilla, 257
Chiroxiphia pareola, 258

Ordem Passeriformes - Família Polioptilidae

Polioptila atricapilla, 259

Ordem Passeriformes - Família
Rhynchocyclidae

Todirostrum cinereum, 260

Ordem Passeriformes - Família
Thamnophilidae

Formicivora rufa, 261
Herpsilochmus atricapillus, 262
Taraba major, 263
Thamnophilus capistratus, 264
Thamnophilus torquatus, 265

Ordem Passeriformes - Família
Thraupidae

Asemospiza fuliginosa, 266
Coereba flaveola, 267
Compsothraupis loricata, 268
Coryphospingus pileatus, 269
Cyanerpes cyaneus, 270
Dacnis cayana, 271
Emberizoides herbicola, 272
Loriotus cristatus, 273
Nemosia pileata, 274
Paroaria dominicana, 275
Ramphocelus bresilia, 276
Saltator maximus, 277
Saltator similis, 278
Sicalis flaveola, 279
Sicalis luteola, 280
Schistochlamys melanopsis, 281
Sporophila albogularis, 282
Sporophila angolensis, 283
Sporophila bouvreuil, 284
Sporophila leucoptera, 285
Sporophila lineola, 286
Sporophila nigricollis, 287
Stilpnia cayana, 288
Tangara fastuosa, 289
Tachyphonus rufus, 290
Thlypopsis sordida, 291
Thraupis palmarum, 292
Thraupis sayaca, 293
Volatinia jacarina, 294

Ordem Passeriformes - Família Tityridae

Pachyramphus polychopterus, 295

Ordem Passeriformes - Família
Troglodytidae

Cantorchilus longirostris, 296
Pheugopedius genibarbis, 297
Troglodytes musculus, 298

Ordem Passeriformes - Família Turdidae

Turdus amaurochalinus, 299
Turdus leucomelas, 300
Turdus rufiventris, 301

Ordem Passeriformes - Família Tyrannidae

Capsiempis flaveola, 302
Fluvicola nengeta, 303
Machetornis rixosa, 304
Myiophobus fasciatus, 305
Pitangus sulphuratus, 306
Xolmis irupero, 307

Ordem Passeriformes - Família Vireonidae

Cyclarhis gujanensis, 308
Hylophilus amaurocephalus, 309

Ordem Passeriformes - Família Xenopidae

Xenops minutus alagoanus, 310

Ordem Pelecaniformes - Família Ardeidae

Ardea alba, 311
Bubulcus ibis, 312
Butorides striata, 313
Egretta thula, 314
Tigrisoma lineatum, 315

Ordem Pelecaniformes - Família
Threskiornithidae

Theristicus caudatus, 316

Ordem Piciformes - Família Picidae

Veniliornis passerinus, 317

Ordem Podicipediformes - Família
Podicipedidae

Podilymbus podiceps, 318
Tachybaptus dominicus, 319

Ordem Psittaciformes - Família
Psittacidae

Amazona aestiva, 320
Amazona amazonica, 321
Diopsittaca nobilis, 322
Eupsittula cactorum, 323
Forpus xanthopterygius, 324
Primolius maracana, 325
Touit surdus, 326

Ordem Rheiformes - Família Rheidae

Rhea americana, 327

Ordem Strigiformes - Família Strigidae

Athene cunicularia, 328
Glaucidium brasilianum, 329
Megascops choliba, 330

Ordem Strigiformes - Família Tytonidae

Tyto furcata, 331

Ordem Suliformes - Família
Phalacrocoracidae

Nannopterum brasilianum, 332

Ordem Tinamiformes - Família
Tinamidae

Crypturellus parvirostris, 333
Crypturellus tataupa, 334
Crypturellus soui, 335
Crypturellus zabele, 336
Nothura boraquira, 337
Nothura maculosa, 338
Rhynchotus rufescens, 339

Ordem Trogoniformes - Família
Trogonidae

Trogon curucui, 340

Este catálogo apresenta um panorama único da fauna etnozoológica da Paraíba, reunindo conhecimentos, usos e manejos de vertebrados (anfíbios, répteis, aves e mamíferos) pelas populações locais. Fruto da parceria entre especialistas e comunidades, a obra documenta saberes tradicionais que revelam a importância ecológica, econômica, medicinal, alimentar e espiritual de diversas espécies no estado. Mais que uma simples compilação, este livro integra ciência e tradição, contribuindo para a educação, a pesquisa, a gestão participativa e a conservação da biodiversidade paraibana. Um convite ao diálogo entre pessoas e natureza, essencial para estratégias justas e sustentáveis de uso e proteção da fauna regional.



PRONEX BiodiversidadePB



PELD - RIO PARAIBA INTEGRADO



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

